

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE: O lugar das comunidades faxinalenses de Taquari dos Ribeiros (Rio Azul - PR) e Anta Gorda (Prudentópolis – PR).

Cecilia Hauresko

Orientador: Prof. Dr. Enéas Rente Ferreira

Tese de Doutorado elaborada junto ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração em Organização do Espaço, para obtenção do Título de Doutor em Geografia.

Rio Claro (SP)
2009

910 Hauresko, Cecília
H375e Entre tradição e modernidade : o lugar das comunidades faxinalenses de Taquari dos Ribeiros (Rio Azul - PR) e Anta Gorda (Prudentópolis - PR) / Cecília Hauresko. - Rio Claro : [s.n.], 2009
225 f. : il., gráfs., quadros, fots., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Enéas Rente Ferreira

1. Geografia. 2. Comunidades faxinalenses no Paraná. 3. Sistema faxinal. 4. Características tradicionais. 5. Características modernas. I. Título.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Eneas Rente Ferreira – Orientador
IGCE/UNESP/Rio Claro (SP)

Profa. Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira
FCL/UNESP/Araraquara (SP)

Profa. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira
IGCE/UNESP/Rio Claro (SP)

Profa. Dra. Cicilian Luiza Löwen Sahr
Universidade Estadual de Ponta Grossa / Ponta Grossa (PR).

Prof. Dr. José Gilberto de Souza
FCAV/UNESP/Jaboticabal (SP)

Rio Claro, 27 de outubro de 2009

Resultado: Aprovada

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Tadeu, falecido em julho de 1979, com quem vivi somente os meus primeiros anos, **dedico esta minha conquista.**

À minha mãe Rafaela, criatura de mãos calejadas e ânimo de aço que nunca esmoreceu diante do trabalho pesado da roça, da renda apertada, de ter de criar seis filhos, sozinha,

após o falecimento de nosso jovem pai Tadeu.

Mesmo com tantas dificuldades e incertezas, minha mãe sempre foi uma pessoa forte, otimista, acreditou e nos ensinou que momentos difíceis poderiam ser superados com orações, honestidade, humildade, muito estudo e muito trabalho.

Pela árdua luta de minha mãe e pela sua sabedoria **serei sempre grata e dedico à ela este trabalho.**

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho não poderia deixar de agradecer à todas as pessoas que contribuíram para a elaboração deste.

À minha gratidão ao corpo docente do Departamento de Geografia, pela aprovação do afastamento integral para cursar doutorado, em particular ao colega professor Pierre Alves Costa, que se propôs a assumir as minhas aulas na Graduação, caso fosse necessário.

À UNICENTRO, pela concessão do afastamento, permitindo dedicação integral à pesquisa. Este período foi essencial para a elaboração da tese.

Agradecimento à todos os integrantes da Rede Faxinal Pesquisa, em especial aos professores Cicilian Luiza Lowen Sahr e Wolf Dietrich Sahr, que me estenderam o convite para integrar o grupo de pesquisadores da rede.

Ao meu orientador, Eneas Rente Ferreira, por compartilhar seu saber acadêmico e especialmente por me dar oportunidade de crescer enquanto pessoa ao observar seus atos de solidariedade e presteza para com o ser humano.

À Meroslava Krevey pela apoio à mim prestado por inúmeras vezes, me socorrendo sempre com o seu conhecimento e colocando a minha disposição todo o acervo existente no Museu do Milênio em Prudentópolis. Pela energia positiva que transmitiu ao longo desse meu percurso.

À Cecilia Strechar pela paciência em procurar e selecionar algumas fotos que constam neste trabalho

Aos professores membros da Banca Examinadora, pela leitura do trabalho e pelas valiosas contribuições e sugestões, para esse e para os próximos trabalhos.

À todas as famílias faxinalenses moradoras das comunidades de Faxinal Taquari dos Ribeiros localizada no município de Rio Azul e Faxinal Anta Gorda localizada no município de Prudentópolis, por permitirem que adentrássemos suas casas e nos deram as informações que buscávamos.

A Ricardo pela paciência e compreensão.

A minha mãe, Rafaela, meus irmãos e minhas irmãs, Marlene, Alceu, Julia, Nelson e Elza pelo incondicional apoio prestado em mais esta caminhada.

SUMÁRIO

Lista de Figuras	xi
Lista de Quadros	xii
Resumo	xiii
Abstract	xiv
INTRODUÇÃO	14

PARTE I - O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

CAPÍTULO 1 - Construção da situação problema e objeto de estudo: o trajeto até a temática	19
CAPÍTULO 2 - As comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros: áreas objeto da pesquisa	28
CAPÍTULO 3 - As noções de Lugar, Tradição e Modernidade que embasam a pesquisa	42

PARTE II - OS PRIMEIROS TEMPOS NA REGIÃO DAS MATAS DO PARANÁ

CAPÍTULO 4 - O contexto local e o povoamento das áreas de mata do interior do Paraná	55
CAPÍTULO 5 - O Colono na região das matas de araucárias: propriedade da terra, família e trabalho	65
CAPÍTULO 6 - As origens do sistema faxinal e a permuta cultural entre colonos e caboclos	87

PARTE III – A COMUNIDADE FAXINALENSE: O LUGAR

CAPÍTULO 7 - As comunidades faxinalenses na época dos primeiros imigrantes europeus	101
CAPÍTULO 8 - Os ímpetus modernizadores e as práticas agrícolas nas comunidades faxinalenses	115

**PARTE IV – O LUGAR DAS COMUNIDADES FAXINALENSES DE ANTA GORDA
E TAQUARI DOS RIBEIROS**

CAPITULO 9 – As Terras de moradia das comunidades faxinalenses	129
CAPITULO 10 - Terras de Criação do sistema faxinal	149
CAPITULO 11 - Terras de Plantação: a preservação de práticas tradicionais e incorporação de elementos modernos	155
CAPÍTULO 12 – Morar, Rezar, Passear: Como vivem os faxinalenses?	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	210
ANEXO	220

LISTA DE FIGURAS

Nº		Página
1	Mapa de localização do faxinal Taquari dos Ribeiros em Rio Azul – PR	32
2	Vista da vegetação mista, no Faxinal Taquari dos Ribeiros	33
3	Mapa da distribuição das residências no Faxina I Taquari dos Ribeiros.	34
4	Morfologia do relevo das terras de plantar da comunidade de Taquari dos Ribeiros.	35
5	Classificação do Uso e Cobertura do Solo do Faxinal Taquari dos Ribeiros.	35
6	Traços europeus dos moradores.	36
7	Traços caboclos dos moradores.	36
8	Estrada de acesso à Comunidade Faxinalense de Anta Gorda	37
9	Localização do município de Prudentópolis, PR.	38
10	Mapa de solos do Faxinal Anta Gorda	39
11	Mapa de uso da terra no criadouro comunitário do Faxinal Paraná Anta Gorda, Prudentópolis	39
12	O casal formado por descendentes de imigrantes ucranianos e poloneses	40
13	Filho de pai e mãe, descendentes de imigrantes ucranianos.	41
14	Divisão do Estado do Paraná em áreas histórico-culturais	56
15	Mapa da Região Centro-Sul do Paraná, área de distribuição das matas mistas com ocorrência de Faxinais.	57
16	Os caboclos que habitaram a região das matas	58
17	Medição do lotes para instalação dos colonos em Prudentópolis – PR	73
18	Participação dos imigrantes na abertura de estradas	74
19	Imigrantes (homens e mulheres) trabalhando na abertura de estrada	75
20	As carroças introduzidas no Paraná pelos imigrantes poloneses e ucranianos	77
21	O transporte da erva - mate de Prudentopolis às estações da Estrada de	77

22	Preparação de um feixe de erva mate sapecada, a ser transportada para o barbaquá	81
23	Trecho de erval do Snr Paulino Sebastião da Silva na época da colheita.	81
24	Mapa da Floresta de araucárias e região ervateira paranaense	83
25	Imagens do início da instalação dos colonos.	86
26	Municípios destacados pela produção do mate e pela presença de comunidades faxinalenses	91
27	Barbaquá do tipo paraguaio, utilizado pelos colonos nos faxinais para secagem e moagem da erva-mate.	91
28	Perfil Esquemático da alocação das terras por uso do sistema faxinal	94
29	Disposição esquemática da alocação das terras de Faxinal	95
30	O início da vida dos colonos em Prudentópolis	98
31	Caminhos percorridos pela erva-mate produzida na região dos faxinais	103
32	As casas dos imigrantes construídas com varas trançadas com palha de centeio cobertas com folhas de palmeira	106
33	As colônias dos imigrantes europeus	106
34	A paisagem das colônias de imigrantes no Paraná.	107
35	Distribuição dos Faxinais no Paraná – Situação Atual	121
36	Abrangência dos Faxinais na Região Sul.	122
37	Disposição esquemática da distribuição das partes que formam o sistema faxinal	123
38	Partes constitutivas das terras de moradia dos faxinalenses	130
39	Uma das casas mais antigas que encontramos na comunidade de Anta Gorda	131
40	Tipos de casas onde vivem os faxinalenses da Comunidade de Anta Gorda	132
41	Tipos de casas onde vivem os faxinalenses da Comunidade de Taquari dos Ribeiros	133
42	Condição das Residências do Faxinal Taquari dos Ribeiros	133

43	A cozinha e o conforto técnico	135
44	A cozinha faxinalense: Entre o tradicional e moderno.	136
45	Fontes de renda mais citadas pelas famílias do Faxinal Anta Gorda.	138
46	Fontes de renda que foram citadas pelos faxinalenses da Comunidade Taquari dos Ribeiros.	138
47	Meios de comunicação e audiovisuais adquiridos pelos faxinalenses da comunidade de Taquari dos Ribeiros	140
48	Meios de comunicação e audiovisuais adquiridos pelos faxinalenses da comunidade de Taquari dos Ribeiros	140
49	Preparo do macarrão caseiro pela faxinalense da comunidade de Anta Gorda	142
50	Número de famílias que possuem eletrodomésticos na comunidade de Faxinal Taquari dos Ribeiros	143
51	Número de famílias que possuem e não possuem eletrodomésticos na comunidade do Faxinal Anta Gorda	144
52	Conservação da carne suína frita em pedaços, na gordura derretida (banha), em latas.	144
53	Espaços de obtenção dos alimentos pelos faxinalenses	147
54	Tamanho das terras destinadas para criadouro comunitário, pelas famílias da comunidade Taquari dos Ribeiros	149
55	Tamanho das terras destinadas para criação pelas famílias da comunidade Anta Gorda	150
56	A criação reunida (no entorno da área de moradia) para a alimentação complementar	151
57	Inseminação artificial nas comunidades de faxinais	153
58	Quantidade de terras destinadas para a plantação pelos moradores da Comunidade de Faxinal Anta Gorda	156
59	Quantidade de terras destinadas para a agricultura pelas famílias da comunidade de Taquari dos Ribeiros	157
60	Relações de trabalho na comunidade de Anta Gorda	159

61	Contratação de mão-de-obra pelas famílias da comunidade de Taquari dos Ribeiros	160
62	Ferramenta agrícola utilizada pelas comunidades para limpar as roças	162
63	Plantação de fumo – Faxinal Anta Gorda	167
64	Preparo do fumo para a secagem no Faxinal Anta Gorda	168
65	Estufa de fumo e terreno preparado para o plantio – Faxinal Taquari dos Ribeiros	169
66	Relação dos implementos agrícolas utilizados pelos faxinalenses da Comunidade Taquari dos Ribeiros	174
67	Relação dos implementos agrícolas utilizados pelos faxinalenses da Comunidade do Faxinal Anta Gorda	174
68	Arado tração animal, que pode ser utilizado como carpideira e aterrador	175
69	Discos utilizados para formação de terraços na lavoura	176
70	A prática da policultura no sistema de roça (lavoura no toco) por famílias do faxinal Anta Gorda	177
71	Asas (quando acopladas ao equipamento utilizadas para revolver ou arar a terra.	178
72	Plantadeira manual. Conhecida também como matraca.	178
73	Pulverizador Costal	179
74	Núcleo central da comunidade de Linha Esperança	181
75	Igreja Nossa Senhora do Patrocínio do Rio ucraino-católico – comunidade Linha Esperança	181
76	Imagens da infraestrutura social – área core da comunidade de Taquari dos Ribeiros	183
77	Faxinalenses da comunidade de Taquari dos Ribeiros que possuem telefone comunitário com ramais e/ou telefone móvel..	184
78	Altar construído para os santos de devoção – Comunidade Taquari dos Ribeiros	185
79	Altar construído para os santos de devoção – Comunidade Anta Gorda	186

80	Visita dominical – Comunidade Anta Gorda	188
81	Festa religiosa “Domingos de Ramos” – Igreja de Linha Esperança	189
82	Igreja Católica de São Sebastião – Faxinal Taquari dos Ribeiros	190
83	Encontro dos faxinalenses do Paraná Anta Gorda – inauguração da sede da Associação	192
84	Profissões e Ocupações dos Faxinalenses da Comunidade de Taquari dos Ribeiros	196
85	Profissões e Ocupações dos Faxinalenses da Comunidade de Anta Gorda	196

LISTA DE QUADROS

Nº	Página
1 Produtos alimentares cultivados mais citados pelos faxinalenses da comunidade do Faxinal Anta Gorda e os produtos básicos comprados na cidade.	164
2 Produtos alimentares mais citados, cultivados pelos faxinalenses da comunidade do Faxinal Taquari dos Ribeiros e os produtos básicos comprados na cidade.	165
3 Relação das cidades para onde migraram os filhos das sete famílias do Faxinal Anta Gorda.	197
4 Número de membros familiares que trabalham em atividades não-agrícolas.	198

RESUMO

Nesta pesquisa realizamos uma análise das comunidades tradicionais faxinalenses na contemporaneidade. No trabalho enfatizamos a organização sócio-espacial destes lugares e os elementos que possibilitam compreender a dinâmica das comunidades tradicionais inseridas na sociedade moderna. O conceito utilizado considera o lugar, tanto como produto de um movimento que é singular, ou seja, resultante de características históricas e culturais próprias ao seu processo de formação, quanto como uma expressão da globalidade. Igualmente, este conceito possui uma importante dimensão explicativa que possibilita compreender os efeitos, no lugar, do chamado mundo moderno. As comunidades faxinalenses são tomadas como lugares, caracterizadas em dois momentos históricos: na época do estabelecimento dos imigrantes europeus no interior do Paraná, século XIX e XX e o período atual, onde apontamos as transformações sofridas pelas mesmas com a introdução dos novos sistemas de objetos e ações. A análise pauta-se em duas comunidades faxinalenses: Comunidade do Faxinal Anta Gorda no município de Prudentópolis e Comunidade do Faxinal Taquari dos Ribeiros no município de Rio Azul, no Estado do Paraná. As questões centrais, norteadoras do trabalho são: Em que medida, as comunidades faxinalenses, reconhecidas como comunidades tradicionais, se (re)produzem, no mundo contemporâneo, ligadas à tradição? Serão ou não, os objetos e as ações chamados de tradicionais, os elementos que definem o lugar dos faxinalenses na contemporaneidade? A busca de resposta a essas interrogações constitui o principal foco dessa pesquisa, cuja problemática está centrada na análise das comunidades faxinalenses e suas respectivas formas de apropriação do espaço e organização social.

Palavras chave: tradição; modernidade; lugar; comunidades faxinalenses; Rio Azul; Prudentópolis; Paraná

ABSTRACT

In this research we carried out an analysis about the traditional faxinalenses communities at the contemporaneity. In this paper, we emphasized the socio-space organization of these places and the elements that enable to comprehend the dynamic of the traditional communities inserted in the modern society. The used concept considers the place, as a product of a singular movement, in other words, resultant of the historic and cultural characteristics, proper of its formation process, as an expression of the whole. Equally, this concept has an important dimension of explanation that we can comprehend the effects, on the place, of what we call modern world. The faxinalenses communities are known as places, characterized in two historic moments: the time of the European immigrants' establishment in the countryside of Paraná, at the end of the nineteenth century and beginning of the twentieth century and the current period, where we pointed the transformations occurred by them with the introduction of new systems of objects and actions. The analysis interlines in two rural faxinalenses communities: Community of Anta Gorda Faxinal, in the town of Prudentópolis and the Community of Taquari dos Ribeiros Faxinal, in the town of Rio Azul, in the state of Paraná. The central issues, the basis of the paper are: In which measurements, the faxinalenses communities, produce or reproduce themselves, in the contemporary world, linked to the tradition? Will they be or not, the objects and the actions called traditional, the elements that define the faxinalenses' place at the contemporaneity? The search of answering to these interrogations is the principal focus of this research, whose the problem is focused on the analysis of faxinalenses communities and their respective way of appropriation of the space and social organization.

Key – words: tradition; modernity; place; faxinalenses communities; Rio Azul; Prudentópolis; Paraná

INTRODUÇÃO

A temática que desenvolvemos refere-se às formas de apropriação do espaço e organização social estabelecidas no movimento de estruturação do lugar pelos faxinalenses, especificamente nas comunidades faxinalenses de Anta Gorda no município de Prudentópolis e Taquari dos Ribeiros no município de Rio Azul, Estado do Paraná. Ao abordarmos estes lugares, estamos trabalhando em torno da proposição de que, o mundo precisa dos lugares para deixar de ser uma abstração e concretizar-se. Assumindo como um pressuposto teórico os ensinamentos do professor Milton Santos, consideramos que todos os lugares na contemporaneidade recebem as determinações do mundo através das quais novos sistemas de objetos e de ações (SANTOS, 2008a), comandados por uma lógica externa, inserem-se até a escala do cotidiano, redefinindo o espaço, a comunidade, a cultura, os valores, as tradições, os costumes, ou seja, as singularidades do lugar. Dessa forma, um determinado lugar não é somente parte do mundo, mas o próprio mundo localizado, onde as ações, as práticas humanas se concretizam. Entendemos que a complexidade do mundo está nos lugares e isto faz com que compreendamos a totalidade do mundo a partir deles. Nesse sentido, a busca pela compreensão do lugar exige o entendimento das contradições tomando como bases os pares dialéticos: o interno e o externo, o novo e o velho, o tradicional e o moderno.

No que tange aos aspectos teóricos, nosso trabalho analisa a construção do lugar pelos faxinalenses reconhecidos recentemente como comunidades tradicionais¹. “A existência de uma história e uma cultura próprias, a preservação e o respeito às suas tradições e aos seus costumes, bem como a vivência comunitária, solidária e de união, transformou essas comunidades, que hoje estão inseridas numa sociedade moderna, no que se convencionou chamar de Comunidades Tradicionais” (LÖWEN SAHR, 2008, p. 214).

Estas foram reconhecidas por reproduzirem o sistema faxinal, que se constitui em uma organização social existente na região centro-sul do Paraná. Esse caminho nos leva a pensar e observar a formação destes lugares como manifestação da complexidade do mundo pretérito e contemporâneo, em que a coexistência entre elementos tradicionais e elementos modernos acontece. Com base em Löwen Sahr (2008, p. 214), “tais comunidades, de um lado mantêm fragmentos das tradições do seu passado de vários séculos, mas de outro, revelam adaptações flexíveis a processos externos e modernizadores.”

¹ Reconhecidas pelo governo federal em 2006, pelo Decreto Presidencial de 13 de julho.

A tradição pouco tem ocupado os teóricos, enquanto a modernização tem sido tema de muitos estudiosos (GIDDENS, 2007). Não somente na Geografia, mas também em outras ciências afins, uma quantidade considerável de estudos aborda fatos e dinâmicas na perspectiva da modernidade, enquanto a tradição tem carecido de debates.

Além disso, o trabalho teve sua origem em duas inquietações: uma delas, de caráter intelectual, que surgiu depois do mestrado, passou esquecida durante um período de tempo relativamente longo, sendo retomada durante o doutorado; a outra, de caráter pessoal, determinou a decisão de que parte das minhas pesquisas abordaria questões sobre o meio rural, espaço onde nasci e passei a maior parte da minha vida.

A questão intelectual refere-se à tradição na contemporaneidade. Em Giddens (2007, p.48), a seguinte frase chama a atenção: “Há infindáveis discussões sobre a modernização e sobre o que significa ser moderno, mas poucos realmente sobre tradição.” Logo, comecei a refletir sobre estas palavras e em especial sobre a Tradição, buscando obras completas ou artigos acadêmicos que abordassem-na. De fato, como bem disse Giddens, são poucos estudiosos que se dedicam à estudar a Tradição. Assim nasceu a idéia de realizar uma exploração acerca da tradição no mundo contemporâneo, a partir de um estudo de comunidades tradicionais faxinalenses.

Na discussão sobre a tradição nos apoiamos bastante em Veneziani (2005), que como Giddens, nos encorajou, ao dizer que faltava um ensaio que enfrentasse a Tradição como um recurso do presente e do futuro, por meio da comparação com as tendências e as mentalidades de hoje. Veneziani (2005, p.14) também afirma que:

Quanto mais firme e vigente a Tradição, menos é evocada. Quando é viva, não tem necessidade de ser lembrada como tradição; é como o ar, que invocamos somente quando se rarefaz ou quando vem a faltar, porque não percebemos sua presença, mas sua ausência. Assim é a Tradição. É mais nomeada quando é mais ameaçada. É precisamente o nosso caso e o nosso tempo.

No trabalho estamos entendendo Tradição não como culto ao passado, ou a nostalgia de um tempo que não existe mais. De acordo como Veneziani (2005), é insensato referir-se ativamente a uma tradição que não seja viva, pois sem vida não há tradição, ainda que a Tradição não se esgote na dimensão da vida.

Veneziani, porém, não será o único interlocutor, fizemos uso de outras referências úteis para a nossa análise. É importante, ainda, esclarecer que o objeto de estudo, aqui definido, não é a discussão teórica sobre a “Tradição”, e que a ênfase deste trabalho é na pesquisa empírica em comunidades tradicionais e não no debate teórico.

Para tanto, inicialmente, abordamos o processo de construção do lugar faxinalense, tomando como ponto de partida os anos finais do século XIX e os primeiros anos do séc. XX, período em que, segundo Chang (1988), acontece a consolidação do sistema faxinal no Paraná. A consolidação se dá, segundo a mesma autora, com a vinda dos imigrantes europeus à região. Fazemos um retorno ao início do século XIX quando a maior preocupação da província paranaense era povoar o seu território a fim de assegurá-lo política e administrativamente, trazer mão-de-obra para desbravar as matas, desenvolver a agricultura de alimentos, além de buscar colonos para a construção de ferrovias e rodovias.

Na sequência, tratamos das transformações pelas quais passaram as comunidades estudadas, a partir dos anos 1970, quando aconteceu a modernização da agricultura no Brasil e no Paraná. Nesta parte, serão abordadas as formas de incorporação dos novos sistemas de objetos e ações nas comunidades faxinalenses enfatizando a integração dos faxinalenses à indústria do fumo.

A busca pelo entendimento dos novos significados e papéis que estas comunidades alcançaram neste século passa necessariamente pelo estudo das modificações que o sistema técnico utilizado pelos faxinalenses sofreu.

Assim, busca-se apreender como, e em que momentos, os faxinalenses se valem da tradição e se os elementos tradicionais mantêm a centralidade (ou não) em suas condutas diárias.

Entendemos que a cultura e a vida local dessas comunidades não se encontram subordinadas às intervenções culturais estrangeiras (ucranianos e poloneses). Estas são concebidas como flexíveis e adaptáveis às novidades que a sociedade contemporânea e a modernidade possam trazer e, assim o Lugar engloba novos significados, fatos, imagens de outras culturas sem perder o seu caráter local e suas características essenciais que o diferenciam das demais comunidades rurais.

A mediação do tradicional (todo conhecimento ou prática proveniente da transmissão oral ou de hábitos acostumados, transmitidos no lugar, nas comunidades) e do contemporâneo (o que vem da sociedade atual, de um espaço mais amplo, global), possibilita tomarmos o lugar e o mundo em sua unidade. O moderno expresso pelo novo que chega até a comunidade não pode ser tomado apenas sob o ponto de vista negativo, como desarticulador de antigas formas e funções sociais, que em um processo linear destrói o tradicional, substituindo-o pelo moderno.

Adicionalmente, a expansão do sistema de informação e comunicação entre os lugares e por consequência com o mundo permite trazer à luz novas formas de sociabilidade,

articuladas em função do processo contemporâneo de revalorização das paisagens, da cultura, das práticas humanas ditas tradicionais. Esse movimento, ao invés de contrapor o tradicional ao moderno, o natural ao artificial, o lugar ao mundo, impulsiona a reestruturação das relações do lugar com o mundo.

Tomando como referência empírica as comunidades faxinalenses dos municípios de Prudentópolis e Rio Azul localizados na região centro-sul paranaense, busca-se evidenciar os elementos de permanência que possam evidenciar o “mundo tradicional” (LÖWËN SAHR, 2008) e as redefinições sócio-espaciais no lugar, desencadeadas pela incorporação de elementos modernos, externos às comunidades faxinalenses.

Esta tese compõe-se de cinco partes. Na primeira parte, relatamos todo o trajeto realizado até chegar à temática proposta. Na segunda parte, abordamos o contexto local e regional das comunidades analisadas, descrevendo o processo de povoamento da província do Paraná e a política de colonização de suas terras, por imigrantes europeus. Nesta ainda, falamos da interação e do intercâmbio sócio-cultural entre os colonos e caboclos. Na terceira parte, enfocamos a construção do lugar nos primeiros tempos e a criação das comunidades faxinalenses. Na quarta parte, são analisados os aspectos da dinâmica socioeconômica e cultural das comunidades faxinalenses da atualidade, enfatizando os elementos tradicionais que fazem parte da história dos faxinalenses e representam uma instância singular e os elementos modernos incorporados pelas comunidades da sociedade. Na quinta e última parte, desenvolvemos as considerações finais.



PARTE I

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA
PESQUISA

CAPÍTULO 1 - Construção da situação problema e objeto de estudo: o trajeto até a temática

O trajeto percorrido para chegar à temática desenvolvida foi deveras longo. Entre muitas dúvidas e dificuldades na escolha do melhor caminho teórico-metodológico, o tempo parecia passar muito rápido e o projeto da tese parecia andar a passos muito lentos. Se fossem somados os dias necessários para definir o caminho que seria percorrido, certamente não acreditaríamos na extensão de tempo transcorrido. Passado esse tempo, nos encorajamos a enfrentar o desafio de estudar as comunidades faxinalenses.

O conceito de comunidade utilizado nesta pesquisa compreende um grupo humano que reside em uma mesma localidade territorialmente limitada, em que várias famílias e indivíduos interagem entre si, possibilitando a manutenção de instituições coletivas, como é, por exemplo, a preservação do criadouro comunitário (através da união de forças das famílias da comunidade), a igreja, as associações, entre outras. Entende-se que a comunidade é a estrutura fundamental da sociabilidade faxinalense e consiste no agrupamento de famílias mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. Há muitas obrigações morais firmadas entre as famílias e uma série de propriedades rurais interligadas, por laços de parentesco, compadrio, amizade, formando um grupo social definido, conhecido como comunidade faxinalense. “Além de designar um agregado humano, “comunidade” também se refere a um processo de interação social que dá origem a atitudes e práticas de colaboração, cooperação e uniformização” (DURHAM, 2004, p. 224).

De início pensamos em outros caminhos empíricos e teóricos, aos quais chegamos a percorrer por alguns meses, mas retornamos refazendo os trajetos, refletindo, observando, dialogando com estudiosos do assunto e com pessoas comuns, em especial com moradores de comunidades faxinalenses. E foi neste retorno que o encontro com a problemática do trabalho e a decisão de enfrentar os desafios e as dificuldades aconteceu, certos de que a compreensão está entre caminhos cheios de encruzilhadas. Foi nestas circunstâncias que o interesse em investigar o sistema faxinal brotou, com a clareza de que enfrentaríamos inúmeros obstáculos e que, o amadurecimento da opção trilhada viria em meio às dificuldades. Foi assim que aconteceu a construção da pesquisa que apresentamos, passa a passo.

Depois do Estado da Arte, tomamos como referência empírica as formas contemporâneas de (re) produção e apropriação dos faxinais dos municípios de Prudentópolis e Rio Azul localizados na região centro-sul paranaense. Esta breve investigação pôs em

evidência algumas mudanças e redefinições sócio-espaciais que ocorreram nas comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros.

Em estudos iniciais sobre essas comunidades observamos que elas se (re) produziam, articuladas ao processo contemporâneo de vida e de trabalho, sem deixar de lado as práticas tradicionais herdadas de seus antepassados.

Constatamos também que, com os recentes contatos das comunidades faxinalenses com o poder público estatal - escolas, universidades, ONGs, etc. - estas revelavam uma dinâmica que mantém parcialmente a herança de seus antepassados e de forma crescente estabelece vínculos com a modernidade, modificando suas práticas. É oportuno dizer que na medida em que o lugar se articula com outros, modifica a sua composição e o seu conteúdo.

Seguindo com essa prévia e breve investigação, elaboramos um histórico com base nas informações que levantamos sobre as comunidades faxinalenses, em geral. A abordagem desse histórico revelou os novos contornos, dinâmicas e novas territorialidades presentes nestas comunidades, sendo resultantes do envolvimento e dos contatos com outros faxinais, universidades, instituições estatais ligadas ao meio rural, ONGs dentre outros.

Em 1997 os faxinais paranaenses tornaram-se via Decreto Estadual 3.446/1997 Áreas Especiais de Uso Regulamentado – ARESUR²; Em 2004 foi criada a Rede Faxinal, que no mesmo ano organizou o 1º Encontro dos Povos de Faxinais com o objetivo de promover maior articulação e troca de experiências entre as comunidades faxinalenses. Durante o 1º Encontro Nacional de Comunidades Tradicionais, que aconteceu em agosto de 2005, em Brasília, as comunidades de faxinais foram inseridas na Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais. O Encontro, além de outras conquistas, resultou, em 2006, no reconhecimento dos faxinalenses pelo governo federal como comunidades tradicionais.

A intervenção promovida nos faxinais pelos governos federal e estadual, ONGs, universidades, foi um dos vetores de valorização das relações sociais e práticas mantidas pelas comunidades faxinalenses, além de estimular a organização em forma de associações e maior articulação entre faxinalenses de todo o Estado do Paraná. A articulação entre essas comunidades resultou no movimento dos faxinalenses de toda a região centro-sul, chamado de

² Os municípios que possuem Faxinais tem o direito de receber, pela Lei do ICMS Ecológico (Lei Complementar n. 59/1991), um maior percentual na distribuição dos recursos do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) que são repassados pelo Estado. Atualmente, 20 dos 44 Faxinais remanescentes encontram-se cadastrados como ARESUR e recebem recursos do ICMS Ecológico. (LÖWEN SAHR, 2009).

Articulação-Puxirão³. Em 2008 aconteceu também o reconhecimento dos faxinalenses como povos tradicionais pelo Estado do Paraná.

Deparamo-nos, durante este caminho exploratório, com a existência de relações sociais, atividades culturais historicamente representativas da cultura tradicional faxinalense e, adiante aquelas produzidas contemporaneamente (as chácaras de fins de semana ou de férias, o estabelecimento de novos moradores, as mudanças nas atividades agrícolas, enfim a reestruturação social, cultural e econômica das famílias faxinalenses), em que ocorre a produção de novas subjetividades relacionadas ao descanso, às férias e ao culto da natureza e à introdução de objetos modernos⁴ no cotidiano das famílias. São subjetividades que não faziam parte do cotidiano faxinalense, até mais ou menos a década de 1990.

As “exigências” colocadas aos grupos pela legislação ambiental, em especial a partir da transformação pelo Decreto Estadual N.º 3.446/97, das comunidades faxinalenses remanescentes, em Áreas Especiais de Uso Regulamentado (ARESUR), alteraram alguns hábitos rotineiros. Isso pode ser observado via novos objetos materiais comprados para a construção das casas, ou parte delas, provenientes não mais das matas, mas da indústria (compensados, vidros, plásticos dentre outros produtos industriais). A não utilização da madeira da floresta está expressa nas mobílias que encontramos na maioria das casas, a maior parte feita com produtos advindos da indústria que são pouco duráveis, mas “bonitos” segundo as falas das senhoras faxinalenses. A mobília das casas denuncia o uso do “material” industrializado e o relativo “abandono” da utilização, para estes fins, da madeira extraída da floresta nativa.

Ao caminharmos pelas comunidades observamos os novos “adereços” utilizados pelos faxinalenses nas casas, o vestuário principalmente dos jovens e adolescentes⁵ que pouco difere do jovem morador da cidade, atividades agrícolas que sofreram alterações com o aumento expressivo do uso de produtos químicos nas lavouras e tantas outras mudanças ocorridas nas comunidades.

³ Puxirão tem o mesmo significado de mutirão. O termo mutirão é o nome dado às mobilizações coletivas para lograr um fim, baseando-se na ajuda mútua prestada gratuitamente. É uma expressão usada originalmente para o trabalho no campo ou especificamente para atividades agropecuárias, em que todos os participantes são beneficiários. Com relação ao movimento citado, este movimento de organização dos faxinalenses criado no ano de 2006, intitulado “Articulação Puxirão dos Povos de Faxinais”, traz como principal reivindicação o acesso a seus direitos territoriais resultantes de sua identidade étnica. “Os antecedentes dessa criação encontram-se na Rede Faxinal – constituída pelo poder público, organizações não-governamentais e faxinalenses – criada em 2004, que proporcionou o I Encontro de Povos de Faxinais em agosto de 2005, e que teve sua seqüência em agosto de 2007, com seu II Encontro”. (LÖWEN SAHR, 2008, p. 220).

⁴ O termo moderno é utilizado para algo que é novo, pertence a uma época relativamente recente.

⁵ Em relação aos jovens faxinalenses, as escolhas de imagens e signos “modernos”, parece que ajudam a negar a imagem do jovem rural atrasado e do rural como espaço do atraso.

Assim, se pressupõe que estes novos eventos envolvendo os faxinais implicam em novas formas de espacialização das práticas sociais na contemporaneidade, por meio das quais novas formas de sociabilidade, mais híbridas e menos “fechadas” começam a se fazer presentes.

Entretanto, decidimos trabalhar com a hipótese que, nestas comunidades, os “velhos” sistemas convivem com os novos sistemas de objetos e ações. Os movimentos entre o velho e o novo impulsionam a relação desse lugar com o mundo. Entende-se que a identidade do lugar não é a cristalização do passado (VENEZIANNI, 2005), ela é constantemente recriada internamente e, em sua interconexão com o mundo, com outros lugares. Afinal, se um lugar é sempre dito em relação a outros, e se é produto das relações e demandas sociais que fazem as interconexões entre o mundo e o lugar, então, o “novo” lugar representa esta identidade híbrida da sociedade contemporânea, para a qual a partilha do lugar entre objetos e elementos de origem diversa, tradicionais e modernos tem papel fundamental.

Embora isso possa ser entendido como um desafio para a integração sociocultural da população faxinalense, não podemos negar os ganhos sociais, econômicos e políticos que as populações ditas tradicionais alcançaram na contemporaneidade. Até mesmo os termos pejorativamente utilizados para caracterizar essas populações, como conservadoras, ultrapassadas, antigas, velhas, residuais entre outros, perderam poder explicativo e de adjetivação do modo de vida das comunidades tradicionais.

Diante deste cenário, em que o tradicional e o moderno impulsionam e estendem as relações destes lugares com outros, é que nos propomos a encontrar as respostas às nossas questões.

1.1. A problemática da tese

As questões centrais, norteadoras da tese levam a discutir em que medida os faxinalenses, reconhecidos como povos tradicionais, se (re) produzem, no mundo contemporâneo, ligados à tradição. Serão, ou não, os elementos tradicionais os que definem o lugar dos faxinalenses na contemporaneidade? A busca da resposta a essas interrogações constitui o foco da pesquisa.

A escolha do conceito de lugar partiu do entendimento de que este permite análises mais localizadas, no tempo e no espaço. Essas análises podem proporcionar respostas mais claras, pois o conceito de lugar representa a dimensão do espaço mais próximo tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. De acordo com Silva (2007), o lugar é experienciado por uma população local, embora envolto por uma trama, progressivamente, regional,

nacional e global. Partimos do lugar/local, analisando as particularidades históricas do mesmo e os efeitos da modernidade sobre ele. “É pelo lugar que revemos o mundo e ajustamos nossa interpretação, pois nele, o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora” (SANTOS 2008a, p. 33).

Para o trabalho empírico, escolhemos as comunidades do Faxinal Anta Gorda e Faxinal Taquari dos Ribeiros, de municípios diferentes em razão de algumas especificidades observadas no início do projeto de pesquisa, que são: estilo arquitetônico das casas, tipo de cultivo agrícola predominante e descendência étnica dos moradores, constituindo, no nosso entendimento, um material rico para o estudo em questão.

O faxinal Anta Gorda é uma comunidade que nos é familiar⁶, dados os contatos que fizemos quando cursávamos o mestrado entre os anos de 1999 e 2000 e elaborávamos a dissertação que abordou o plantio do fumo pelos agricultores ucraino-brasileiros em Prudentópolis.

Neste e, em vários outros contatos, desenvolvemos uma observação mais detalhada da realidade faxinalense desvendando “novos” e “velhos” elementos que a compunham. A escolha do Faxinal Taquari dos Ribeiros se deve principalmente à prévia observação, da presença intensa da plantação de fumo via vínculos contratuais com as indústrias fumageiras. Nesta comunidade buscamos compreender como as novas formas e relações de produção, geradas pelo elo entre os faxinalenses e a indústria, contribuem para mudar as relações da atividade econômica tradicional e o cotidiano das famílias desta comunidade.

Neste contexto, buscamos compreender como se dá a organização social dessas comunidades denominadas tradicionais no período atual, com o objetivo de mostrar como o processo de modernização incorpora e é incorporado diferentemente em e por cada lugar.

O caminho tomado deverá refutar ou confirmar a hipótese de que, em cada comunidade faxinalense, se manifesta a complexidade do mundo atual, onde em menor ou maior grau ocorre a convivência da tradição e da modernidade.

⁶ Durante grande parte da minha vida estive em contato direto com a comunidade faxinalense de Anta Gorda, pois meus avós maternos são faxinalenses, descendentes de pai e mãe vindos da Ucrânia nos anos de 1890. Foram mais de 20 anos de convivência com este modo de vida que me levaram a voltar a esta terra e a partir dos relatos dos moradores, registrar a história de uma comunidade que é o meu lugar. Este que marcou a minha infância a tal ponto que quando lembro, ouço o tilintar dos sinos presos aos pescoços dos cavalos que pastavam em meio as matas e sinto o cheiro do faxinal. O meu contato com o espaço rural vem de longa data e está ligado à vivência neste meio, na condição de neta de faxinalenses e como moradora e agricultora durante aproximadamente 18 anos de minha permanência no campo. Após este período, os contatos se mantiveram, porém de forma indireta, já que deixei de ser membro ativo da família de pequenos agricultores que éramos. Sou, também, participante do processo de migração temporária de jovens rurais para a cidade, da década de 1980, pois fomos trabalhar e estudar e retornávamos nas férias, época de maior necessidade de força de trabalho na agricultura.

1.2. A Construção metodológica: breves considerações

Para entender as especificidades do modo de vida nas comunidades faxinalenses, foi realizada uma integração de instrumentos de pesquisa: questionários, depoimentos de histórias da comunidade por membros mais idosos, diários de campo e conversas informais por ocasião da aplicação dos questionários às famílias.

O método de trabalho de campo consistiu em fazer uma etnografia, a descrição de um povo e seu modo de vida específico em relação ao meio em que vive, com a pretensão de abarcar as dimensões da vida do grupo como organização familiar, divisão do trabalho, dos costumes, da produção de bens, da religião e do lazer.

Para compreendermos melhor esta população, nos embasamos em Bernardi (1974) que destaca os fatores essenciais da cultura, o homem na sua realidade individual e pessoal, o que o autor denomina o **anthropos**; comunidade ou povo entendido como associação estruturada de indivíduos chamada de **ethos**; o ambiente natural e cósmico dentro do qual o homem se encontra a atuar, o **oikos**; o tempo, condição ao longo do qual, em continuidade de sucessão, se desenvolve a atividade humana, o **chronos**.

O autor ainda acrescenta que um fator por si só não constitui a cultura, mas a ação dos quatro fatores é uma constante no processo cultural. Cada ação do indivíduo único estaria destinada a perder-se ou apagar-se se não fosse apropriada pela coletividade, articulada num conjunto orgânico e transmitida como parte do patrimônio comum.

Considerando esses fatores foi possível analisar e rever estratégias de vida que cobriram várias décadas. Isso permitiu entender melhor as mudanças no uso e ocupação do espaço das comunidades em tempos recentes.

a) O trabalho de campo

O trabalho de campo, para Herkovits (1963), consiste em ir ao povo que se quer estudar, conhecer, ouvir as conversas, visitar os lares, assistir aos ritos, observar o comportamento habitual, perguntar sobre as tradições para obter, mediante o conhecimento direto dos modos de vida, uma visão de conjunto da cultura. Os dados obtidos lançarão luz sobre os problemas essenciais da natureza e funcionamento da cultura e do comportamento social humano. Somente uma ampla base de dados descritivos será capaz de fornecer a primazia da cultura na modelagem da conduta.

Ir a campo significou, no contexto da presente pesquisa, perder parcialmente a condição de quem *vê de fora* a vida cotidiana dos faxinalenses. Significou, de certa forma, “adentrar” o universo de significados dos sujeitos. Os contatos com os faxinalenses se deram

em suas residências, locais de trabalho ou de vivências coletivas como a escola ou a igreja. Um trabalho lento, demorado, porém, intenso, já que a proposta era investir no trabalho empírico e este teria um lugar proeminente na pesquisa. Evidentemente que as conversas, as entrevistas e os questionários realizados, não recuperaram a memória dos fatos “exatamente” como eles aconteceram, mas fornecem uma reconstrução/invenção do passado carregado de subjetividades. E são estas subjetividades o maior potencial dos relatos orais, pois permitem entender valores, representações e práticas que orientaram as trajetórias dos faxinalenses. A pesquisa de campo foi realizada com base em duas metodologias. No Faxinal Anta Gorda a pesquisa de campo foi individual. Percorri a comunidade toda dialogando com as famílias, durante o ano de 2007 e início de 2008. No início de 2008, quando me preparava para iniciar a pesquisa no Faxinal Taquari dos Ribeiros, fui convidada a desenvolver a minha pesquisa juntamente a um grupo participante da Rede Faxinal Pesquisa sob coordenação da professora Dra Cicilian Luíza Löwen Sahr da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG. A experiência de trabalhar com um grupo de pesquisadores de diferentes áreas da ciência foi de alto valor para o trabalho desenvolvido.

b) Questionários

Os questionários foram utilizados como instrumentos de coleta de dados quantitativos e qualitativos. Foram realizados com base num roteiro previamente preparado, porém a sua aplicação transcorreu como uma "conversa", em que os entrevistados também expunham livremente suas idéias, embora sutilmente conduzidos, com base no roteiro, de forma a não fugir do tema. Os entrevistados foram verdadeiros colaboradores, falaram com ânimo de suas vidas e das transformações ocorridas na sua comunidade. A técnica foi utilizada com vistas a atingir o maior número de famílias faxinalenses e, para melhor caracterizar quantitativa e qualitativamente o sistema faxinal das comunidades, objetos deste trabalho. Na comunidade de Taquari dos Ribeiros foram aplicados 81 questionários, cobrindo o total de famílias residentes. No Faxinal Anta Gorda foram aplicados 41 questionários, cobrindo o total de famílias moradoras na comunidade. Os depoimentos coletados com as pessoas mais idosas de ambas as comunidades, somaram um total aproximado de 21, sendo 09 no Faxinal Anta Anta Gorda e 12 depoimentos no Faxinal Taquari dos Ribeiros. Na comunidade Taquari dos Ribeiros, a coleta dos depoimentos foi realizada em uma reunião realizada pela Rede Faxinal Pesquisa, na escola da comunidade. A reunião teve como objetivo levantar dados sobre a memória da comunidade e para tanto foi dada preferência para os depoimentos de moradores

mais antigos. No Faxinal Anta Gorda, os informantes foram moradores que possuíam mais de 70 anos de idade.

c) **Análise documental**

Compreender as relações que se estabelecem entre os moradores e um lugar requer, necessariamente, a compreensão do lugar, da sua história e das motivações importantes para a sua transformação. Nesse sentido, a análise de documentos históricos e os mais recentes foi de fundamental importância.

d) **Fotografias**

As imagens obtidas através de fotografias possuem um caráter ilustrativo e auxiliam na interpretação dos dados, pois podem revelar aquilo que as palavras não podem representar de modo suficiente. Entretanto, a fotografia é um meio que o pesquisador encontra de registrar, de guardar somente o que para ele “vale a pena”, o que ele quer que fique. Martins (2008, p.43) diz que a “fotografia diz menos do que o acontecido”. Embora tenha me empenhado em fotografar as pessoas “como elas são”, como viviam, percebi que este não era o desejo delas, isso aconteceu repetidas vezes no faxinal Anta Gorda, quando durante as minhas pesquisas de campo, perguntava aos entrevistados se me autorizavam a tirar uma foto deles, estes imediatamente respondiam que sim, mas que em primeiro lugar teriam que colocar uma roupa mais apresentável, mais bonita, para serem fotografados. Depois entendi que o que estes desejavam era ter fotos nas quais olhassem a sua imagem bonita e não na situação que o pesquisador desejava. Afinal, a foto é um registro de um momento que fica para ser lembrado e guardado, admirado, apreciado e por isso os faxinalenses não queriam que os apresentasse como *eles acham que não são*, conforme lembra Martins (2008). Uma das entrevistadas disse: “*Eu quero tirar uma foto pra lembrança, mas vou tirar esta roupa de serviço, pentear o cabelo, calçar os sapatos para a foto ficar bonita*”⁷

1.3. A Estruturação do Trabalho

Estruturamos o trabalho em 5 partes. Na primeira, relatamos os passos que seguimos para o desenvolvimento do trabalho. Na segunda, buscamos traçar alguns aspectos do povoamento e ocupação da região de matas do interior do Paraná Tradicional, não com o objetivo de reconstituir a história completa sobre a colonização e povoamento do Paraná, mas

⁷ Entrevista realizada com Dona N. K. (68 anos), moradora do Faxinal Anta Gorda.

para mostrar o contexto em que se inserem as comunidades faxinalenses. Para tanto, traçamos brevemente alguns elementos do processo de colonização do Paraná com o intuito de localizar e contextualizar o objeto e o espaço em estudo. Isso, porque entendemos ser necessário fazê-lo, vislumbrando uma análise processual, mais localizada enfatizando a construção do sistema faxinal. Neste também buscamos retratar, via memória oral dos faxinalenses e com base nos escritos da/sobre a época, os processos de estruturação sócio-espacial dos faxinalenses. Fizemos uma periodização de processos gerais atuantes na região dos faxinais, em uma sucessão de quadros particulares que revelam o espaço local em sua dinâmica histórica. Na terceira parte, abordamos o lugar das comunidades faxinalenses, revelando os elementos fundantes de sua formação sócio-espacial. Descendente de uma mistura de povos: europeus, indígenas e caboclos, a população faxinalense distingue-se culturalmente por ter se fixado e construído um lugar que apresenta uma sociabilidade ímpar, repassada de geração em geração. A preocupação com a descrição da organização sócio-espacial das comunidades faxinalenses dá-se em face da tentativa de deixar bem clara a estruturação das mesmas, no sentido de permitir o entendimento das mudanças que foram acontecendo, desde a sua origem até os tempos atuais. Na quarta parte, desenvolvemos a análise das comunidades faxinalenses hoje. Nestes capítulos enveredamos para o lado mais empírico do trabalho, sendo nossa preocupação focar o sistema faxinal na atualidade, retratando as principais mudanças ocorridas nas comunidades, enfatizando como a incorporação de novos objetos técnicos que tende a fragmentar, a individualizar, processos e relações, pode se imbricar com uma dimensão que prima pelo conjunto, pelo trabalho comunitário, como estruturadores do sistema faxinal. A posição que defendemos é a seguinte: a articulação do lugar com o mundo moderno não implica na homogeneização da cultura e no desaparecimento das diferenças dos hábitos, dos costumes das culturas tradicionais, ao contrário, observa-se a presença de uma heterogeneização de produtos, idéias, imagens, possibilidades trazidas pelo aumento do fluxo entre culturas. Tentamos mostrar que a cultura do lugar não poderá ser completamente massificada porque ela recria significados para serem atribuídos a essas “novidades”, que podem ser bem diferentes daqueles dados pela cultura que “exportou” esses elementos. Por exemplo, alguns elementos importados da cultura urbano-industrial pelos faxinalenses não os torna iguais aos cidadãos.

Na quinta e última parte, desenvolvemos as considerações finais abordando as inquietações que surgiram no decorrer do trabalho de pesquisa e das perspectivas vislumbradas para as comunidades faxinalenses.

CAPITULO 2 - As comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros: áreas objeto da pesquisa

A partir dos últimos anos da década de 1980, vários pesquisadores passaram a se dedicar às comunidades faxinalenses que habitavam o centro-sul paranaense. Dentre os autores que descreveram minuciosamente as comunidades faxinalenses e os faxinais no Estado do Paraná sob focos diferenciados, destacam-se na década de 1980, como pioneiro Carvalho (1984) que aborda a origem e as particularidades da comunidade de Faxinal do Rio do Couro no município de Irati. Chang (1985) também faz parte deste pioneirismo nos estudos sobre os faxinais no Estado do Paraná. A autora desenvolveu, naquele ano, seu trabalho de mestrado, tratando do sistema faxinal como forma de organização camponesa no Centro-Sul do Paraná buscando, sobretudo, compreender o processo de desagregação dos faxinais. Em 1988, a mesma autora descreve minuciosamente os faxinais, tratando do histórico da formação dos faxinais no Paraná, destacando a localização geográfica no Paraná, a disposição física, os mecanismos internos de funcionamento e por fim aponta o processo de desagregação dos faxinais paranaenses. Gevard Filho (1986) desenvolve uma análise desta forma comunal e peculiar de exploração da terra, o compáscuo ou faxinal, traçando seu perfil histórico e jurídico. Gubert Filho (1987) realiza um trabalho abordando o Faxinal da Barra dos Andrades, situado no município de Rebouças, sob diversos aspectos, o ecológico, o econômico, social e o político.

Na década de 1990, o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES (1994) realiza um trabalho tratando o faxinal como modelo de desenvolvimento auto-sustentado, dimensionando a importância do sistema faxinal do ponto de vista ambiental.

Nos anos de 2000, Nerone (2000), em sua tese de doutorado, faz outro estudo de caso no Faxinal Marmeleiro de Baixo no município de Rebouças. O trabalho trata, sobretudo, da origem dos faxinais, destacando o sistema faxinal como herança cultural da forma de ocupação da terra trazida para a região pelos padres jesuítas, as reduções jesuíticas. Souza (2001), tomando o caso do Faxinal Saudade Santa Anita, destaca as fases pelas quais passou o faxinal, destacando os fatores propulsores da desagregação. Marques (2004) realiza um levantamento preliminar sobre o sistema faxinal no Estado do Paraná, apontando as condições em que se encontravam os faxinais no Estado. Löwen Sahr e Igelski (2003) desenvolvem um estudo no Faxinal Sete Saltos de Baixo no município de Ponta Grossa. Löwen Sahr e Cunha (2005), destacam as comunidades faxinalenses como possuidoras de um patrimônio impar e por isso mesmo, tendem ao ressurgimento. Löwen Sahr (2006) vê os faxinais como locais

dinâmicos, flexíveis e integrativos. A autora argumenta que a discussão no âmbito do “Desenvolvimento Sustentável”, enfatizando os sistemas de uso integrado, transformou o faxinal, até então desconsiderado pela política de modernização, em um sistema agroecológico importante na atualidade. Löwen Sahr (2007) discute os faxinais como um sistema complexo de produção e vivência, dinâmicos, flexíveis e integrativos, por terem passado, no percurso de mais de 300 anos, por diferentes fases e modificações do sistema social e econômico hegemônico, salienta a autora. Barbosa (2007) busca entender as relações do território e suas recorrentes territorialidades estabelecidas pelos membros da comunidade Faxinal Taquari dos Ribeiros no município de Rio Azul. Em 2007, foi criado o laboratório de história e cultura dos faxinais vinculado ao Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Campus de Irati. Um espaço destinado a arquivar trabalhos produzidos por acadêmicos e professores que pesquisam os faxinais da Região Sul do Paraná. O laboratório abriga fontes iconográficas, escritas e orais uma vez que os pesquisadores vinculados privilegiam metodologicamente a história da leitura e a história oral. Seu maior objetivo é funcionar como um local de encontros, discussões e trocas de experiências que possibilitem a produção do conhecimento historiográfico sobre os povos tradicionais, especialmente, os faxinalenses. Löwen Sahr (2008) aborda a forma de inserção das populações tradicionais no espaço social brasileiro. Para tanto, a autora se apóia nas reflexões teóricas propostas por Tönnies, Weber e Giddens sobre a relação entre comunidade e sociedade. Ferreira (2008), em seu trabalho, avalia o turismo comunitário como meio de contribuir para a conservação cultural e melhoria da qualidade de vida dos povos tradicionais, bem como para a manutenção da biodiversidade de seus territórios. A autora utilizou como referência os povos e terras de faxinais das comunidades dos Faxinais Lageado de Baixo, no município de Mallet, e Lageado dos Mello, no município de Rio Azul. Barreto (2008), em seus trabalhos discute a lógica camponesa e a lógica capitalista na extração da erva-mate nas comunidades de faxinais do Centro-Sul do Paraná. Tavares (2008) desenvolveu sua tese de doutoramento abordando o campesinato e os faxinais do Paraná, tendo com objetivo a interpretação da trajetória histórica dessa fração do campesinato e seu território. Löwen Sahr e Sahr (2009) publicam Territórios – faxinais – espaços: a problemática espaço/território na formação social brasileira.

Há, sem dúvida, um número muito maior de trabalhos e de pesquisadores que desenvolveram importantes problemáticas envolvendo os faxinais no Paraná, mas devido às limitações do tempo acabamos nos desencontrando.

Foi a partir da década de 1990 que os estudos sobre os faxinais começam a ganhar força resultando em uma projeção maior destas comunidades rurais no âmbito do Paraná e Brasil.

A organização social neles presente, reproduzida por uma expressiva parcela de famílias, despertou o interesse dos pesquisadores e professores de instituições educacionais e de pesquisa, e organizações não governamentais, a tal ponto que os anos de 2000 acabaram sendo marcados pela crescente quantidade de importantes estudos acadêmicos que tomaram por objeto a realidade dos faxinais do Estado do Paraná. Para compreender o sistema faxinal, vários autores dedicaram-se a investigá-los a partir de diferentes abordagens nos diversos municípios, em especial, naqueles onde ainda podem ser encontradas comunidades faxinalenses remanescentes, que mantêm parcialmente as características originais.

Neste capítulo, buscamos caracterizar os locais da nossa investigação: Faxinal Taquari dos Ribeiros e Faxinal Anta Gorda. Estas duas comunidades, eleitas para realização da pesquisa de campo, foram fundamentais para o desvendamento de várias questões que se colocavam em relação à estes grupos humanos e, importante para o debate sobre a diversidade sócio-cultural, em um momento onde se discute com afinco o processo de homogeneização cultural, no mundo todo. Acreditamos que, nada mais certo para verificar essa diversidade cultural e sair de uma discussão abstrata de homogeneidade cultural, é estudar os casos reais que permitem a observação e a compreensão “*in loco*”.

É verdade que as comunidades são lugares, vinculados a culturas próprias, com tradições, costumes, espaços geográficos delimitados onde os faxinalenses têm contatos (simples e autênticos) pessoais e diários e, parte de suas tarefas estão atreladas às rotinas, práticas e atitudes marcadas pelo tempo, o que confere a seus moradores *status* de comunidades tradicionais. Porém, ao contrário do que se pensa, as culturas locais dividem espaço com alguns elementos da cultura global, ocorrendo um entrelaçamento entre saberes tradicionais e modernos.

2.1 Taquari dos Ribeiros: características gerais

O Faxinal Taquari dos Ribeiros localiza-se na área rural do município de Rio Azul, este que se localiza no Segundo Planalto Paranaense, mantendo limites com os municípios de Cruz Machado, Inácio Martins, Irati, Mallet, Rebouças e São Mateus do Sul. A população estimada para 2008 era de 13.702 habitantes (IBGE, 2000). De acordo com o Censo demográfico do IBGE (2000) a população urbana era de 4.334 habitantes e a população rural

com 8.689 habitantes. Com relação à comunidade de Taquari dos Ribeiros, a área total compreendendo o criadouro e as terras de plantação, é de 234, 84 hectares.

Esta comunidade está localizada a mais ou menos 20 quilômetros da área urbana do município (Figura 01). Com base em informações colhidas durante as pesquisas de campo, esta comunidade foi criada no ano de 1900. Seus primeiros moradores foram: Antonio José Ribeiro, Clemente Maurício dos Santos e José dos Santos (BARBOSA, 2007). A origem do nome Taquari está vinculada aos marcantes aspectos da vegetação da área, sobretudo pela presença de taquaras. Taquari (taquaras), somado ao nome de um dos pioneiros, Antonio José Ribeiro, deu origem ao segundo nome do Faxinal, Taquari dos Ribeiros.

Barbosa (2007) assinala que, inicialmente, este faxinal mantinha as características genuínas, porém,

ao longo dos anos, entretanto, a comunidade foi se distanciando em alguns aspectos daquelas características encontradas em sua gênese. Essas características são refletidas, sobretudo, pela mudança no modo de produção e nas atividades culturais tradicionais (BARBOSA, 2007, p.39).

O território do Criadouro Taquari é servido por três principais cursos de água que complementam a paisagem visual: Rio Cachoeira, Rio Taquari e o Arroio do Boles. Há uma via de acesso – estrada principal – que liga a comunidade ao centro urbano de Taquari e aos municípios limítrofes.

Neste criadouro as características naturais se mantêm relativamente preservadas, fato que pode ser atribuído à lei de proteção ambiental mais rigorosa aplicada às comunidades faxinalenses que se cadastraram como ARESUR (Áreas Especiais de Uso Regulamentado), que é caso do faxinal em questão e, à tradição de manter, quando possível, parte do legado deixado pelos seus antepassados.

A morfologia do relevo também chama a atenção (Figuras 02 e 04). As formas do relevo em áreas de plantar também são bastante planas, fator que favorece a expansão da mecanização agrícola nesta comunidade.

A ocupação do território do criadouro é bem distribuída, ali estão estabelecidas 85 residências (Figuras 03 e 05), onde residem um total de 120 famílias, totalizando 350 faxinalenses. As famílias moram em casas próprias, com exceção dos agregados e pessoas sem terra que vivem em casas cedidas pelas famílias com as quais trabalham. A força produtiva do faxinal Taquari dos Ribeiros é hoje amparada pela cultura do fumo. A fumicultura é a principal atividade e a principal fonte de renda dos faxinalenses, o que não quer dizer que estes deixaram de produzir outros cultivares como milho, feijão, mandioca, ba-

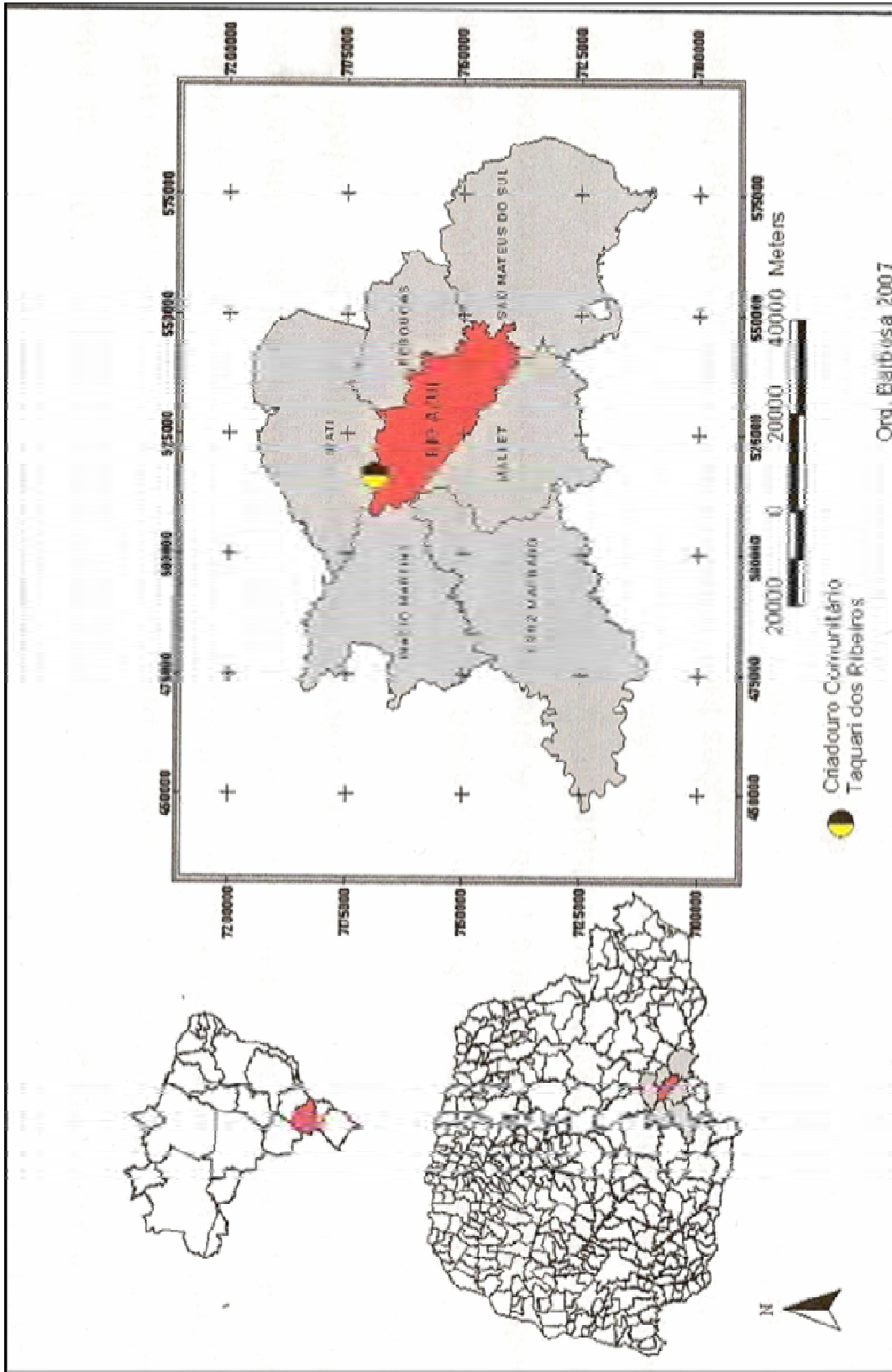


Figura 01 – Mapa de localização do faxinal Taquari dos Ribeiros em Rio Azul – PR
 Fonte: BARBOSA, 2007.



Figura 02 - Vista da vegetação mista, no Faxinal Taquari dos Ribeiros.
Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008

tata, cebola, alho, etc.

A adesão de aproximadamente 95% dos destas famílias à cultura do fumo indica que esta se apresenta como mais atrativa do ponto de vista econômico, pois é realizada via contratos com indústrias do fumo, as quais garantem a compra da matéria-prima (fumo).

Ao alterar as suas formas de produção e de trabalho, a partir da integração à indústria do fumo, os faxinalenses convivem com novas dinâmicas e rotinas de trabalho.

O Faxinal Taquari dos Ribeiros tem presença forte da religiosidade, pois encontramos na comunidade duas instituições religiosas: A igreja São Sebastião de culto católico e a igreja Pentecostal Assembléia de Deus. Em número de fiéis, 80% dos faxinalenses são católicos e 20% evangélicos (BARBOSA, 2007).

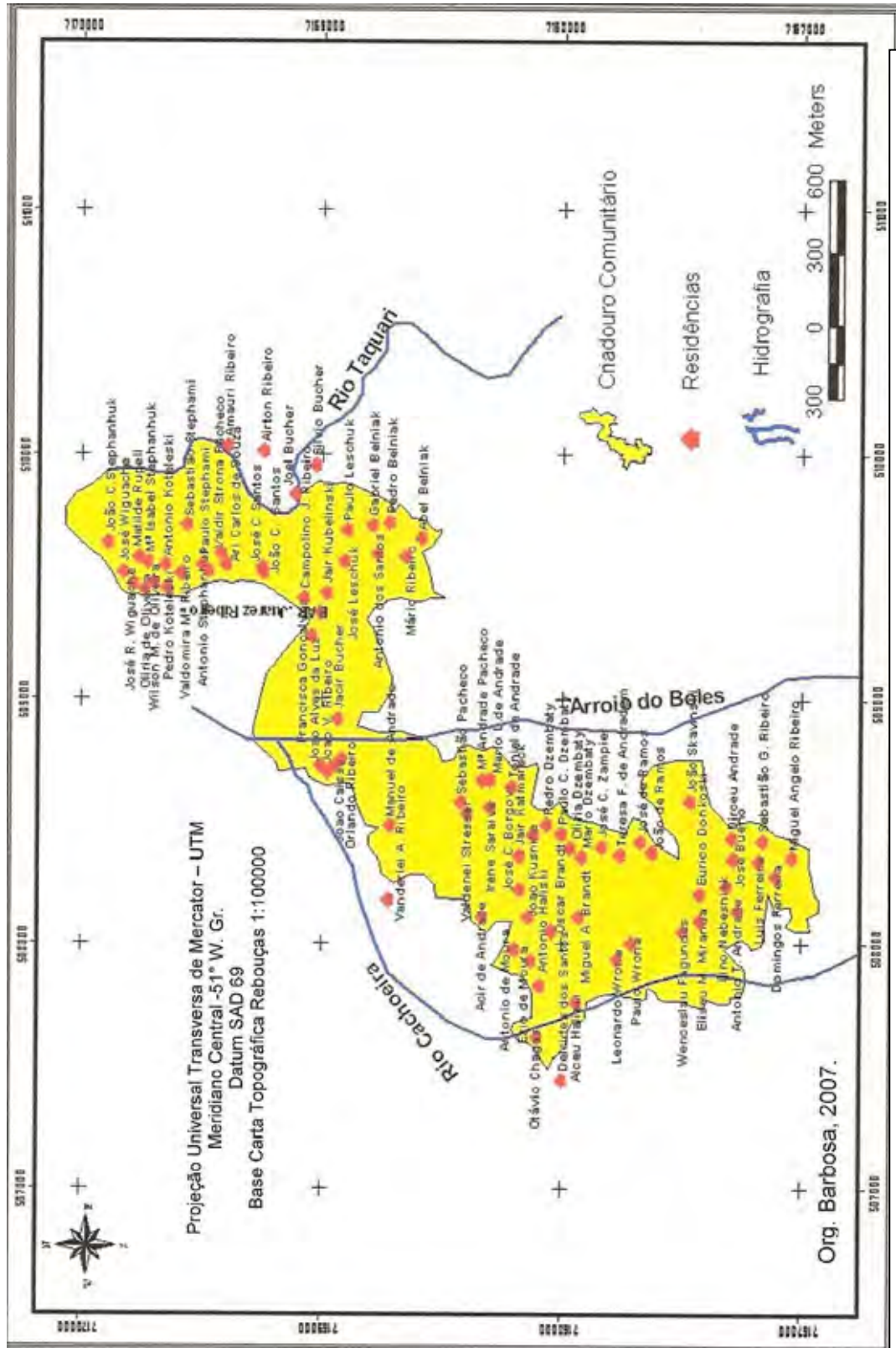


Figura 03 - Mapa da distribuição das residências no Faxinal Taquari dos Ribeiros.
 Fonte: BARBOSA, 2007.



Figura 04 – Morfologia do relevo das terras de plantar da comunidade de Taquari dos Ribeiros.

Fonte: Rede Faxinal de Pesquisa, 2007.

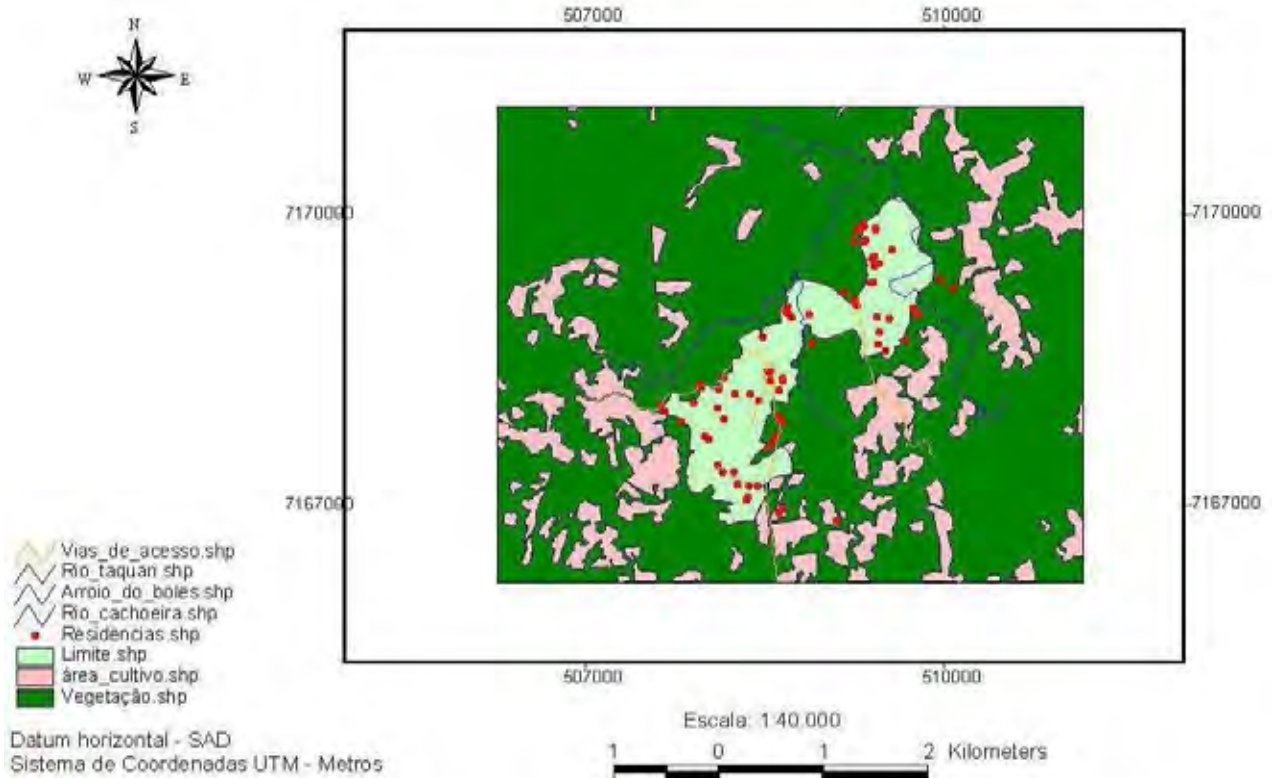


Figura 05: Classificação do Uso e Cobertura do Solo do Faxinal Taquari dos Ribeiros, Rio Azul – PR. Fonte: Gomes; Ribeiro 2008 *apud* PEREIRA, T. K. *et al* 2009.

Nesta, observamos melhor o processo de miscigenação, pois encontramos pessoas com traços europeus e caboclos. (Figuras 06 e 07).



Figura 06 - Traços europeus dos moradores da comunidade de Taquari dos Ribeiros
Fonte: Rede Faxinal de Pesquisa, 2008.



Figura 07 - Traços caboclos dos moradores da comunidade de Taquari dos Ribeiros, 2008
Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008.

2.2 Faxinal Anta Gorda: características gerais

A comunidade do Faxinal Anta Gorda (Figura 08) localiza-se na zona rural do município de Prudentópolis (Figura 09), este que limita com os municípios de Candido de Abreu, Imbituva, Irati, Ivaí, Guamiranga, Guarapuava e Turvo, no segundo planalto paranaense. Sua população total era de 48.708 habitantes, segundo a contagem do IBGE (2007). Os dados censitários do IBGE(2000), registram uma população urbana de 18.276 habitantes e a população rural com 28.070 habitantes.

A área total da comunidade de Anta Gorda é de 252 hectares. Com relação ao nome da comunidade, os faxinalenses não souberam informar sobre. Alguns arriscavam palpites, falando da possível relação com o principal rio da região e que separa parte do criadouro das terras de plantar. Nesta comunidade vivem 41 famílias somando um total de 139 moradores da comunidade.



Figura 08 – Estrada de acesso à Comunidade Faxinalense de Anta Gorda.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Foto: A autora, 2008.

Esta área em alguns aspectos se diferencia do faxinal Taquari dos Ribeiros, principalmente em relação à densidade florestal, ao uso do solo e à descendência dos

faxinalenses. Quanto às edificações do entorno das casas, a maioria das casas e todas as demais edificações são feitas de madeira, ao contrário, do que se verifica no Faxinal Taquari dos Ribeiros, onde as casas, depósitos de mantimentos e ferramentas agrícolas, galinheiro, estábulos, em sua maioria, são de alvenaria.

Quanto à expressividade dos rios, nesta comunidade há o Anta Gorda que dentre outras funções, serve de obstáculo ou (“cerca corrente”), ao impedir a passagem de animais do criadouro para as áreas de roças, denominadas Barras⁸. No interior do criadouro, temos pequenos córregos que deságuam no Rio Anta Gorda. Estes córregos matam a sede dos animais do criadouro e em algumas moradias abastecem os tanques de lavar roupas.

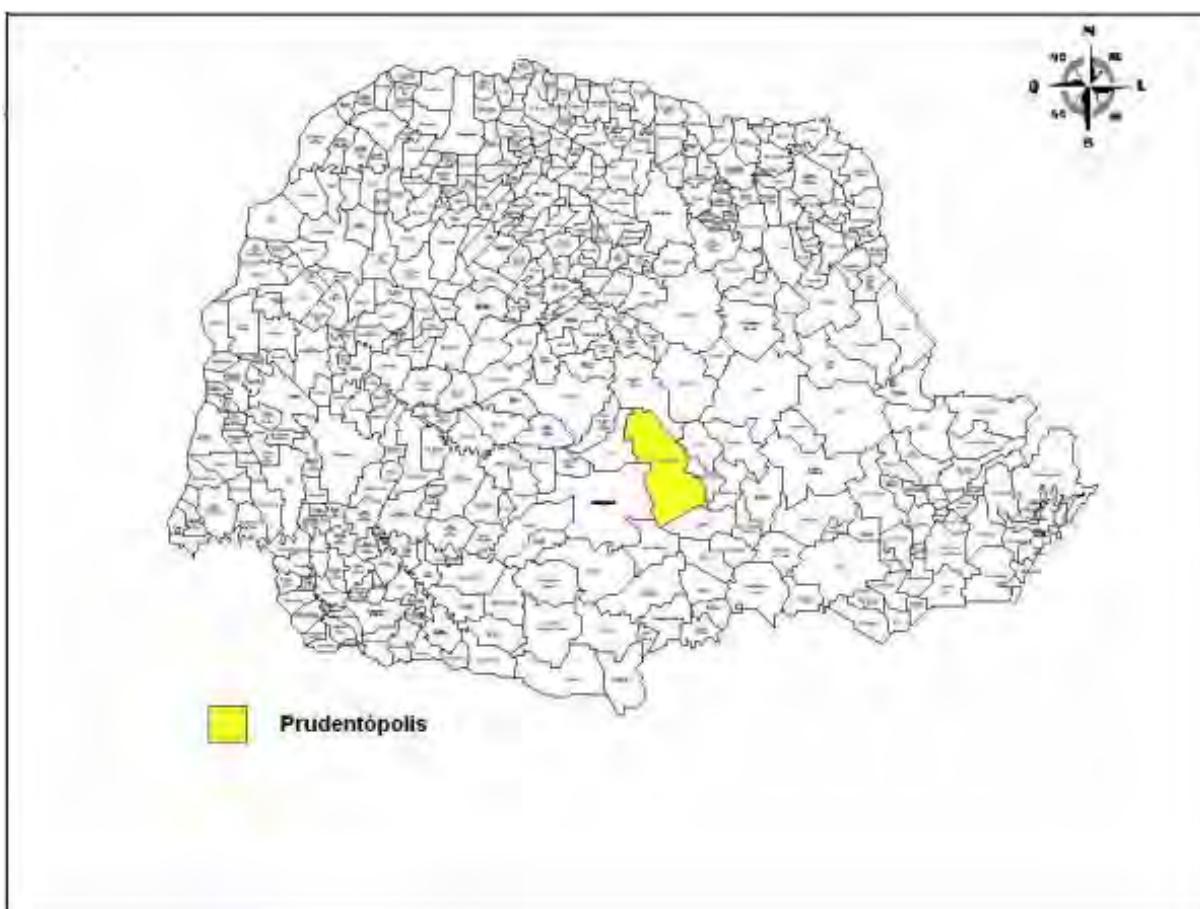


Figura 09 - Localização do município de Prudentópolis, PR.

Fonte: DYKSTRA, 2007.

Os solos ocorrentes no criadouro comum são do tipo hidromórfico gleyzado, podzólico vermelho-amarelo (arg), podzólico vermelho-amarelo e podzólico vermelho amarelo (pp), conforme (Figura 10).

⁸ Esse termo foi “criado há muito tempo” e os faxinalenses disseram que não tem certeza, do significado, mas pensam que o nome expressa “a dureza de trabalhar na agricultura”, em especial em áreas de relevo íngreme.

O criadouro comum do Faxinal Paraná Anta Gorda possui amplas áreas de floresta densa (Figura 11) ocupando uma extensa área do faxinal. Além dessas, tem-se as áreas de floresta mais limpa, áreas de vegetação rasteira, áreas de várzea e uma pequena área de terra cultivável.

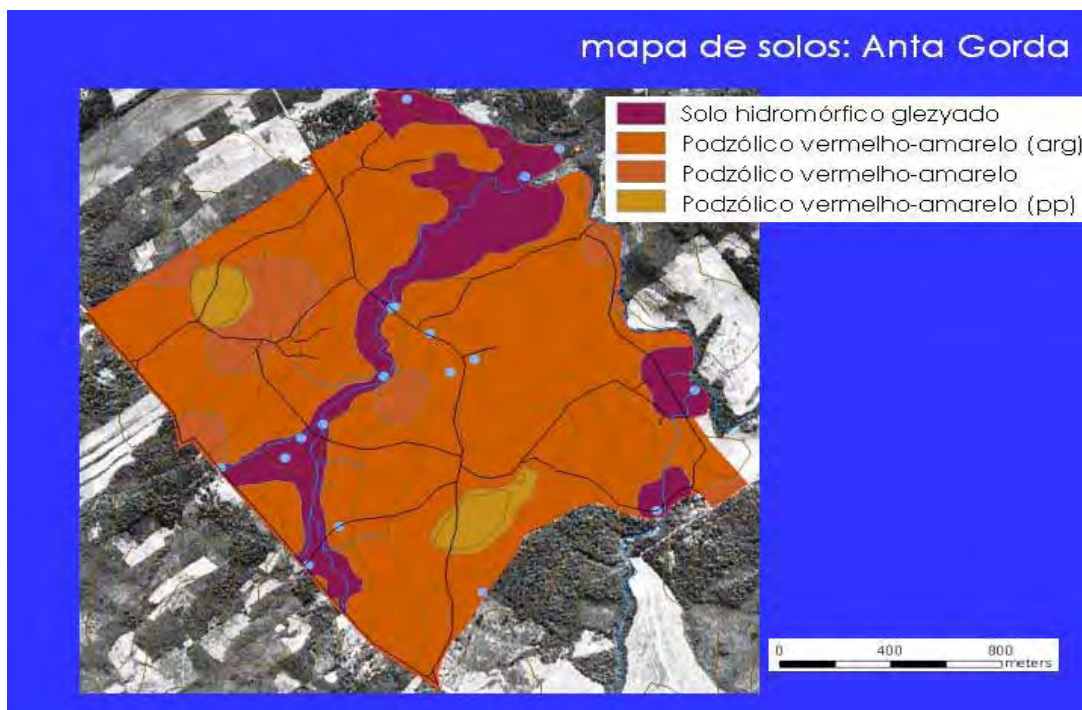


Figura 10 – Mapa de solos do Anta Gorda
Fonte: EGGER, 2006.

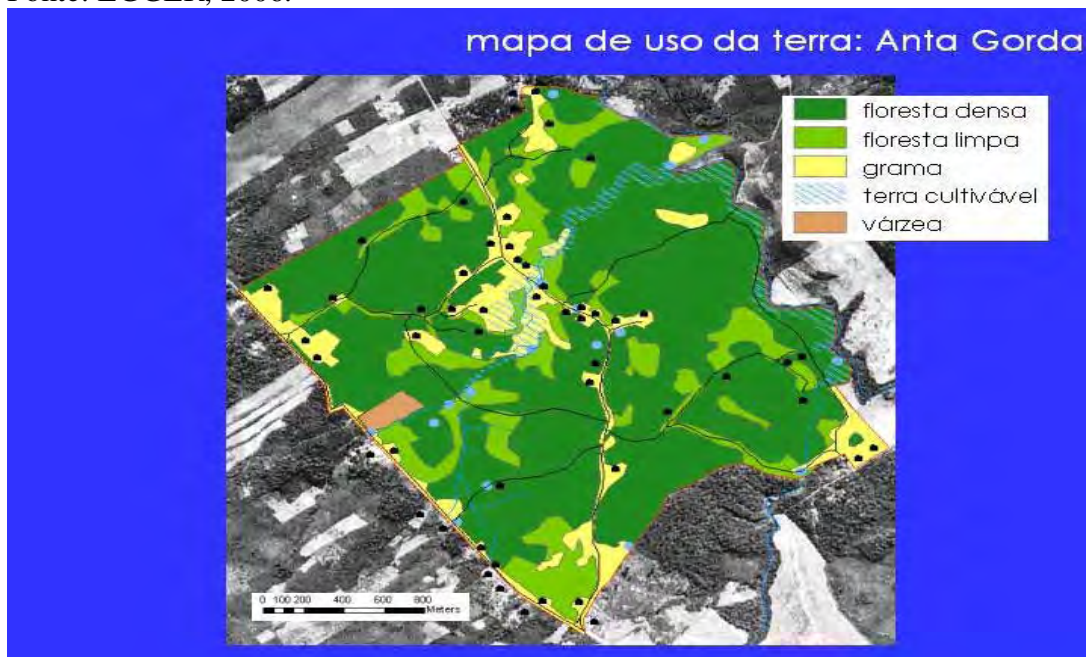


Figura 11- Mapa de uso da terra no criadouro comunitário do Faxinal Paraná Anta Gorda, Prudentópolis.

Org.: EGGER, 2006.

Obs.: Os pontos pretos correspondem às residências dos faxinalenses.

Nesta comunidade convivem famílias descendentes de ucranianos e poloneses (Figuras 12 e 13). Trata-se de uma comunidade mais homogênea culturalmente.



Figura 12 – O casal formado por descendente de imigrantes ucranianos e poloneses.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Foto: A autora, 2008

Com base nas informações coletadas durante a pesquisa de campo, os caboclos que ali viveram antes do estabelecimento de colonos se dedicavam à extração da erva-mate e da madeira, servindo como mão-de-obra extrativista ou mais tarde passaram a se empregar em serrarias.

Para concluir este capítulo, queremos dizer que o que teve peso maior na escolha destas comunidades foram as individualidades diferenciadoras, entre o Faxinal Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros. Estes espaços correspondem cada qual a um lugar com individualidades como: aspectos físico-ambientais, localização, tipo de atividade econômica predominante, a língua, o modelo arquitetônico das construções e seu entorno e, por isso de grande riqueza e relevância para uma abordagem sobre o lugar. Lugar, enquanto espaço em que se territorializam os sistemas de objetos e ações, na escala mais próxima à racionalidade faxinalense.

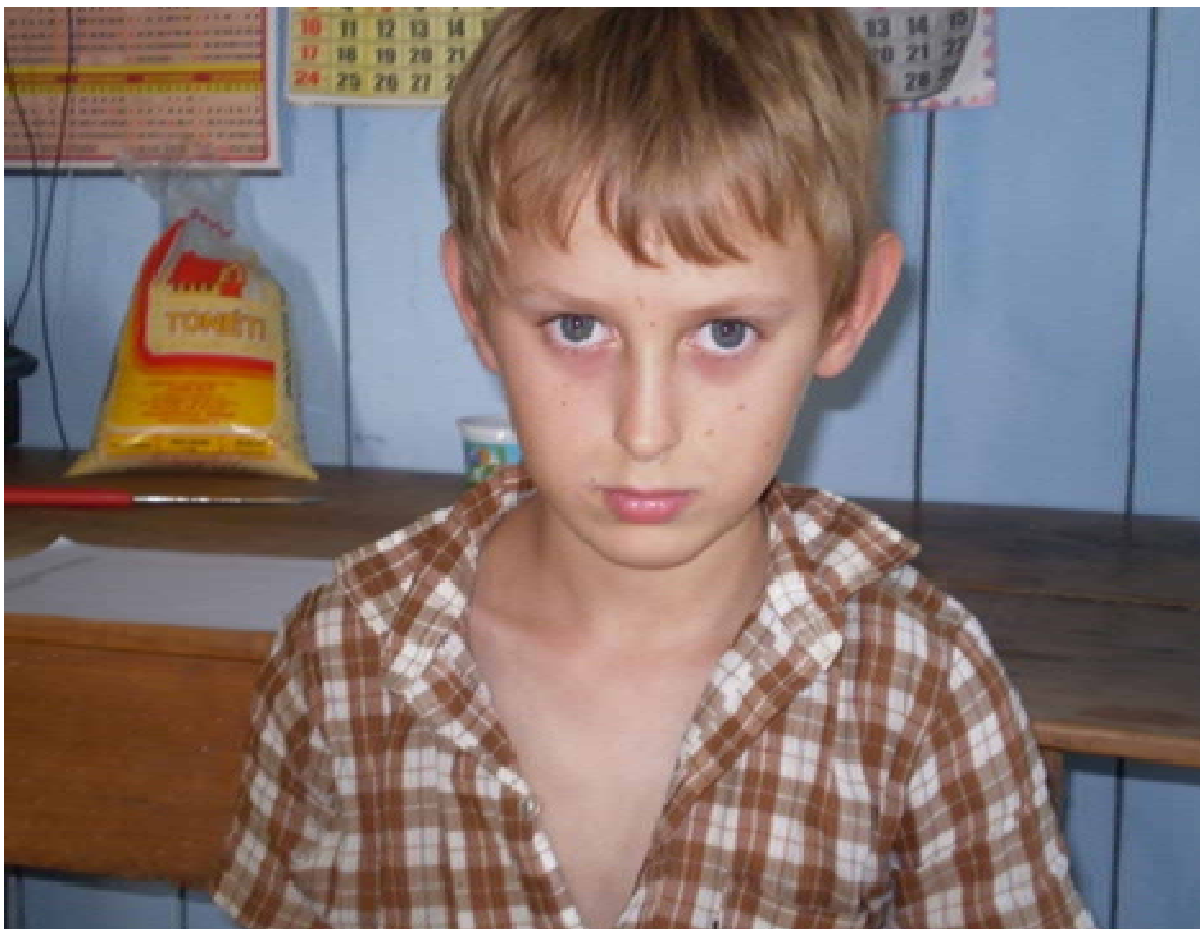


Figura 13 –. Filho de pai e mãe, descendentes de imigrantes ucranianos.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Foto: A autora, 2008

Entendemos que o lugar é a materialização das relações sociais e espaciais sob a perspectiva do local, ou seja, do mais próximo, embora também se constitua de relações numa escala de tempo e espaço mais amplos, obedecendo à uma racionalidade moderna. Cada lugar se diferencia de outros lugares por apresentar características e um modo próprio de organização.

Cada lugar é um lugar diferente, com respostas e operadores distintos, com tempos de respostas e de ação próprios em relação ao conjunto social. Para Santos (1988), a definição do lugar está condicionada a esse conjunto de especificidades e o lugar é considerado tanto como um produto de uma dinâmica que é única, ou seja, resultante de características históricas e culturais intrínsecas ao seu processo de formação, quanto como uma expressão das influências externas, não-locais.

CAPITULO 3 – As noções de Lugar, Tradição e Modernidade que embasam a pesquisa

As bases teóricas que fundamentam o desenvolvimento da temática acompanham toda a estruturação do nosso trabalho, porém, faremos neste capítulo uma apresentação das idéias que representam os principais pilares do estudo. Primeiramente, trata-se da definição de Lugar.

Na Geografia, podemos interpretar o Lugar tomando como referência duas distintas abordagens. A primeira no ramo da Geografia Humanista, que valoriza o caráter experiencial e afetivo, pelo qual um grupo humano ou indivíduo estabelece laços de identidade com determinada porção do espaço, pela vivência. A segunda no ramo da Geografia Crítica, que considera o lugar como conceito fundamental para o entendimento das transformações provocadas pelo processo de globalização. Esta abordagem está vinculada a geógrafos da corrente crítica, e neste trabalho daremos destaque à Milton Santos e Ana Fani Carlos. A problemática particular de nossa pesquisa será pensada a partir das contribuições desses importantes nomes da ciência geográfica.

Observa-se que, com a aceleração contemporânea, são muitas as análises que têm priorizado temas bastante abrangentes como mundialização ou globalização, modernidade-mundo, dentre outras temáticas que são estudadas visando compreender os fenômenos para além das situações localizadas, que apresentam uma visão macro e questões de significativa amplitude. Não menos interessantes, são os fenômenos que se apresentam em pontos específicos, concretizam-se em localidades específicas, dentre as quais, a cidade, o campo, um bairro, uma comunidade rural. Do lugar é possível entender o mundo com suas variadas dimensões (CARLOS, 2001).

É verdade, porém, que nos perguntamos sobre a possibilidade de se apreender o mundo tomando como ponto de partida objetos de estudo situados numa escala menor, cuja força e importância talvez não se façam sentir de imediato, ou cuja, repercussão não atinja outros níveis mais abrangentes, mas com certeza têm sentido em seus devidos contextos.

Partimos então, com o conceito de lugar, palavra chave no nosso estudo, por permitir análises mais localizadas, no tempo e no espaço, e proporcionar respostas mais claras, pois é ele que representa a dimensão do espaço mais próxima seja para o indivíduo, seja para a coletividade. O lugar continua sendo experienciado por uma população local, embora como afirma Silva (2007, p. 20), “envolto por uma trama, progressivamente, regional, internacional, global.

Para falar das comunidades faxinalenses como lugar e nos elementos internos e elementos externos que as estruturam, nos apoiamos nos complexos pensamentos de Milton Santos e Ana Fani Carlos.

Ao abordar o Lugar, o professor Milton Santos nos coloca uma série de questões e faz pensar como o mesmo modo de produção se reproduz diferentemente em distintos lugares do globo. Essa reprodução acontece de forma desigual, justifica Santos (2008a), porque cada novo objeto, nova ação que chegam ao lugar encontram uma estrutura preexistente, com a qual eles interagem modificando o lugar e sendo modificados por ele.

Santos (2008c, p. 54), afirma que:

um mesmo elemento, terá impactos diferentes em áreas distintas de um país ou do planeta. Para isso concorrerão a história do lugar, as condições existentes no momento da internalização (quando o que é externo a uma área se torna interno) e o jogo de relações que se estabelecerá entre o que chega e o que preexiste. È esse conjunto de coisas que fará com que um mesmo processo de escala mundial tenha resultados distintos, particulares, segundo os lugares.

Como se sabe, “As pessoas vivenciam apenas uma pequena porção do espaço geográfico, que é exatamente o lugar. Ninguém vive na escala do mundo nem na escala da nação ou da região, todos vivemos no lugar” (SENE, 2007, p.136). Entretanto, segundo Santos (2008, p.272), “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo.” (SANTOS, 2008a, p.314) “a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao Mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade”. Diante disso, impõe-se, ao mesmo tempo, “a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados”. (SANTOS, 2008a, p. 315).

Desse modo, não é possível pensar, o chamado processo de globalização como sinônimo de homogeneização, porque, mesmo que o lugar esteja articulado em relações ao todo, as combinações locais são muito diferentes. São, justamente, essas combinações locais somadas com a organização específica do lugar que formam o diferencial e, é isso que torna o lugar único e singular.

Evidentemente, é no lugar que as pessoas vivem e interagem verdadeiramente entre si e com a paisagem; é onde ocorrem as relações de cooperação e de conflito, é onde se dão as relações de co-presença. (SENE, 2007, p.165). Essas observações mostram, que no lugar ocorre a união dos homens pela diferença e pela cooperação (SANTOS, 2008), apesar da existência cotidiana de conflitos.

Com base em Santos (2008a) e Carlos (2001), pensamos o Lugar como um conceito híbrido, formado a partir de dentro, mas também de fora. Neste sentido, entendemos que o lugar vai sendo construído também com o que lhe é externo.

A lista de forças que agem no lugar é longa, porém, neste trabalho estamos tratando apenas dos elementos internos e externos que agem no lugar, ou seja, as variáveis internas movidas pela tradição, que chamamos de elementos tradicionais e as variáveis externas movidas pelas inovações incorporadas da sociedade, que chamamos de elementos modernos.

Com base em Santos (2008c, p. 104),

o interno é tudo o que, num momento dado, está já presente num lugar determinado. No interno, as variáveis do lugar têm a mesma dimensão do lugar, as dimensões se superpõem delimitadas pelo lugar. O interno é aquilo que, num momento aparece como local. A escala do lugar confunde-se com sua própria existência... O externo é tudo isso cuja sede é fora do lugar e tem uma escala de ação maior do que o lugar, muito embora incida sobre ele.

Tratamos dos elementos internos e externos ao lugar, tomando também por base a definição de Santos (1985, p. 77), que afirma: “externo não é forçosamente exterior, exceto quando a escala de estudo ou da variável é o país tomado como um todo.”. Como no nosso caso, se trata de uma comunidade rural, o externo é dado pela região, pelo Estado, pela Nação, como nos coloca Santos (1985). Em relação ao interno, pode ser definido como “um conjunto de variáveis tais qual estão presentes na área em questão. Aqui se impõe claramente a diferença, já por nós apontada, entre escala do lugar e escala de estudo das variáveis a ele concernente” (SANTOS, 1985, p. 76).

Cada lugar, pois se caracteriza por um certo arranjo de variáveis, arranjo espacialmente localizado e, de certa maneira, espacialmente determinado. Esta é uma das formas como os lugares se distinguem uns dos outros. Mas, esses arranjos estão sempre mudando, com ou sem influxo de fatores externos. As combinações localizadas são dinâmicas e se fosse possível conceber um ponto isolado do espaço global, ele continuaria a evoluir e, dentro de algum tempo, não mais seria o mesmo. O interno não é, pois um conceito imutável. (SANTOS, 1985, p. 77).

O conceito de interno se equipara, segundo Milton Santos, ao conceito de quadro preexistente, “isto é, de campo para a ação transformadora do homem, que tanto pode ser a natureza “natural” ou considerada como tal, como a natureza transformadora, socializada, mais ou menos tecnicizada.”(Ibid, p.77). É, sobretudo, no espaço transformado, o interno aparece como a internalização do externo ressalta. Santos salienta que:

Dentro do modo de produção capitalista, e agora, sobretudo, onde as técnicas são importadas dos países do centro, é rara a transformação que não inclui

um fator exógeno, seja demográfico, social, econômico, ideológico, político ou meramente técnico. Assim, uma fração da população, das atividades, do capital etc., são, em nossos dias, fatores externos. (SANTOS, 1985, p. 77).

Entretanto, não podemos esquecer um fato importante, o de que, uma vez localizadas essas frações do capital e de trabalho, elas se arranjam segundo uma modalidade específica, numa espécie de combinação, onde as características originais cedem lugar a outra coisa, que é própria da combinação localizada e a distingue das demais.

A eficácia do mesmo elemento externo varia segundo os lugares, os valores internos a estes. Assim, com base em Santos (2008c, p. 106), “os lugares se diferenciam pela maneira pela qual os fatores internos resistem aos externos, determinando as modalidades do impacto sobre a organização preexistente”.

O externo, porém, nem sempre se internaliza completamente, na medida em que representam muito mais os interesses externos que os internos. Todavia, tais necessidades ou interesses externos nem sempre coadunam com os interesses ou condições internas à área. Por isso, as forças internas frequentemente exercem papel de oposição ou de reação à difusão dos fatores externos.

A própria “autonomia” de evolução dos fatores internos localmente amalgamados pode constituir uma barreira, mais ou menos eficaz, às transformações de origem não-local.

Outro ponto importante a se considerar nesta discussão são as desiguais possibilidades de conexão dos lugares, ou seja, existem lugares mais conectados com o mundo, que outros, porque de acordo com Sene (2007, p. 137) “a capacidade de conexão das pessoas é mediada pelo acesso à renda e à tecnologia. Muitas pessoas não podem aproveitar o aparato técnico da mobilidade e informação e vivem ainda bastante restritas ao lugar.”

Giddens (1991) diz que: “Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. Sob uma outra perspectiva, Sene (2007), entende que a relação entre o lugar e o global depende muito da disponibilidade de objetos técnicos no lugar.

Para Santos (2008), o lugar não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, ou melhor, o espaço da experiência que se transforma, pois não é estática. Visto desta perspectiva, o lugar se constitui num intermediário entre o mundo e o indivíduo. O autor dá ênfase ao papel do lugar, diante das forças homogeneizantes da globalização. Coloca a centralidade do lugar, ou melhor, o lugar dos lugares, num contexto ampliado, opondo-se à autores que tem se preocupado com o aumento vertiginoso dos intercâmbios, da fluidez e dos

universalismos, bem como se opõe aos argumentos teóricos, às teorias que tratam sobre o fim da geografia, da história, do trabalho, do Estado-Nação, dos territórios e dos lugares. De acordo com Santos (2008a), a história concreta atual recoloca a questão do lugar numa posição central. Por isso, o autor sugere revisitar o debate sobre o lugar no mundo atual, para encontrar os novos significados, a partir da dimensão do cotidiano.

A redefinição do lugar é colocada como uma necessidade perante as mudanças que acontecem nos dias atuais de forma muito mais visível e acelerada que em outros momentos da história. “Dentro desse processo de redefinição, o mundo – que visto como um todo é nosso estranho – tem sua existência revelada pelo lugar – nosso próximo.” (SANTOS, 2009, p. 34).

A leitura de Milton Santos, revela a relação dialética entre o lugar e mundo. Para o autor, os processos de “globalização”, ou de “mundialização” não destroem as especificidades, ao contrário, reafirmam-nas. “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Mas também cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais”. (SANTOS 2008a p. 314). Cada um dos lugares, é concomitantemente, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente.

A abordagem acerca da relação dialética entre o mundo e o lugar, ajuda na compreensão da centralidade do lugar, não só enquanto fenômeno, mas também enquanto categoria geográfica de análise importante e atual.

A contribuição de Carlos (2001), também se insere nas transformações recentes engendradas pela globalização. Entretanto, a autora argumenta que é necessário acrescentar também o papel da história particular de cada lugar, que se realiza através da prática cotidiana e em função da cultura, da tradição, da língua e dos hábitos internos. Ou melhor, o lugar na concepção da autora, deve ser entendido por intermédio de uma dimensão interna, vinculada a sua história, e uma dimensão externa, que se impõe, através do processo de globalização.

Significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo ou melhor se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial.(CARLOS, 2001, p.17)

Neste âmbito, acreditamos que é possível pensar o lugar enquanto singularidade, ou seja, que mantém suas individualidades, mesmo envolto nesta trama globalizante. Para Santos (ibid. p.34) “cada Lugar se define tanto por sua existência corpórea, quanto por sua existência

relacional.” As individualidades diferenciam um lugar de outro porque cada grupo social elabora e constrói as condições necessárias à reprodução de formas diferentes.

De acordo com Santos (2008c, p.106)

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam o espaço, a política, a economia, o social, o cultural.

Tanto o novo quanto o velho são dados permanentes da história e encontram-se em todas as situações. A chegada do novo, de acordo com Santos (2008c, p. 106), não acontece no mesmo instante em todos os lugares ou o novo não chega em todos os lugares e, quando chega, não é no mesmo momento; por isso o novo nem sempre chega quando é absolutamente novo.

O lugar é produzido localmente, entretanto, como nos diz Becker (1988), é alvo e campo de estratégias tanto locais quanto, progressivamente, externas. Refletir acerca disso significa buscar o entendimento das relações entre os homens e o meio e as complexas tramas que se desenham a partir das relações que envolvem estes sujeitos sociais, os quais desenvolvem práticas sócio-espaciais que se consolidam referenciadas em tradições e modernidade.

Entretanto, de acordo com Santos (2008a, p.59), “Os lugares, já vimos, redefinem as técnicas. Cada objeto ou ação que se instala, insere-se num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistentes”. Para o autor, “é o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica”.(Ibid.,p. 59).

Assim, estudar o lugar é revelar em cada objeto geográfico (por exemplo uma cidade, um estrada de rodagem, uma floresta, uma plantação, uma montanha, um lago) o sistema de objetos e ações à ele ligado, nos ensina Santos(2008a).

3.1 Modernidade e Tradição: bases teóricas da pesquisa

Acredita-se que as reflexões em torno da Tradição e Modernidade permitem mostrar como e quando acontece a reestruturação do lugar, tomando como base, o que nos fala Relph (1976) ao dizer que o lugar passa por mutabilidade através dos tempos, e, em virtude disso, perde e ganha significados. Muitas vezes estes significados desaparecem, devido às mudanças

econômicas, sociais ou culturais e outros assumem, ganham novos significados. No entanto, o restabelecimento e a permanência de lugares são reforçados por rituais e tradições. Sem isso, sua mutabilidade e efemeridade se ampliariam, segundo o autor.

Adicionalmente, essas reflexões objetivam subsidiar a compreensão das comunidades faxinalenses com Lugares considerando a sua história e cultura próprias, acompanhadas das inovações técnicas, oriundas da sociedade moderna.

A ênfase é dada na percepção das trajetórias e racionalidades dos faxinalenses de hoje, com o intuito de mostrar como estes tentam, com as formas que lhes são possíveis, incorporar os ditames da sociedade moderna, na agricultura, na criação de animais, no espaço doméstico, sem se desfazer das racionalidades tradicionais e, sobretudo, onde e em que momento, no cotidiano dos faxinalenses se nota a integração da tradição e modernidade.

O termo tradição que utilizamos, no seu sentido etimológico, deriva do latim *traditio*, verbo *tradire* que significa entregar. Segundo Godoi (1998), alguns estudiosos referem-se à relação do verbo *tradire* como o conhecimento oral e escrito. Dessa forma, através do elemento dito ou escrito, algo é entregue, ou melhor, é passado de geração a geração.

Giddens (2007) argumenta que as raízes lingüísticas da palavra “tradição” são antigas. A palavra inglesa “*tradition*” tem origem no termo latino *tradere*, que significa transmitir, ou confiar algo à guarda de alguém. Um exemplo bastante esclarecedor sobre *Tradere* é citado por Giddens. Esta palavra foi originalmente usada no contexto do direito romano, em que se referia às leis da herança. Considerava-se que uma propriedade que passava de uma geração para outra era dada em confiança – o herdeiro tinha obrigação de protegê-la e promovê-la.

Para o autor, foi o Iluminismo do século XVIII na Europa que depreciou a tradição, e por isso poucas são as discussões que tratam da tradição. Pouco ou quase nada se falou ou se pensou sobre o papel da tradição na sociedade. Para muitos a tradição representa tão somente o lado sombrio da modernidade, e que pode ser facilmente descartada.

Giddens lembra que o termo “tradição” como é usado hoje, é na verdade um produto dos últimos dois séculos na Europa. A noção geral de tradição não existia nos tempos medievais, dado que não era necessária, pois estava em toda parte. Assim, a idéia de tradição salienta Giddens (2007, p. 50) “é ela própria uma criação da modernidade”. Mas o que efetivamente é Tradição, quais são as suas marcas?

Por tradição, entende-se tudo aquilo o que mantém as ordens sociais em sociedades pré-modernas. “Na tradição a noção de tempo é fundamental, considerando que a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente”

(GIDDENS, 2001, p. 31). O futuro também não fica de fora deste processo e é através da repetição que ele é organizado. Há, então, inscrita à tradição uma noção de persistência e de memória coletiva com uma força de agregação tanto moral quanto emocional. Com isso o passado não pode ser considerado em sentido de preservação, mas em constante reconstrução, parcialmente individual, mas fundamentalmente social ou coletiva. Por isso, podemos dizer que a tradição é um meio organizador da memória coletiva (GIDDENS, 2001, p. 32).

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1991, p.37-38)

O autor ressalta que “sociedade tradicional é aquela em que a tradição exerce um papel dominante. (*Ibid* p. 35)

Segundo Eliot (1985), a Tradição é uma espécie de transmissão de algo entre os homens, que assegura o movimento conjunto, definindo os contornos de um todo. É o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento.

A forma de abordagem que utilizamos para compreender as comunidades tradicionais faxinalenses, não permite juízos atemporais e, possibilita o questionamento de tudo o que corresponde à idéias que geralmente remetem a tradição como por exemplo: “Sempre foi assim”. “Eles sempre viveram assim”. “Assim é até hoje”. Frases assim negam a geograficidade de qualquer grupo humano, isto é a relação deste com a sociedade, com o modo de sua existência, que vão aos poucos sendo alterados e, a sua historicidade, ao invocar a imutabilidade das tradições. O conceito de tradição adotado, não se refere ao mero consentimento ou cópia de procedimentos utilizados pelas gerações precedentes.

A tradição, contrariamente à idéia fixista que se tem dela, não poderia ser a repetição das mesmas sequências; não poderia traduzir um estado imóvel da cultura que se transmite de uma geração para outra. A atividade e a mudança estão na base do conceito de tradição. (AGUESSY, 1980, p.105-6).

A deturpação que a tradição pode sofrer cria para ela faces indesejáveis, ou seja, da imobilidade e da imutabilidade que ocultam as outras. E o homem, com esta imagem equivocada da tradição, nega-a como suporte para sua vida, seu trabalho diário.

De acordo com Braoios (2009), a tradição é, uma longa corda que une fortemente os diversos componentes de um grupo, mas sem uma força tal que os impossibilite de se mover.

Ela é, pois, o resultado das diversas ações aceitas e reproduzidas por grupos humanos e prolonga-se até onde a conveniência social permitir. É constituída com respeito à manutenção das experiências positivas dos mais idosos e dos que já morreram, validadas pelo bom senso que não deixa que ela se enrijeça e, assim permite eliminar o que não é mais sustentável para incorporar novas ações ou inovações.

Ao refletirmos sobre comunidades tradicionais e sobre a tradição, não pensamos em identidades, em estilos de vida que foram sendo repassadas de geração para geração, num processo maquinal e repetitivo. Por isso, nos pareceu necessário ir mais longe e, indagar de que se fala, quando se diz que os faxinalenses foram reconhecidos como comunidades tradicionais, porque mantêm um modo de vida, uma organização sócio-espacial, específica.

Igualmente, com análise realizada nas duas comunidades faxinalenses, estamos levando em conta, o intercâmbio entre os povos que povoaram esta região, da “cópia”, assimilação que um fez das práticas, atitudes, valores etc., do outro e o “mimetismo”, exemplificado, por Leo Waibel (1979) quando falava da “acaboclição” do europeu no Paraná. Esses são fatos que demonstram uma complexidade social especial presente nestas comunidades, o que torna difícil o traçado preciso das rotas de influências passadas.

Temos a mesma dificuldade, em traçar as rotas de influências presentes, dado o emaranhado de elementos modernos que dividem espaço com as tradições, os costumes mantidos pelos faxinalenses.

De acordo com Giddens (2007) grande parte dos valores relacionados à tradição permanece e se reproduz no âmbito da comunidade local. Já a modernidade expressa a ruptura com a idéia de comunidade (una e corporificada no dirigente) e passagem à idéia de sociedade, onde nada mais é harmônico, os interesses são conflitantes, as classes são antagônicas e os grupos diversificados.

Para Giddens (1991) as relações sociais das sociedades tradicionais ou pré-modernas são *encaixadas* no tempo e espaço. Isto se dá pela proximidade que o trabalhador tem da natureza, pela confiança do trabalhador na agricultura como meio de subsistência. O tempo para este trabalhador é cíclico (baseado em estações) e local. O autor afirma também que o status de tal trabalhador é inerte, porque tem pouco contato com noções do que os modernos chamam de “carreira” e “ascensão social”. O autor salienta que nos tempos pré modernos, para a maioria da população, o senso de espaço geográfico era estreito. Para tais populações, as idéias de espaço eram fixas, e sugere que nós deveríamos descrever tais trabalhadores como encaixados em suas comunidades locais. Também aponta a invenção do relógio como um marco importante para a transição das sociedades tradicionais para as modernas. O relógio

não é baseado no tempo sazonal, mas num tempo social e artificial. O relógio permite uma medida de tempo universal e não, como era o caso, de noções tradicionais de tempo, para uma definição um tanto rústica.

O processo de modernização “distanciou” os indivíduos e as comunidades tradicionais destas noções estreitas de tempo, espaço e *status*. A modernização “desencaixou” o indivíduo de sua identidade fixa no tempo e no espaço.

Resumindo, Giddens diz que a modernidade é baseada em um processo, segundo o qual uma idéia fixa e estreita de “lugar” e “espaço” (que prevalece nos tempos pré-modernos) é gradualmente destruída por um conceito de “tempo universal”. Giddens descreve isso como uma chave para o processo de desencaixe.

Para Giddens (1991, p.11), a modernidade rompe com o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. “O indivíduo se sente privado e só, num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecido em ambientes mais tradicionais”(GIDDENS, 2002, p. 38).

Não obstante, a modernidade não rompe totalmente com esse referencial que a comunidade tem como refúgio, apoio e segurança, entendida neste trabalho como Lugar, que se constrói por uma vivência comunitária onde as pessoas estão ligadas a sistemas tradicionais como família, vizinhança. Assim acontece a demonstração que a tradição não desapareceu, mas “sobrevive como pano de fundo” (VENEZIANI, 2005, p.08). E esses vínculos, familiar, de vizinhança, são exemplos de que mesmo inseridos na sociedade moderna, buscamos vínculo ao sistema tradicional, nos momentos mais significativos ou mais difíceis da vida.

Em relação à modernidade, a tendência da maior parte dos textos que tratam da Modernidade é iniciar sua reflexão partindo e reafirmando o seu caráter de ruptura. Sob este ponto de vista, o moderno rompe uma ordem que constitui o passado e inicia uma nova ordem, que constitui o presente. Entretanto, encontramos reflexões que buscam outra forma de compreender o período que vivenciamos.

Estaríamos na modernidade? Na pós-modernidade? Ou seríamos uma sociedade pós-tradicional? Teríamos uma sucessão desses períodos, mediante a anulação do precedente com o advento do próximo? Ou quem sabe poderíamos pensar na permanência de alguns aspectos de cada período e a anulação daqueles que não se ajustaram às ordens sociais vigentes?

Entretanto, é inegável, que “qualquer simples comparação entre a vida da década de 1890 e a vida na década de 1990, mostra muitíssimos progressos tecnológicos e sociais”. (O'BRIEN, 2000, p. 19). Em comparação com a década de 1890, a vida na década de 1990

parece inegavelmente “moderna” tanto é que para alguns estudiosos ela é “pós-moderna”. Entretanto, a tradição não desapareceu. Nos apoiamos em Veneziani (2005, p. 08) que diz: “A Tradição morre na consciência do tempo, mas sobrevive como pano de fundo.” Como exemplos bastante elucidativos, são os vínculos que estabelecemos, o familiar, o civil e o religioso, vínculos esses que buscamos até hoje em datas e acontecimentos mais significativos das nossas vidas. De acordo com Veneziani, temos necessidade de nos ligar à uma rede que se chama tradição em meio à euforia da modernidade individualizante.

O moderno possui uma ligação intrínseca com o presente: substitui alguma coisa do passado, defasada ou, simplesmente, alguma coisa que não encontra mais razão no tempo presente. Daí vem a concepção de uma estrutura em progressão, segundo a qual o avanço e a mudança são sempre elementos necessários.

Se o novo deve periodicamente ser imposto no lugar do tradicional ou do antigo, o mecanismo primeiro desta substituição é a ruptura. É pela negação daquilo que existia, pela prova de sua inadequação, pelo desvelamento do tradicional, que o novo deve se afirmar. Assim, falar do moderno é também renovar continuamente um conflito, um debate. Logo, a proposta segundo Gomes (2007), é de uma mudança radical, e não de uma adaptação ou de um ajuste progressivo.

Nos apoiamos em Giddens (2000), que nos coloca uma nova forma de compreender o período que vivenciamos. O autor defende a idéia de que hoje tradições e costumes, crenças e expectativas constituem recursos adaptáveis, flexíveis, “plásticos”, num mundo cosmopolita de culturas e estilos de vida entrecruzados. Giddens, salienta que o mundo moderno não implica a morte da tradição. Em vez disso, situa e contextualiza as tradições como contextos alternativos de tomada de decisões e como fontes alternativas de conhecimento, valor e moralidade.

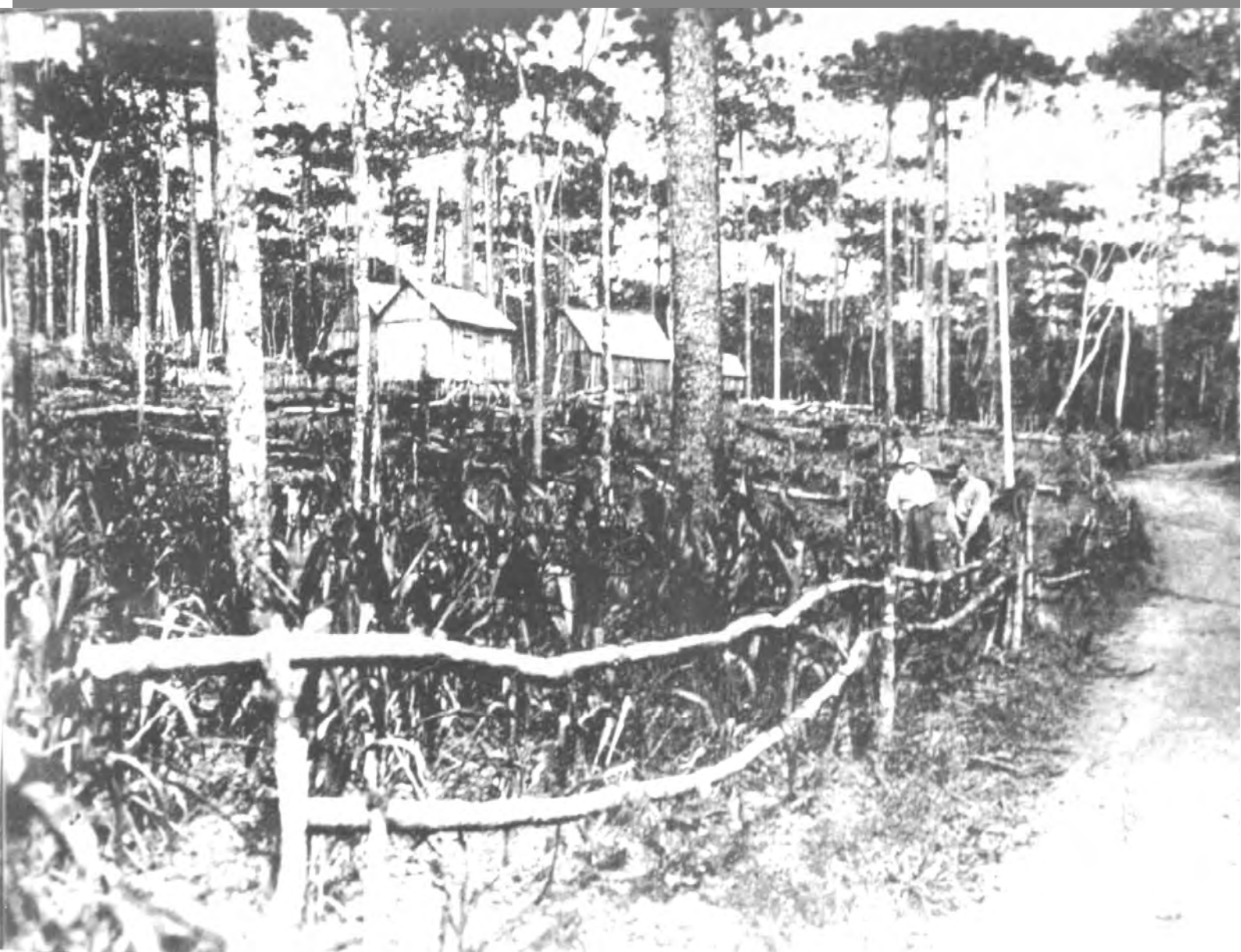
Essa transformação da tradição é, segundo Giddens, condição da modernidade, ela é colocada como essencial para distinguir as formas modernas das pré-modernas. O autor ressalta que os nossos antepassados, nossos avós, eram de fato modernos, mas a sua sociedade apresentava uma forma de “modernização simples”, ao passo que hoje ingressamos numa época de “modernização reflexiva” (racional).

A diferença entre esta sociedade tradicional, chamada por O’Brien (2000) e Giddens (2000) de pré-moderna e a moderna, é que a primeira enfrentava e enfrenta a ameaça dos riscos naturais, a sociedade moderna enfrenta a ameaça dos riscos fabricados.

O mundo de hoje é muito mais complexo, este mundo é dito mais sofisticado e adiantado do que no passado. Videocassetes, televisão, aviões, ônibus espaciais, engenharia

genética, biotecnologias, antibióticos, confirmam este mundo. Da mesma forma a tradição, não é impermeável à mudança. As tradições evoluem com o passar do tempo, mas também podem ser modificadas repentinamente. Segundo Giddens (2000), as tradições e costumes são hoje adaptáveis e apresentam uma relativa “plasticidade”. As tradições, portanto, não deixaram de existir, tampouco, as pessoas deixaram de acreditar nas coisas em que nossos antepassados acreditavam

Entendemos que hoje toda e qualquer comunidade tradicional transita entre a tradição e a modernidade. Elas alteram suas tradições, as modificam, na tentativa de se manter ou sobreviver no tempo presente, sem perder a sua essência. Talvez pudéssemos dizer que não há, a rigor, modernidade que não seja alimentada e oxigenada pela tradição. Muito do que é “velho” subsiste no “novo”.

PARTE II

OS PRIMEIROS TEMPOS NA REGIÃO DAS MATAS DO PARANÁ

CAPITULO 4 - O contexto local e o povoamento das áreas de mata do interior do Paraná

O lugar é depositário da memória, que guarda acontecimentos (o que ocorreu), mitos (o dito) e a história (o registro). O lugar, assim definido, seria o *locus* no tempo e no espaço, do acúmulo da experiência em forma de história e tradição, de segurança, de proteção. (Marc Augé, 1994).

Considerando que cada lugar possui especificidades, diferencia-se de outro pelo conjunto de elementos internos e pela forma como seus habitantes se utilizam de elementos externos, para estabelecerem relações com o seu meio faremos um retorno ao passado das comunidades faxinalenses em busca do sistema de objetos e ações que condicionaram e influenciaram o modo de vida dos faxinalenses.

Como sugere o título, faremos aqui uma abordagem dos principais aspectos que caracterizaram o processo de povoamento e estruturação das áreas de matas⁹ do interior do Paraná, onde se concentram as comunidades faxinalenses. Adiante, veremos que este processo é resultante de um conjunto de atividades desenvolvidas tendo quase sempre como base um determinado recurso natural.

Sem a pretensão de contar detalhadamente a história da região, apenas para situar o leitor faremos um rápido retorno no passado com o objetivo de melhor subsidiar a análise do processo de estruturação do lugar onde habitam os faxinalenses.

Igualmente, se faz necessário ressaltar que a análise desenvolvida contempla apenas a região do Paraná Tradicional, conforme o destaque dado no mapa (Figura 14). Esta divisão acompanha o modelo criado por Pinheiro Machado (1963).

A estruturação inicial dos lugares faxinalenses teve relação direta com as atividades realizadas na região das matas. Por isso são realçados os marcos desse processo que tem íntima ligação com a distribuição dos recursos naturais e com seus momentos de valorização. Portanto, a organização das comunidades faxinalenses no Paraná, sem dúvida, foi movida pelo processo de domínio e apropriação dos recursos naturais, em particular da erva-mate, madeira e da pastagem natural.

Apoiamo-nos em Santos (2001) para dizer que a região até o século XIX era um “meio natural”, ocupado por uma vasta floresta que constituía o domínio da Mata Mista com

⁹ De todas as unidades fitogeográficas que ocorrem no Brasil, a Floresta Ombrófila Mista - FOM é aquela que pode ser facilmente reconhecida devido à presença da *Araucaria angustifolia* (pinheiro), como espécie típica e caracterizadora deste bioma. (MAACK, 1981). No Paraná esta floresta chegou a ocupar uma área de 7.378.000 ha ou 37% do território paranaense (FUPEF, 2001), porém atualmente seus remanescentes naturais encontram-se fragmentados ao longo dos três planaltos do Estado cobrindo apenas 0,8% da superfície original.



Figura 14 – Divisão do Estado do Paraná em áreas histórico-culturais
Fonte: MACHADO, P. (1963).

Araucárias e onde a vida humana ocupava predominantemente, as margens das áreas de *campos naturais*¹⁰, onde se desenvolvia a invernagem.

A este quadro natural (região da Mata de Araucária (Figura 15) com erva-mate e outras espécies vegetais) se ligou o processo de constituição do sistema faxinal, desse modo, as comunidades faxinalenses são exemplos da adaptação do homem ao meio natural, por distribuírem suas atividades buscando equilíbrio e otimização no uso dos recursos locais.

Para entender o surgimento das comunidades faxinalenses, é necessária a retomada de alguns dos principais aspectos que envolveram a ocupação da região das matas que começa a ser mais densamente ocupada, a partir da emancipação política da Província em 1853. Parte da literatura sobre o processo de povoamento da província paranaense menciona que em tempos anteriores e mesmo alguns anos após a emancipação política, a região ainda carecia de habitantes que a ocupassem efetivamente.

Sabemos, porém, que a área que forma o Estado do Paraná, ao longo de muitos anos, foi percorrida e ocupada por povos indígenas e os caboclos (Figura 16), pouco lembrados na

¹⁰ “Campos Limpos ou Campos Gerais de Ponta Grossa, Guarapuava e Palmas, são terrenos cobertos por gramíneas e ciperáceas, mas não possuem vegetação arbórea ou arbustiva. O revestimento de gramíneas das estepes, é que lhes dá o caráter de pastagem nativa.” (LAURENTI, 1985, p. 20)

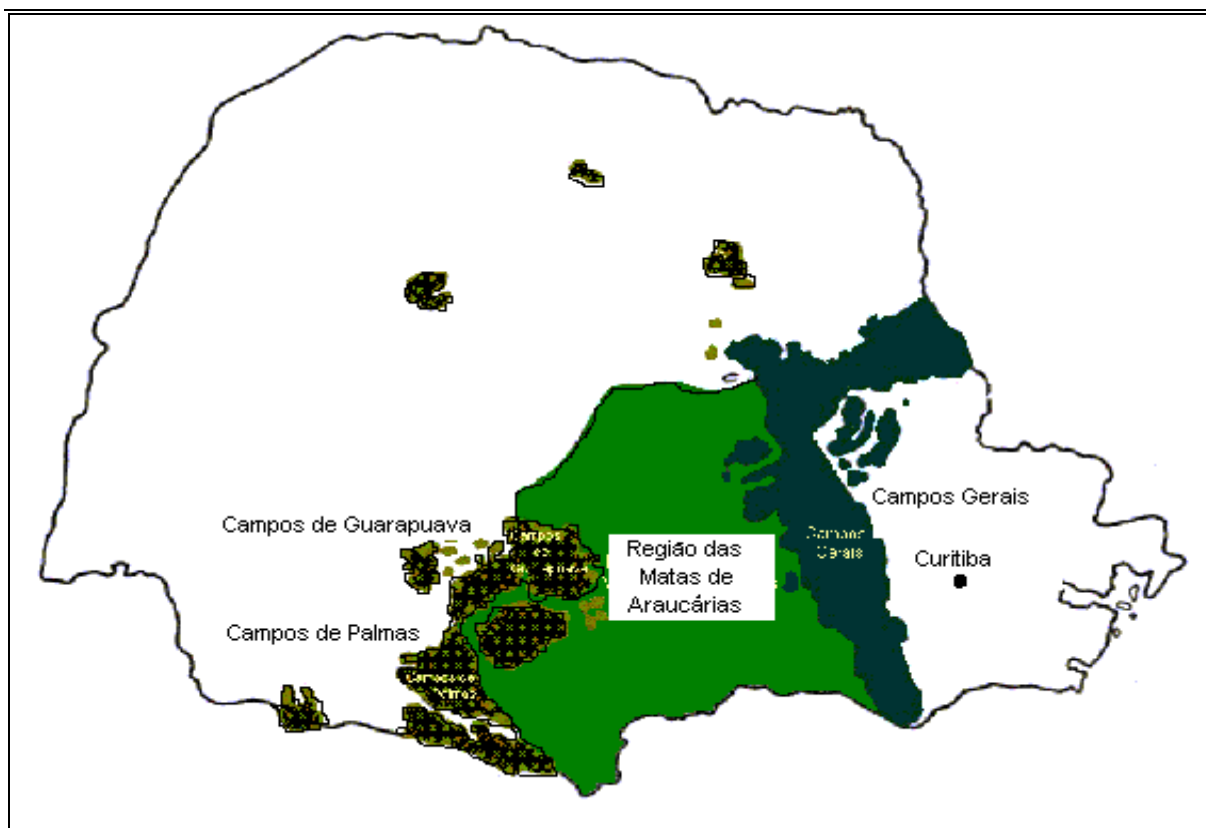


Figura 15 – Mapa da Região Centro-Sul do Paraná, área de distribuição das matas mistas com ocorrência de Faxinais.

Fonte: Albuquerque, 2005.

literatura que trata do povoamento do Paraná e da região Sul do Brasil. Para Tedesco (1999, p. 63), “A idéia de espaço anterior à chegada dos imigrantes é transposta para um vazio social e econômico. O ideário de pioneiro ignora a temporalidade anterior ou minimiza o papel e a importância, pelo menos econômica, dos que se instalaram anteriormente a sua chegada.”

Logo, é inegável o débito historiográfico em relação à presença dos indígenas e caboclos na região, pois certamente foram eles que traçaram as bases para a ocupação desse território. O grupo indígena foi, sem dúvida, o primeiro a domesticar espécies vegetais, criar roças na mata. Eram praticantes de uma agricultura itinerante, da caça, a pesca e a coleta de produtos vegetais (SCHMIDT, 1996), além de ser detentor de uma cultura, de um modo de viver que em muito o diferenciava do colono recém instalado. Mesmo assim, o imaginário construído é de que até a chegada dos primeiros europeus este local era desabitado, não havendo presença de outros grupos humanos.



Figura 16 - Os caboclos que habitaram a região das matas.

Foto: Acervo Museu do Milênio – Prudentópolis – PR, 1910 – [?]

Em Wachowicz (1985), porém, constatamos, também, como foi a ocupação das áreas de matas, pelos caboclos. À maneira indígena, ao adentrarem as matas, os caboclos derrubaram parte dela, fizeram pequenas plantações de milho ou feijão, construíram pequenas casas de pinheiro lascado e organizaram mangueirões, sistema de criação que se manteve e foi adotado, mais tarde, pelos colonos. A intenção, porém, não é a de definir o termo caboclo, mas de buscar elementos da cultura cabocla que fizeram e fazem parte do cotidiano dos colonos, possibilitando verificar a contribuição dos mesmos na construção das comunidades que elegemos para o estudo.

Infelizmente, não encontramos estudos mais aprofundados que evidenciassem como foi a assimilação pelos caboclos que viviam na região, da intervenção dos colonos europeus em terras à eles “pertencentes”. Não há estudos mais detalhados sobre a vida desses grupos na região. Portanto, seguimos falando da trajetória do colono que conseguiu transpor alguns costumes e hábitos cotidianos para o Brasil e o Paraná e, sobretudo, da apropriação de elementos culturais do caboclo e indígena para a construção do seu lugar.

De antemão, destacamos que foram experiências de diversos grupos humanos que contribuíram na realização desta etapa basilar na história do Paraná, as quais começaremos a

abordar a partir de agora. Contudo, se enfatiza a instalação dos colonos¹¹ europeus na região das matas, pelo fato das comunidades faxinalenses eleitas para a pesquisa estarem situadas em municípios colonizados por imigrantes ucranianos e poloneses.

Vejamos então, toda a área que atualmente pertence ao interior do Estado do Paraná pertenceu pelo Tratado de Tordesilhas, aos espanhóis. Entre os anos de 1558-1628 esta área foi explorada pelos padres jesuítas formando as reduções indígenas. A presença das reduções efetivou o domínio espanhol sobre a região do primeiro planalto até 1620 e após este ano, o domínio já havia se estendido para o segundo planalto.

No século XVI quando os jesuítas espanhóis avançaram do Paraguai para o leste, seguindo os rios e alcançando os Terceiro e Segundo Planaltos, eles foram encontrando índios Guaranis. Estes índios viviam em pequenos povoados no vale dos rios com suas grandes famílias e garantiam sua alimentação básica através de uma agricultura de subsistência e de uma extração vegetal diversificada. Aos poucos os espanhóis foram se estabelecendo, fundando ali 13 Reduções Jesuíticas, locais nos quais eles diziam proteger os índios da exploração dos portugueses, todavia, utilizavam-nas também para a doutrinação dos silvícolas. Nas proximidades das Reduções aumentavam gradativamente as atividades de povoamento nos vales dos rios. Os Jesuítas trouxeram, além da religião, novas técnicas agrícolas (ex. arado), a criação de animais (equinos, bovinos, ovinos e suínos) e intensificavam também, ao mesmo tempo, a produção de mate dos índios. (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p. 92-93).

Passados mais ou menos dez anos, em 1629, o bandeirante Raposo Tavares liderou uma bandeira na região com o objetivo de aprisionar e escravizar indígenas nas reduções, visando prear índios já “civilizados” e disciplinados para o trabalho. Esses ataques dos bandeirantes destruíram completamente as reduções e a destruição das mesmas teve como desfecho o fim da presença estrangeira européia na configuração dessa região até meados do século XIX, em algumas partes do atual território paranaense. Löwen Sahr e Cunha (2005, p. 93) salientam que:

A experiência jesuítica, entretanto, encerra-se abruptamente em 1628 e os caçadores de escravos de São Paulo, chamados *Bandeirantes*, expulsam índios e padres para o atual estado do Rio Grande do Sul. Mesmo sem comprovação arqueológica, parece ter havido um despovoamento do oeste do Paraná, até aquele momento já relativamente povoado.

Segundo Motta (1994 mencionado por LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p. 93). “apenas sobre os *Campes* encontravam-se ainda pequenos grupos de índios, eram os Kaingang.”

¹¹ No Paraná, o termo colono significava pequeno proprietário, um lavrador independente que trabalhava em seu benefício e o agrupamento das moradias agrícolas dos colonos, constituía uma Colônia.

Esta área permaneceu em litígio entre os impérios Português e Espanhol, até ser incluída nas negociações do Tratado de Madrid que acabou considerando a área como pertencente aos portugueses. Após os ataques dos bandeirantes, ou até 1730 as únicas ocupações européias, no Paraná, limitaram-se ao litoral e aos arredores de Curitiba, localizada no Primeiro Planalto.

A partir de 1730 apenas as áreas de campos do segundo planalto começaram a ser exploradas, mais especificamente pelo aproveitamento das pastagens naturais, pela atividade chamada de invernagem de tropas de gado selvagem¹² criadas pela primeira geração de portugueses vindos ao Brasil no século XVIII, os quais segundo Balhana (1969, p. 94), com o capital conseguido no comércio do gado¹³ se estabeleceram como fazendeiros.

Em 1810, houve a completa ocupação dos *campos* do Segundo Planalto pelas fazendas de invernagem. A partir daí novas expedições foram organizadas visando a ocupação das últimas áreas de campos mais à oeste, os Campos de Guarapuava e Palmas. Estes constituíam as últimas áreas de remanescentes de campos e as últimas áreas do Paraná, que não eram cobertas por florestas. Segundo Nadalin (2001) as expedições militares realizadas entre 1768 e 1774 afirmaram que toda a região a oeste dos Campos Gerais contava ainda com sua cobertura vegetal primitiva, formada em sua maior parte por uma densa Floresta de Araucárias.

“Em 1839, os campos de Guarapuava e de Palmas tinham sido totalmente explorados” (NADALIN, 2001, p. 51). De acordo com Löwen Sahr; Cunha (2005) surge nesta fase uma elite campeira, representada pelos grandes proprietários de terra e os índios Kaingang, são agora empurrados para as matas.

¹² A ocupação das terras dos Campos Gerais se iniciou na primeira década do século XVIII. Local propício para o desenvolvimento da pecuária (tendo o seu limite sul no vale do rio Iguaçu e o extremo norte demarcado pelo rio Itararé), os Campos Gerais tornaram-se, então, paragem obrigatória na rota do comércio que levava gado e muares do Rio Grande para o abastecimento de São Paulo e das Minas Gerais. A necessidade de abastecimento colonial tanto impulsionou o mercado interno brasileiro, possibilitando a gradativa integração das economias regionais, como favoreceu, ainda, a ocupação de regiões do interior paranaense. A ligação inter-regional se fazia pelo Caminho do Viamão, que compreendia três rotas, sendo a via mais utilizada denominada Estrada Real, passando pelos campos de Vacaria, de Lages, Campos Gerais e Itararé, chegando a Sorocaba. As fazendas dos Campos Gerais estavam, principalmente, voltadas para a economia pecuária, envolvidas com o criatório e a invernagem do gado trazido do sul. Contudo, a ambição pelos possíveis lucros, assim como a menor exigência de capital e mão-de-obra, fez com que a invernagem se sobressaísse àquela atividade de criação. A invernagem consistia na engorda do gado, durante os meses de inverno, em campos alugados. Com sua generalização, passou a ocorrer durante o ano inteiro, ocupando a maior parte das pastagens na região campeira. (DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DOS CAMPOS GERAIS).

¹³ O gado era trazido do Rio Grande do Sul, engordado nas fazendas dessa região e transportado para a Feira de Sorocaba para o arremate visando atender às necessidades de alimento e de força motriz das populações que trabalhavam nos veios auríferos de Minas Gerais.

Em 1853, após a emancipação política da Província do Paraná, a renda principal da população local era proveniente da atividade de transporte, engorda de tropas de gado, chamada de Tropeirismo.

Notemos que, até agora, a área de matas do Paraná permanece pouco explorada, apenas as áreas de campos o são, de maneira que apenas os habitantes que não são absorvidos pela atividade campeira migram para as matas.

Nelas sumiram também não poucos vaqueiros, escravos fugidos e aventureiros e talvez também nela se encontrassem o restante da população Guarani e familiares dos *Bandeirantes*. Assim, forma-se no século XVIII no Sul do Brasil uma população autóctone, os *Caboclos*, que desenvolve na floresta, quase sem referência na Historiografia, um outro tipo de sistema agropecuário, os *Faxinais*, paralelamente ao desenvolvimento das grandes propriedades dos *Campos*. A dualidade da paisagem natural transforma-se, desta forma, numa dualidade também na gênese de povoamento. (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p. 93)

Os primeiros momentos vividos pelos colonos foram possíveis, segundo depoimentos de alguns descendentes de imigrantes europeus, com a incorporação das experiências dos caboclos. “*Contava meu avô que se não fossem os caboclos que ensinaram eles a cortar, queimar e plantar, e comer o milho, eles teriam morrido de fome*”¹⁴. Essa participação dos caboclos na ambientação dos colonos, não é mencionada nos registros históricos do Paraná.

No entanto, o que se nota na literatura sobre a região é a menção ininterrupta do discurso sobre a existência de vazios demográficos e a necessidade de povoamento da região de matas. Praticamente em todos os registros documentais do período, são citados os relatórios dos presidentes da Província, apontando a urgência em promover a ocupação dos “vazios” demográficos e, sobretudo, promover a imigração de colonos que fossem trabalhadores, despertando nos povos que aqui viviam a vontade de trabalhar na agricultura.

Ao que tudo indica, este interesse pela vinda dos colonos europeus para o Brasil se estende desde a década de 1850 quando, segundo Wachowicz (1977, p. 07), o Brasil, e conseqüentemente a jovem Província do Paraná, criada em 1853, atravessavam um período de grande inflação dos preços de gêneros alimentícios. As freqüentes subidas de preços dos produtos de subsistência e sua escassez nos mercados nacionais geraram sérias preocupações para os dirigentes que buscavam detectar as causas de tal comportamento da agricultura e de aplicar-lhes soluções, passaram a consultar as instituições interessadas, bem como as pessoas de projeção política na Província para saber como se posicionavam diante da crise. Segundo o autor, diante de tal petição, José Martins Ferreira de Abreu fez um trabalho de análise da

¹⁴ Depoimento de uma faxinalense da comunidade de Faxinal Anta Gorda (70 anos).

economia paranaense na década de 1860 e a encaminhou à Presidência da Província.

Relataremos aqui os primeiros pontos problemáticos apontados pela análise:

a) Enfatiza que o Brasil é o país agrícola e deve continuar a sê-lo. Constata que o país tem por base o latifúndio e o considera negativo, pois acredita que os dois extremos, tanto a concentração da propriedade como a retalhamento excessivo da mesma deveriam ser negados. b) Destaca como ideal o sistema da pequena propriedade. c) Cita a falta de braços para o trabalho agrícola, que se deve à decadência da escravidão, cuja importação foi proibida. d) Aponta a produção limitada de gêneros alimentícios e atribui esse fato: ao comércio de animais com o Rio Grande do Sul; à produção da erva-mate que não encontra concorrência na província. “Produzir erva-mate é como que transformar folhas de árvores nativas em ouro; aos hábitos de pastoreio nos Campos Gerais. e) Assinala a atividade ervateira como a que mais utiliza mão-de-obra, porém, não aconselha diminuição de sua produção e o retorno da população do mate para a agricultura. Acrescenta que, as populações paranaenses repugnam a atividade agrícola, e por isso a produção agrícola é insignificante e incompleta, mesmo cercadas de terras férteis as pessoas empregam os resultados de sua indústria de criação de animais para aquisição de gêneros de primeira necessidade. f) Fala da necessidade de tomar medidas para elevar o conceito da profissão de agricultor, e ressalta a necessidade de dar condições para que ele tenha paixão pela terra. (WACHOWICZ, 1977, p. 07).

Consensualmente, a solução para a Província do Paraná seria obter uma população nova para a lavoura. Essa população nova poderia ser obtida via imigração européia.

Foi somente por volta dos anos 1870 que as administrações provinciais procuraram estabelecer articulações entre a política de colonização e a emancipação e acelerar a transição para uma sociedade livre.

As autoridades provinciais conhecedoras da situação decadente das estruturas sócio-econômicas da maioria das áreas do Paraná, alimentaram a esperança de que a introdução de novos contingentes populacionais imigrados proporcionaria condições de mudança e progresso agrários para a Província. Na verdade, a imigração, na expectativa dos seus promotores oficiais, era considerada, já há algum tempo como fator de progresso agrário. (BALHANA, 1969, p.76).

Neste contexto, Pinheiro Machado (1968) assinala que o sistema de colonização desenvolvido no Paraná tinha por objetivo estabelecer uma civilização camponesa à maneira da Europa. Formavam-se colônias com distribuição de terras para a agricultura, no regime de pequenas propriedades agrupadas ao redor de uma aldeia, visando o abastecimento das cidades. Os colonos, que eram camponeses europeus, deveriam aqui desenvolver a mesma atividade que desenvolviam em seus países de origem e com as mesmas técnicas.

Sobre este desejo da parte das autoridades brasileiras, de que o colono viesse para cá e transplantasse o seu modo de vida e de trabalho para o Brasil, Larocca (2008, p. 26) diz o

seguinte: “Esse sul branco, vislumbrado pelos promotores da imigração européia, reservava um papel especial aos escravos já que eram predominantemente camponeses: ensinar os nacionais a agricultura, tarefa que eles desprezavam preferindo a pecuária e a condução de tropas.”.

Segundo Guerios (2007, p.97), no Paraná, esperava-se que a criação das colônias consolidasse finalmente a ocupação do território da Província. Nos relatórios dos presidentes, entretanto, o papel esperado do imigrante não se restringe ao povoamento do território. Duas temáticas aparecem junto a esta necessidade: “o migrante serviria também para divulgar uma ética de trabalho junto a população pouco afeita ao cultivo da terra”, e seria o responsável pelo fim da carestia em uma Província que tinha que importar boa parte dos alimentos que consumia.

Foi por isso que os imigrantes ganharam a fama exclusiva de serem “morigerados e laboriosos”. Essa expressão, segundo Larocca (2008), foi cunhada, ao que parece, pelo Visconde de Taunay, quando era presidente da província do Paraná, e traduzia a expectativa dos agentes públicos de atrair pessoas de índole pacífica e de hábitos contidos (morigerados) e de forte capacidade de trabalho (laboriosos).

Também, no caso específico do Estado do Paraná, há posicionamentos que denotam o anseio governamental por força de trabalho, com vistas ao povoamento e ao desenvolvimento econômico do território. Segundo Andreazza (1999), o esforço das autoridades paranaenses no sentido de fomentar o processo era resultado da realidade do Estado à época. O Paraná segundo a autora, era uma Província que recebera a sua emancipação política em 1853 e buscava na ocupação territorial uma forma de garantir seu espaço político ; diante da precariedade em métodos e insuficiência em quantidade da lavoura de subsistência, buscava-se trazer trabalhadores para a agricultura de alimento e obras públicas, além de resolver o impasse constituído pela ameaça de extinção do sistema escravista.

Assim, o Paraná sustentava um cenário de crise de alimentos para abastecimento do mercado interno; necessidade de colonos para assegurar as fronteiras político-administrativa, substituir a mão-de-obra escrava e para construção de rodovias e ferrovias. Para suprir estas carências, foram instalados os colonos europeus nas matas do Paraná Tradicional. Nesta perspectiva, é preciso retomar uma questão primordial que foi a escolha do colono “ideal”. Esta escolha do colono europeu não foi feita ao acaso, na realidade este era o colono

“perfeito”, pois foi considerado como elemento adequado, à ideia dos colonizadores, para fazer parte do projeto.

Entretanto, para entender o que significou este processo que visava instalar um agricultor “ideal” é necessária uma contextualização histórica demonstrando como se planejou, organizou e implantou o projeto de colonização no Paraná.

CAPITULO 05 - O Colono na região das matas de araucárias: propriedade da terra, família e trabalho

Na verdade, no Paraná, a primeira colônia estabelecida foi a de Rio Negro (1829), pelo Tratado de Colonização, promulgado por D. João VI. No Brasil, foram várias colônias instaladas desde 1818, a começar pelo estabelecimento de suíços na região de montanhas do Rio de Janeiro e emigrantes alemães em Ilhéus, no sul da Bahia.

A colônia Rio Negro com colonos alemães foi instalada às margens do Rio Negro, nas imediações do antigo pouso e registro fiscal do caminho das tropas entre Sorocaba e Viamão, que constitui território dos atuais municípios de Rio Negro (PR) e Mafra (SC), colônia esta que era constantemente assolada pelos índios da região - como reforça Valverde (1985) dizendo que além da situação periférica dessas colônias e a marginalização do espaço econômico brasileiro daquela época, as principais áreas de pequenas propriedades rurais estavam sujeitas a ataques de índios ferozes.

A instalação dessa colônia de imigrantes alemães no Paraná se insere em amplo programa de colonização desenvolvido pelo Governo Imperial. Não obstante, a entrada indiscriminada de imigrantes e, sobretudo, os repetidos fracassos em muitos dos empreendimentos colonizadores, provocaram críticas às iniciativas governamentais, no setor de colonização. Em consequência, foi proibida pela lei de 15 de dezembro de 1830, a realização de quaisquer despesas públicas com o estabelecimento de núcleos coloniais e, por conseguinte, retração no programa imigratório em curso.

Nova fase, porém, de estímulo à imigração teve início em 1834 quando, pelo Ato Adicional, ficou entregue à competência dos governos provinciais a iniciativa de promover e estimular em colaboração com o poder central o estabelecimento de colônias. (BALHANA, 1969, p. 70).

Essa etapa de colonização teve vários problemas, dentre eles a insatisfação dos colonos, a crítica aos gastos excessivos sem nenhum retorno benéfico, e pela repercussão negativa na Europa, que levaram à interrupção da imigração entre os anos 1830-1847, segundo Seyferth (2002).

Os resultados destas colônias não foram satisfatórios, pois foram experiências realizadas em regiões isoladas e inóspitas, de difícil acesso. No Paraná antes da emancipação política, os núcleos coloniais fundados eram muito poucos, e estabelecidos através de iniciativas particulares. Estes não tiveram condições de prosperidade e nem mesmo de sobrevivência (BORUSZENKO, 2000, p. 02).

Petrone (1984), observa que a maioria dos núcleos coloniais espalhados pelo Brasil adentro, não obteve o resultado esperado. A história dos imigrantes destinados a se instalar na pequena propriedade, revela que os projetos de núcleos coloniais agrícolas estabelecidos próximos à grande lavoura, ou seja, a do café em rápida expansão pelo Brasil do Sudeste, não tiveram o sucesso esperado. A autora diz que acontecia geralmente o que provocou o desgosto e o desânimo dos colonos suíços de Nova Friburgo: terras à margem do “império do café”, que não se prestavam para essa lavoura comercial de mercado externo e também não serviam para a instalação da pequena propriedade policultora. Às margens do “império do café”, terras mal localizadas quanto às vias de comunicação e aos centros de consumo, não muito férteis e geralmente muito acidentadas eram as destinadas à implantação de núcleos coloniais.

Sobre as pequenas propriedades no Brasil, Prado Júnior (1943, p. 25) diz: “na distribuição dos solos paulistas, o que pertence à pequena propriedade é geralmente de qualidade inferior. O mesmo se dá com relação aos mercados e transportes.” No Paraná, a mais forte razão, entretanto, pela qual se atraiu imigrantes e se criou núcleos de pequenas propriedades talvez fosse o objetivo de conseguir a valorização de terras desocupadas, cobertas de florestas que não eram de interesse dos grandes fazendeiros. Na realidade, foi esse um dos fatores que levaram ao fracasso e à decadência os projetos de colonização, pois sempre aflorava o grande problema: imigrantes levados para áreas afastadas dos mercados de consumo e de abastecimento, contando com vias de comunicação difíceis. Vias de comunicação ruins que tornavam o transporte caro e precário; ausência de assistência médica; difícil acesso à igreja e à escola eram, em geral, as maiores queixas dos imigrantes de todos os núcleos criados em áreas bastante isoladas.

Em 1847, houve a retomada da criação de colônias nas Províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com isso foi criada uma nova regulamentação para o processo de colonização no Brasil. Ainda no mesmo ano, é criada a Colônia Thereza, nos sertões do Rio Ivaí, bem no centro do Estado do Paraná. Esta foi de iniciativa particular do médico suíço Dr. João Maurício Faivre, que para lá conduziu dezenas (87) de franceses. Hoje forma uma localidade pertencente ao município de Cândido de Abreu, chamada Tereza Cristina.

Em 1850, duas leis relacionadas foram promulgadas: a Lei Eusébio de Queiróz que proibia o tráfico de escravos e a lei 601, chamada de lei de Terras, a qual entre outras medidas regulamentava a colonização das terras incultas do Império e a política de atração de imigrantes europeus em substituição ao trabalho escravo no Brasil. Para atrair os colonos dever-se-ia promulgar a lei que já se encontrava em discussão no Parlamento e que regularia a

medição, divisão, demarcação e venda pública das terras nacionais e devolutas, por preço reduzido e garantisse o direito de propriedade. Esta lei seria promulgada em 18 de setembro de 1850 - Lei nº. 601 (Lei de Terras). Dessa maneira, seriam lentamente organizados em várias regiões e pontos do Brasil núcleos coloniais que estabeleceriam o trabalho livre que substituiria o trabalho escravo.

Pela Lei de Terras, ficou estabelecido que a concessão de lotes coloniais não seria mais realizada gratuitamente como fôra na primeira etapa. A partir daí os imigrantes comprariam as terras e teriam um prazo determinado para quitar o que se chamou de “Divida Colonial”¹⁵. “A Memória sobre os meios de promover a colonização escrita por Visconde de Abrantes em 1847 explicita os termos dos debates que levaram à criação da Lei de Terras, a premissa da criação da dívida colonial estava relacionada à valorização das propriedades”. (GUERIOS, 2007, p. 97)

De acordo com Seyferth (2002, p. 91) “sem a valorização da terra, o colono estará sempre disposto a desfazer-se dela, comprometendo essa mobilidade o sucesso de uma colônia”.

Segundo Wachowicz (1975), com a vinda dos imigrantes europeus altera-se a dinâmica desenvolvida pelos caboclos na região, inicialmente, porque a terra passa a ser adquirida por meio de compra. Antes disso, desde os tempos coloniais do século XVIII, a legislação brasileira sempre tolerou a posse. “De 1822 até 1850, ano em que foi aprovada a Lei de Terras, o único meio de se apropriar da terra era a posse”¹⁶.

Em 1852, outro suíço, Carlos Perret Gentil, sem auxílio do governo, fundou, na estrada da Baía de Paranaguá, no istmo de Superagüi, uma colônia com o mesmo nome, com 35 imigrantes, entre alemães, suíços e nacionais (os mamelucos). Hoje constitui Guaraqueçaba, região litorânea.

¹⁵Com relação às dívidas dos colonos, segundo Dénis (1951), depois de 1896, a direção das colônias passou da União para o Estado, a situação tornou-se cada vez mais obscura. Os registros da dívida colonial eram mantidos com irregularidade e não havia sequer plantas das colônias. Os cadastros que deveriam ter sido levantados para conhecer os concessionários de cada lote tinham se perdido ou não tinham sido feitos, complicando a vida dos colonos. Os colonos não tinham direito de vender seu lote, enquanto não possuísem o título de definitivo de propriedade. Diante de tal impedimento, as transmissões de posse eram feitas verbalmente, sem nenhum documento à comprová-las. Segundo o mesmo autor, foi somente a partir de 1905 que o governo resolveu reorganizar as colônias. Reuniu todos os documentos relativos às diversas colônias, na falta de documentos recorreu à testemunhas para designar os proprietários legítimos dos lotes. Os trabalhos de regularização dos lotes eram bastante morosos. Segundo Wachowicz (1985), o colono muitas vezes levava 10, 15, e até 20 anos para receber o título definitivo.

¹⁶A posse era uma ocupação pura e simples de um pedaço de terra com morada e cultura, sem atender a preceitos jurídicos legais. Segundo Wachowicz (1985), a população considerava legítima essa maneira de se apropriar da terra, desde que a mesma fosse efetivamente ocupada pelo interessado e nela fizesse alguma cultura ou estabelecesse criatório. Essa foi a única maneira encontrada pela população pobre, de se apropriar de alguma terra para sua subsistência.

Para Balhana (1969) estes núcleos, estabelecidos, ambos em função da política de povoar os vazios demográficos, não tiveram condições de prosperidade e quase, de sobrevivência. Durante este período, iniciou-se um movimento espontâneo de reemigrantes de Santa Catarina¹⁷ que foram se instalando nos arredores de Curitiba, em pequenas chácaras, fazendo surgir uma paisagem nova, constituída de pequenas propriedades de reemigrantes que espontaneamente se fixaram nos arredores da cidade.

Nesse meio tempo, ressalta Wachowicz (1972), o governo observava a fixação espontânea de colonos nos arredores de Curitiba, os quais estavam satisfeitos e demonstravam estarem progredindo. Em face deste fato, os governos e as autoridades imperiais alteraram sua política quanto à fixação do imigrante. Passaram a dar preferência ao estabelecimento de colônias nas proximidades dos centros urbanos maiores, de modo que as primeiras colônias no Paraná estavam localizadas à pouca distância da Capital.

Neste período também foram instaladas colônias agrícolas mais distanciadas da capital, como Assungüi (atual Cerro Azul), Alexandra e Morretes que não progrediram, tendo a maior parte de seus imigrantes se transferido para os núcleos no entorno da capital paranaense.

Os colonos estabelecidos nas proximidades de Curitiba foram os que pagaram com maior facilidade as dívidas para com o governo. Dívidas essas relativas ao lote demarcado para a família, ao adiantamento de dinheiro para o início da vida naquela colônia, à casa provisória, etc. A partir da instalação, o núcleo tornava-se autônomo, nada mais o governo providenciaria para o grupo de imigrantes. E foi por isso que estes colonos por si só organizaram a sua vida social, econômica e mantiveram formas próprias de organização e interação.

No Paraná, esperava-se que a criação das colônias consolidasse finalmente a ocupação do território da Província. Observa-se, porém, que o papel esperado do imigrante não se resumia ao povoamento do território, serviria também para valorizar o trabalho agrícola já que esta era a atividade de baixo *status*. Além de ser responsável pelo fim da carestia de alimentos em uma Província que tinha que importar boa parte dos alimentos que consumia. Enfim, o papel do imigrante, simplesmente, era desenvolver à região para onde foi encaminhado a sua contribuição introduzindo novas técnicas de cultivo e de trabalho modernizado na produção agrícola.

¹⁷ Louis François Leonce Aubé, diretor da colônia Dona Francisca, em seu relatório anual relativo a 1855, anunciava ao Presidente da Província de Santa Catarina que mais de 280 imigrantes haviam, no decorrer daquele ano, abandonado a região de Joinville, se instalando no Planalto de Curitiba (BALHANA, 1969, p. 70).

Para o governo imperial e os monocultores, o imigrante europeu, instalado em pequena propriedade, deveria ser um agente modernizador da sociedade e da economia brasileira, dado que era detentor de novas experiências agrícolas e de criação, com técnicas artesanais novas, com outros hábitos de vida, enfim, era para aqueles que o esperavam aqui, sem dúvida, o agente transformador da sociedade brasileira em formação e, sobretudo, esperava-se que o imigrante contribuísse para tirar o país e, no caso específico, a Província do Paraná, da situação de atraso na agricultura, em especial. Por isso, esperava-se que os novos colonos que viessem ao Paraná fossem lavradores e que permanecessem envolvidos com o trabalho agrícola, mesmo quando eles eram estabelecidos nos arredores dos núcleos urbanos.

Contudo, observamos que um ano depois da emancipação da Província do Paraná, em 1854, esta tinha ocupadas apenas suas áreas de campos limpos e as áreas onde foram estabelecidas as colônias até então. Os anos seguintes foram voltados ao povoamento de áreas que permaneciam no isolamento.

À propósito, nem todos os imigrantes que vieram ao Paraná e aqui foram estabelecidos inicialmente, permaneceram na colônia. Ao contrário, muitos buscaram outras atividades, pois não tinham o perfil para a agricultura e, além disso, não conseguiram se fixar em áreas de matas fechadas e viver em áreas completamente isoladas, devido à falta de estradas que possibilitassem o contato com outros grupos e escoamento daquilo que produziam. Este foi o caso do grupo de imigrantes alemães, que foi estabelecido em colônias agrícolas no Paraná, mas que acabou indo para as cidades, principalmente à Curitiba – PR. Essas dificuldades, e o posterior abandono das colônias, tornam-se plenamente compreensíveis pelo que nos diz Barthelmess (1962, p. 57):

Ao contrário, porém, dos outros dois Estados meridionais, no Paraná não é comum o alemão lavrador; as colônias agrícolas fundadas nos Campos Gerais dos primórdios da imigração se dissolveram aos poucos, e também as que se criaram após a primeira guerra mundial em locais como Cândido de Abreu (a sete dias de viagem em carroça da estação ferroviária mais próxima, e ainda adiante de uma reserva de índios) se estiolaram pelo isolamento; os alemães acabaram refluindo para as cidades, enquanto as colônias foram sendo paulatinamente tomadas pelo elemento eslavo que em tais circunstâncias se tem revelado mais adaptável.

Compreende-se assim, porque as colônias foram sendo paulatinamente tomadas pelos eslavos. Os ucranianos e poloneses se revelaram de mais fácil adaptação ao mundo agrícola. No mesmo ano, a política de criação de novos núcleos populacionais em regiões inexploradas do território paranaense (as áreas de florestas) começou a ser questionada.

Pela primeira vez um presidente afirma claramente que a estratégia de povoamento de áreas isoladas estava rendendo poucos frutos, afirmando que com a distância e sem estradas adequadas “a agricultura, a indústria, o comércio terrestre e mesmo marítimo não podem prosperar e por conseguinte as colônias que se estabelecessem no interior, a longas distâncias, se conservariam estacionárias e se dissolveriam em pouco tempo”(Relatório, 1870, p. 38 *apud* GUERIOS, 2007, p. 100).

Acreditava-se que a instalação dos imigrantes ao redor de núcleos já estabelecidos, a exemplo do sucesso obtido com as colônias anteriores, deveria ter continuidade. Lamenha Lins faz uma crítica à colonização em áreas distantes dos centros populosos.

O colono europeu por via de regra desanima diante das nossas mattas virgens, porque para elle é completamente ignorada essa cultura extensiva, da derrubada, da queima e das sementeiras a vôo, e é por isso que internados nas colonias afastadas dos centros populosos, elles fogem de entregar-se a esse trabalho ímprobo que lhes é inteiramente desconhecido. (LINS, 1877, pp. 92 - 93)

Podemos então dizer que, nos chamados Sertões do Paraná, o que reinava era o meio “natural”, a natureza comandava direta ou indiretamente as ações dos colonos. Para o período em questão, não podemos deixar de mencionar os “constrangimentos naturais ou físicos” (DOMINGUES, 1986, p. 04), enfrentados pelos colonos, os quais não possuíam formas de superar ou romper essas barreiras naturais, e foram aos poucos tentando criar maneiras de sobrevivência nesses lugares, interferindo sutilmente no comando dos domínios naturais, devido à fase do desenvolvimento tecnológico, que não possibilitava anular facilmente os efeitos dos acidentes naturais de maneira a permitir uma maior fluidez na circulação de pessoas, mercadorias e informações, etc., assegurando para os colonos o crescimento econômico, social e cultural dentro dos limites da floresta bastante densa. Na época, os colonos não possuíam objetos técnicos mais eficazes com os quais pudessem driblar os limites que a natureza impunha.

Durante quase vinte anos, seguiu-se o plano do então Presidente Lamenha Lins, instalando colônias ao redor de centros populosos, enquanto o projeto de ocupação das áreas isoladas permaneceu parado. Entre os anos de 1870 – 1889 todas as colônias criadas foram estabelecidas no entorno dos núcleos já instalados como: Curitiba¹⁸, Paranaguá, Antonina, Morretes e Ponta Grossa.

¹⁸ De 1870 a 1878 foram fundadas no município de Curitiba as colônias Pilarzinho, Abranches, S. Venâncio, Santa Cândida, Santo Inácio, D. Augusto, D. Pedro, Revière, Orleans, Lamenha, Tomás Coelho e Alfredo Chaves, a menos de 20 quilômetros de Curitiba, compreendendo cerca de 10.000 colonos, polacos, principalmente, grande parte italianos e alguns franceses e ingleses. (POMBO, 1980, p. 98)

Na década de 1870 o programa foi dinamizado principalmente na administração de Adolpho Lamenha Lins. A intensiva atividade colonizadora atingiu, sobretudo, os terrenos dos arredores de Curitiba e, de modo geral, o planalto curitibano, com o estabelecimento de numerosos núcleos coloniais situados a distâncias que variam de dois, três ou mais quilômetros, até um raio de, mais ou menos, trinta quilômetros do centro urbano da Capital paranaense. A composição dos grupos de imigrantes estabelecidos nas colônias dessa área foi bastante heterogênea, compreendendo alemães, italianos, poloneses, em maior número, e franceses, suíços, ingleses e outros efetivos menores. (BALHANA, 1969, p. 75).

Os resultados positivos conquistados pela colonização dos arredores de Curitiba, estimularam novas iniciativas de criação de colônias, estendendo-se o programa ao litoral e aos Campos Gerais, já que esta área sofria pela decadência das estruturas sócio-econômicas dos Campos Gerais.

Em 1875, chegou a primeira leva de imigrantes italianos, para a nova colônia Alexandra e em 1877 aos núcleos da colônia Nova Itália. Ambos não prosperaram e passados alguns anos seus moradores se transferiram para o Planalto de Curitiba.

Também, entre os anos de 1873 e 1875, nos Campos Gerais, após frustrada a instalação de ingleses na região dos municípios de Palmeira e Lapa, seguiu-se com o projeto de colonizar a região com imigrantes vindos da Rússia, de cultura alemã (alemães do Volga) em 1878. Tratava-se de estender os benefícios da colonização agrícola aos Campos Gerais.

Segundo Balhana (1969, p. 76) já desde 1858, o Presidente da Província assim ponderava:

Abusaria de vossa ilustração se me ocupasse de demonstrar-vos a necessidade de promoverdes a imigração de colonos morigerados e laboriosos, que, conhecedores de processos mais acabados, e habituados ao uso de instrumentos mais vantajosos ao manejo e cultura das terras, se empreguem nos vastos campos que possui a Província, e cuja prodigiosa fertilidade abrange todo o gênero de produção agrícola.

Da mesma forma, como aconteceu com outras colônias instaladas longe dos centros populosos, a colônia dos alemães do Volga nos Campos Gerais não prosperou, devido a uma série de circunstâncias, dentre as quais, se pode salientar com base em Balhana (1969), a escassez de conhecimentos relativos à insuficiência dos solos e dos recursos necessários para corrigi-la, como também a ausência de mercado, aliado a outros fatores. O fracasso desta colônia assinala o término de mais uma fase do programa colonizador do Paraná.

Diante disso, Pinheiro Machado (1968) assinala que o sistema de colonização desenvolvido no Paraná, no período Provincial, em consonância com a concepção romântica que se criara sobre a imigração estrangeira, objetivara estabelecer uma civilização camponesa

exatamente como era na Europa. Formavam-se colônias com distribuição de terras para a agricultura, no regime de pequenas propriedades agrupadas ao redor de uma aldeia, visando o abastecimento das cidades. Os colonos, camponeses europeus, deveriam aqui desenvolver a mesma atividade que exerciam em seus países de origem com as mesmas técnicas. Balhana(1969), exemplifica, essa expectativa equivocada, quando diz que esperava-se que os imigrantes suíços produzissem queijos à moda suíça.

Entretanto, as comunidades de imigrantes, de modo geral, mantiveram por largo tempo uma economia de subsistência e não contribuíram largamente, como se esperava para modificar os hábitos e costumes da sociedade tradicional, adaptando-se, ao contrário, na maioria das vezes aos mesmos.

Depois da emancipação do Paraná, o movimento colonizador toma novo impulso na década de 1870 com o assentamento, principalmente, de colonos alemães, italianos, poloneses e ucranianos, no Primeiro e Segundo Planaltos Paranaenses.

A extinção do sistema de colonização oficial, com colônias mantidas sob a tutela do Governo, na década de 1880, assinala o início de nova etapa na política imigratória paranaense, com motivações diferentes e com menor participação oficial. Vejamos a apreciação feita pelo Presidente João José Barbosa sobre a colonização na Província.

Como já sabeis foi nos terrenos próximos desta Capital que a colonização pôde medrar, prometendo os mais auspiciosos resultados. No centro da Província as colônias continuam decadentes, e ainda muito pouco, por ora, prometem em futuro próximo. No litoral, em Morretes, principalmente os núcleos mantêm-se à sombra dos trabalhos que ali executam-se por conta do Govêrno, e na expectativa do desenvolvimento que a viação férrea pode trazer.(RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÌNCIA, 188, p.65).

Na seqüência, o presidente aponta os novos rumos a serem seguidos para a instalação de colônias.

O Governo deve estabelecer colonos nas proximidades de povoações que por seu grau de prosperidade, ofereçam ocupações remuneradas aos mesmos, quer em serviço de lavoura, quer nos diferentes misteres industriais; ou cumpre-lhe apenas colocá-los nas localidades, onde, por conta do Estado executem-se obras importantes em condições de aproveitarem os novos braços introduzidos no país...Aqui na Capital noto que a colonização já vai excedendo dos limites naturais, isto é, a capacidade do mercado e a demanda de braços para os diferentes misteres da população. Se a empresa da viação férrea não vier alargar esses limites faltará em breve lugar para maior número de imigrantes. (Ibid, 1881, p.65).

A inauguração de uma nova conjuntura pela realização de grandes obras públicas, como a construção de ferrovias e linhas telegráficas, com início em 1880, abriu novas

perspectivas para o problema da introdução de imigrantes, oferecendo em obras públicas (Figuras 17, 18, 19), oportunidades de trabalho para grande massa de imigrantes.

A ferrovia é uma artéria vivificante. Com esta frase, Pierre Denis expressa a importância das ferrovias na valorização das terras das colônias e na melhoria das condições gerais da colônia, na medida em que as ferrovias as colocam em contato com outros lugares. « ..sinal de novos tempos, índice de que o pequeno centro de vida isolada entrou, enfim, na vida econômica geral do mundo ». (DENIS, 1951, pp. 354 -355).

Na segunda metade da década de 1880, a iniciativa privada (sociedades de imigração e companhias concessionárias da construção de ferrovias) põe em marcha a propaganda das terras do Paraná e, como resultado, segundo informa Padis (1981) 28.000 poloneses entraram nesse Estado, entre 1890 e 1896 e mais 27.000 no período que vai de 1907 a 1914. Desse total de imigrantes 60% concentraram-se em apenas alguns municípios, como: Curitiba, Mallet, Ponta Grossa, São Mateus, Prudentópolis, Irati, Guarapuava, União da Vitória e Ipiranga.



Figura 17 – Medição do lotes para instalação dos colonos em Prudentópolis – PR
Foto: Acervo fotográfico do Museu do Milênio – Pudentópolis - PR , 1895 [?]

Alguns desses municípios citados, como Irati e Mallet, situam-se na denominada Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul, entre eles está o município de Rio Azul, que é o município envolvido na pesquisa.

Em relação à instalação de colonos europeus, Laurenti menciona que: “A demanda de trabalho proveniente das construções da ferrovia, da coleta e do transporte da erva-mate, da madeira, e do cultivo de produtos alimentares para a população crescente no setor agrícola, deram as condições de fixação dos poloneses e ucranianos, além de outras etnias no município de Rio Azul.” (LAURENTI, 1985, p.32).



Figura 18 – Participação dos imigrantes na abertura de estradas
Foto: Acervo Fotográfico do Museu do Milênio – Prudentópolis – PR

Por volta de 1908, chegaram à referida localidade colonos de nacionalidade polonesa e ucraniana, os quais fundaram no território do distrito, a Colônia Rio Azul. A colonização de imigrantes poloneses e ucranianos deu grande impulso ao progresso e desenvolvimento da mesma, quando foram introduzidas as colônias e iniciadas práticas agrícolas e de criação de animais. (IBGE, 2009).



Figura 19 – Imigrantes (homens e mulheres) trabalhando na abertura de estrada.
Foto: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis - PR

Prudentópolis é também uma das colônias do interior do Paraná, instalada em 1895, na denominada Vila São João de Capanema.

Dentro desse município, do rio dos Patos à Serra da Esperança, até a abertura da estrada da linha telegraphica, poucos moradores existiam, começando a afluir gente para aquela região de florestas virgens no anno de 1882, quando as terras prometiam valorizar-se pela esperada construção da estrada de rodagem. Em fins de 1894 o Governo resolveu colonisar a região de S. João de Capanema, cujas terras o governo do Estado lhe havia concedido para esse fim. Em 1895 já o aspecto da “Villinha” era de uma povoação prospera, com suas ruas bem traçadas, casas novas construídas com capricho, movimentada pela continua chegada de famílias polonezas e ucranianas, que iam ser localizadas nas longas linhas abertas ao norte e a oeste da sede. (MUNICIPIO DE PRUDENTÓPOLIS, 1929, p. 11).

Barthelmess (1962) assevera que a situação das colônias instaladas mais no interior do Paraná somente melhorou com o ciclo do mate, por meio do qual se organizou a rede de estradas carroçáveis, ao longo das quais pôde ser realizado um povoamento rural linear, que acompanhava as mesmas estradas também quando estas se prolongavam para além do pinhal, ingressando na mata latifoliada. Segundo o autor nenhuma colônia conseguiu manter-se fora da estrada carroçável.

Uma das mais importantes industrias do prospero município de Prudentópolis é incontestavelmente a do matte, que o município produz abundantemente. Fundada a colônia de Prudentopolis, composta na sua maioria de polonezes, ruthenos e ucranianos, coube a cada colono um lote de 5 a 10 alqueires de terras férteis, onde em grande parte vicejava a linda arvore do matte, o que produzia a riqueza e bem estar de cada colono em

curto lapso de tempo, sendo esta prosperidade devida quase que exclusivamente a indústria extrativa do mate (BRASIL, 1929, p. 28-29).

Escreve Dénis (1951) que após longos anos de lenta construção da linha São - Paulo – Rio Grande, colocou-se as colônias em comunicação direta com os Estados meridionais do Brasil, com os Estados do centro e os portos de exportação. Conseqüentemente, os novos caminhos traçados valorizariam as terras marginais que em pouco tempo receberam pequenos centros com taverneiros, carpinteiros, ferradores e muitas dessas grandes vendas de freguesia universal, pelos quais passava toda a importação e toda a exportação da colônia. Os produtos agrícolas, o milho e o feijão, sobretudo, adquiriram um valor comercial. O autor mencionava esses novos acontecimentos como sinal de *novos tempos*, índice de que os pequenos centros de vida isolada entraram na vida econômica geral do mundo. Porém, o autor ressalta que este valor sofria lenta e imperfeitamente ainda, as oscilações do mercado distante do Rio de Janeiro ou de Buenos Aires.

Ao se referir à colônia de Prudentópolis, Dénis diz que a medida em que a miséria foi desaparecendo a existência dos colonos se tornava mais variada e inteligente e princípios da divisão do trabalho iam aparecendo, alguns colonos se tornaram artesãos. Ao comparar a colônia com uma Colméia, estava se referindo aos lotes que eram células de tamanhos iguais e às moradias provisórias que seguiam um único modelo. O autor assevera que aos poucos esta estrutura foi se modificando e se aproximando de um agrupamento humano de origem menos artificial.

Tanto no município de Rio Azul, quanto no município de Prudentópolis, em fins do Século XIX e início de XX vieram principalmente, grupos de etnia eslava e em particular poloneses e ucranianos, que segundo Barthelmess (1962) constituem o substrato principal da população dedicada à lavoura no Paraná Velho, responsável pela safra de batata inglesa, e expressivamente presente na produção do trigo, do milho, e na criação de suínos.

Os colonos, após instalados, progressivamente foram se inserindo nas atividades da região, em especial na coleta do mate e no seu transporte com os chamados carroções poloneses (Figuras 20 e 21). Larocca (2008, p. 26), argumenta que: “o carroção dos poloneses dito “cracoviano” é considerado uma das maiores contribuições ao transporte do Brasil, intermediando o estágio entre o “lombo do burro” e a motorização.”



Figura 20 – As carroças introduzidas no Paraná pelos imigrantes poloneses e ucranianos.
Fonte: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis

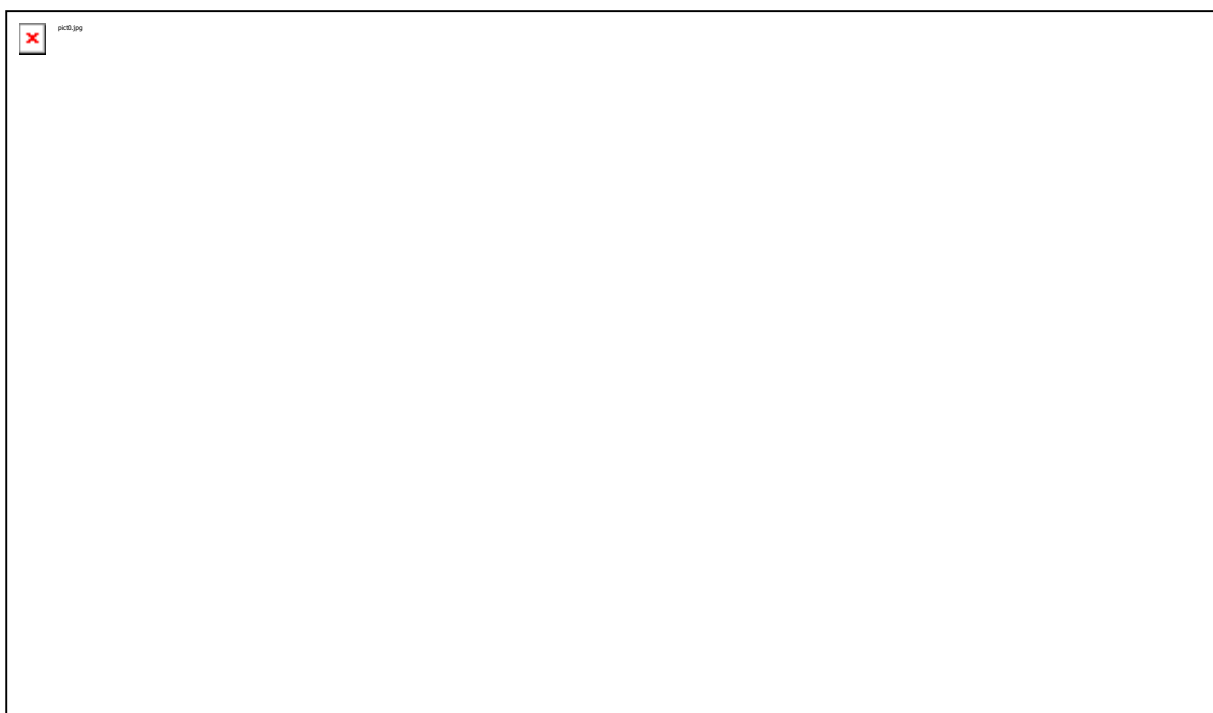


Figura 21 - O transporte da erva - mate de Prudentópolis às estações da Estrada de ferro era efetuado por típicos carroções.
Fonte: PRUDENTÓPOLIS, 1929.

Ao apontar todos os agentes sociais importantes para o entendimento da formação histórico-geográfica da região Centro-Sul do Paraná, Chang (1988), cita os imigrantes

poloneses como responsáveis por uma definição mais nítida quanto ao uso da terra, pois diz que eles eram “conhecedores de processos mais acabados e habituados ao uso de instrumentos mais vantajosos para o manejo e cultura de terras.” [...] “o imigrante polonês era imbuído de um espírito de laboriosidade e de uma ânsia por terra fora dos padrões conhecidos pelos brasileiros.” (Ibid, p.34-35). Estes elementos não correspondem ao fato de que os colonos eram melhores que os caboclos por terem outro perfil, mas revela o fato de que cada grupo construiu sua relação com a natureza diferentemente e que, as inovações não chegam ao mesmo tempo em todos os lugares.

Dada a sua origem rural camponesa, tanto o imigrante polonês quanto o ucraniano, ao chegarem ao Paraná foram, conduzidos para esta região para trabalharem com a agricultura de alimentos e como mão-de-obra em obras públicas. Estes dois grupos foram os que permaneceram no meio rural paranaense em número maior. Martins (1989), fala do enclausuramento dos poloneses na vida rural, sendo raros os de vocação urbana.

Os imigrantes poloneses e ucranianos fazem parte da ocupação humana mais estável que acontece em fins do século XIX início do século XX, quando o Paraná vive uma crise de abastecimento alimentar e de carência de braços para a construção de rodovias, ferrovias, etc. Conforme já mencionamos, neste período, o governo estatal tem como preocupação central pensar formas de garantir mão-de-obra para a agricultura de alimentos e para obras de infraestrutura do Estado.

Em toda a região de criatório do Paraná, ou seja, nos Campos Gerais, Guarapuava, Palmas etc., desenvolveu-se desde o século XVIII o preconceito contra a agricultura. Era sempre mais fácil tocar uma tropa de muares e/ou bovinos, ou trabalhar como peão de fazenda, do que agüentar o cabo da enxada ou talvez a barra de um arado. [...] O feijão e o milho, gêneros de absoluta primeira necessidade, começaram a atingir, no início do Século XX, preços excessivamente elevados. [...] Nada se fazia para minorar a situação. (WACHOWICZ, 1985, p. 65).

Retornando rapidamente ao início da colonização do período, importante dizer que foram as companhias privadas estrangeiras que já exploravam mate e madeira as contratadas para empreender esta etapa de colonização. Para isso o governo concedeu terras devolutas como forma de pagamento pela construção de ferrovias, em especial, a estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, e pela campanha para colonização do Estado. As companhias passaram a ter mais uma fonte de renda, além da obtida pela exploração da erva-mate e da madeira, com a venda de terras aos imigrantes europeus recém chegados.

As terras loteadas foram as terras de matas do centro-sul paranaense, onde a erva-mate constituiu-se no início, em importante fator de fixação dos colonos europeus que se dedicaram intensa e extensivamente à essa atividade extrativa, desenvolvendo nas entressafras a agricultura.

Diferentemente dos caboclos, os colonos se fixaram em terras delimitadas e adquiridas via compra, fato que os manteria “presos” àquela terra, ou “estáveis”. Enquanto aos caboclos, restava a disputa de outras áreas de matas, se alojando em algumas, desalojando-se e, em seguida se realojando em outras matas. Por esse motivo, dizemos que o processo de povoamento tornou-se mais ordenado, a partir da organização em “colônias” dos imigrantes europeus, nos últimos anos do século XIX e início do século XX.

Esses imigrantes foram inseridos numa política de instalação em pequenas propriedades e, com a imigração, compulsoriamente, iniciaram sua experiência como proprietários de terras. Concretizavam o sonho de serem senhores de si mesmos e proprietários de terra (WACHOWICZ, 1985). Prado Júnior (1944) assinalava que o pequeno proprietário, ao inverso de outras classes extremas da população rural – o fazendeiro e o assalariado – é um elemento demograficamente estável. [...] “me parece certo afirmar que a pequena propriedade é um fator de estabilidade rural; muito superior, neste sentido, em todo o caso que a fazenda.” (Ibid, p. 23).

Com a instalação dos colonos, acontece uma nova dinamização da região centro-sul, no final do século XIX e início do século XX (CHANG, 1988, p.34) e seqüente instalação do sistema de pequenas propriedades no Brasil. O sistema de pequena propriedade familiar se apresentou potencialmente revolucionário na região, tendo em vista que veio opor-se aos grandes domínios de terras no período.

Como vimos, a análise da historiografia paranaense revela que as colônias criadas nos anos 1880 se mantiveram graças, principalmente, a atividade ervateira e secundariamente a agricultura de subsistência. Seguiremos a diante, relatando a vida e o trabalho dos colonos nas áreas de matas.

5.1 A fixação dos colonos imigrantes nas áreas de matas

“O mate salvou as colônias do Paraná. O Paraná é o centro da produção de mate, e as próprias colônias tiram do mate grandes proveitos” (DENIS, 1951, p. 354). As frases mencionadas por Pierre Denis revelam a importância econômica do extrativismo da erva-mate para a economia da Província e, para a fixação dos colonos na região.

Adicionalmente, Wachowicz (1977) diz que o Paraná em 1876 não possuía os latifúndios do café, ou do açúcar, que caracterizavam as províncias setentrionais. Sua economia repousava na extração da erva-mate e da madeira e a agricultura era considerada de pouco “status” social e praticada por libertos ou pessoas de poucas posses. A província necessitava de muita mão-de-obra, pois dos 80.000 habitantes do Paraná, a maioria estava engajada na exploração do mate.

As terras de mato começaram a receber imigrantes no final do século XIX e começo do século XX, quando estes passaram a implantar a agricultura diversificada, desenvolvida em terrenos de 25 a 30 hectares de terra, vendidos aos europeus pelo governo, ou companhias colonizadoras da época, transformando rapidamente a paisagem desta região. As vastas áreas de mata que preenchiam a região em estudo eram muito ricas em florestas, com uma diversidade de árvores como cedro, canela, peroba, imbuia, pinheiro e tantas outras. Ao lado destas, que sustentaram o ciclo da madeira no Paraná, dizemos que foi a erva-mate (Figuras 22, 23 e 24), que abriu *os caminhos econômicos*, para escoar a produção e *caminhos sociais* para a circulação da população da região e do Estado do Paraná.

Relacionadas à demanda por erva-mate no exterior e em outras regiões do Estado e do Brasil constroem-se as estradas para a retirada e transporte desta matéria-prima. Igualmente, a abertura de estradas desempenhou no local de instalação das colônias, concomitantemente, duas principais funções: melhorou as condições de vida dos colonos, ao proporcionar ganhos maiores pelo comércio da erva-mate e àqueles que trabalhavam na coleta da mesma e, por reduzir o isolamento dos colonos que foram ali estabelecidos.

Para as populações em geral, no século XIX e meados do XX, a atividade mais importante era o extrativismo do mate, porque era economicamente rentável. Paralela a esta atividade, ganhava espaço a criação de suínos.

O estímulo à criação de suínos do Paraná está relacionado à urbanização do Estado do São Paulo, conforme nos mostra Wachowicz (1985, p. 88):

A aceleração da urbanização no Estado de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, estimulou a criação de suínos em todo o sul do país. Foi nas antigas e já decadentes colônias fundadas por imigrantes europeus no Paraná e Santa Catarina, e que tinham na extração da erva-mate a base de sua economia, bem como na frente da frente pioneira, que se desenvolveu a criação de porcos. [...]O mercado brasileiro de banha e de derivados aumentava significativamente. A importação desses produtos revelou-se muito cara e mesmo havia dificuldade no abastecimento através das importações. Dentro da política de substituir essas importações caras, procurou-se estimular a substituição por banha brasileira.



Figura 22 - Preparação de um feixe de erva mate sapecada, a ser transportada para o barbaquá – 1920 [?]

Fonte: PRUDENTÓPOLIS, 1929.

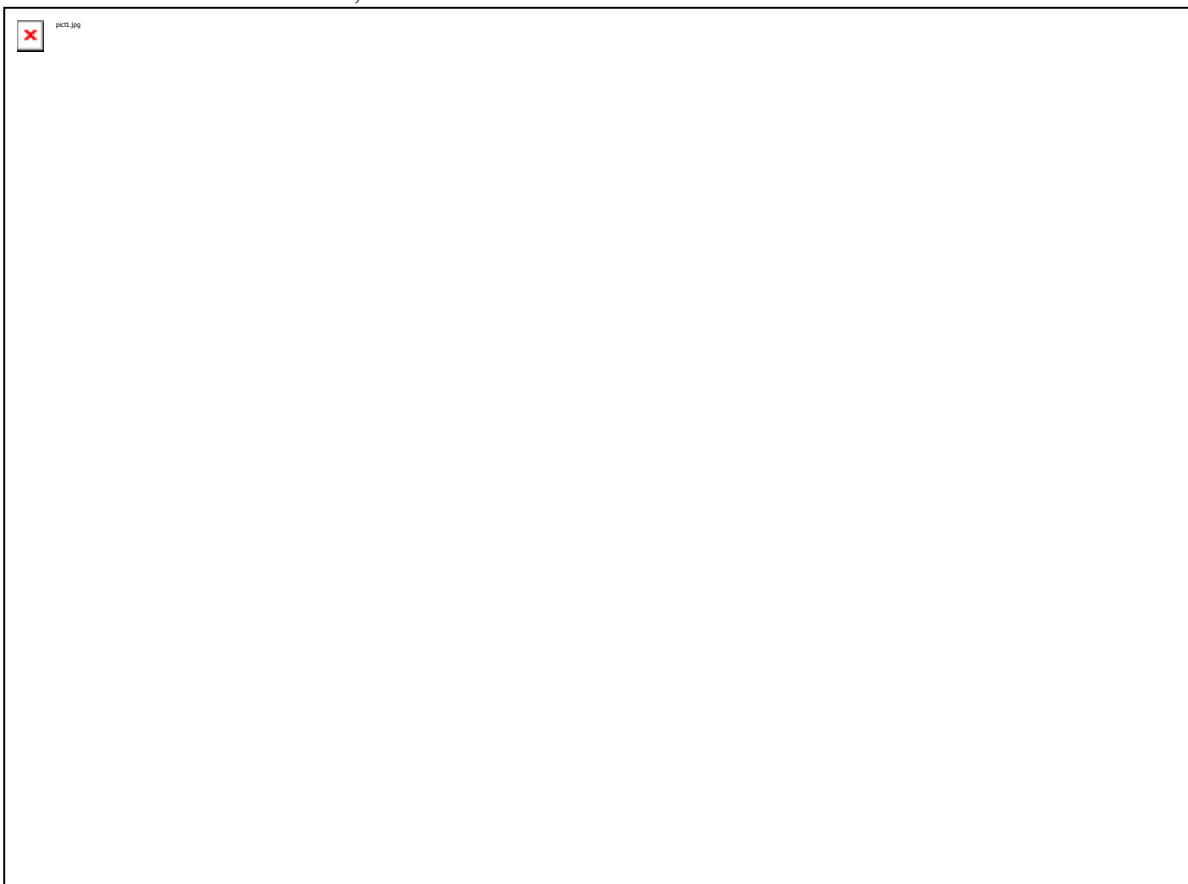


Figura 23 - Trecho de erval do Snr Paulino Sebastião da Silva na época da colheita. 1920 [?]

Fonte: PRUDENTÓPOLIS, 1929.

Os colonos e caboclos, levados por estímulos da demanda de mercado, em especial do Estado do São Paulo, se firmaram na criação de porcos, especialmente aqueles cuja terra não era a mais adequada para a agricultura extensiva. O caboclo posseiro e o colono receberam esta atividade como de entre safra do mate. A criação de suínos desempenha o duplo papel de abastecer a família de carne (cozida, frita na própria banha e conservada por até mais de três meses e defumados e embutidos (lingüiça) além de incrementar a produção da banha para o mercado.

Wachowicz (1985) argumenta que a safra do mate ocorria basicamente nos meses de inverno (maio a agosto), enquanto a criação de porcos¹⁹ os ocupava de preferência no verão. O sistema de criação de suínos era bastante primitivo. O porco era criado solto no mato, porém, aprisionado em mangueirões para engorda, cria e pernoite. Quando solto, alimentava-se de frutos silvestres, pinhão, vegetação etc. No inverno, o pinhão era o principal alimento do porco.

Nesse sistema de criação chamado pelos caboclos de *porco alçado* ou *porco plantado*, segundo Wachowicz (1985), o único trato que os animais recebiam era o sal. À tardinha jogava-se milho no mangueirão, para atrair os porcos, que ali passavam a noite no local. De manhã jogava-se milho para fora do mangueirão, fazendo com que os animais saíssem em direção à mata.

O sistema caboclo não se coadunava com o da agricultura praticada pelos colonos, embora o colono tenha aderido à técnica do porco alçado, ao criar porcos em liberdade e deixar que os próprios animais buscassem a alimentação na mata como: pasto, brotos, frutos silvestres, encontrados no chão, como o pinhão.

Damos destaque à erva-mate, pois concordamos com Chang (1988, p. 49), quando disse que “a exploração do mate é um dos motivos mais fortes da configuração do sistema faxinal” e da permanência dos colonos na região. Sua localização no interior das matas mistas permitia dedicar-se melhor à agropecuária de subsistência, sobretudo, se integrar à atividade ervateira. Pode-se dizer que a sorte deles estava umbilicamente ligada à do mate. O mate associado a agricultura trouxe-lhes a prosperidade (Ibid, p. 32-33).

Com a seguinte afirmação Pierre Denis, reforça a importância da erva-mate na fixação dos colonos.

¹⁹ Nas duas décadas do século XX, os caboclos carneavam os porcos, vendiam a banha e faziam lingüiça. Com o passar do tempo, com o aumento da procura passaram a vender os animais em pé. Os porcos eram tropeados, pelos safristas até o mercado comprador, a pé. (WACHOWICZ, 1989).

Alguns colonos, mais felizes que outros, encontraram em seus lotes um número grande de pés de erva-mate, o que constitui para eles uma verdadeira fortuna, adquirida sem trabalho. A folha de mate, a folha ou erva como se diz simplesmente no Paraná, como mercadoria de alto valor e leve, suporta, melhor que o milho, o preço dos transportes (DENIS, 1951, p.354).

O referido autor ainda argumenta que os recursos provenientes do mate jamais fizeram falta permanente aos colonos. Embora não tenham sido suficientes para criar riqueza, eles, ao menos, evitaram uma crise geral, a dispersão da colonização.

Neste âmbito, observamos que o que caracterizou mais nitidamente a fixação da população nas matas do Segundo Planalto Paranaense, foi a formação de núcleos estáveis, com base na exploração da erva-mate, em especial. A erva-mate e os colonos se uniram para, na exploração da mata, assentar a sedentariedade da colonização, elemento essencial na construção do lugar dos colonos.

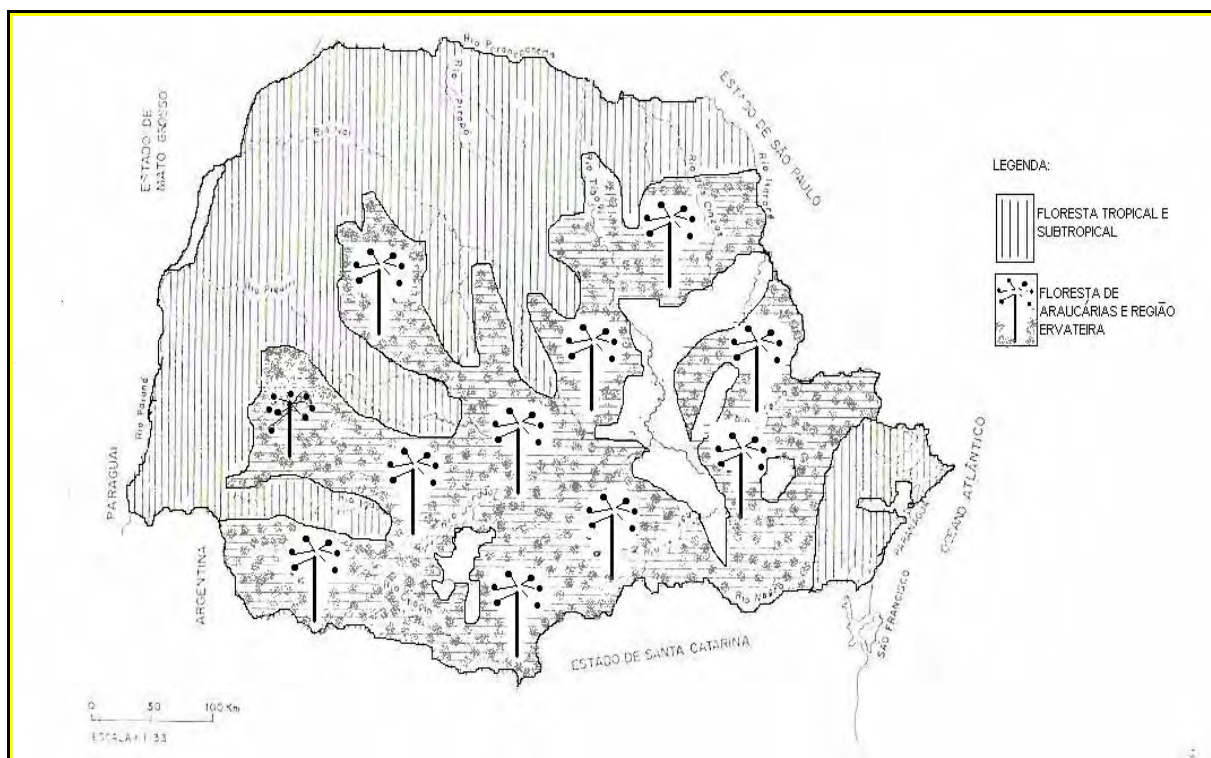


Figura 24 – Mapa da Floresta de araucárias e região ervateira paranaense.
Fonte: Albuquerque, 2005.

Os imigrantes, em particular os ucranianos e poloneses, estabelecidos nesta região, já desenvolviam, ainda que em outro país e com outras técnicas, a agricultura, porém foi lhes necessário adequar-se às necessidades de sobrevivência na região se utilizando de práticas agrícolas caboclas. Diante de outras condições sociais, econômicas, culturais e políticas, tiveram de adaptar as próprias práticas agrícolas e assimilar as dos caboclos.

Observemos também como se estabeleceram as relações entre o imigrante europeu e o caboclo. Entre eles havia diferenças no contato com a natureza, no que diz respeito ao trabalho, sentimento, desejo de domínio e adaptação. O caboclo já se encontrava ambientado e sua relação com a terra, com a mata era totalmente diferente do colono europeu. Este último precisava antes, de qualquer passo, adaptar-se. O imigrante desconhecia esta terra. O país, o espaço onde este foi instalado era ambíguo.

Tedesco (2001, p. 23) enfatiza:

noções de natureza física, da aparência do solo, do trabalho, dos animais e do ambiente original iam se mostrando inadequadas no espaço hospedeiro. O meio cultural do colono imigrante ia se apropriando do meio natural pela ótica da separação do que via e do que imaginava ser.

Neste contexto, mesmo que a colonização tenha se destinado aos mesmos e os projetos de colonização tenham sido pensados para assegurar a permanência dos colonos, estes nem sempre partilharam do sucesso da colonização. As doenças, as dificuldades criadas pelo isolamento, os problemas com a produção agrícola, os colocavam a mercê de uma terra inhospita, mas que também significava a única chance de sobreviver em meio às matas.

Vemos, assim, que a impossibilidade de retorno da maioria dos imigrantes, foi calando as lamentações dos colonos. Aos poucos o imigrante europeu foi estabelecendo contato, via caboclo, com o meio natural que lhe foi apresentado. Embora, tenhamos registros dos conflitos vividos entre imigrantes e caboclos, o contato dos europeus, com este grupo foi fundamental para a adaptação e permanência dos imigrantes na região.

Para amenizar os impactos sofridos pela vinda para um país estranho, os imigrantes foram logo construindo suas igrejas, suas escolas, suas associações que nada mais eram que um referencial de ligação com o lugar que deixaram para traz fisicamente, mas que simbolicamente seria reconstruído na região de matas do Segundo Planalto Paranaense.

De acordo com Tedesco (1999, p. 56), “a busca de formação de grupos permitiu que, mesmo traumatizada pela imigração/migração, certa homogeneidade cultural no interior das colônias se consolidasse, preservando, assim, certo patrimônio cultural e social”.

A construção do *habitat* dos colonos deu-se pelo signo da propriedade da terra, localizando nesse espaço, o imigrante vinculado ao mundo da terra como mercadoria. A atração e o envolvimento do colono com a possibilidade de tornar-se proprietário promoveram uma grande alteração no ambiente, nas suas dimensões física, biológica e humana. Por conseguinte, havendo uma mudança no “espaço” até então habitado.

A terra para o caboclo possuía significado muito maior e abrangente, carregado de outro conteúdo, era sinônimo de bem de uso comum. Até a chegada do colono, a terra não é algo que pode ser dividido em partes e vendido como lotes (não é privativamente dividida). Após, o espaço até então ocupado pelos caboclos, passou a ser ocupado por um grupo imbuído de uma concepção de mundo via materialidade, onde o meio passa a ser construído com a finalidade não só da ótica da sobrevivência, mas também da construção de um patrimônio, que não deixa de ser também uma forma de sobreviver no sistema que vinha se impondo, o sistema capitalista.

Muito diferente desta concepção de terra, de espaço, foi a concepção da sociedade em geral, e em especial dos colonizadores e do governo do Paraná, segundo a qual se retalha a terra atribuindo-lhe valor conforme o seu potencial produtivo, transformando-a em mercadoria.

Cada retalho desses deveria necessariamente ser ocupado por famílias. O governo Estadual do Paraná não permitia que pessoas solteiras tivessem acesso aos lotes. Segundo relatos dos descendentes de colonos, *“quem veio solteiro ou solteira se casava rápido para ganhar o acesso à terra”*²⁰ Segundo relatos de colonos, apresentados por Guerios (2007), as famílias casavam filhos ou filhas (de 14 anos de idade), para conseguir acesso a terra e dar início à construção do patrimônio da família em terras paranaenses.

O caboclo, por sua vez, se mantinha vinculado ao sistema agropecuário por ele criado na região, o faxinal, conforme enfatizam Löwen Sahr; Cunha, (2005). Desde então, foram lançados os pilares do sistema faxinal caboclo, que foi ao longo dos anos sofrendo pequenas alterações que se acentuaram com a vinda dos imigrantes europeus.

Com a divisão da terra para os colonos em lotes houve incompatibilidade do sistema de produção do colono com o do caboclo. Com base em Wachowicz (1985), por exemplo, o sistema do caboclo de criação de porcos soltos com o da agricultura praticada pelos colonos, impossibilitaram a convivência dos dois sistemas. Foram poucos os caboclos que se adaptavam ao sistema que estava sendo introduzido pelos colonos, preferiram vender²¹ seus lotes e penetrar mais para o interior em busca de novas posses. Novamente o caboclo avança mata adentro.

²⁰ Informações obtidas com a descendente de imigrantes do Faxinal Anta Gorda R. B. (65 anos).

²¹ Segundo Wachowicz(1985), como a terra era abundante e fácil, possuía pouco valor. Pequenas posses de 4, 5, 8 alqueires eram trocadas por um cavalo encilhado, por uma pistola, uma espingarda etc. Outro fato importante, é que, geralmente na compra da posse não era passado documento algum. A simples saída do posseiro e sua palavra era o suficiente.

De acordo com Tedesco (1999) a produção agrícola dos caboclos, prioritariamente voltada para a subsistência, seu isolamento e não-fixação por muito tempo num local, a forma como produziam, a pouca importância dada à apropriação da propriedade privada (Figura 25), promoveram diferenciações entre eles e os colonos.

Nesse sentido, a marca que mais acentua a diferença entre estes e os colonos europeus é a privatização da terra. O colono ao ser instalado, “lavra em terra própria” (Barthelme, 1962, p.56) e com seus 25 a 30 hectares de terra, delimita seu território com signos de lugar privado representado pelas cercas que contornavam a propriedade do colono. Para o caboclo ao contrário, seu lugar era a mata, sem limites precisamente definidos.



Figura 25 – Imagens do início da instalação dos colonos.

Foto: Acervo fotográfico do Museu do Milênio – Prudentópolis – PR

Para o colono, de acordo com Tedesco (2001), a propriedade marca o acesso à independência, à segurança no aspecto econômico e a sua transmissão às gerações seguintes.

CAPITULO 6 - As origens do sistema faxinal e a permuta cultural entre colonos e caboclos

Nos primeiros anos do século XVI, a província do Paraná conhece mudanças em função da vinda das missões espanholas. Como disse Nerone (2000, p. 48), em 1610, os missionários jesuítas Simão Masseta e José Cataldino estabeleceram-se efetivamente na região do Guairá, organizando as reduções. A autora entende que, neste momento, estariam sendo lançadas as bases para uma experiência que teria reflexos futuros na forma de ocupação dessa região, o que permite afirmar que o regime de terras paranaense é de origem européia (Ibérica) e foi transportado via instituições e cultura colonizadora.

Ardenghi (2003, p. 52), do mesmo modo, destaca que a erva-mate constituía-se numa riqueza muito valorizada na época das reduções jesuíticas, ao constatar que havia a preocupação dos padres em descobrir o processo de germinação das sementes, ocorrendo, assim, a presença de ervais plantados em algumas reduções. Largamente utilizada pelos índios, foi incorporada pelos missionários, que passaram a comercializar o produto na região platina. Além da exploração da erva-mate nativa, também ocorria o seu plantio desde a segunda metade do século XVII. No século seguinte, tornou-se uma das principais fontes de recursos das Missões Jesuíticas²².

Sendo a erva-mate o recurso natural importante nas reduções é um dos indicadores de que o sistema faxinal pode ter se originado com os jesuítas. A erva-mate somada a outros elementos característicos do sistema faxinal no Paraná, encontrados nas reduções, são recuperados por Nerone (2000, p.49) que diz:

As Reduções tiveram a vida comunitária como fundamento de sua organização.²³ As principais atividades econômicas eram relacionadas à coleta da erva-mate, cujo uso disseminou-se entre os espanhóis do Prata. As terras eram de uso coletivo e nelas praticavam-se lavouras coletivas e o gado era criado em regime de compáscuo. Porém, cada família tinha o direito de fazer o plantio particular em sua chácara, depois de cumpridas as exigências comunitárias.

²² Tempos antes da erva-mate ser explorada economicamente, chegou a ser considerada pelos padres jesuítas a “erva do diabo” pelo poder afrodisíaco, tendo seu uso proibido no século XVI, mas seu comércio não parou; remédio pelos indígenas; alimento pelo caboclo. Os pioneiros na exploração da erva-mate foram os índios que a consideravam uma planta sagrada, reverenciando-a como erva excelente, utilizada como remédio, estimulante e alimento. “Os índios achavam que ela tinha o dom de aumentar e facilitar a respiração, curar o estômago e reanimar os velhos. O caboclo a usava como alimento quando faltava comida e, mesmo na cabana mais humilde, encontravam-se a cuia de chimarrão e a lata de água fervendo para prepará-lo” (SCHMIDT, 1996, p.48).

²³ BALHANA, A.P. MACHADO, B. P., WESTPHALEN, C. M. História do Paraná. Curitiba: Grafipar, 1969. V. 1, p.47.

Em decorrência desse processo ímpar, isto é, na prática do modelo das antigas Reduções, é que se pode encontrar o embrião do Sistema Faxinal, com elementos do uso coletivo da propriedade.

Segundo Nerone (2000, pp. 53 - 54),

Tudo leva a crer que a experiência do faxinal teve origem na forma de ocupação da terra, implantada pelos jesuítas espanhóis na parte ocidental do Paraná, ou seja, nas Reduções. Tal hipótese fundamenta-se nos seguintes pontos: 1º) A Redução tinha funções nitidamente comunitárias, e incluía, assim, índios da família lingüística tupi-guarani e algumas práticas comunitárias; 2º) As terras, na redução, eram também de uso comunal; 3º) A criação de gado era feita sob o regime de compáscuo; 4º) As atividades econômicas, além da agricultura de subsistência, de forma geral, estavam conectadas à coleta e produção da erva-mate; 5º) A autoridade, na Redução, era exercida nas funções de alcaide, incumbido dos assuntos administrativos, e corregedor, encarregado dos assuntos judiciários, cargos esses auxiliares e subordinados ao Padre Diretor.

Essas cinco características, presentes nas reduções apontadas por Nerone (2000) podem ser até hoje encontradas no Sistema Faxinal, o qual se apresenta com caracteres similares: a forma comunitária de vida, o uso comunal da terra para criação de animais no criadouro comum (regime de compáscuo), as atividades econômicas de subsistência e a coleta da erva-mate. As funções de *alcaide* e *corregedor* correspondem, respectivamente, as de *inspetor municipal* e *inspetor policial* (de quartelão), estando subordinadas, respectivamente, ao Prefeito Municipal e ao Delegado de polícia, segundo a autora.

A estrutura coletivista, transplantada pelos jesuítas, ressalta a autora, constitui o arcabouço do sistema de propriedade aplicado nas Reduções, onde o bosque, animais e agricultura, fazem parte de um todo, em que atividades individuais e coletivas complementam-se.

Vários elementos apontados pela autora evidenciam que há um liame entre o sistema de propriedade que vigorou na Península Ibérica, em determinadas regiões da Espanha e Portugal, o modelo implantado nas Reduções Jesuíticas do Guairá e o Sistema Faxinal.

De forma contrária, Chang (1988) que afirma ser o sistema faxinal consolidado com a vinda e a instalação dos colonos europeus, especificamente os poloneses, Nerone (2000, p. 62), considera que o “surgimento das comunidades de faxinais entre o século XIX e XX, embora esteja atrelado à pequena propriedade, precede a imigração da Região Sul. [...] onde já existiam populações vivendo no Sistema Faxinal.

Portanto, salienta Nerone (2000, p. 62),

é evidente que a origem do faxinal não se fundamenta num modelo individual e sim emerge de uma organização à margem das grandes fazendas ou a contradição do modelo de fragmentação de propriedades individuais do século XIX, reorganizadas num eixo coletivo, qual seja, o criadouro comum. O Faxinal deve ser entendido em oposição ao latifúndio, com seu tipo específico de sociedade e de economia, ou seja, como uma experiência de comunidade, de cunho europeu (via jesuítas), que foi certamente transmitido culturalmente, a partir da experiência vivida pelos remanescentes indígenas e bugres, que são os ancestrais de muitas famílias de faxinais, conforme relatos orais dos entrevistados, em que se evidenciam suas histórias de vida.

Lowen Sahr (2008) destaca da mesma forma o papel cultural dos jesuítas nesse processo, porém, atribuem a origem dos faxinais a uma população autóctone que faz parte do cenário cultural da região no século XVIII. Sahr e Löwen Sahr (2006 apud Sahr 2008, p. 214), salientam que:

neste momento se estabelecem povoamentos caboclos, as hoje chamadas comunidades de faxinais, nos matos do interior paranaense, na chamada Floresta com Araucária, enquanto, paralelamente se desenvolvem as grandes fazendas vinculadas ao Tropeirismo na região dos Campos. Quando chegam os colonos imigrantes, nos séculos XIX e XX, já na fase da decadência do tropeirismo, eles assimilam o modo de vida dos caboclos, dando origem a comunidades de faxinais de ucranianos, poloneses e alemães. Dessa forma, os faxinais representam uma história multicultural e global, com uma unicidade local e cultural na sua expressão.

Notemos que não há consenso quanto à época exata do início do sistema faxinal e nem sobre quem foram os pioneiros desta organização social. Portanto, entendemos que o sistema faxinal traz em seu bojo a contribuição de cada grupo humano que viveu nas matas paranaenses, sendo então resultado da reunião de diversas experiências, que somadas às dos colonos europeus vindos ao Brasil nos finais do século XIX e início de XX constituíram o que hoje denominamos de sistema faxinal. Diante disso, a única certeza que podemos ter é que se trata de uma construção coletiva e não individual.

No que tange à formação do sistema faxinal, Chang (1988), sustenta que este processo se dá no período entre a decadência da pecuária suína e a ascensão da erva-mate. A autora, diz que tanto os fazendeiros dos campos nos tempos da atividade de criatório e do tropeirismo no século XVIII e XIX, quanto os caboclos nativos da região das matas mistas do centro-sul, tinham o costume de criar “à solta”. Na época, os latifúndios na região dos faxinais no centro-sul eram doados pela Coroa aos coronéis que pouco exploravam as terras. Com a decadência da pecuária e a ascensão do mate, a população se interiorizou nas matas mistas que é onde se encontram os ervais nativos.

Os agregados das fazendas de gado também migraram para a região dos ervais, transformando-se em coletores de erva. Porém, nesta fase, reproduzia-se ainda a tradição de criação “à solta”, e o cercamento das lavouras. Certamente, as roças eram em termos de área, bastante diminutas.

A partir das duas primeiras décadas do século XX, com a vinda dos colonos e o incremento da produção agrícola, muda-se a estrutura da produção. Inverte-se a racionalidade dos cercamentos. A partir daí, as lavouras passam a ser abertas e as criações fechadas, porém, em grandes extensões, formando os criadouros comuns, mantendo-se o sistema extensivo.

O fechamento dos criadouros, segundo Chang (1988), se justifica pelo seguinte:

- a) Havia a necessidade de se preservar extensos ervais nativos contínuos devido a importância econômica do mate na época. Paralelamente a área preservada poderia ser aproveitada para criação de animais no sistema extensivo. Entretanto, nesse sistema são necessárias áreas extensas de pasto devido à qualidade inferior e a ocorrência de cursos d'água naturais.
- b) Cercar o criadouro no seu perímetro significava economia de cerca;
- c) A formação dos criadouros comuns era uma forma de cativar a mão-de-obra agregada e mantê-la próxima e disponível para as safras de erva;
- d) O fato de ocupar a mão-de-obra apenas no período da safra, os proprietários dos ervais não poderiam mantê-la produtiva durante a entressafra, por causa disso, foi necessário que os trabalhadores garantissem a própria subsistência. Assim, a criação doméstica dentro dos criadouros comuns é parte desta estratégia de subsistência de agregados e pequenos proprietários. Nesse sentido, a instância coletiva não significa necessariamente identidade e ausência de contradição.

Neste contexto, a atividade ervateira é considerada como fonte aglutinadora de pessoas e posteriormente, na definição do sistema faxinal. Isso porque “o comércio da erva-mate fez parte do cotidiano de toda a gente, ricos e pobres, foi o argumento econômico e teve grande responsabilidade na criação das condições para a emancipação política do Paraná” (Ibid, p. 49).

O aumento da extração e do benefício do mate vinha se elevando gradativamente ao longo do século XIX. Apesar de o mate ser explorado desde o início da colonização, até meados do século XIX, sua exploração não excedia os limites do consumo interno. Sua importância econômica somente se manifestou precisamente a partir de 1830, quando uma série de conflitos interrompeu o fornecimento do mate Paraguaio e de Corrientes ao mercado Chileno e Argentino. A partir de 1837 e, respectivamente, no fim do século, o volume de exportação para Montevidéu, Buenos Aires e Valparaíso cresce progressivamente. (CHANG, 1988, p. 48).

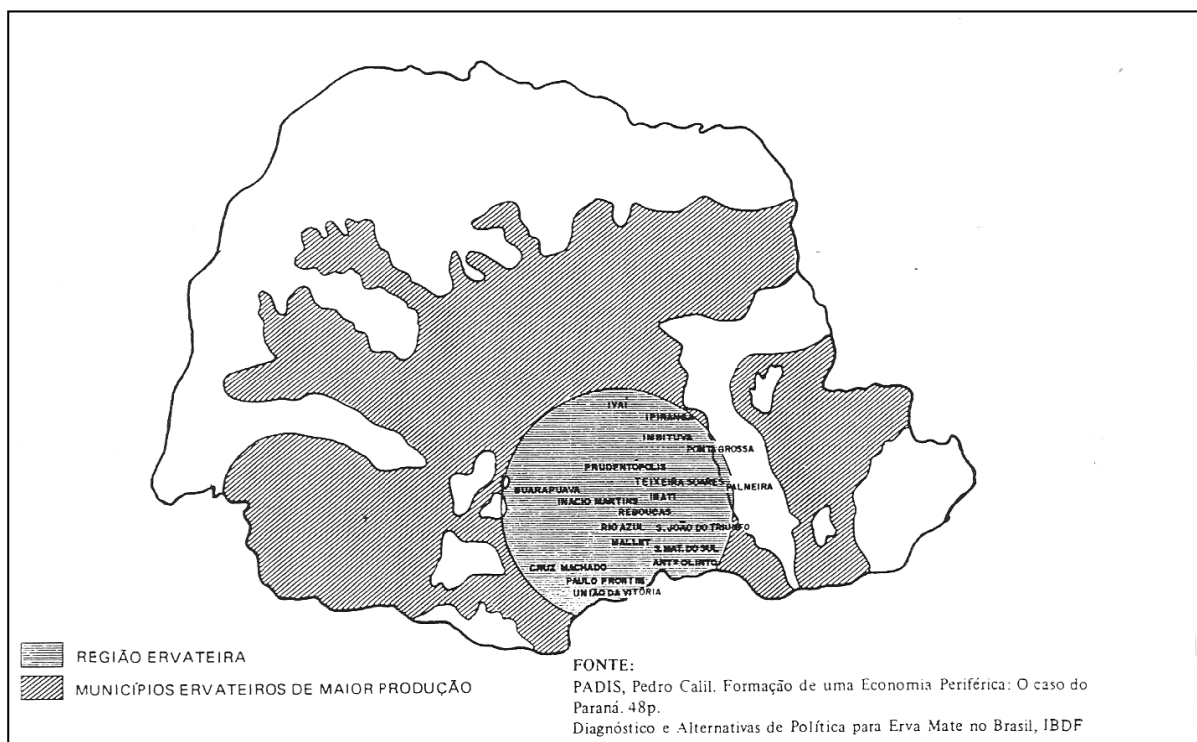


Figura 26 – Municípios destacados pela produção do mate e pela presença de comunidades faxinalenses

Fonte: CHANG, 1988.



Figura 27 – Barbaquá do tipo paraguaio, utilizado pelos colonos nos faxinais para secagem e moagem da erva-mate.

Foto: Acervo Fotográfico do Museu do Milênio – Prudentópolis – PR, 1970 [?].

Para a autora, os municípios de maior produção do mate coincidem exatamente com os municípios em que se apresenta o sistema faxinal (Figura 26).

Chang (1988) assegura que a produção da erva-mate, no período em questão, se sustentava principalmente sobre os núcleos rurais organizados sob o sistema faxinal. O fato de ser a extração da erva-mate o mais rentável da economia, praticamente o único setor a gerar renda monetária para grandes faixas da população, não exigindo para o proprietário quase nenhuma habilidade, fez recair sobre essa atividade uma grande concentração dos recursos humanos, de diferentes estratos sócio-culturais.

Com relação à etimologia da palavra faxinal, para Chang (1988), popularmente, faxinal significa mato grosso; mato mais denso, quando comparado com as matas mais ralas ou os campos, que era a referência da população local vinda dos campos. Todavia, segundo a mesma autora, faxinal significa mato ralo com vegetação variegada ou braço de campo com árvores que penetra as matas. É neste tipo de mata densa, que ocorreu a formação dos criadouros comuns. Conseqüentemente, ressalta a autora, que é habitual os colonos da região empregarem a palavra faxinal, enquanto mata e o seu uso em forma de criadouro comum, como se fossem sinônimos. A autora também argumenta que há indicativos de que o uso coloquial da palavra faxinal originou-se dos caboclos nativos, que assim denominavam este tipo de vegetação mais densa.

Para efeito de homogeneização de linguagem a autora adotou o da população local, passando a considerar Faxinal, como mata densa e criadouro comum. É da autora também a denominação de sistema faxinal e terra de plantar²⁴ que estamos utilizando, para essa forma particular de aproveitamento da mata densa conjugada às áreas circunvizinhas, cuja peculiaridade se assenta sobre o uso comum das terras de faxinal para criação extensiva e para o extrativismo da erva-mate. Convém lembrar que apenas o uso da terra é comum, pois a propriedade continua sendo privada.

No que tange à divisão do sistema faxinal Chang (1988, p. 307) afirma que este se assenta sobre o seguinte tripé:

1. Criação extensiva de animais em áreas comuns;
2. Extração de erva-mate e, secundariamente, de madeira, também dentro do criadouro comum;
3. Policultura alimentar nas terras de planta circunvizinhas.

²⁴ Faxinal e Sistema Faxinal são a rigor diferentes. Faxinal é o termo usado para designar um tipo de vegetação, enquanto o Sistema Faxinal, expressa uma forma particular de organização econômica onde há aproveitamento econômico integrado às áreas circunjacentes. (CHANG,1988).

As terras de criação são um conjunto de propriedades privadas e contíguas colocadas em uso comum. Já as terras de planta são propriedades privadas e seu usufruto é privado. As terras de criação são separadas das terras de planta por uma cerca comum bem fechada, ao longo de seu perímetro. São formadas por vales ou áreas mais deprimidas com relevo suavemente ondulado e presença de água. Nessas áreas, segundo a autora, predominam solos vermelhos, ácidos e profundos, resultantes, segundo Gubert Filho (1987), da decomposição de argilitos e siltitos, favoráveis ao desenvolvimento de espécies de grande porte, sendo comuns nestas áreas as árvores madeireiras, como o pinheiro araucária, imbuia, caneleira, o cedro, etc. Encontram-se nos criadouros também as frutíferas silvestres, tais como: guabirobeira, a pitangueira, a cerejeira, etc., servindo como fonte de alimento nativo para a criação extensiva. Há ainda a expressiva presença da erva-mate. E foi grande o seu valor e peso na economia regional, durante o período áureo do mate.

Uma das explicações para a ocupação diferenciada das terras, marcada por uma visível dicotomia faxinal-lavouras, seria a fertilidade natural dos solos na época do desbravamento. Segundo esta concepção, os solos mais rasos e predominantes nas áreas com relevo ondulado a forte ondulado, principalmente os solos derivados de diabásio, teriam, pela própria gênese, maior fertilidade natural, se comparados aos solos com elevada acidez e pobres em elementos nutritivos predominantes nas áreas de relevo suave ondulado e plano. Além disso, era sobre os solos mais profundos que se desenvolvia de forma mais abundante a maioria das espécies de importância econômica, notadamente a araucária e a erva-mate. (GUBERT FILHO, 1987, p.33)

Ainda, conforme assinala Gubert Filho, foi assim que se generalizou na região a tendência de se localizar as moradias em meio ao criador e as lavouras separadamente. Assim é que até hoje encontramos a propriedade particular e o uso comunal da terra em áreas de faxinal e a propriedade e o uso particulares nas áreas de lavoura.

Sob todas as espécies de porte maior, há a formação de pastos naturais, servindo como importante fator de sustentação do sistema de criação extensiva.

As terras de planta são localizadas nas encostas com relevo íngreme. Nelas predominam solos brancos, rasos e menos ácidos, resultantes segundo Gubert Filho (1987), de rochas sedimentares friáveis como folhelhos e arenitos cálcicos e ainda solos mais férteis derivados de diabásio. O solo sendo mais raso não favorece a formação de matos grossos e, portanto, a terra é mais adequada para a agricultura. O autor salienta que no período dos primeiros povoamentos, estas duas características eram decisivas, uma vez que os colonos não

dispunham de maquinários para desbravar áreas fechadas, tampouco de técnicas para correção da excessiva acidez do solo.

O homem como qualquer outro animal não pode sobreviver sem um *habitat*. É preciso haver um ponto conhecido de água potável, uma área de coleta de alimentos, um abrigo e caminhos que liguem esses pontos. Ora, a domesticação de um local transformando-o em *habitat* institui um lugar. E o lugar o é assim, pelas características funções atribuídas pelo homem a partir de um determinado local. (SANTOS, 1986, p. 97).

As funções atribuídas pelos faxinalenses ao local resultam em paisagens singulares do lugar, (terras de criação, terras de plantação) que são expressões das intencionalidades que caracterizam o mesmo. Ao observarmos cada uma das paisagens do lugar, notamos que cada uma guarda uma intenção e uma função específica. A soma de todas essas funções resulta num todo funcional, como exemplificado (Figuras 28 e 29).

Uma dessas paisagens também revela as *terras de morar* do sistema faxinal, que por sua vez, se localizam dentro do criadouro. Todos os colonos moram dentro do criadouro com o intuito de ficarem perto das criações para oferecerem aos animais a complementação diária de milho, ração e sal. A presença dos animais no entorno das terras de moradia pode ser detectada pelos fortes vestígios deixados pelos animais como “áreas erodidas” pelo diuturno pisoteio e repouso dos animais, impedindo a recomposição do pasto natural. Trata-se uma das frações do sistema faxinal, que fala da sua função dentro de um contexto do todo.

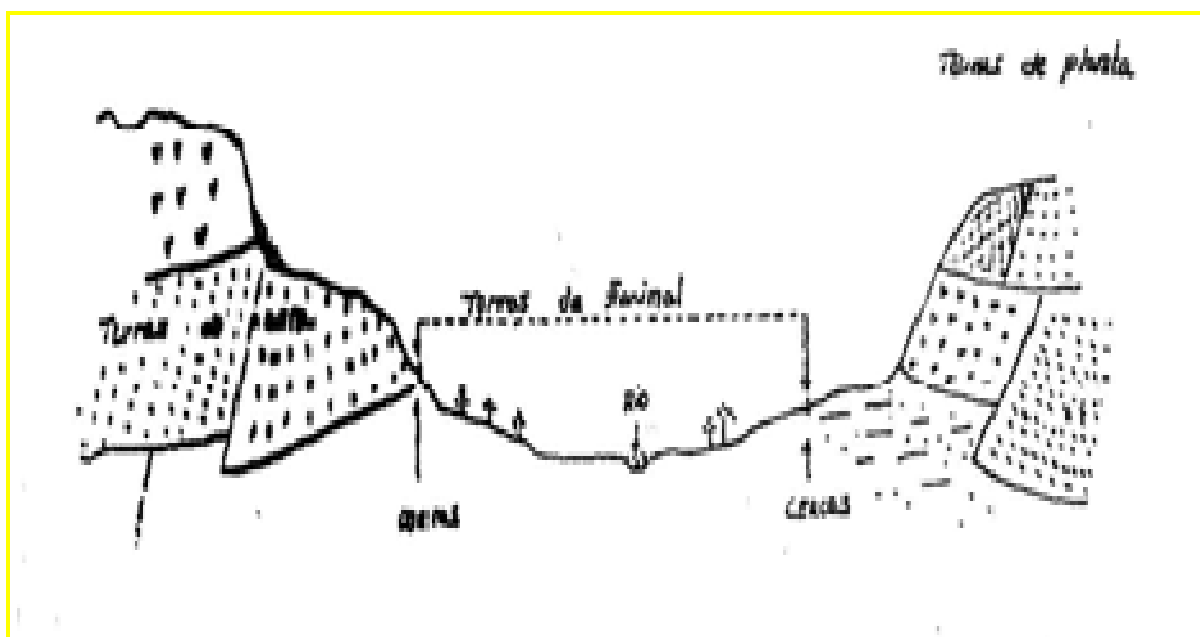


Figura 28 – Perfil Esquemático da alocação das terras por uso do sistema faxinal.
Fonte: CHANG, M. Y. 1986.

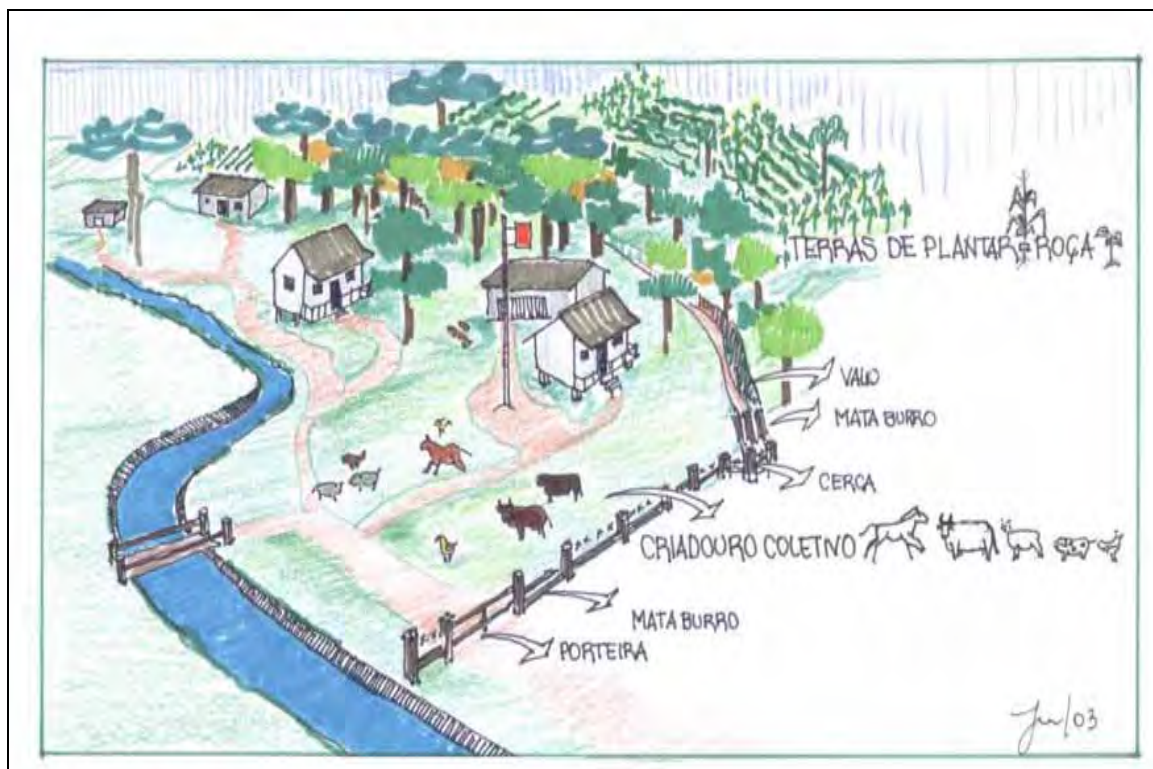


Figura 29 – Disposição esquemática da alocação das terras de Faxinal.

Fonte: Löwen Sahr e Iegelski (2003).

Enfim, as atividades desenvolvidas pelas famílias são realizadas nos ambientes: *terra* (a roça ou lavoura de alimentos), *floresta* (o extrativismo da erva-mate, e criadouro comunitário) e *casa*, (onde é realizado o planejamento de todas as atividades, lugar de descanso e lazer das famílias).

Dessa forma, o faxinalense assume um papel importante como importante agente social e cultural do meio ambiente faxinalense.

6.1. A troca cultural entre os caboclos e os colonos

No que diz respeito à permuta cultural entre colonos e caboclos, embora tenha ocorrido com a vinda dos imigrantes o transplante de seus costumes, hábitos, tradições para o Brasil ou Paraná houve, sobretudo, a apropriação de elementos da cultura do caboclo.

Ao considerarmos a presença do grupo caboclo quando da chegada dos colonos, observamos o quanto as trocas de experiências foram fundamentais para a sobrevivência e construção do lugar do colono.

O trato com o solo nas colônias de imigrantes europeus se desenvolveu, sobretudo, via técnicas agrícolas, utilizadas no Brasil pelos indígenas e caboclos, cujas origens remontam à época medieval.

O sistema de cultivo dos três campos, praticado pelos camponeses no período final da época Medieval, e que consistia em manter sempre um trato de terra (campo) em *pousio* e praticar a rotatividade das culturas a cada ano, sem dúvida, foi um passo à frente no sentido de se conservar a fertilidade do solo e preservar o meio ambiente. Em certa dimensão, contribuiu para diminuir a expansão da fronteira agrícola via rotação de terras (agricultura itinerante) (GOMES, 2008, p.270).

Como exemplo, temos a utilização do sistema de agricultura itinerante²⁵, mais conhecido na região como sistema de coivara, “queimada” ou “lavoura no toco”.

Em relação às práticas agrícolas transmitidas pelos caboclos, a utilização do sengo ou também conhecida pelos colonos como cavadeira²⁶, para plantar as sementes era utilizada pelos colonos na formação de roças, principalmente em terras onde o relevo se apresenta com declives acentuados. Como o uso do rústico bastão de plantar, se abria as covas para nelas jogar as sementes de milho ou feijão e, em seguida com o pé, do próprio colono ou de uma criança, cobria-se com a terra retirada a cova onde foi depositada a semente.

O aproveitamento do milho como alimento (transformado em farinha ou canjica) pelo colono, encontra-se arraigado na alimentação do caboclo, segundo Veroneze (2009). Outro alimento que passou a compor a alimentação diária do colono foi o feijão e a mandioca.

Uma outra técnica que merece ser ressaltada, por ser difundida como uma técnica transposta para o Brasil pelos europeus e que era utilizada pelos caboclos, é a conservação da carne de porco em recipientes contendo a banha do próprio animal (MARCON, 2003).

O consumo de frutos nativos como o pinhão, por exemplo, também foi validado pelo caboclo ao colono. O mesmo podemos dizer em relação ao consumo de chimarrão. Com base em Schmidt(1996), podemos dizer que o colono não somente conheceu o gosto pela bebida como também aprendeu com o caboclo a cultivar e especialmente em transformar as folhas desta planta em erva-mate, ou seja, aprendeu a produzir o que vendia e consumia como bebida.

No que tange à extração da erva-mate, quando se realizava, não centralizava-se somente na mão-de-obra da família, mas envolvia vizinhos e amigos, segundo disseram os entrevistados mais idosos. Verificamos que, os imigrantes europeus, nos primeiros tempos (século XIX) trabalhavam na lavoura (produzindo feijão, milho, mandioca, arroz e fumo), na extração da erva-mate, na abertura de estradas e construção de rodovias e ferrovias.

²⁵ A principal técnica utilizada por agricultores indígenas e tradicionais no Brasil é a agricultura de coivara, ou itinerante *sensu lato*, sendo esta técnica preponderante nas faixas tropicais do planeta. (PERONI, 2004, p. 60). Este tipo de agricultura refere-se a um modo de cultivo em que o período de uso é inferior ao período de *pousio* ao qual o ambiente de cultivo é submetido.

²⁶ O sengo ou cavadeira era feito com a extremidade superior da foice quebrada e um cabo de madeira.

Nestes tempos, para o enfrentamento das matas, das árvores imponentes com seus troncos grossos e altos, para o preparo da terra ou construção de suas casas, com a inexistência de ferramentas e técnicas adequadas, era necessário pensar formas de unir forças com as famílias, indivíduos ali residentes. Uma das formas foi a utilização do “puxirão ou “mutirão”, que é um auxílio gratuito que prestavam os colonos, reunindo-se todos e realizando o trabalho em proveito de um só ou da comunidade. No caso do “puxirão” em proveito de uma só família, os participantes eram gratificados com uma festa e um baile.

Entre os caboclos era comum a prática do “puxirão” ou “mutirão”, em que se unia a força do trabalho vicinal para além da mão-de-obra familiar. Prática essa que o colono também recebeu como herança, do caboclo. Em relatos de caboclos apresentados por Wachowicz (1985, p. 112), “quem dava a festa era para quem se fazia o mutirão”.

As atividades descritas interrelacionando o modo de vida caboclo com a (re) construção do modo de vida dos colonos, não se restringem às práticas mencionadas. Uma delas que tomamos como central para o nosso estudo é o sistema agropecuário chamado sistema faxinal, que tem relação com a identidade cabocla, como atestam Löwen Sahr e Cunha (2005).

Após a vinda dos colonos, os caboclos enquanto grupo tiveram que se reinventar, pois a nova dinâmica provocada pela instalação dos colonos na região, interferiu nos costumes que o grupo praticava, levando-os a romper com o seu estilo de vida. Contudo, nessa conjuntura, não foi somente o caboclo que sofreu interferência no seu “*habitat*”, da mesma forma, o colono também necessitou se reinventar, (re)construir-se e ajustar-se a um meio completamente diferente daquele vivenciado na Europa. Porém, como existem poucos registros falando sobre o modo de vida dos caboclos na região, torna-se difícil saber se o caboclo assimilou práticas dos colonos europeus ou evidenciar e qualificar o processo de troca recíproca entre os saberes do colono e do caboclo. Ainda assim, o sistema agropecuário criado pelo caboclo, chamado de sistema faxinal, é sem dúvida um sistema no qual foram agregadas experiências e saberes dos caboclos e dos colonos europeus.

De acordo com Chang (1988), o imigrante estabelecido na região não conhecia o sistema de criar à solta e muito menos de cercar as roças como faziam os caboclos. Eles, ao contrário, traziam o costume oposto, de plantar em aberto e em abundância e cercar os animais. Boruszenko (2000) afirma que o sistema de cercamento da propriedade foi trazido pelos imigrantes europeus ao Paraná.

Com a vinda dos colonos houve aumento das áreas de agricultura, fato que acabou não suportando mais a convivência com a criação em completa liberdade. Foram introduzidas, em princípio, cercas de “frechame”, constituídas de troncos encaixados e de ripas lascadas de pinheiro, quando a madeira era abundante e sem valor. Mas tarde, segundo Chang, estas foram substituídas por cercas de arame farpado.

O cercamento, conforme atesta Chang (1988) foi introduzido seguindo os costumes da região de criar à solta em um ambiente natural que era farto de alimentos para a criação, dispensando o criador de oferecer alimentação complementar. Outro aspecto a considerar é que nas matas limpas, se desenvolvia a erva-mate intercalada com os pinheiros e outros pés de madeira de lei, matérias-primas de alto valor comercial, que representavam a mais importante fonte de renda dos moradores desta região e, de exploração para construir seus utensílios domésticos e de trabalho.

Os colonos, de modo geral, uma vez estabelecidos em seus lotes (Figura 30), ali se radicavam, pois este era o seu objetivo principal. Porém, segundo Wachowicz (1977), “grande foi o número dos insatisfeitos. Alguns chegaram a abandonar, simplesmente, os seus lotes, outros entretanto, começaram a requerer permuta de lotes com terceiros, geralmente para ficarem mais próximos de seus amigos e parentes, ou procurando lotes com melhores aguadas.”



Figura 30 – O início da vida dos colonos em Prudentópolis. 1910 [?] Queremos dar destaque aos animais criados soltos nas colônias.

Fonte: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis – PR

Payés (1993) afirma que desde o início da ocupação dessas áreas foram feitas divisões, para usos diferenciados, porém o autor assevera que a divisão do espaço rural para

determinado uso dos recursos naturais ocorreu na maior parte da Região Centro-Sul do Paraná. Nessa divisão, as terras altas dão lugar às áreas de culturas anuais, também chamadas de terras de lavoura ou de planta, incluídas as áreas em descanso (pousio). Já as terras baixas dão lugar ao criadouro, também chamado de faxinal, onde criam-se animais segundo direitos e obrigações definidos via acordos entre os moradores.

A contigüidade das áreas destinadas para criadouro comunitário retrata este espírito comunitário, envolvendo todos os integrantes de uma ou mais comunidades rurais.



PARTE III

A comunidade faxinalense: o lugar

CAPITULO 7 - As comunidades faxinalenses na época dos primeiros imigrantes europeus

Neste capítulo, analisam-se as comunidades faxinalenses consolidadas por imigrantes europeus, entre o final do século XIX e início do XX.

Nestas comunidades, o predomínio de pequenas propriedades, o apego à terra, às tradições, à religião e o estabelecimento de fortes laços de solidariedade entre os moradores imprimiram em cada uma delas as suas marcas. Consideramos assim, cada comunidade um lugar. Lugar que foi se modificando e, paralelamente mantendo o sistema de objetos e ações tradicionais, necessários e importantes para a reprodução da comunidade.

O contato estabelecido pelos poloneses e ucranianos com o meio físico e com os caboclos, resultaram nas diversas ações e, destas estabeleceram-se os objetos que retroalimentaram os sistemas de ações estabelecidos. Assim definida e demarcada, a comunidade faxinalense constituiu-se também como um objeto e, como tal possibilitou o funcionamento de um sistema de ações específicas.

Desta maneira, surgem as formas geográficas ou objetos geográficos, produtos e produtores de territorialidades faxinalenses. Parte dessas formas permanece, outras já estão um pouco modificadas ou completamente reconstituídas, mas, fazem lembrar aos faxinalenses de hoje o que era o espaço dos faxinalenses no passado.

Tomando como referência o processo histórico de formação territorial da região onde se inserem as comunidades faxinalenses, identificamos os objetos geográficos que melhor definem o território das mesmas e os agrupamos em: Objetos naturais e objetos artificiais ou fabricados. Diz Milton Santos que “Os objetos que interessam a Geografia não são apenas objetos móveis, mas também imóvel, tal uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem, um porto, uma floresta, uma plantação, um lago, uma montanha. Tudo isso são objetos geográficos”(SANTOS, 2008, p.72).

Com base no autor, entendemos os objetos naturais, como produtos de uma elaboração natural, enquanto os objetos artificiais seriam produtos de uma elaboração social. Os primeiros como dom da natureza e os segundos como resultantes do trabalho humano.

Os objetos naturais, ou as coisas²⁷, marcaram profundamente a vida dos faxinalenses. As terras de relevo com declives acentuados, áreas planas com aguadas, a erva-mate, o pinheiro, árvores frutíferas, etc. ainda são vistos como elementos referenciais no tocante a identificação de cada comunidade faxinalense. Em algumas comunidades estes objetos guardam o seu componente simbólico, alterando-se, no entanto, seu aspecto funcional. Todavia, nas duas comunidades que estudamos esses objetos ainda são referências espaciais e elementos de interação funcional.

A influência dos objetos naturais, notadamente a terra (solo), a topografia, as matas, as águas foram relevantes, mas não foram os únicos e tampouco determinantes na configuração dessas comunidades. Todavia, o peso dos recursos naturais foi marcante como o suporte para as primeiras relações que se estabeleceram entre os faxinalenses e o seu meio. Na verdade, esses objetos naturais acabaram por orientar, os processos e as formas de apropriação, configurando as terras altas e terras baixas em espaços diferenciados que vieram a constituir o sistema faxinal, partes nas quais os sistemas de objetos e ações são distintos, porém, integrados.

Foi desta apropriação particular no contexto regional que surgiram as comunidades faxinalenses. Estas se tornaram espaços singulares, lugares cujo significado foi se transformando com a evolução dos sistemas técnicos.

No início, o sistema técnico e os objetos naturais ou artificiais, constituíam sistemas abertos, na medida em que ganhavam funcionalidade a partir das escolhas da própria comunidade, ou seja, eram organizadas a partir das necessidades e relações locais.

Contudo, a atividade de extrativismo do mate para exportação, a criação de suínos para o comércio da banha para o Estado de São Paulo, a produção de alimentos para abastecimento do mercado interno, dentre outras funções, revelam que as comunidades faxinalenses eram lugares inseridos dentro de uma lógica espacial cujos fatores que as explicam vão muito além da escala local. (Figura 31).

²⁷ Santos (2008, p. 65), fala que “No princípio, tudo eram coisas, enquanto hoje tudo tende a ser objeto, já que as próprias coisas, dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de intenções sociais, passam, também, a ser objetos”.



Figura 31– Caminhos percorridos pela erva-mate produzida na região dos faxinais
 Fonte: COSTA, 1995.
 Org. A autora, 2008.

Entretanto, dadas as dificuldades de transporte de seus produtos, essas comunidades se constituíram predominantemente pela ação dos vetores horizontais, os quais obedeciam ao tempo mais interno, aquele da comunidade. Nestas comunidades reproduziu-se um modo de vida que possibilitou, por um lado, que estas comunidades servissem àquela lógica vertical (produzindo erva-mate, banha, alimentos etc.) e por outro, o surgimento de espaços singulares, fruto das relações do faxinalense com o meio físico.

Os faxinalenses utilizavam os objetos naturais para atender seus interesses e lhes davam valor conforme o seu conhecimento técnico ou tradição cultural. Inicialmente, muitos dos objetos técnicos somente eram funcionais na e para a comunidade, dado que seu manuseio dependia do conhecimento transmitido ao longo das gerações, de pai para filho.

Sendo comunidades de imigrantes, suas tradições, seu culto, seus valores, seu modo de vida, foram de início os que trouxeram da Europa. Com o passar do tempo, a força do meio também se impôs.

Sendo o espaço geográfico um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, sua definição varia com as épocas, isto é, com a natureza dos objetos e a natureza das ações presentes, em cada momento histórico. Já que a técnica é também social, pode-se lembrar que sistemas de objetos e sistemas de ações em conjunto constituem sistemas técnicos, cuja sucessão nos dá a história do espaço geográfico. (SANTOS, 2002, p.332),

O “isolamento geográfico” das comunidades foi um dos fatores de estruturação das redes de solidariedade locais, já mencionadas. As relações informais eram as que estruturavam o ritmo (tempo interno) e as tarefas da atividade produtiva, sendo mais influenciadas pelo lugar.

Os objetos que nos primeiros tempos estabeleceram o vínculo locacional dos colonos e o espaço e se constituíram como os primeiros elos de identificação, foram a terra de propriedade individual e os recursos naturais que ela continha, a moradia provisória construída pelo governo para instalação de famílias, depois a presença de animais domésticos²⁸, roças, hortas, estradas²⁹ e as relações sociais marcadamente estabelecidas entre vizinhos, parentes e compadres.

A construção de uma casa, o preparo da roça, a criação de animais, são fortes indicadores de permanência e resistência num determinado lugar.

A intencionalidade das ações humanas, mediadas pelas relações sociais, imprimem funções no espaço. Estas funções expressam fielmente aquela intencionalidade que, ao condicionarem as relações sociais, realizam, no espaço, o seu sentido. Ou seja, a organização espacial espelha fielmente a qualidade das relações sociais. (SANTOS, 1986, p.96)

Notamos também que a agricultura, nesta região, embora tratada secundariamente, sempre foi o elemento aglutinador e de resistência além de formador do espaço de vida e sociabilidade dos moradores da região.

Tais marcos transformaram, então, uma porção da superfície terrestre em *habitat* humano, ou melhor, em “lugar geográfico”. (SANTOS, 1986, p.95), pois a ação humana é antes de tudo, atribuição de funções a pontos da superfície terrestre. As estradas, as casas, as plantações, a criação de animais, as igrejas, as escolas dão a locais do espaço, caráter de utilidade humana, de lugar.

Para Souza (2006, p. 175) “Um lugar é um espaço habitado ou habitável. Nesta perspectiva, é o habitar, que define o lugar. Nesta perspectiva, para nós geógrafos, o lugar se confunde com a noção de *habitat*.”

²⁸ Diz Ribeiro (1998,p. 84) que “A domesticação de animais, surgida em certas áreas, permitiria enriquecer a dieta humana com uma provisão regular de carne e também de leite e peles. Mais tarde alguns dos animais domesticados proporcionariam uma nova fonte de energia muscular, além da humana, como montaria ou força de tração de arados e carros, multiplicando, dessa forma, a capacidade produtiva do homem e sua mobilidade espacial”.

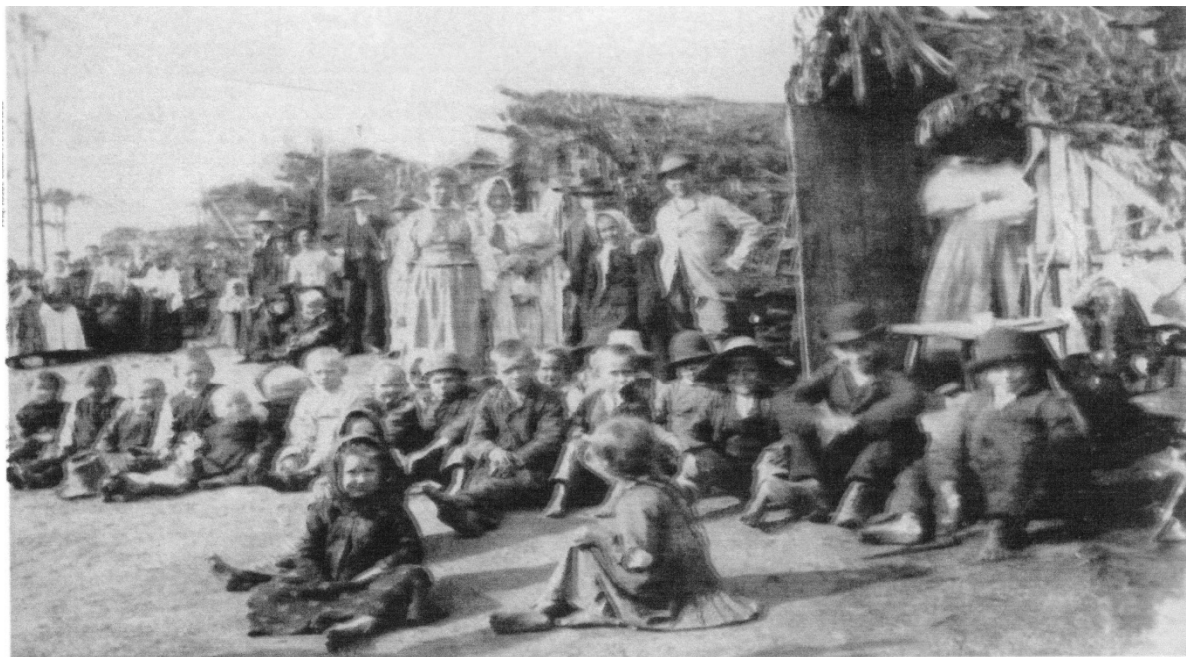
²⁹ Conhecidas inicialmente como picadas. “A picada, por ser um espaço desbravado, propiciava certa organicidade, certo vínculo vicinal e de interconhecimento espacial, humano e social (SEYFERTH, 1982 *apud* TEDESCO, 1999, p. 63). De acordo com o autor, muitas das picadas da região são hoje rodovias ou estradas, espaços esses promotores da germinação econômica e habitacional.”(Ibid, p. 63).

À maneira dos indígenas e caboclos, as colônias instaladas no Paraná constituíram lugares, cuja territorialidade dos colonos passou a ser carregada de profundas marcas da ligação com a terra, com a mata, com os fenômenos naturais - no sentido físico do termo - ou seja, havia uma relação bastante próxima entre os colonos e a natureza, dada a pequena expressão das bases tecnológicas que estes colonos possuíam.

Neste período, a qualificação do lugar está vinculada à uma cultura local, o colono faxinalense vê os seus limites geográficos (Figuras 32 e 33), têm contatos pessoais e diários com as mesmas pessoas, ou melhor com as pessoas conhecidas. As ações das pessoas próximas à eles(vizinhos, parentes, amigos) vão moldando este espaço desenvolvendo o trabalho diário de construção dos objetos geográficos (SANTOS,1986), que são a circulação (as estradas) abrigos (as casas) e busca da alimentação (as roças). Apenas, esporadicamente, estes têm contatos com pessoas distantes, de fora do seu raio de convivência.

Nos primeiros anos após a instalação, o colono se encontrava instalado num lugar precariamente conectado com outros lugares. Viviam os colonos isolados e seu isolamento lhes dificultava principalmente a vida monetária.

Entretanto, os que se instalaram em meio aos ervais, tinham a intenção de realçar as estratégias implementadas para recriar o Velho no Novo Mundo, ou seja, construir um lugar que lembrasse aquele deixado para trás, demonstrando assim o significado e o vínculo do imigrante com aquele que era o seu lugar. Porém, como vimos, as dinâmicas presentes nos processos de adaptação de imigrantes à terra de adoção são as mais variadas, e sem dúvida o local de estabelecimento influencia no ritmo da adaptação do grupo à nova realidade. Assim, o imigrante busca construir nesta região (Figura 34), um lugar que se assemelhe àquele deixado na Europa. Assim, de acordo com Andreatza (2008), essas colônias rurais marcaram a paisagem brasileira a tal ponto que aos olhos dos brasileiros, percorrê-las equivalia a um passeio pelas aldeias do interior da Europa.



Casas de imigrantes construídas com varas, trançadas com palha de centeio e cobertas com folhas de palmeira.

Imigrantes: em busca da Terra Prometida

Figura 32 – Casas dos imigrantes construídas com varas trançadas com palha de centeio cobertas com folhas de palmeira - 1910 [?]

Fonte: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis – PR



Figura 33 – As colônias dos imigrantes europeus – 1910 [?]

Foto: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis – PR,



Figura 34 – A paisagem das colônias de imigrantes no Paraná, 1915 [?]

Foto: Acervo do Museu do Milênio – Prudentópolis – PR

De fato, até as primeiras décadas do século XX, cada uma delas se constituía com muitas das características culturais dos imigrantes. Essa era a expectativa, reconstituir no Brasil o lugar deixado para trás, tamanho e forte era o vínculo dos imigrantes com a sua terra natal³⁰. No entanto, quando aqui aportaram se depararam com outra realidade e, para sobreviver, as trocas culturais com outras nacionalidades, foram indubitavelmente imprescindíveis.

Sponholz (1971) afirma que tanto ucranianos como poloneses desde o início da imigração procuram desenvolver suas comunidades, bem como manter sua identidade cultural³¹. No entanto, como não havia a opção de retorno às terras de origem, tiveram que conviver estabelecendo novos vínculos.

³⁰Alguns fatores confirmam estes fortes vínculos com a terra natal como: a vinda de padres e religiosas dos países de origem dos imigrantes a pedido dos imigrantes instalados no Brasil. (Ювілейний Календар "Праці" 1997- 100 - ліття Іміграції Українців у Бразилії (Calendário em comemoração ao Jubileu de ouro da Imigração ucraniana para o Brasil,1997)

³¹ Os ucranianos, através da ordem Basiliense – Irmãs Servas de Maria Imaculada Virgem Maria, com sede geral em Prudentópolis, as catequistas do Sagrado Coração de Jesus, abrindo escolas de ensino primário e médio, orientando cursos de economia doméstica e outros, até mesmo nas colônias mais distantes. Mantiveram atividades sociais e culturais através da União Agrícola Instrutiva, com sede geral em Curitiba e filiais espalhadas em diversas cidades do Estado. Existe também a Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, que promove intercâmbio cultural através de programas radiofônicos e outros meios. Desde 1907 possuem os ucranianos imprensa própria como veículo de cultura e sustentação da língua e informações aos lavradores.

A convivência entre eles e os caboclos da região fez com que incorporassem as práticas agrícolas e de extrativismo, costumes e até hábitos alimentares caboclos, construindo aqui um universo social onde se misturavam a cultura indígena, a cabocla, do colono europeu e outros grupos humanos.

Não houve, é claro, uma assimilação absoluta, isto é, uma perda total pelo imigrante de seus valores culturais para aceitação integral dos valores nativos. Notou-se ao contrário, um processo em que foi constante a troca de valores, o que beneficiou, de certo modo, os respectivos quadros sociais, de maneira que as populações brasileiras, em contato com os imigrados, também não perderam as bases fundamentais de sua formação.

Diégues Junior (1980) afirma que a localização do imigrante exerce ponderável influência nos resultados do processo de relações de cultura: primeiro, de um ponto de vista estritamente geográfico, quanto às áreas por ele ocupadas; e segundo, de um ponto de vista mais amplo, quanto à maneira de distribuição do imigrante. A forma como foi localizado o imigrante influenciou para a maior ou menor rapidez com que se desenvolveram as relações de cultura. No caso dos imigrantes de Prudentópolis e Rio Azul, instalados em colônias, o processo de assimilação foi mais lento, moroso, ou seja, o imigrado resistiu mais demoradamente à assimilação, o que somente se atenuou uns trinta a quarenta anos para cá. O contrário, aconteceu, segundo Diégues Júnior (1980), quando, porém, os imigrados foram distribuídos em fazendas de café em S. Paulo, ou em áreas urbanas, como na capital de São Paulo e no antigo Distrito Federal, o processo de assimilação se verificou mais rápido, acelerou-se e ativou-se. O contato imediato, constante, cotidiano, com o elemento brasileiro ou entre elementos de etnias diversas, facilitou a assimilação de traços culturais, permutando-se mais rapidamente os valores de que cada grupo era portador.

Como podemos notar até aqui, a permuta cultural entre os grupos humanos é o principal agente na ambientação do colono e de transformação do meio, na produção da subsistência e no enfrentamento das distâncias.

Com base em Santos (2001), estamos tratando de um período de acomodação e morosidade na relação com o meio, pois permitia-se que a floresta voltasse a crescer durante algumas décadas, antes do plantio recomeçar num mesmo lugar. Era, desse modo, um lugar caracterizado pela relação muito próxima com o meio “natural” e pela interação cultural entre os grupos étnicos que o habitavam.

Igualmente os poloneses ao imigrarem foram sempre acompanhados de missionários, fundando escolas, hospitais, igrejas e sociedades nas colônias. A Sociedade União Juventus, em Curitiba, é uma digna representação de sua cultura. De forma semelhante aos imigrantes ucranianos, os poloneses também se preocuparam em criar uma imprensa para divulgação e informações vinda do seu país.

As terras planas e acidentadas com matas densas caracterizavam o ambiente, onde foram instalados os colonos. Estes primeiramente selecionaram os espaços para a construção das suas moradias, tendo como critérios de seletividade espacial a existência de água, terras planas, solos agricultáveis, elementos básicos na constituição do lugar de moradia. As terras acidentadas foram destinadas para a plantação agrícola. A escolha das terras de relevo íngreme para a prática da agricultura se justificava pela idéia de que terras mais altas eram terras férteis. Ressalta-se, que a produção agrícola (em roças, ou lavouras de tocos) dependia totalmente da fertilidade natural do solo, reforçando ainda mais, o vínculo do colono com o meio natural.

Desse modo, matas, rios, animais, terras planas e montanhosas, foram incorporados ao espaço de vida dos primeiros colonos. Daí surgiram os lugares marcados profundamente pelas referências naturais, notadamente elementos vegetais, animais, hidrográficos, edafo-morfológicos etc.

Assim, o lugar dos faxinalenses foi sendo construído via contato direto com a natureza. Movidos pelo trabalho e desejo de domínio e de adaptação, essas populações em meio às matas virgens, mantiveram uma interação social que era fortemente marcada por relações pessoais, de co-presença e o seu trabalho agrícola sofria interferência direta das forças da natureza.

As ferramentas eram confeccionadas na proporção que as dificuldades foram aparecendo para os agricultores. A maior parte delas era como se fosse a extensão do corpo. Os cabos da foice, da enxada, da cavadeira, do machado são na verdade o prolongamento dos braços do trabalhador.

Podemos dizer que para a época “esse processo significou a imposição à natureza de um primeiro esboço de presença técnica, pois os ritmos e regras humanas buscavam sobrepor-se às leis naturais. Todavia, a natureza comandava, direta ou indiretamente, as ações humanas. Neste meio “a natureza triunfa e o homem se adapta” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 29).

No entanto, o contato do colono com a natureza foi gradativamente sofrendo alterações. Nos primeiros tempos, os colonos procuravam retirar o necessário para atender apenas as necessidades biológicas. O encontro dos colonos, com o meio rude e desconhecido, com a mata, com as casas provisórias, com os grupos humanos diferentes culturalmente, mostra essa complicada relação do colono europeu com as terras paranaenses.

Entretanto, havia também a necessidade de adaptação social e, essa foi acontecendo gradativamente, primeiro porque não havia possibilidade de retorno do colono para sua terra

natal, segundo porque com o tempo a infraestrutura de transporte foi diminuindo o isolamento das colônias e melhorando aos poucos a vida na região. Também o contato do colono com o caboclo possibilitou ao primeiro a familiarização com a terra, com o espaço natural.

Na agricultura, todo o trato do solo, neste início, se desenvolveu, sobretudo, via técnicas agrícolas de caboclos, como foi o sistema de coivara. Assim, no lugar construído pelos colonos, os saberes e ensinamentos dos caboclos, integram o que se convencionou chamar de identidade européia, neste caso, ucraniana e polonesa.

Nos primeiros tempos, trabalhos agrícolas e não-agrícolas (marcenaria, carpintaria, ferraria, etc.) se misturavam na relação com o meio, mas o que rendeu identidade ao colono foi sem dúvida, o extrativismo da erva-mate, a agricultura de alimentos e complementarmente a criação de animais.

Muitos foram os objetos ou elementos internos importantes na estruturação das comunidades faxinalenses. Optamos por selecionar aqueles que consideramos mais significativos, no sentido de terem possibilitado a organização dessas comunidades e a sua continuidade. Damos ênfase àqueles que permitiram que as comunidades faxinalenses se inserissem ativamente nas redes regionais e nacionais, ao mesmo tempo em que asseguraram a sua reprodução sócio-econômica e a afirmação de seus laços identitários (cultura própria, costumes e tradições etc.), ou melhor, a sua existência como comunidade faxinalense.

O faxinal - embora estruturado tendo como base os recursos naturais é uma obra humana. Uma organização camponesa, que a partir dos objetos naturais, produziu e conservou comunidades que com suas práticas conservaram a biodiversidade da Floresta Ombrófila Mista com Araucárias e um modo de vida singular.

Criadouro comunitário - ajuda-mútua, puxirão, troca de dias de trabalho - no início da colonização, o relativo isolamento geográfico das colônias, promoveu o florescimento de fortes laços de solidariedade, fundamentais por questões de sobrevivência. Muitas são as páginas escritas da história sobre as dificuldades enfrentadas pelos colonos no processo de adaptação às condições do meio ambiente. Nestas condições, a identificação imediata de um vizinho era evidentemente básica para a sobrevivência do indivíduo ou do grupo, assim como o diálogo e a reunião de força física para desbravar as matas. Por isso, não é difícil, assim, compreender o porquê da construção de laços de solidariedade e práticas coletivas, como “puxirão”, a ajuda mútua, a troca de dias e a partilha da terra para criadouro comunitário. Como os contatos eram com pessoas co-presentes, as experiências eram intercambiadas e as dificuldades minimizadas, através do auxílio - mútuo entre vizinhos, parentes e compadres.

Tais redes acabaram por definir os espaços comunitários e assegurar aos faxinalenses o sentimento de pertencimento ao lugar, estabelecendo com ele elos cada vez mais estreitos. Assim, os espaços das comunidades, passaram a ser, sobretudo locais de significado ímpar e espaços de possibilidades.

As casas: As residências dos colonos eram simples, feitas de madeira, e sem conforto. Essas habitações modificaram a paisagem individualmente, porque não foram construídas em blocos, como as moradias na cidade. Havia nelas “uma impressionante submissão da técnica ao meio, um intercâmbio de caracteres de profundas significações” Aquele que mais chama atenção é o que “representa a contribuição autêntica do meio – é a tabuinha, empregada como telha e como rótula” (MARTINS, 1989, p. 58-59). Endress citado por Wilhems (1946), sublinha a semelhança da primeira casa construída pelo colono, na mata virgem, com a casa do caboclo, frisando em ambas, o ajustamento e subordinação às leis da paisagem natural.

Igreja Católica - A participação da Igreja Católica na região, cujos limites de pertencimento à comunidade também eram traçados pela influência da igreja local ou capela. A igreja agia no sentido de reforçar o sentimento de pertencimento a um lugar e para auxiliar no processo de adaptação do colono europeu à nova terra. Estas construções sempre foram as que marcaram as comunidades, pela grandeza de sua edificação. Além disso, o seu entorno era bastante utilizado para o convívio entre os moradores que se reuniam no entorno das mesmas para conversar sobre assuntos diversos.

As vendas, bodegas ou casas de comércio - Uma das instituições locais mais importantes das comunidades faxinalenses, que servia para integrá-los e uni-los à sociedade maior, era a venda. Objetos centrais no espaço de cada comunidade, e importantes como pontos de encontro, de conversas, troca de experiências e de lazer, ou seja, locais onde cada morador reafirmava sua condição de membro da comunidade. As “vendas” permitiram o desenvolvimento das redes de comercialização da região. O comerciante vendia aos faxinalenses o produto que eles não produziam e comprava deles os produtos da roça. Ali comprava-se a maior parte das ferramentas e comestíveis, que eles mesmos não poderiam produzir. A roupa era um dos principais produtos. O proprietário da venda era essencialmente, um intermediário comercial e além disso comprador das colheitas dos faxinalenses. Era ele que conectava, do seu jeito, a comunidade ao mundo exterior, trazendo e repassando todas as notícias que apareciam fora do meio deles. Os donos da vendas eram personagens importantes não só no campo econômico, mas também no cultural. Desse modo, a venda além de ser o local de negócios, de comércio era também um centro social para encontros de vizinhos,

amigos e para as atividades não-religiosas. Por serem mais abastados, os comerciantes, eram sempre indicados para ocupar funções de liderança da comunidade, como presidentes da comissão da igreja. O espaço de sociabilidade da comunidade estendia-se mais ou menos, de forma radial em torno desse núcleo central, área “*core*”, onde estavam a igreja, a venda. De acordo com Marcio; Schneider, 2006, p. 04), no Sistema Agrícola Colonial (SAC)³ o mercado se apresentava de forma distinta ao de hoje, para os agricultores familiares. Neste sistema produtivo, o mercado se apresentava de forma pessoal e perceptível, geralmente travestido de comerciante local das comunidades ou linhas e estradas interioranas, o vizinho e o comércio em casas de venda e armazéns. Nesta época, segundo o mesmo autor, o mercado era distinto em ação, submissão da força de trabalho e em termos de como se apresentava aos colonos. Se apresentava aos colonos na fisionomia do comerciante local, que comprava os gêneros agrícolas e pecuários dos colonos e lhe vendia artigos para a manutenção familiar e complementos para a alimentação como sal, querosene, produtos de estiva, etc. Os colonos também trabalhavam na abertura de estradas, na construção de pontes e escolas gerando excedentes financeiros líquidos para pagar a terra dívida ao Estado, conforme já mencionamos.

De acordo com Piran (2001, p. 31):

Desde o início, os agricultores familiares organizam a sua produção para o mercado, mesmo porque necessitavam de excedentes para pagar suas terras e complementar a manutenção familiar. Isto era conseguido, não apenas comercializando os excedentes não consumidos pela família, mas dedicando-se efetivamente ao cultivo ou criação para o mercado.

As estradas carroçaveis e as carroças – de importância vital para o escoamento da erva-mate extraída nas comunidades. O feijão, o milho e outros produtos também eram assim transportados, mas estes geralmente seguiam somente até a cidade do próprio município. As estradas eram precárias, estreitas feitas para passagem de carroças e para locomoção de pessoas, cavalos cargueiros etc., mas, eram objetos dinamizadores da economia local e regional, ao permitir o comércio do mate, a troca de animais vivos ou produtos deles derivados, bem como a venda de produtos agrícolas.

Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul e a linha telegráfica - Enfatizou-se anteriormente a importância das ferrovias na valorização das terras das colônias e na melhora das condições gerais dos colonos. A linha telegráfica, por sua vez, ofereceu oportunidades de trabalho para grande massa de trabalhadores.

É neste contexto que a tradição das comunidades de faxinal começa a se estruturar, dando o seu primeiro passo como *necessidade e utilidade*, no sentido de buscar primeiramente a sobrevivência biológica, e depois a econômica, social e cultural.

A população dos faxinais se unia para enfrentar o trabalho agrícola, para construir estradas, cercas no entorno do criadouro, para realizar festas religiosas e populares, em comunidade. Essas práticas se tornaram necessárias e úteis para todas as famílias que habitavam este espaço e, assim foram sendo repetidas por várias gerações, como tradição. Por isso, concordamos com Braios (2009), quando diz que a construção da tradição é fruto direto da capacidade humana de selecionar e acumular experiências positivas e de ensiná-las aos semelhantes.

À medida que o tempo foi passando, as estruturas da tradição foram se tornando cada vez mais complexas e novas faces foram por elas incorporadas. Assim, aquilo que era realmente uma necessidade e era útil somaram-se as normas de regulação social e religiosa, em que era fundamental ajudar aos outros para ser ajudado e, sobretudo, assegurar a sua inclusão na comunidade. A transmissão da religião também foi uma tradição necessária para construir e manter coesa uma comunidade, já que a igreja tinha o papel de vigilância e controle sobre o dia a dia de cada pessoa. Tanto é que, nas localidades que estudamos, o sentido de comunidade está também vinculado diretamente à igreja³², à religião que os moradores seguem. A tradição assim deixa de ser sinônimo de sobrevivência biológica, para ser também uma necessidade de reprodução social e espiritual, ganhando assim novos contornos, com a construção de igrejas, para a expansão e preservação da tradição religiosa.

A mudança e o processo de adaptabilidade do colono ao Brasil, à esta região especificamente, fizeram com que o cotidiano vivido em seus países se ajustasse e se construísse em relação ao meio vivido neste país.

À medida que o tempo foi passando, as comunidades faxinalenses sofreram alterações nas relações sociais e, assim a natureza foi ganhando novas expressões culturais, redefinindo suas bases geográficas, com o aumento de moradias, de áreas de plantações em lugar de matas densas, o uso de animais para o trabalho entre outras mudanças que continuamente foram acontecendo.

³² Para a organização das festas “de igreja” eram convocados os membros (homens, mulheres) da comunidade que junto com a comissão da igreja, participavam de todos os preparativos para as festas religiosas e populares. Aqueles que não participavam das celebrações religiosas não eram convocados para ajudar na organização dos eventos da igreja, sendo automaticamente “excluídos” da comunidade.

Gradativamente, “o homem vai impondo à natureza suas próprias formas, a que podemos chamar de formas ou objetos culturais, artificiais, históricos. Estes objetos culturais fazem com que esta conheça um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultado da cultura.” (SANTOS 1988, p.89).

Assim, simplificadamente, retratamos como eram as comunidades faxinalenses no período que compreende os anos finais do século XIX até meados do século XX. A partir daí, as comunidades passam a sofrer mudanças no sistema de técnicas, incorporando elementos modernos, impondo às comunidades novas dinâmicas espaciais e sociais.

CAPITULO 8 - Os ímpetos modernizadores e as práticas agrícolas nas comunidades faxinalenses

A palavra modernização tem sido empregada na maioria dos estudos que tem como objetivo apreender as transformações que aconteceram na agricultura brasileira, mais acentuadamente a partir dos anos de 1970.

Diante de um leque de interpretações do processo de modernização, adotou-se a abordagem de Fleischfresser (1988, p. 11) na qual o conceito de modernização,

assume a conotação explícita de modernização tecnológica, significando que as alterações na base técnica da produção agrícola ocorreram devido a adoção de meios de produção de origem industrial, produzidos fora das unidades produtivas rurais e, portanto, adquiridos através do mercado.

A modernização da agricultura é um fenômeno que está presente no Brasil desde o pós-guerra (1950), processo este movido pela utilização de equipamentos mecânicos e produtos da indústria química. No entanto, somente a partir da década de 1970, em razão da instalação de empresas produtoras destes bens materiais no país, é que a “industrialização da agricultura” difundiu-se, e as atividades agropecuárias passaram a constituir ramos de produção semelhantes aos da indústria.

Desde a segunda metade dos anos 1950, houve no Brasil um forte estímulo à modernização agrícola, que começa com subsídios ao uso de máquinas agrícolas, vindo a ser ampliado pela inclusão de subsídios ao uso de fertilizantes e defensivos agrícolas a partir dos anos 1960. Moreira (1999) assevera que, foi exatamente no final dos anos 50 que se instalaram no país as principais indústrias produtoras de máquinas e equipamentos para a agricultura, bem como as de fertilizantes químicos, defensivos agrícolas, rações e medicamentos veterinários.

Nestas circunstâncias, a partir da segunda metade dos anos sessenta, o Estado se mobiliza e implementa o projeto de modernização da agricultura, respondendo à necessidade de criar uma demanda capaz de absorver a produção das indústrias de bens de capital para o setor, abastecer a demanda por exportações e por alimentos para o mercado interno, as duas últimas em crescimento a partir do final do período. Essas exigências sobre o setor agropecuário aumentam na década de 70, tanto aquelas a montante como a jusante do setor. As primeiras devido ao fato de as indústrias de bens de capital já terem sido instaladas com uma capacidade de produção à frente da demanda; o que requer um mercado consumidor em rápida expansão. (FLEISCHFRESSER, 1988, p. 12-13)

O crédito agrícola subsidiado foi um dos instrumentos básicos desta modernização, no entanto estas políticas foram mais benéficas às regiões industrializadas e aos produtos

agrícolas de exportação (trigo, café, soja e cana-de-açúcar) e matérias-primas para a indústria.

Ao nível de estratos sociais, foram os grandes proprietários que receberam a maior parcela de renda transferida à agricultura. Os pequenos proprietários continuaram exercendo sua importante função no suprimento de alimentos e matérias-primas para a indústria. Além de que, o setor agrícola de subsistência e o setor terciário exerceram segundo Szmrecsányi (1979), um importante papel como fonte de emprego, para a força excedente de toda a economia.

Dentre as políticas econômicas do Estado, a de crédito agrícola foi decisiva, uma vez que viabilizou a aquisição dos insumos. Igualmente, na parte de adaptação e de difusão da tecnologia, foram importantes a criação e o desempenho, das empresas estatais, da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMBRATER³³, e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA³⁴. Além disso, importante mencionar a pressão psicológica sobre os produtores, mencionada por Fleischfresser (1988), via indução do uso das inovações químicas feita por propagandas das empresas nos mais eficientes canais de comunicação, atribuindo unicamente aos seus produtos o sucesso das colheitas.

Moreira (1999) argumenta que a modernização da agricultura, que se intensifica a partir de meados dos anos 60, está centrada em duas ordens de interesse mais diretos: ampliação dos mercados para o ramo industrial produtor de máquinas, equipamentos e outros insumos agrícolas e pelos ramos industriais que transformam matérias-primas agrícolas em bens de consumo final.

Esse processo conduz o produtor a um crescente processo de mercantilização do produto final e da atividade produtiva, dado que o aumento dos custos monetários implica no aumento das receitas monetárias, como forma de viabilizar a produção e a reprodução do processo produtivo. A prática da agricultura ficou mais cara com a adoção de meios de produção de origem industrial.

Como se sabe, a adoção desse “ modelo ” de modernização da agricultura brasileira, foi inicialmente estimulado e incentivado pelo Estado, através de medidas de política econômica. Os responsáveis por essas medidas foram influenciados ideológica e economicamente pela chamada Revolução Verde³⁵, que, sobretudo, criara a expectativa de

³³ Instituída pelo Governo Federal, pela Lei nº 6.126 de 06 de Novembro de 1974.

³⁴ Instituída pela Lei nº 5.851, de 7 de dezembro de 1972

³⁵ A Revolução Verde se refere à invenção e disseminação de novas práticas agrícolas e as variedades de alto rendimento – VARS ou sementes híbridas, as quais possibilitaram um significativo aumento na produção agrícola em países menos desenvolvidos, durante as décadas de 1960 e 1970. O modelo da Revolução Verde consiste na intensiva utilização de sementes híbridas, insumos industriais e mecanização.

superação do subdesenvolvimento através das transformações no setor agropecuário, que era visto como uma barreira ao crescimento econômico e que seria superado com a introdução de técnicas novas de produção, como as químicas, e sementes à elas associadas.

Entretanto, a modernização deste setor não se manifestou de forma homogênea ao nível regional, ao nível de diferentes culturas e nem ao nível de diferentes tamanhos de propriedade, foi um processo deveras seletivo, e acentuou ainda mais o processo de diferenciação social entre os produtores. O padrão tecnológico foi definido pelo uso de tratores maiores e mais potentes e pelo uso discriminado de fertilizantes e defensivos agrícolas e animais.

Do ponto de vista da produção, deu-se prioridade à produção agrícola exportável e de matérias primas para o processamento industrial e a modernização tecnológica expulsou agricultores transformando-os em assalariados ou desempregados urbanos.

Os produtores mais atingidos foram os menores (até 20 ha), pois sua expulsão da terra significa que não mais se encontram na condição de produtores rurais e nesse caso, a proletarização é a condição mais provável, na medida em que para manterem sua subsistência só lhes resta a venda de sua força de trabalho (FLEISCHFRESSER, 1988, p. 41).

Esses processos expulsórios intensificam as migrações rural-urbana e rural-rural, colocando os agricultores migrantes em reduzido poder de barganha na definição de suas condições futuras de reprodução econômica e social. Uma análise crítica sobre as condições dos migrantes rurais levaria fatalmente à conclusão de que o ganho econômico da modernização agrícola não foi proporcional ao custo social gerado.

A modernização foi acontecendo lentamente em alguns lugares, abrangendo apenas parte do ciclo de produção e nem todos os produtos. Além de que, o modelo tecnológico introduzido na agricultura brasileira na década de 70 e, por conseguinte na paranaense, teve como características centrais “ser excludente em relação a determinados tipos de produtores” (Ibid, p. 23). Diante deste contexto, é oportuno dizer que as transformações nas atividades agrícolas não foram consolidadas uniformemente por todas as regiões do país.

Na região do Paraná Tradicional, até 1960, não havia se constituído um setor agrícola mais desenvolvido, nos moldes do desenvolvimento preconizado, principalmente porque o potencial de acumulação estava nas atividades extrativas da erva-mate e da madeira. Outro aspecto é justificado pelo meio físico. Segundo Westphalen (1968), a região possuía solos com menor fertilidade natural que as demais regiões do Estado, e sua área soma as extensas áreas onde o relevo impõe sérias limitações à mecanização das atividades agrícolas.

Em áreas do Paraná Tradicional, se comparadas a outras regiões do Paraná, como as Regiões Norte, Oeste e Sudeste, nota-se que vários fatores contribuíram para o ritmo lento de tecnificação, como o meio físico que não era adequado para a agricultura, e a própria agricultura, apontada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES (1982), como uma agricultura que não visava lucros mas, fundamentalmente, uma produção com técnicas rotineiras e de baixa produtividade. O Instituto menciona também o peso da tradição e dos costumes que se faziam presentes, inibindo inovações.

De qualquer forma, em consonância com esse processo, o campo paranaense, embora em ritmo de tecnificação mais lento em uma região e mais acelerado em outras, passou a exercer atividades não propriamente urbanas, mas atividades que criaram uma nova dinâmica de funcionamento. A agricultura passou a depender menos das condições naturais. As relações sociais também foram transformadas, pois a dinâmica produzida a partir da modernização da agricultura traz novos modos de divisão do trabalho e de organização da vida econômica e social.

Houve uma redefinição em grande parte no equilíbrio cultural do passado. As transformações que se expressam no uso da química para substituir a adubação produzida na própria unidade de produção, nos meios mecânicos, na experiência tradicional pouco valorizada pela ciência, na biologia e nas culturas animais e vegetais, nas culturas novas, implementam um nova geografia agrícola e mudanças nas relações de trabalho. (TEDESCO, 2001, p.83).

A partir da década de 1970, a agricultura com adição de produtos químicos ao solo aparece em praticamente todas as propriedades agrícolas. Junto com eles se fizeram presentes as sementes híbridas, os pulverizadores, e uma infinidade de agrotóxicos para o uso no processo de produção agrícola. A partir daí há uma nova organização do espaço agrícola dos faxinalenses, através de um novo sistema de objetos e ações.

Os elementos químicos, a presença da ciência e das técnicas científicas, dos financiamentos, da influência do Estado e de empresas ligadas ao setor agrícola, alteraram o ritmo das pessoas no trabalho agrícola e doméstico. A inserção de novos produtos, envolve produtividade, preços, novos espaços de trabalho e mercado

Entretanto, a modernização agrícola que no Brasil teve maior impulso a partir dos anos 1960, não atingiu homogeneamente todas as regiões brasileiras. Assim também aconteceu no Estado do Paraná, onde as regiões não acompanharam esse processo com a mesma intensidade nesse período. Em algumas áreas, em particular, do Paraná Tradicional não houve ampla aplicação de práticas e técnicas modernas baseadas nos fundamentos da ciência, como

o uso intensivo do solo, mecanização, uso de agroquímicos, monocultura, irrigação, sementes híbridas, cultivos de plantas com fins exclusivamente comerciais e de maior dinamismo econômico. Essas não foram intensiva e extensivamente aplicadas na agricultura da região, persistindo as práticas tradicionais como a roçada, queima, pousio, plantio consorciado e havendo resistência em lavrar as terras do criadouro para ampliar a cultura agrícola.

Com a criação da EMBRATER, os governos visavam transformar as mentalidades tradicionais, via introdução de novas idéias ou tecnologias, que deveriam ser difundidas no sistema social. Esse trabalho não obteve sucesso, porque as técnicas difundidas, muitas vezes, não tinham afinidade com a lógica e a cultura dominante nas comunidades, por ter desconsiderado as culturas locais, ou seja, o conhecimento local associado ao desenvolvimento das áreas.

No caso particular dos faxinalenses, constatou-se que estes naquele momento organizaram seus processos de produção com a utilização de objetos técnicos pouco evoluídos, mas que davam conta de todas as atividades de trabalho, da variedade de produção que caracterizavam o modo de organização econômica do grupo.

Nessa época, as ferramentas produzidas artesanalmente, o cruzamento genético de animais na própria comunidade, as formas de conservação de produtos, a seleção e troca de sementes entre os agricultores, as técnicas de plantio e colheita utilizadas, todo esse conjunto é resultado da troca de saberes internos. São manifestações da presença das experiências tradicionais.

É preciso salientar que, um considerável número de famílias faxinalenses ainda considera importantes as experiências tradicionais, segue os ciclos da natureza vivendo a tensão da espera da colheita e pelo tempo da planta. Essa relação de espera pelo tempo certo faz da agricultura um setor dependente dos aspectos naturais. Esses faxinalenses contam apenas com seu trabalho, com algumas ferramentas artesanais e com as condições climáticas favoráveis. Caso as condições climáticas sejam adversas, as condições básicas de sobrevivência estarão comprometidas.

Suas práticas incluem técnicas de uso e exploração do solo consideradas ultrapassadas em outras regiões, como o plantio em queimadas, em áreas com declividade acentuada, baixo nível de tração mecânica. Nas áreas de criadouro, a criação se dá de forma extensiva, onde não se revolve o solo, porque são áreas de pasto nativo.

Desde o final do século XIX até por volta dos anos 1970, as comunidades rurais que reproduziam o sistema faxinal se mantiveram pouco alteradas desde a crise ervateira de 1930.

Tal situação perdurou até 1970, quando o processo de desagregação dos faxinais, iniciado com a crise do mate, se acelera com a modernização agrícola. Ocorre uma rápida mudança de racionalidade na prática da agricultura por alguns faxinalenses (principalmente aqueles que eram proprietários de maiores quantidades de terra), e como consequência, alguns faxinais são extintos no Paraná.

Na década de 70, o desenvolvimento da pecuária, da agricultura, e principalmente a introdução da cultura da soja, que passava a obter alto rendimento por hectare, fez com que os proprietários erradicassem grandes áreas cobertas de ervais nativos, para implantação destes projetos (COSTA, 1995, p. 33).

Tal situação foi observada por Andrade (1979, p.22), ao dizer que, na época, a expansão da agricultura moderna vinha se processando rapidamente, embora em graus variáveis de intensidade, nas várias porções do território nacional, sobretudo com o aumento da área cultivada por trechos “desocupados”, quer em face de problemas de ordem técnica, quer em face de problemas de acessibilidade. Assim, a agricultura avança por áreas antes “despovoadas”, ocupando trechos não cultivados e conservados como “ilhas”. Porções que permaneceram cobertas de matas foram, com a expansão da agricultura moderna, incorporadas às áreas cultivadas.

Assim, as áreas de criadouros comunitários foram rapidamente cedendo espaços para o plantio de soja, milho, feijão, fumo, etc., levando muitas famílias à individualização e ao fechamento das suas terras, para uso restrito da própria família e para o arrendamento das parcelas sobrantes de terra.

Segundo Marques (2004), dos 152 faxinais existentes até a década de 1980, em 1994 restaram 56 faxinais, vindo somar atualmente um total aproximado de 44 faxinais, os quais ainda mantêm o "sistema de criadouro comunitário e/ou o uso coletivo das terras", com alguma atividade produtiva como as pastagens. A área total dos faxinais é de, aproximadamente, 26.189,0 ha; com uma área total mínima de criadouro de 15.914,86 ha; com cerca de 3.409 famílias. Estes faxinais se distribuem pelas regiões e municípios: 15 faxinais, na região de Irati, situados nos municípios de Rebouças, Rio Azul, Mallet, Irati e Inácio Martins; 14 faxinais, na região de Guarapuava, situados nos municípios de Prudentópolis, Turvo e Pinhão; 07 faxinais, na região de Curitiba, situados nos municípios de Mandirituba e Quitandinha. 03 faxinais, na região de Ponta Grossa, situados nos municípios de Ponta Grossa, Ipiranga e Imbaú; 03 faxinais, na região de União da Vitória, situados nos

municípios de São Mateus do Sul e Antônio Olinto; 02 faxinais, na região de Pitanga, situados no município de Boa Ventura de São Roque.

De acordo com Löwen Sahr (2008, p. 216), " estes números estão subestimados, pois à medida que as investigações avançam, novas comunidades com características de faxinais, tnato em termos paisagísticos como de organização social, vem sendo identificadas. »

Notemos que, as formas comunais, entre as quais se inclui o criadouro comunitário, conseguiram sobreviver nestas áreas do Paraná (Figura 35), enquanto que, provavelmente com generalização do capitalismo e a expansão da agricultura moderna em outras áreas e, em outros Estados do Sul do Brasil (Figura 36), implicaram na descaracterização e na extinção das mesmas. Chang(1986, p.309), já antevia o processo de desagregação do sistema nos estados sulinos ao dizer que “Nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul a probabilidade de permanência dos faxinais é bastante remota, devido ao seu mais adiantado grau de intensificação e tecnificação agropecuária.”

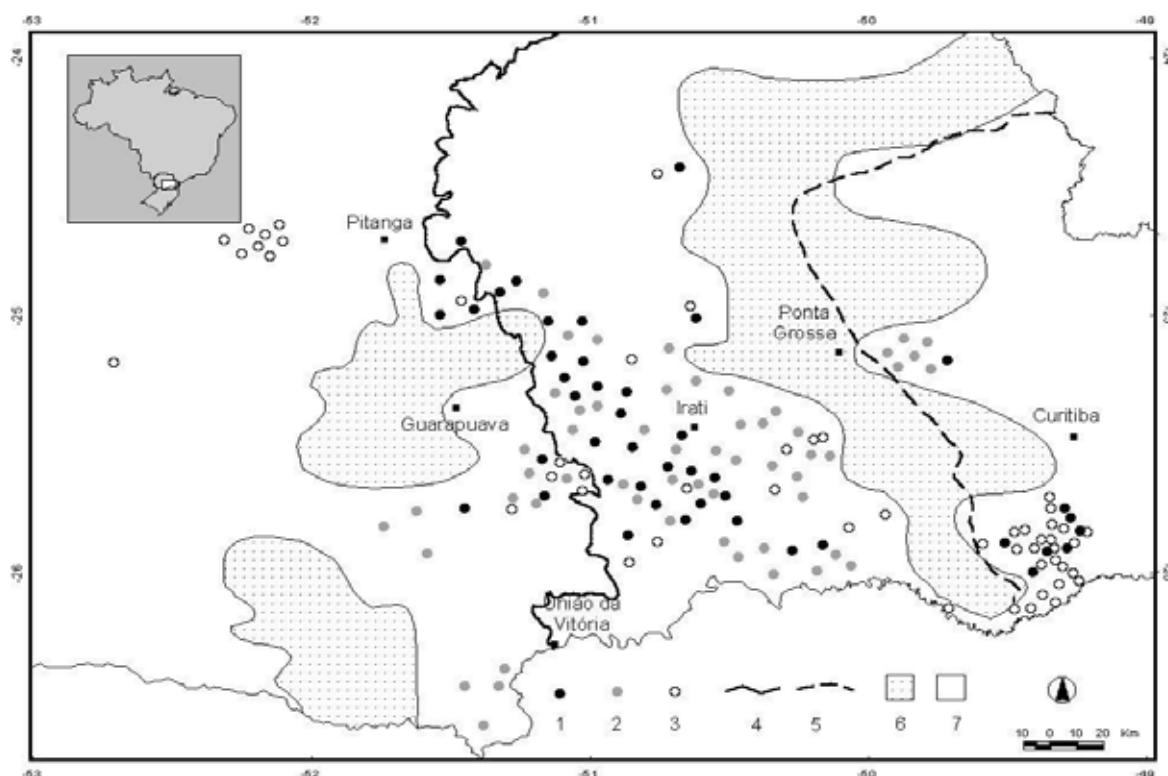


Fig. 35: Distribuição dos Faxinais no Paraná – Situação Atual

1 – Faxinais Remanescentes; 2 – Faxinais Desativados; 3 – Faxinais Extintos;
4 – Escarpa da Serra Geral; 5 – Escarpa Devoniana; 6 – Campos; 7 – Mata de Araucária.
Fonte dos Dados Brutos: MARQUES (2004).

Base Cartográfica: CIGOLINI, MELLO, LOPES (2001).

De acordo com Gevard Filho (1986), acreditava-se que, era necessário dar fim as formas comunais de exploração para que a nova economia pudesse deslanchar. Porém o desenvolvimento do capitalismo não significou a completa erradicação das práticas comunais tradicionais, sendo a preservação do sistema faxinal no centro sul do Paraná, um exemplo eloqüente.

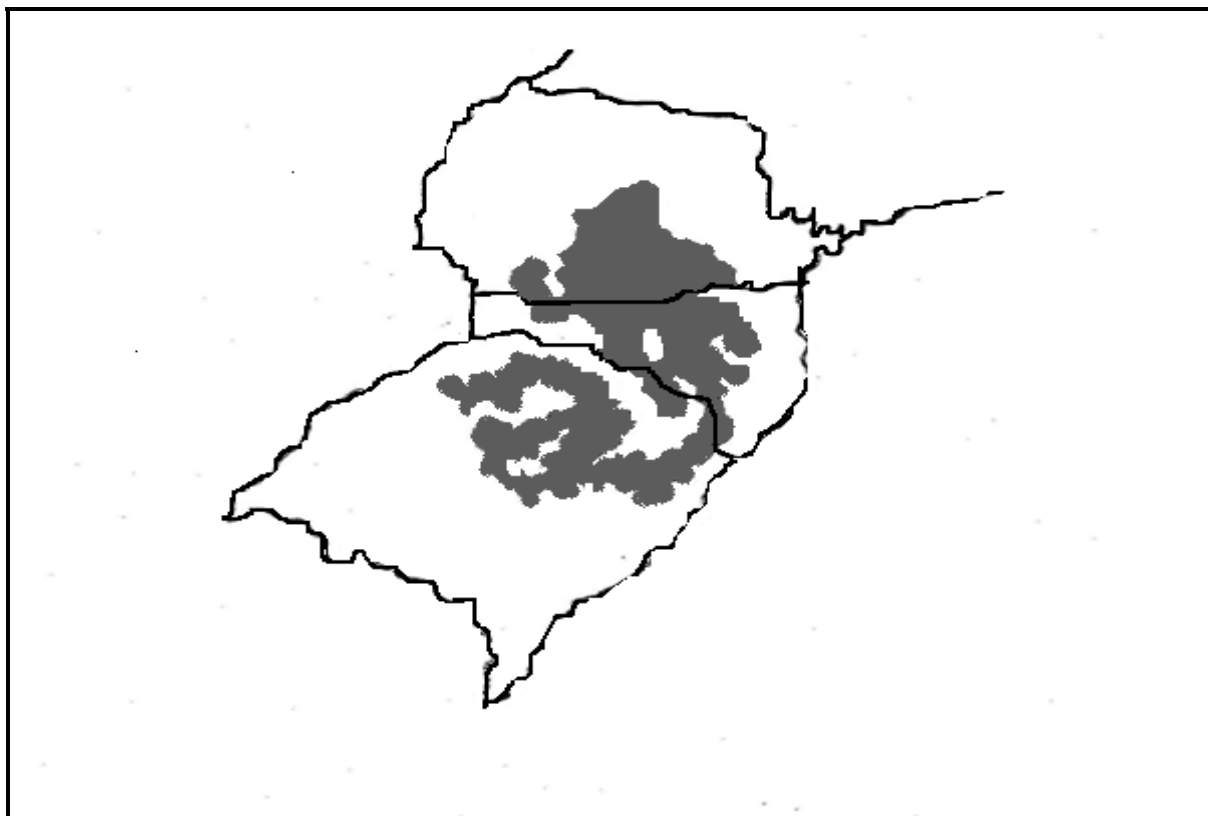


Figura 36 – Abrangência dos Faxinais na Região Sul.

Fonte: Adaptado de CHANG, M. Y. 1986.

As comunidades remanescentes no Paraná mantiveram o sistema faxinal (Figura 37) no formato que já apresentamos: *As terras de morar* representam as células-mães do sistema. É neste centro que a família se reproduz, onde todas as ações são planejadas, embora hoje o planejamento extrapole um pouco, a esfera familiar dos faxinalenses produtores de fumo, ao ser realizado também pelas empresas fumageiras. Entretanto, estas áreas representam a unidade familiar que se articula com todas as demais existentes no local, para formar o sistema faxinal que resumidamente se divide em: *terras de criar*, utilizadas comunitariamente para criação de animais de pequeno porte(suíños, ovinos e caprinos) e grande porte(eqüinos, bovinos) visando o uso comunitário dos recursos florestais(como o pasto nativo, frutos (pinhão e guabiroba) e outros vegetais que agradam ao paladar dos animais) e hídricos (os criadouros são abastecidos por um rio maior e pequenos córregos).

Na área do criadouro, a coleta da erva-mate e da madeira é feita pelos moradores, respeitando os limites da propriedade da terra; *terras de plantar*, localizadas geralmente em terrenos, de relevo mais íngreme com vegetação sem valor comercial, com exceção da bracatinga, árvore comercializada para uso como lenha. As demais espécies vegetais, se existentes, cedem gradativamente espaço às lavouras.

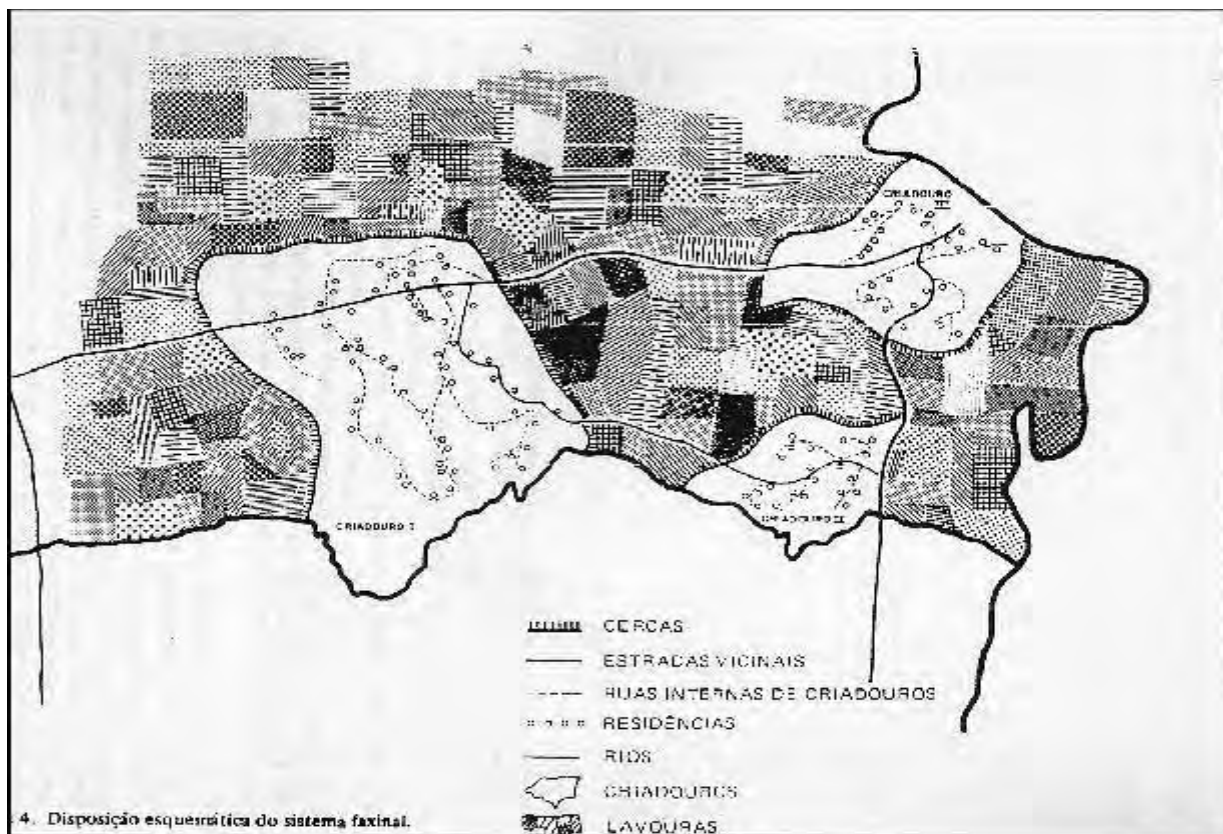


Figura 37 - Disposição esquemática da distribuição das partes que formam o sistema faxinal
Fonte: Chang, 1988.

Entretanto, com base nos dados de Marques (2004), observamos que houve uma significativa redução das comunidades faxinalenses no Estado do Paraná. O processo de desarticulação das famílias que reproduziam o sistema faxinal é resultado de vários fatores, muitos deles já mencionados claramente pelos pesquisadores do assunto. Todavia, consideramos importante expô-los brevemente, no sentido de mostrar a atualidade dos mesmos, haja vista, que até hoje somados aos novos fatores, explicam o processo de desarticulação do sistema faxinal.

Colocamos os anos finais da década de 1980 como marcadores das mudanças mais profundas na vida e no trabalho dos faxinalenses, momento em que a sua sociabilidade peculiar, passou a demonstrar transformações movidas, pela escassez de terras e por inúmeros agentes modernizantes a que passou a ser exposto este espaço de moradia e de trabalho.

Dentre eles, está o processo de modernização da agricultura brasileira, o aperfeiçoamento dos meios de comunicação e uma política de desenvolvimento do interior do Estado do Paraná. Essa última, efetivada por programas de alfabetização de adultos, a melhoria das escolas públicas e da saúde no meio rural; ainda, pelo estabelecimento de uma rede rodoviária integrando o Estado. Assim, iniciou-se a efetiva corrosão do isolamento regional e cultural das comunidades faxinalenses. Até então o grupo praticou um sistema familiar que, em seus grandes traços, desdobrava aquele que seus antepassados criaram. As famílias valiam-se de um pequeno lote de terra para estabelecer fortes laços, em que se entremeavam o ciclo de vida dos avós, filhos e netos.

No tocante aos terrenos, é evidente que parte dos terrenos originais foi objeto de divisão, e alguns moradores mais idosos afirmam que, há tempos atrás, houve interesse em dividir as terras entre todos os herdeiros, em parcelas iguais. Porém, as famílias que passaram a dividir igualmente, sofreram um processo de empobrecimento, porque dez alqueires são insuficientes para a subsistência de uma família que sustentava em média oito filhos.

Segundo Andreazza (2008), os efeitos malsucedidos das heranças paritárias influenciaram a instituição do ultimogênito como o herdeiro ideal. Criou-se dessa forma uma diferenciação no interior da família, associando responsabilidades diferentes entre o herdeiro e os demais irmãos. Os filhos mais velhos passaram a buscar suas oportunidades fora do domicílio e, às vezes, da localidade. Deixando a casa paterna levavam sua força de trabalho excedente, correspondente ao tamanho da área de terra que possuíam, além de garantir a diminuição do consumo doméstico.

Nas comunidades faxinalenses analisadas, tempos atrás, segundo depoimentos dos mais idosos, era mais comum o ultimogênito cumprir a reciprocidade tradicional de cuidar dos pais e receber o patrimônio. A análise desse processo, porém, revelou exceções e adaptações, em que encontramos muitas situações onde se pode observar o arbítrio dos pais na escolha do filho que cuidaria deles na velhice e, portanto, receberia a propriedade. Nesse caso, alguns casais optaram por eleger o filho mais dedicado aos cuidados com eles, para ser herdeiro da maior parte das terras da família. Em troca disso teria o dever de cuidar do casal até a morte.

A pesquisa relativa à forma como se processava a herança na comunidade faxinalense revelou também que, sempre que possível, os filhos levados a abandonar a propriedade paterna (por falta de terra para trabalhar, ou pelas dificuldades financeiras vividas pelas famílias), recebiam uma compensação, por exemplo, uma ajuda em dinheiro para o “o

começo da vida na cidade ou até arrumar um serviço³⁶”. Essa ajuda dependia das possibilidades financeiras da família, e, por isso, muitos tentaram sua vida em outras localidades ou nas cidades, sem qualquer ajuda dos pais.

Conclui-se que a manutenção das condições coloniais durante muitos anos pelos faxinalenses, sem dúvida, exigiu flexibilidade na atualização do sistema familiar. Para manter a terra em mãos da família original, optou-se por excluir os filhos excedentes do convívio doméstico e, por conseguinte, do trabalho na terra, para manter seus compromissos com a tradição de trabalhar na terra, que era patrimônio de seus familiares.

No interior dessa racionalidade particular, permaneceram os princípios da autoridade patriarcal, e a crença de que as gerações mais novas deveriam cuidar do patrimônio que herdaram dos familiares.

Constatamos uma luta constante dos faxinalenses, movida ainda por este compromisso repassado entre gerações, em aumentar o patrimônio material, patrimônio este que é uma obra iniciada pelos seus antepassados e que sempre foi sendo construída pela e para a família toda, ou seja, todos os esforços são canalizados para atender aos interesses coletivos, da família. Interesses individuais raramente são atendidos, a não ser que o atendimento provenha de um consentimento mútuo.

A tradição faxinalense exige do herdeiro não só o compromisso de manter a terra, o sistema faxinal, mas também o que aponta Tedesco (2001): a moralidade da terra, ou seja, a manutenção e o cuidado de um patrimônio que foi de seus avôs, de seus pais. Entretanto, muitas vezes, este processo de transmissão da herança é rompido com o esfacelamento da família via matrimônios, migração de filhos para as cidades etc.

O matrimônio de filhas que geralmente deixam a casa de seus pais para morar em outras localidades rurais é apontado como um fator de desmantelamento das terras da família. Isso ocorre, tendo em vista a impossibilidade de uso desta terra herdada de seus pais, pela distância que agora os separa. A opção mais sensata, geralmente tomada pelas filhas que se casam é desfazer-se desta terra, vendendo a preços módicos suas terras para outros herdeiros que permanecem com a família, ou nas proximidades.

Ocorre que o maior problema encontrado pela maioria dessas famílias é o bloqueio fundiário (WANDERLEY, 1995), ou seja, impossibilidade de novas aquisições de terras pelos herdeiros, via compra. Diante disso, a maior parte das terras nestas condições, é vendida para pessoas estranhas à família, contribuindo no processo de encolhimento das terras de uso

³⁶ Informações obtidas de um faxinalense que tem dois filhos trabalhando em Curitiba, capital do Estado.

comunitário, tendo em vista que, geralmente, o novo proprietário desconhece este tipo de organização social e não aceita partilhar sua terra para criadouro comum. Enfim, fatos como esse que acabamos de mencionar contribuem para a redução da área de criadouro e, sobretudo, rompem com a contigüidade das áreas destinadas para o criadouro comum.

O acesso à escola pelos adolescentes e jovens rurais também contribuiu de forma indireta para a desagregação do sistema faxinal, na medida em que nela a família e os próprios filhos depositam as expectativas de mais tarde, quando atingirem a maioridade, viver e trabalhar na cidade. O acesso à escola representa, neste caso, uma “ponte” de transição dos filhos e das filhas estudantes, do campo para a cidade.

Há vários fatores que contribuíram na desagregação das comunidades faxinalenses, mas, não nos estenderemos nesta discussão, considerando que nosso objetivo aqui é falar das estratégias e maneiras encontradas por essas comunidades tradicionais para permanecer reproduzindo o sistema faxinal.

A ênfase, na parte IV, é dada à percepção das trajetórias e racionalidades dos faxinalenses de hoje, com o intuito de mostrar como estes tentam, com as formas que lhes são possíveis, incorporar os ditames da sociedade moderna, na agricultura, na criação de animais, no espaço doméstico, sem se desfazer dos elementos tradicionais e, sobretudo, como e em que momentos no cotidiano dos faxinalenses, acontece a integração da tradição e modernidade.



PARTE IV
**O LUGAR DAS COMUNIDADES FAXINALENSES DE ANTA GORDA E
TAQUARI DOS RIBEIROS: ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE**

O objetivo central é focalizar alguns aspectos da dinâmica socioeconômica e cultural das comunidades faxinalenses da atualidade, abordando os elementos tradicionais que participam da história dos faxinalenses e caracterizam um modo de vida singular e os elementos modernos, ou seja, aqueles incorporados pelas comunidades, da sociedade.

Entendemos, com base em Löwen Sahr (2008, p. 215), que nas comunidades faxinalenses, “existe uma convivência de elementos tradicionais internos e singularizantes com elementos modernos e homogeneizantes, externos a esta, mas que pertencem à sociedade onde se inserem e que passam a ser incorporados.”

Constata-se que nos dias de hoje, as comunidades faxinalenses seguem mantendo uma série de saberes antigos e um conjunto de inovações provenientes da sociedade moderna, aos quais dá-se destaque nesta parte do trabalho.

Os capítulos desta parte foram, densamente, estruturados a partir de relatos dos faxinalenses envolvidos pela pesquisa, dados obtidos com o diário de campo, aplicação de questionários, reuniões com grupos de faxinalenses idosos e informações colhidas nos momentos de conversas informais, por ocasião das visitas às casas dos faxinalenses.

Passaremos a apontar elementos que denotam a estrutur(ação) econômica, social e cultural das comunidades faxinalenses na atualidade. Primeiramente trataremos das terras de moradia e das funções à elas relacionadas. Na seqüência serão abordadas as terras de criação e as terras de plantação. Por fim, abordaremos a religiosidade e os espaços de lazer e sociabilidade. Tomamos estes objetos em separado, para expor melhor as transformações nestes espaços movidas pelos novos sistemas de ações e objetos. O novo sistema técnico que se impõe, cria novas formas de relacionamento do faxinalense com o seu meio, assim temos novos objetos, novas ações.

Esses novos objetos podem contribuir na ressignificação do lugar, sem inutilizar o antigo sistema de objetos e ações, pois o novo sistema de objetos não se caracteriza unicamente pelo aparecimento de objetos novos, provenientes de novas técnicas, também pode se caracterizar por objetos antigos que ganham novos significados, novas funções, diz Santos (2008). Assim teríamos um novo lugar, ou o mesmo lugar com novos significados.

CAPITULO 9 – As Terras de moradia das comunidades faxinalenses

O lugar/local construído pelo faxinalense configura-se pela terra de morar (Figura 38), neste espaço a terra, a casa, lugar da realização da vida e da cultura do faxinalense, é o centro de onde se reproduz um universo de ramificações com o jardim, a horta/bosque de árvores frutíferas, o galinheiro, os paióis, o forno à lenha, etc.

Essa pequena área, que mede entre 605 m² a 2420 m² e permanece sendo estruturada conforme o estilo de vida e o trabalho do faxinalense. A estrutura física deste espaço construído tem relação íntima com o trabalho, com suas diversidades produtivas. São locais (Figura 38), onde nitidamente observamos o trabalho e os instrumentos para o trabalho. Nestes, além de se fazer a armazenagem dos produtos destinados ao consumo da família, das sementes selecionadas para a próxima safra, também se armazena produtos destinados para a venda, que aguardam melhores preços ou disponibilidade de transporte do produto até o comerciante.

Algumas famílias, principalmente de jovens casais, cuja área de moradia ainda não está adequadamente estruturada, usam os cômodos da própria casa para guardar produtos da roça. As casas em que vivem os faxinalenses do Faxinal Anta Gorda são predominantemente de madeira³⁷, e tem sua origem relacionada ao pinheiro (*Araucaria angustifolia*), que existia em abundância na região e por isso tornava a construção mais barata. Ao final do século XIX, a intensificação e mecanização da exploração madeireira e a instalação de serrarias, permitiram a padronização de elementos construtivos e o aumento e a difusão das construções em madeira. Gradativamente, a simplicidade inicial das casas, foi substituída pelo acréscimo de novos espaços aliada à criatividade de cada construtor ou cada morador.

No Faxinal Anta Gorda, as casas de madeiras são construídas até hoje, embora em menor quantidade. Nesta comunidade encontramos entre casas de madeiras, casas com aproximadamente 80 anos de idade (Figura 39). São casas que fazem parte do processo inicial de construção do lugar pelos faxinalenses.

³⁷ A abundância dos pinheirais na região sul, madeira facilmente trabalhada, é a causa principal da difusão desse tipo de habitação, que é um aspecto tradicional do sul do Paraná. A casa tem um estilo que marca a paisagem do sul do Paraná, sendo considerado tradicional, embora seja uma construção bastante recente, fins do século XIX e XX (CATALDO, 1959, p.115),

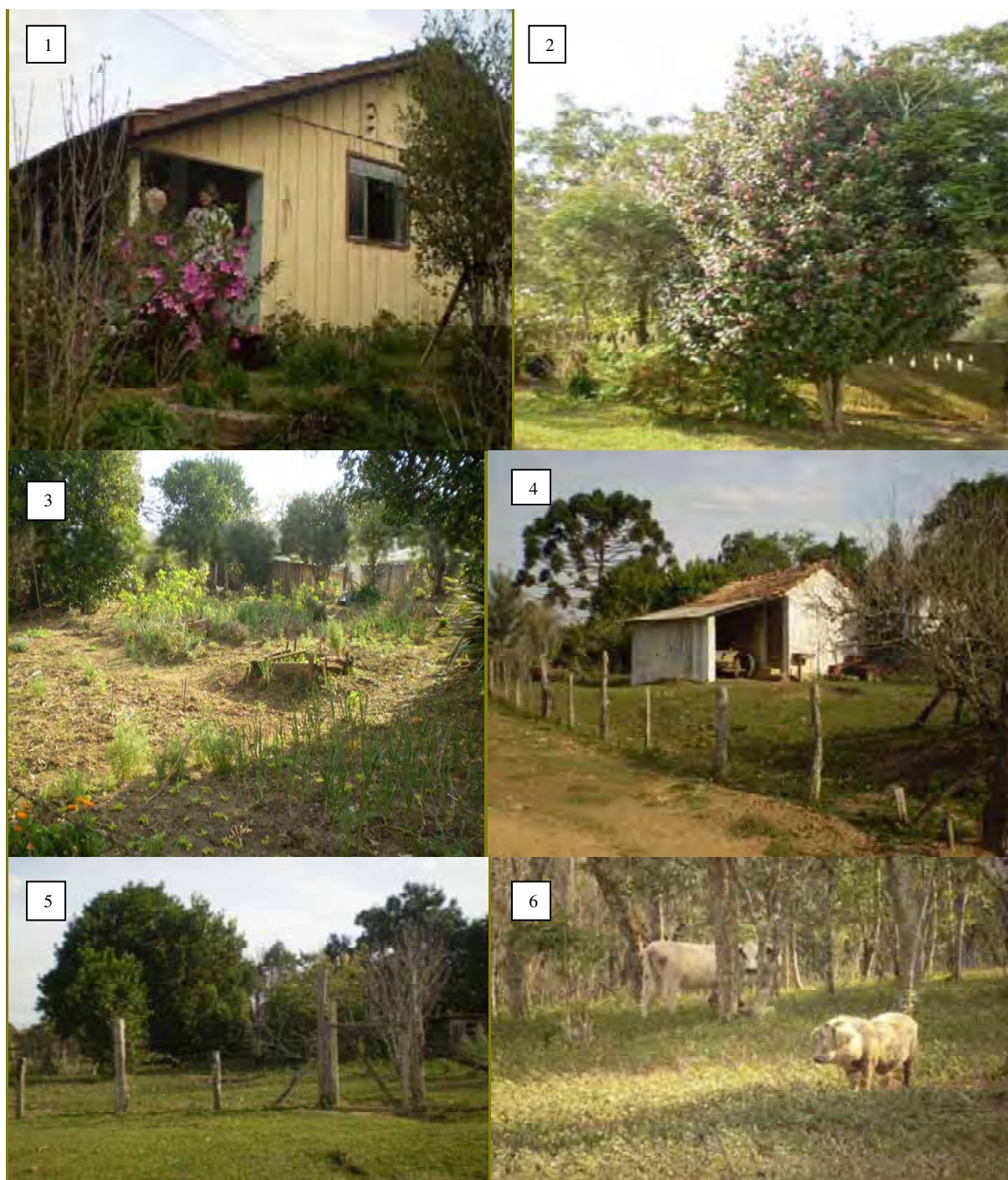


Figura 38 – Partes constitutivas das terras de moradia dos faxinalenses: 1 – Casa da família, 2 – Jardim com uma variedade de flores, 3 – Horta com uma variedade de verduras e legumes em pequena quantidade, além de árvores frutíferas, 4 – Espaço onde estão os “paiós” para depósito de mantimentos e ferramentas para o trabalho na lavoura e na horta, o galinheiro ,o chiqueiro, etc. 5 – Bosque com variedade de árvores frutíferas, 6 – Espaço no entorno da casa que serve para alimentação dos animais e pernoite.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007.

Foto e org.: A autora, 2008



Figura 39 – Uma das casas mais antigas que encontramos na comunidade de Anta Gorda.
 Fonte: Pesquisa de campo, 2008.
 Foto: a autora, 2008.

Acrescidas de espaços e ornamentos peculiares, as casas de madeira passaram a ser expressão arquitetônica de uma tradição cultural do sul do Paraná. Outro ponto importante a salientar é que devido à grande oferta de madeira nesta região, toda “paisagem construída” (casas, vendas, escolas igrejas etc.) era de madeira, dado que os preços da mesma eram ínfimos.

Por volta dos anos 1980, as casas de alvenaria começam a aparecer na comunidade e, por conseguinte, as casas de madeira passam a ser vistas como tradicionais³⁸. É o “novo” tido como “moderno” e o “velho”, o precedente é tido como “antigo, tradicional”. É o tradicional reaparecendo com o aparecimento do moderno. Embora este tipo de casa predomine no Faxinal Anta Gorda (Figura 40), a casa da madeira passa por uma espécie de desprestigiamento enquanto que a casa de alvenaria passa a significar modernidade, progresso, poder e prestígio social³⁹. Quanto às condições de conservação das mesmas, estas

³⁸ Construídas há mais de 80 anos, algumas das casas fazem parte do processo inicial de construção da comunidade faxinalense. Outras, construídas recentemente refletem o gosto dos moradores pela casa de madeira.

³⁹ Entre o final do século XIX e XX, a burguesia da cidade argumentava que a madeira devia ser evitada. Os argumentos sobre as virtudes climáticas, psicológicas ou culturais da madeira não existiam. Usava-se porque era

aparentemente necessitariam de pequenas intervenções para mantê-las habitáveis por muitos anos, ainda. Na comunidade do Faxinal Anta Gorda, todos os moradores residem em casa própria.

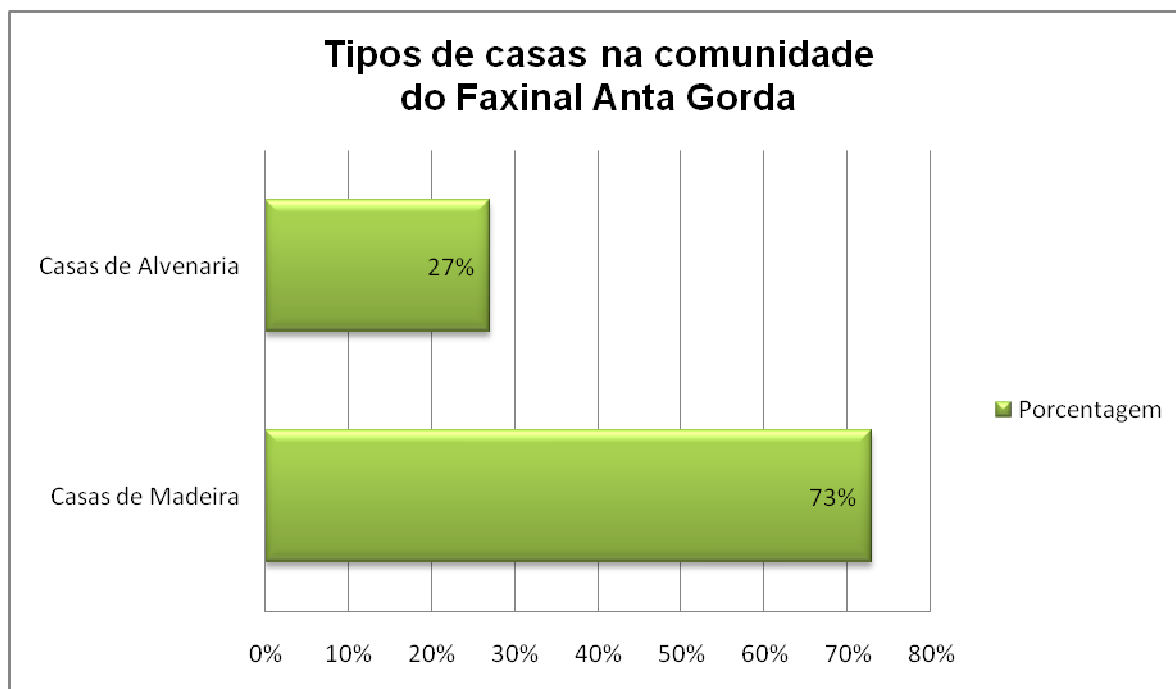


Figura 40 - Tipos de casas onde vivem os faxinalenses da Comunidade de Anta Gorda
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2007
 Org. A autora, 2088

No caso da Comunidade Taquari dos Ribeiros, há casas de madeira, de alvenaria e casas mistas, ou seja, alguns cômodos da casa são feitos de alvenaria e outros em madeira (Figura 41). Ao contrário da comunidade do Faxinal Anta Gorda, nesta encontramos outras condições de residência como cedida e alugada (Figura 42), que não são comuns no espaço rural da região.

Em ambas as comunidades, as casas são construídas por pedreiros e carpinteiros moradores da comunidade ou de comunidades circunvizinhas, auxiliados pelos proprietários da casa. Muitas casas seguem padrões semelhantes, dado que na maioria das vezes, são feitas pelas mesmas pessoas, apresentando somente pequenos detalhes que as diferenciam (cor, tipo de telhado etc.). Mesmo assim, há uma variedade de casas de tamanhos diferenciados, que também correspondem ao grau de prosperidade do proprietário.

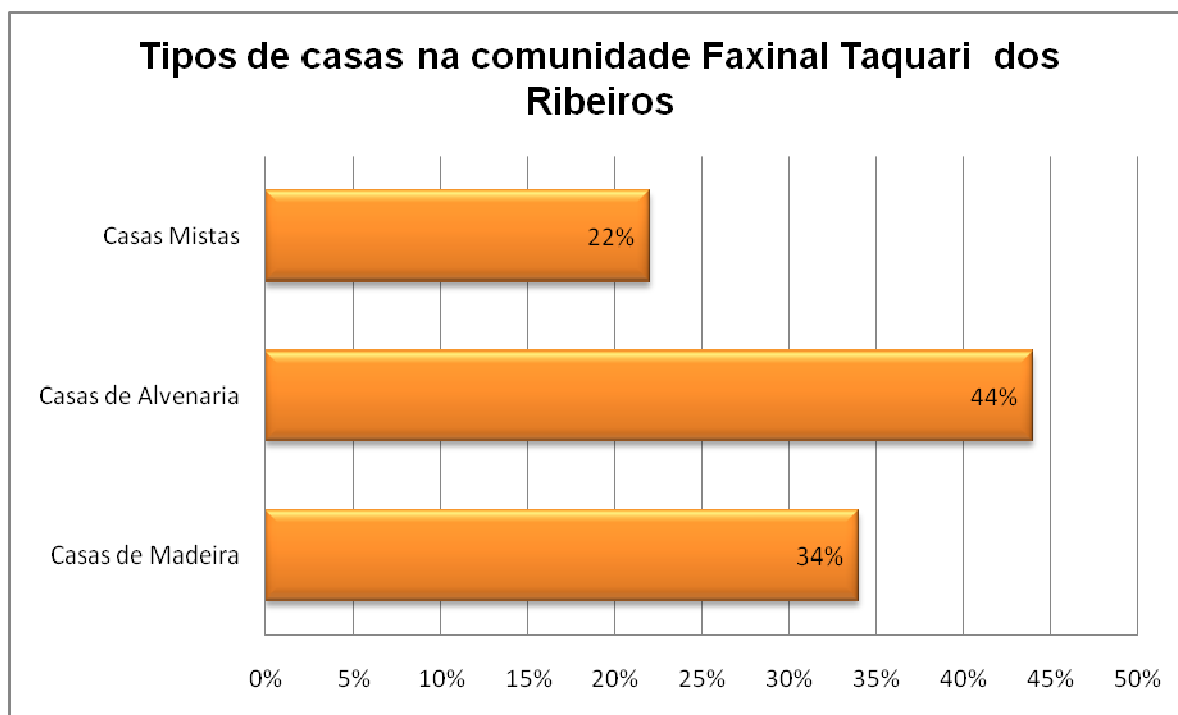


Figura 41 - Tipos de casas dos faxinalenses da Comunidade de Taquari do Ribeiros
Fonte: Rede Faxinal de Pesquisa
Org. A autora, 2008

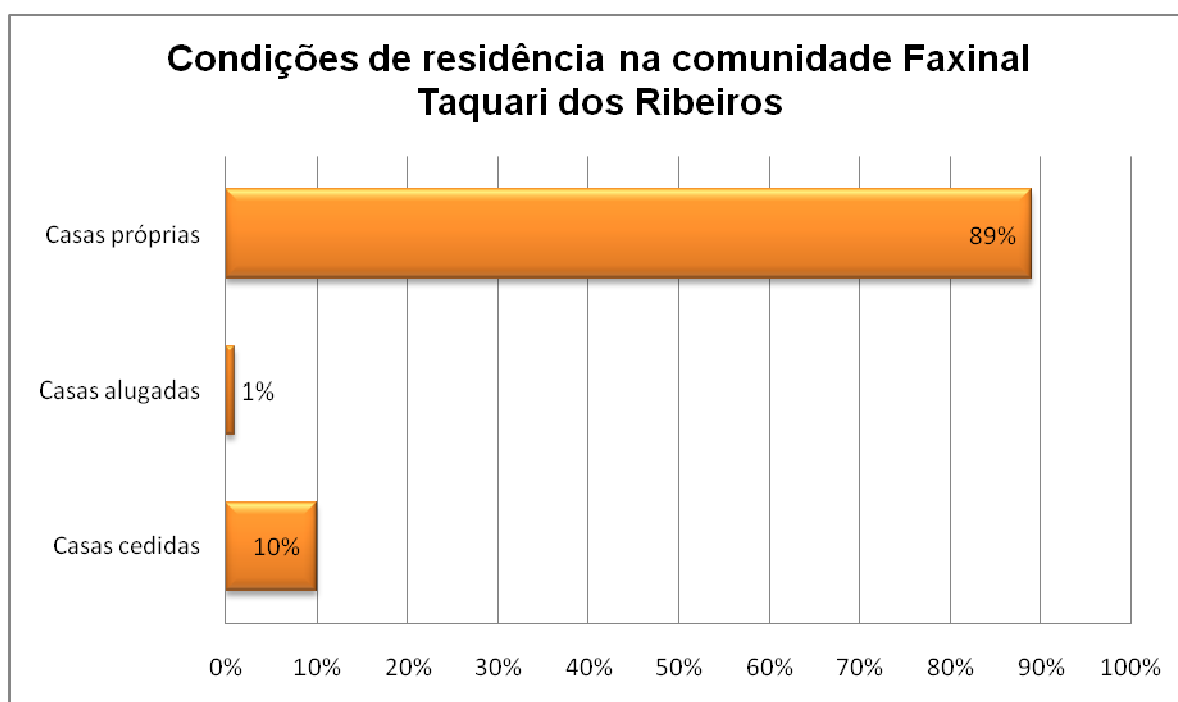


Figura 42 – Condição das Residências do Faxinal Taquari dos Ribeiros
Fonte: Rede Faxinal de Pesquisa, 2008.
Org. A autora, 2009

De acordo com Martins (1989, p. 277):

Cada colono, fora da área urbana, pode dar vazão aos seus gostos, às suas capacidades particulares. A casa rural (...) é assim produto do seu proprietário, espontaneidade essa que sofreu a influência de tradições ancestrais trazidas do país de origem, mas que vieram a desenvolver-se num quadro inteiramente novo.

Constatou-se que atualmente as casas não são vistas apenas como um lugar para morar, mas também uma forma de diferenciação social entre os moradores. Para eles as casas, são objetos materiais de *status* social, progresso e prestígio. Para alguns, esse prestígio pode ser diminuto, se a casa for de madeira.

As modificações feitas no corpo das casas, como a incorporação de churrasqueiras, banheiros, símbolos da modernidade para eles, são fatores que distinguem os moradores uns dos outros. O banheiro com chuveiro elétrico vincula-se como parte integrante da casa e diferencia socialmente os faxinalenses.

Com algumas exceções, os atuais moradores do faxinal se estabeleceram, inicialmente, na comunidade, em iguais condições de moradia, ou seja, vivendo em modestas casas de madeira. Este fato dava àquelas pessoas, naquele momento, um status social homogêneo e segundo relatos dos moradores *“todos eram mais ou menos iguais,....hoje não”*.

Com o passar do tempo, entretanto, alguns fizeram melhorias em suas casas, aumentaram o tamanho da casa, pintaram com melhores tintas etc. Outros “simplesmente substituíram-nas por casas de alvenaria, “mais modernas”, segundo eles, *“é uma casa para sempre”*. *“As casas de madeira apodrecem”*. A vontade dos moradores com menor poder aquisitivo é ir “devagarzinho”, substituindo partes da casa de madeira por alvenaria. É nesse processo de troca do material de construção da casa que as famílias mostram aos demais moradores sua transformação e ascensão social.

A casa de madeira foi, no final do século XIX e até o XX, um marco da homogeneidade da comunidade faxinalense. Todos os moradores tinham uma casa, que segundo os moradores mais idosos, eram bastante simples. Esse fato os aproximava mais, porque *“todos moravam nas mesmas condições e todos eram pobres e tinham uma vida simples”*. Hoje, disse uma moradora *“todo mundo quer desmanchar a casa de madeira, porque é feia, antiga”*.

É premente a preocupação dos faxinalenses em melhorar as condições da casa, (Figura 43) em especial, quando a família tem filhas trabalhando na cidade. Este fato força as famílias a se adequarem aos padrões urbanos. O banheiro no interior da casa é reflexo e resultado da

vivência das filhas nas cidades, enquanto, os filhos moradores da cidade, estimulam e incentivam os pais a modernizar as suas práticas agrícolas.

Numa descrição bastante simplificada, a fachada da casa é o lado principal e é onde está a entrada mais importante. A entrada do fundo ou das laterais, sempre menos conservadas, é de uso exclusivo dos moradores ou pessoas próximas, parentes, amigos, vizinhos íntimos. Essas casas têm outro detalhe muito interessante, a fachada sempre tem duas ou mais janelas, além da porta que dá entrada para a sala de visita. A fachada é a parte da casa que recebe melhores cuidados, pois fica exposta, à *“todos aqueles que chegam e que passam por aqui e por isso a gente cuida”*, disse-me uma entrevistada. Esse depoimento mostra as novas interações sociais que estabelecem os faxinalenses, com as pessoas de “fora”.



Figura 43 - A cozinha e o conforto técnico

Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

Foto: A autora, 2007

O fato de morar em uma casa de alvenaria parece proporcionar um sentimento de satisfação, demonstrado por uma moradora que construiu recentemente a tão sonhada casa, no sistema casa pré-fabricada. Porém, nem todos os moradores (Figura 44) estão modificando as suas casas. Os moradores das casas de madeira construídas ainda pelos seus pais a mais de 80

anos, têm com elas uma nítida relação de afetividade e respeito, pois é comum ouvir deles frases como “*aqui está o suor dos nossos familiares que já morreram*”



Figura 44 – A cozinha faxinalense: entre o tradicional e moderno.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007.

Foto: A autora, 2007

A diferença entre os moradores “*bem de vida*” e os “*pobres*”, pode ser facilmente identificada, segundo uma faxinalense. “*A casa do rico é de muro, bem pintada, janela de vidro*”. Na visão do faxinalense, o progresso aparece quando troca-se a madeira pelo tijolo.

Ao explicar a conquista material das casas de alvenaria, os moradores apontam as fontes que contribuíram para tal: citam PRONAF (Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar), a aposentadoria, a cultura do fumo e a ajuda dos filhos que trabalham na cidade.

Constatamos também que por volta dos anos 1980, a atuação do “Estado Previdência” modificou marcadamente o meio rural e a vida dos faxinalenses em especial. Com base em relatos “*sem a aposentadoria, muitos faxinalenses estariam em situação difícil*” ou “*teriam ido embora para a cidade ou para outro lugar*”.

Com a aposentadoria, foi possível melhorar interna e externamente a propriedade, como falou um faxinalense aposentado: “*instalamos a luz, compramos televisão, geladeira,*

fizemos esta garagem, a calçada, arrumamos a cerca,...do grosso é isso.” Observamos que tanto a parte interna da casa como a externa ganha novos contornos funcionais, isso tudo com a aposentadoria, neste caso.

A aposentadoria é um forte indicativo da permanência de pessoas no meio rural, pois ela remunera fatores de produção na agricultura, melhora a infra-estrutura da propriedade e atende aos desejos de consumo, bastante visíveis no interior da casa, conforme vimos. Por outro lado, esta também pode significar a saída de idosos aposentados rumo à cidade, dada a reduzida função econômica (das pessoas idosas) no meio rural⁴⁰ e a busca de uma maior proximidade de serviços para os cuidados da saúde e doenças. Por outro lado, a aposentadoria também significa um atrativo para a permanência dos idosos junto às famílias de casais jovens, pois esta representa em alguns casos a única renda mensal fixa da família, somada aos benefícios do Bolsa Família.⁴¹

A diversificação da renda familiar é um elemento importante que caracteriza a força de trabalho dos faxinalenses. Observa-se a sobressalência (Figuras 44 e 45) da aposentadoria e a pensão como fontes de renda mais citadas. Portanto, para explicar as estratégias dos meios de vida destes faxinalenses, parece importante que se passe a considerar também, as informações que extrapolam a porteira da unidade de produção. De acordo com Perondi (2007, p.09),

nem todas as rendas podem ser capturadas com o estudo da ocupação porque nem toda ocupação resulta numa renda efetiva e nem toda a renda resulta de um trabalho efetivo. A composição da renda familiar, além de refletir os resultados da ocupação, explica também, os rendimentos obtidos pela aposentadoria, pensão, juros, arrendamentos, doações e aluguéis. Aposentadoria, via de regra não poderia nem ser considerada uma renda, entretanto, explica um determinado meio de vida no meio rural.

Dessa forma, a renda total da soma dos diferentes tipos de rendas: renda agrícola, renda do trabalho agrícola, renda de trabalho não-agrícola e as rendas provenientes das transferências sociais, ou seja, aposentadoria ou pensão, Bolsa Família, PETI etc. É necessário, a partir da realidade observada, se libertar do limitado universo da produção agrícola, que explica apenas parte do processo de diversificação.

⁴⁰ Um dos casais de aposentados disse-me em conversa o seguinte: “A gente não tem mais valor aqui, não consegue fazer mais nada na lavoura e sempre precisa ir para a cidade para comprar remédios, fazer consulta com médico... por isso é melhor se mudar para a cidade...a gente já fez o que tinha pra fazer pelos nossos filhos..agora é por conta deles”. Entrevista realizada com R.B e E. B.(69 anos e 63 anos, respectivamente).

⁴¹ Programa do governo federal criado de acordo com a Lei nº 10.836 de 9 de janeiro de 2004 e o Decreto nº 5.209 de 17 de setembro de 2004. O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza (com renda mensal por pessoa de R\$ 70 a R\$ 140) e extrema pobreza (com renda mensal por pessoa de até R\$ 70). (MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL).

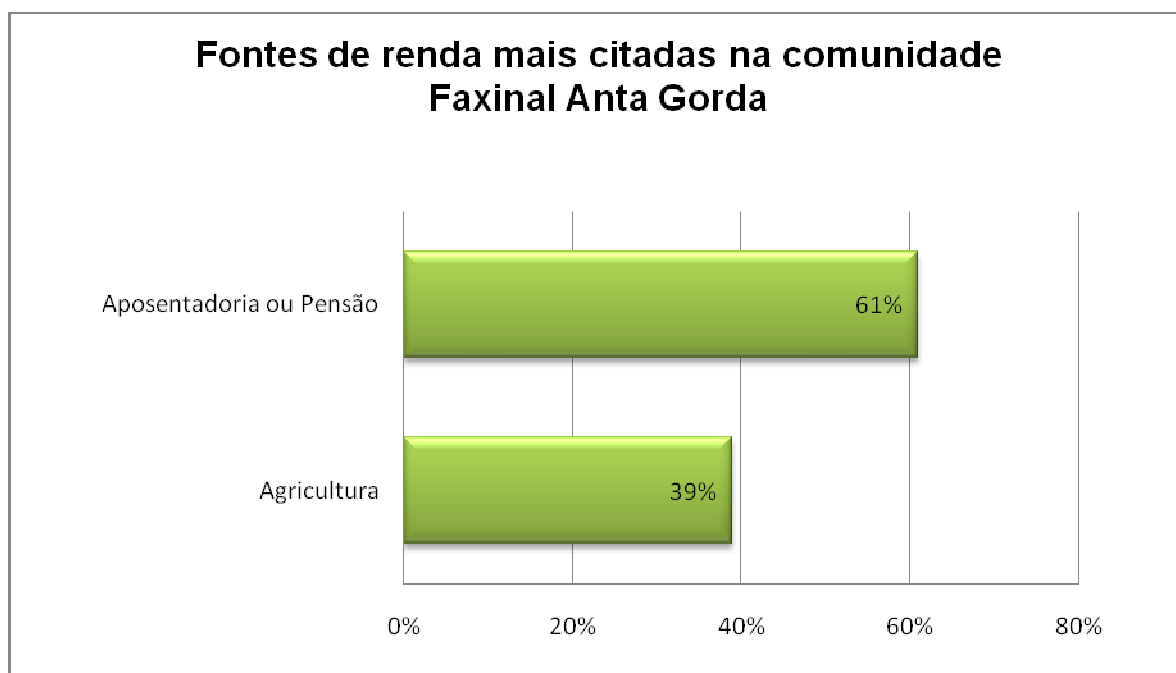


Figura 45 – Fontes de renda mais citadas pelas famílias do Faxinal Anta Gorda.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Org.: A autora, 2007.

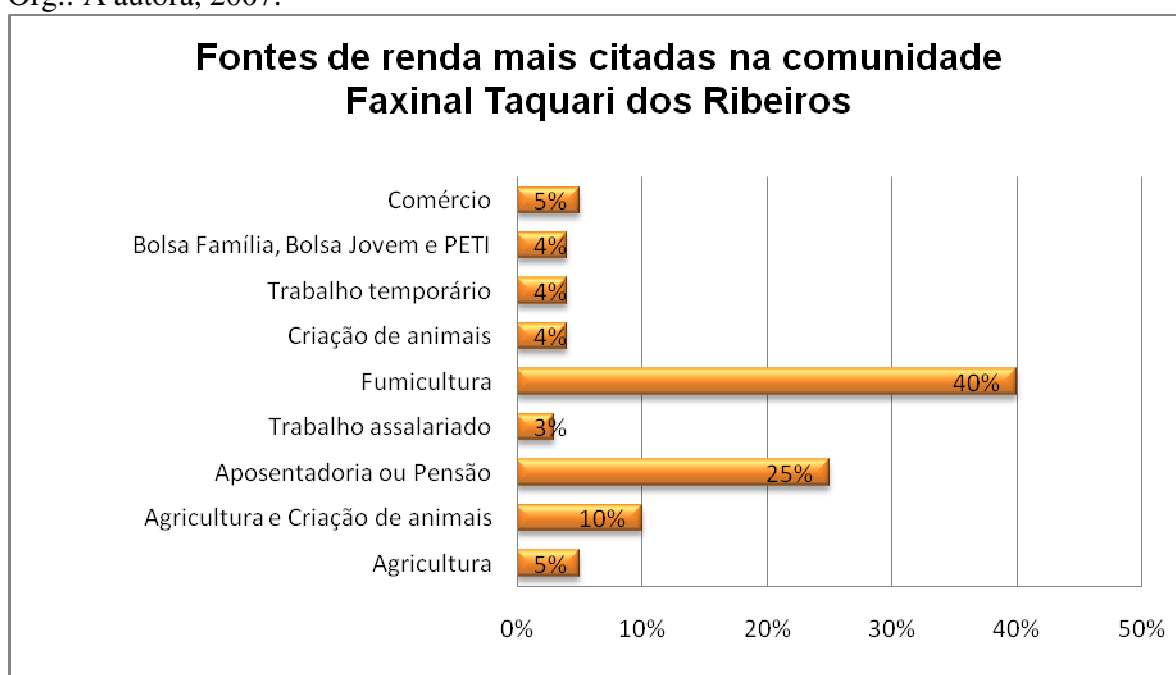


Figura 46 – Fontes de renda que foram citadas pelos faxinalenses da Comunidade Taquari dos Ribeiros.

Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008.

Org.: A autora, 2009.

O fato de a aposentadoria rural ser uma das fontes mais citadas, pode ser explicado pelo número de famílias, cujos chefes (marido e mulher) se encontram já avançadas no seu ciclo biológico e que vivem de aposentadorias rurais, se dedicando pouco à agricultura. Deste modo, produzem somente para o grupo doméstico, que é reduzido em número de membros.

Observou-se que diversas transferências públicas reforçam sua capacidade de resistência e permanência no campo, principalmente a aposentadoria rural, garantida desde 1988 pela Constituição. Juntam-se também o salário-maternidade e bolsa-família, e outros programas de combate à pobreza rural ou de micro-crédito subvencionado, como é o PRONAF.

Nestes dois casos, a renda proveniente das atividades não agrícolas tem importante participação. Por isso, devemos considerar a participação do trabalho familiar, seja ele agrícola ou não-agrícola, na composição da renda familiar e das estratégias de reprodução sócio-econômicas das famílias faxinalenses.

Podemos enumerar vários indicadores que contribuem para justificar a busca pelo trabalho não agrícola. Um deles, apontados por Schneider (1999) é a pouca disponibilidade de terra e as dificuldades de modernização tecnológica que leva essas pequenas unidades a buscar uma alternativa complementar.

Outro aspecto relevante que leva parte dos membros da família a buscar rendas não agrícolas e o desejo pela remuneração mensal. O trabalho assalariado, para o agricultor, é sinônimo de segurança, de garantia de que ao término de cada mês, será monetariamente recompensado pelo serviço prestado.

De acordo com Wanderley (1999), o trabalho externo vem a ser indispensável para a reprodução da família e do próprio estabelecimento familiar. Nesse sentido, não se trata, de buscar apenas, a reprodução da família via renda complementar, mas também garantir a permanência da família e do seu estabelecimento, no campo.

Nas comunidades é comum a existência de eletrodomésticos e eletroeletrônicos (Figura 47 e 48), cuja aquisição e desfrute dependem do acesso à rede de energia elétrica, exceto o rádio. Após o acesso à energia elétrica, o passo seguinte que a família dá é a compra da televisão. A televisão é utilizada pelos mais jovens para assistir aos jogos de futebol, novelas, filmes e pelos mais idosos para assistir noticiários e missas. Os vídeos cassetes e DVDs são utilizados “de vez em quando”, segundo os entrevistados, para ver filmes, mas servem para assistir documentários oferecidos por técnicos para aperfeiçoamento de algumas culturas agrícolas, normalmente. Segundo depoimento dos faxinalenses, esses dois aparelhos são pouco usados, as informações técnicas para aprimoramento das suas práticas são buscadas em programas de TV e Rádio local.

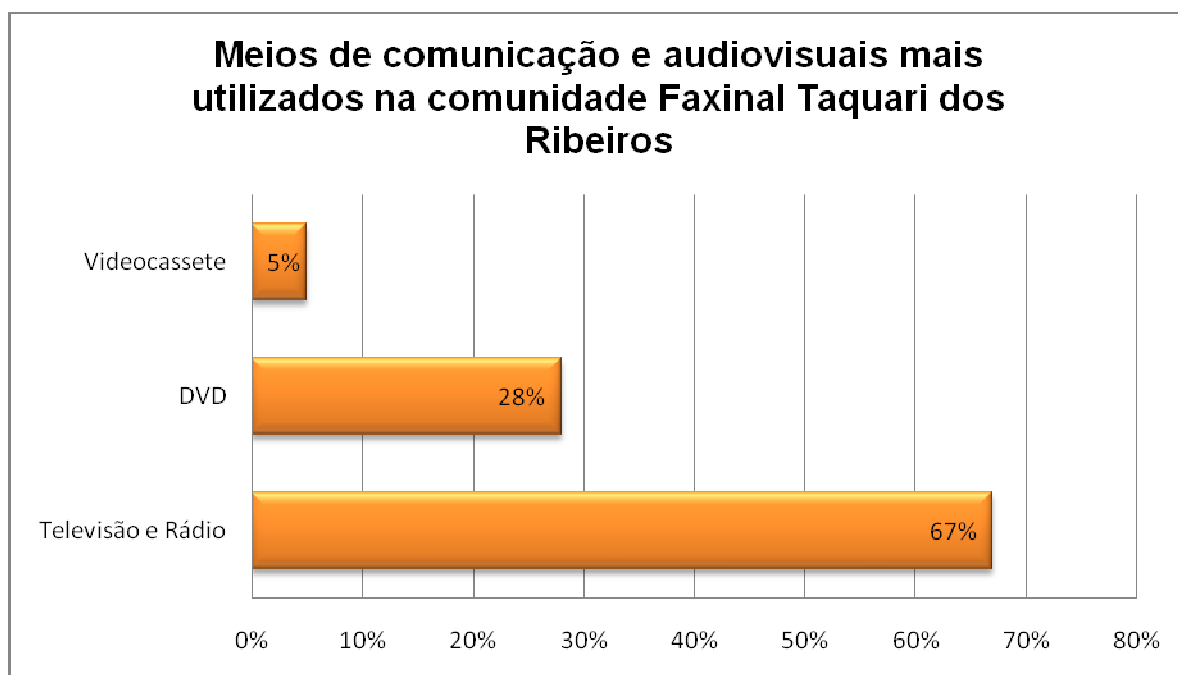


Figura 47 - Meios de comunicação e audiovisuais dos faxinalenses de Taquari dos Ribeiros.
 Fonte: Rede Faxinal de Pesquisa, 2008
 Org. A autora, 2009.

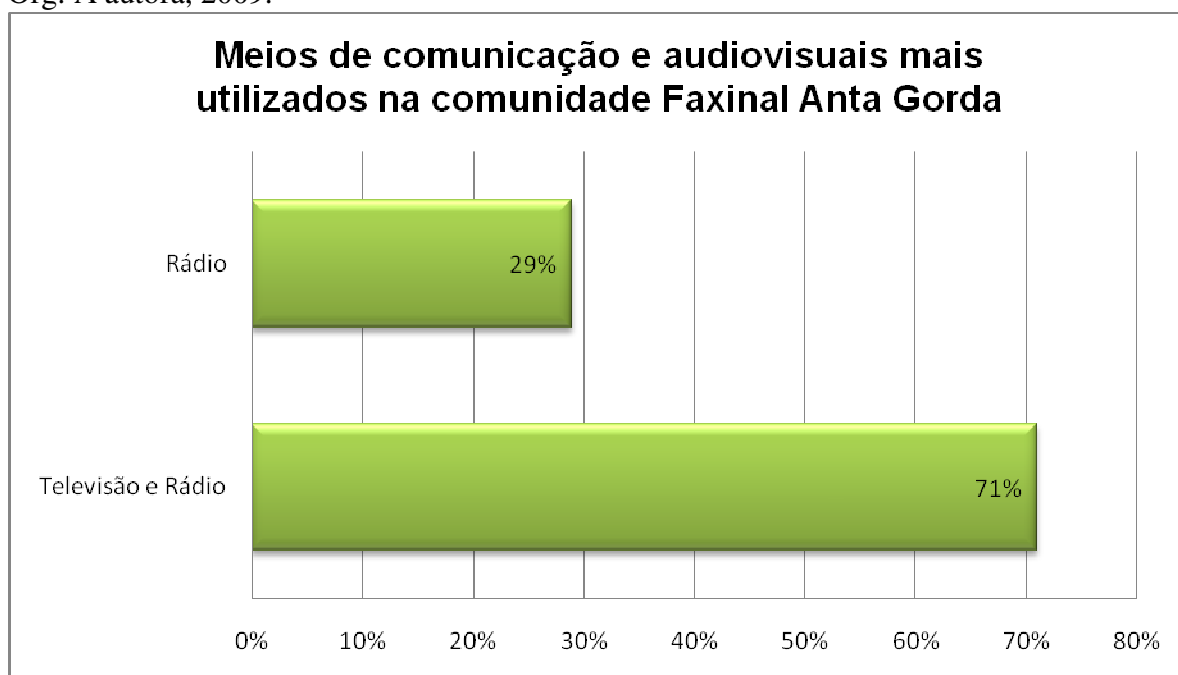


Figura 48 – Meios de comunicação adquiridos pelos faxinalenses da comunidade de Anta Gorda.
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2008
 Org. A autora, 2009.

Em se tratando de meios de comunicação, sem dúvida, merecem destaque o rádio e o televisor, pela quantidade de faxinalenses que os possuem e pelo que estes significam em termos de mudança de valores, de hábitos de consumo, de novas maneiras de olhar o mundo,

a partir de sua relação com o exterior, com aquilo que não é local. Informações sobre preços dos produtos, avisos para pessoas da comunidade, avisos de utilidade pública, ou outros fatos polêmicos noticiados pelas emissoras de rádio, circulam rapidamente entre os faxinalenses cobrindo em curto espaço de tempo toda a comunidade. Igualmente, as notícias de televisão também são comentadas e discutidas. É crescente a massa de informações recebidas por estes meios e a diversidade de assuntos que são transmitidos pelos contatos orais entre os faxinalenses. Mas, as famílias não deixaram de freqüentar a igreja, as reuniões dominicais, os bares ou bodegas, a beira de estradas para uma conversa, as capelinhas, por causa da presença da televisão.

Outro ponto importante a destacar, é a água encanada, que aparece em um número considerável de casas faxinalenses. Junto com a água encanada foram aparecendo os chuveiros e os banheiros, vinculados, recentemente, à estrutura da casa.

Fruto dos anos finais da década de 1980, a geladeira, dentre outros produtos elétricos, modificou alguns hábitos alimentares, as maneiras e costumes de preparar e conservar os alimentos. Além das práticas de conservação e a redefinição dos hábitos alimentares a geladeira, também é exemplo do nível de socialização de um produto que pode ser útil para aqueles que não o tem. É comum emprestar “um canto sem uso” para que o vizinho possa deixar sua carne conservada, o tempo que achar necessário.

O interesse pela racionalização do espaço doméstico, expresso pela geladeira já faz parte da modernidade, representada pelos objetos técnicos no cotidiano doméstico. Por isso, ressaltamos que, muitos atos ou práticas tradicionais dos faxinalenses não podem ser explicados conforme postulações daqueles, para quem, falar de tradição é falar de “volta ao primitivo”. O que afirmamos é que, as tradições faxinalenses se mantêm no contexto da modernidade, respaldando-se nela quando necessário.

Para ilustrar o que estamos tentando dizer, colocamos o exemplo do preparo do macarrão caseiro. É uma pequena amostra de que alguns hábitos não mudaram, apenas foram acrescidos de inovações nas técnicas de elaboração, como por exemplo, o uso de um cilindro industrial (substituindo o cilindro de madeira feito pelos marceneiros da comunidade) para estender a massa do macarrão, os ingredientes adicionados à massa como farinha de trigo “comprada”⁴² que substitui a farinha de trigo, antes preparada em moinhos da região, hoje desativados. Com esse exemplo, simples podemos dizer, de acordo com Tedesco, que a

⁴² Os faxinalenses qualificam os produtos industrializados, trazidos da cidade como alimentos “Comprados”.

“tradição e modernidade não existem *em-si*, em seu aspecto puro; realizam-se ou anulam-se, relacionando-se” (TEDESCO, 1999, p. 271).

A Figura 49 ilustra o que estamos dizendo. A produção caseira recebe hoje os chamados ingredientes “comprados”, ou seja, de origem industrial, porém, não deixa de fazer parte das práticas tradicionais das faxinalenses de fazer alimento em casa, mesmo quando estes possuem condições para adquiri-los no formato (pronto ou semipronto), industrializado.



Figura 49 – Preparo do macarrão caseiro pela faxinalense da comunidade de Anta Gorda, 2008.

Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

Foto: A autora, 2008

O *freezer*, um eletrodoméstico, menos comum nas casas faxinalenses, é um complemento funcional da geladeira, além de facilitar a conservação dos alimentos, em especial, da carne, é objeto moderno que eventualmente armazena carne dos vizinhos, fortalecendo e reafirmando o espírito solidário da entreajuda. Entretanto, mesmo com o uso do *freezer*, o costume de dar um pedaço de carne para os vizinhos e parentes, quando mata-se porco ou gado, continua a ser praticado. Isso quer dizer, que determinadas ações, mesmo que pela racionalidade moderna já não façam mais sentido dada a presença de objetos técnicos, conservam significados simbólicos que envolvem vizinhança, parentesco, doação, formando uma rede de proximidade, fortalecedora e constitutiva do lugar faxinalense.

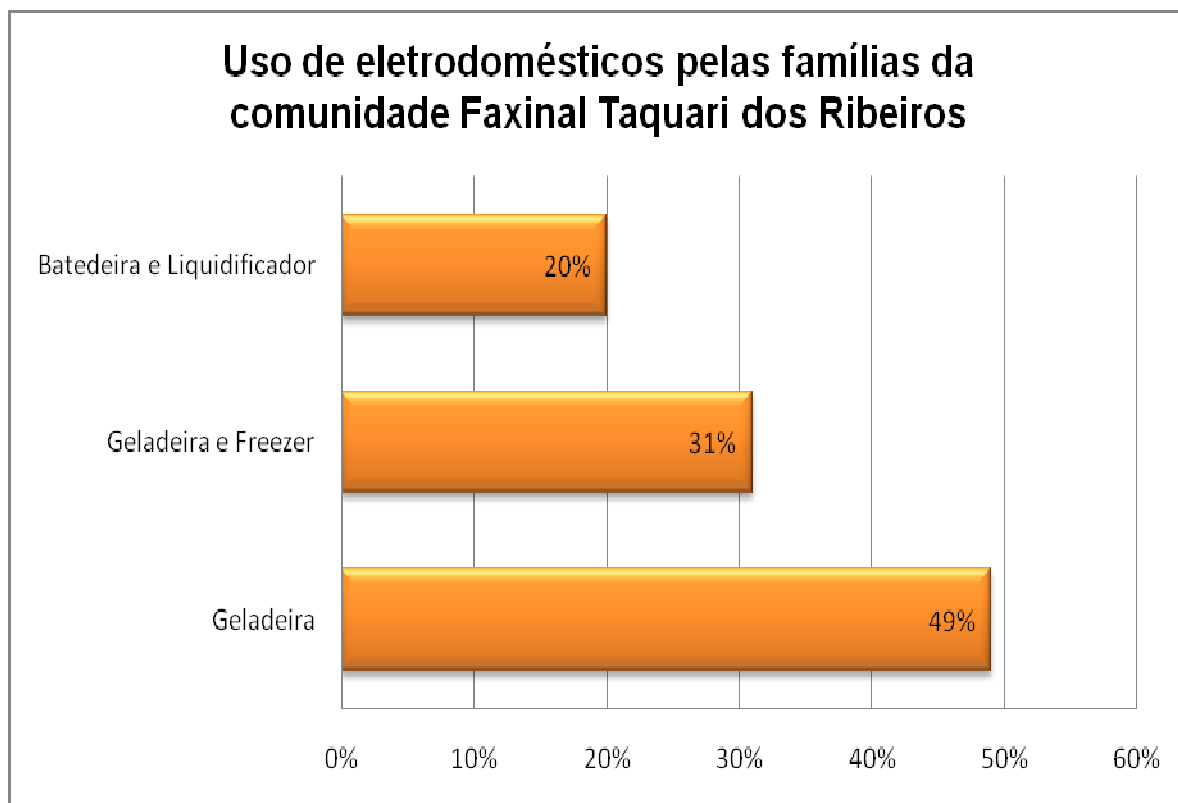


Figura 50 – Número de famílias que possuem eletrodomésticos na comunidade de Faxinal Taquari dos Ribeiros.

Fonte: Rede Faxinal de Pesquisa, 2008.

Org. A autora, 2009.

Ainda, no que diz respeito aos eletrodomésticos, embora em número pouco expressivo, algumas famílias possuem em suas casas, forno microondas, ferro elétrico, máquina de lavar roupa, centrífuga de roupas, etc.

Diante disso, é preciso rebater a noção de tradição que tem por base os “passadismos” e bloqueios à inovação. Frequentemente, as famílias polarizam-se na dualidade entre “aderir” ou “rejeitar” as mudanças tecnológicas e, uma parcela significativa acaba optando pelo caminho da incorporação, visando o aproveitamento, quando possível, dos elementos facilitadores da vida diária que as tecnologias carregam, sem, portanto, abandonar ou rejeitar os elementos tradicionais.

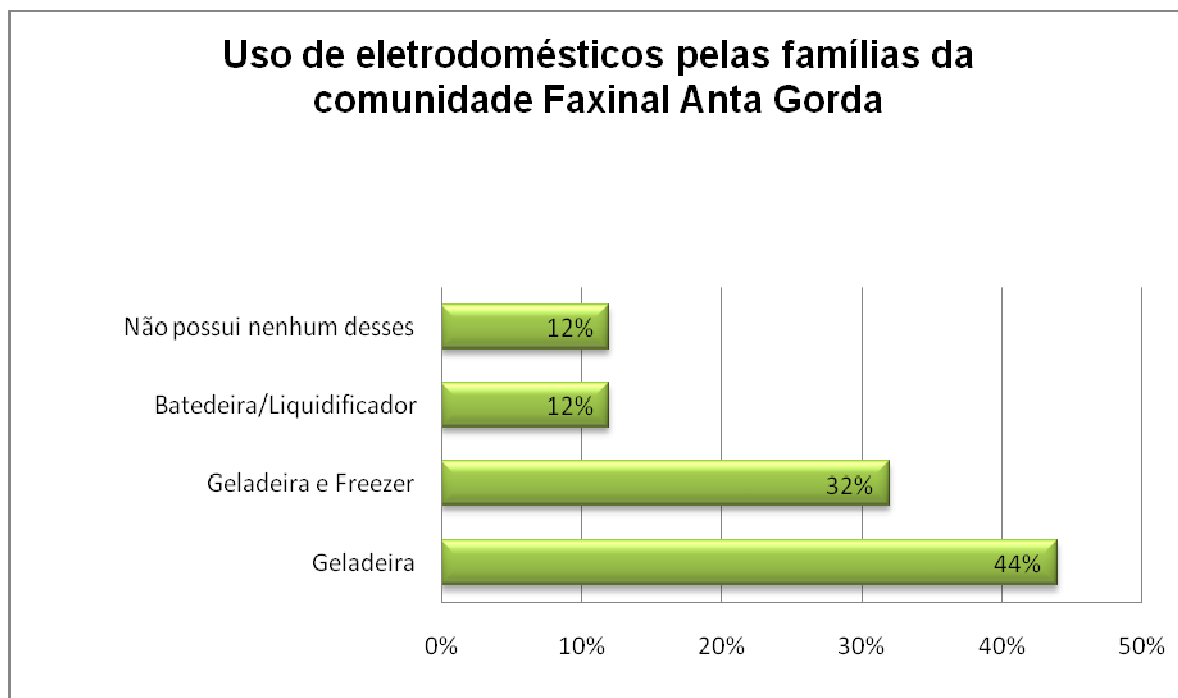


Figura 51 – Número de famílias que possuem e não possuem eletrodomésticos na comunidade do Faxinal Anta Gorda

Fonte: Pesquisa de campo, 2007

Org. A autora, 2008



Figura 52 - Conservação da carne suína frita em pedaços, na gordura derretida (banha), em latas.

Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008.

O que chama atenção (Figura 52), no espaço doméstico dos faxinalenses, é a nítida negação do objeto moderno enquanto algo transitório, descartável, de consumo. Vejamos alguns exemplos.

Muitos recipientes produzidos para serem descartados, continuam sendo úteis para os faxinalenses. Por exemplo: latas e garrafas de plástico são reutilizadas com funções que se distanciam muito da função original. Uma garrafa (do tipo pet) de refrigerante é utilizada para conservar o feijão, para fazer conservas de repolho, cortadas ao meio são usadas para vaso de flor, como copo para tomar água na roça etc. Copos descartáveis, quando usados pelos faxinalenses em momentos festivos, o que é muito raro, são lavados e reutilizados. As latas de azeite, cortadas ao meio servem de canecas para chá ou café durante o trabalho e a estada na roça. Das latas de óleo vegetal comestível, são confeccionadas formas de assar pão. Fica difícil identificar, nestas formas, o reaproveitamento de latas de óleo de soja. De fato, com base em Martins (2008, p. 33), “não é raro encontrar evidências da necessidade cultural de distinguir o que é novo, o que é usado e o que é reutilizado”. Diegues (2001), também fortalece uma das características importantes das populações tradicionais, ao destacar a reutilização dos dejetos e o relativamente baixo nível de poluição.

Quando da aquisição de um móvel ou eletrodoméstico, os cuidados são muitos, para mantê-lo em estado de novo, por mais tempo. *“a gente trabalha tanto para ter as coisas e precisa cuidar muito bem delas. É tão difícil conseguir comprar as coisas...”*.

Para Martins (2008), essa é sem dúvida uma indicação de uma certa consciência da transitoriedade do moderno, da possibilidade da deterioração simbólica do objeto, mas é também indicação de que artifícios são usados para prolongar o estado de novo das coisas, segundo a lógica do uso, do usuário, e não do consumidor. È como se a mercadoria não se destinasse ao consumo[...], o que nega a própria essência da mercadoria. Portanto, o signo do moderno, um eletrodoméstico, um móvel, é segundo o autor tragado por uma lógica antimoderna, embora continue parecendo moderno. Este é o ponto diz o autor, “parecer moderno, mais do que ser moderno.” (Ibid, p.33).

Ao se fazer a verificação dos hábitos e práticas alimentares constatou-se que diariamente os faxinalenses comem no café da manhã pão de farinha de trigo ou de centeio, “passado” com banha ou margarina, ou ovos fritos. Em alguns dias, as mulheres preparam também o “virado”, que é um prato preparado com feijão e farinha de milho, considerado um alimento reforçado para enfrentar o serviço pesado na lavoura. No almoço, a comida principal é o feijão preto, o arroz e a farinha de milho, e alguma “mistura” composta por carne (de

porco ou galinha, normalmente) torresmo, legume e salada feita com os produtos que retiram da horta (normalmente, alface, repolho, tomate, beterraba, entre outros). O tipo de salada varia conforme “a época”, ou melhor, em época de repolho serve-se salada de repolho. No jantar ou “janta”, costuma-se repetir o mesmo cardápio do almoço, ou apenas é aquecida a mesma comida. Carne assada no forno ou churrasqueira, maionese formam o cardápio dominical acompanhadas de um refrigerante. Segundo as mulheres, as “donas de casa”, a comida que fazem aprenderam com as suas mães e assim cozinham até hoje e estão repassando estes conhecimentos para suas filhas⁴³. O modo de preparar a comida é praticamente o mesmo em todas as famílias e raramente aparecem novas formas de aproveitamento dos produtos. Segundo depoimento das mulheres o tempo é bastante curto para preparar a comida, o que não permite que “*se comece a brincar na cozinha*”. O que elas dizem é que as tarefas das mulheres são tantas que praticamente não tem horas de descanso. “*Corremos o dia todo. A gente sempre faz a mesma coisa, limpa e limpa e sempre está sujo*”.

A base material e de sustentação do sistema faxinal está nas áreas de moradia dos faxinalenses, localizada no interior da casa e no entorno da mesma, como a horta, bosque de frutas, paióis (onde são depositados todos os instrumentos e ferramentas utilizadas no trabalho), os chiqueiros (para repouso noturno dos suínos e para engorda), galinheiros (para repouso das galinhas, pintinhos, galos, marrecos, gansos etc.).

Sobre as frutas, cultivadas nas terras de moradia (junto à casa), elas não têm destinação mercantil. A conversão da destinação, ao comércio é reprovada, porque na visão dos faxinalenses expressa ruptura das relações de solidariedade entre os parentes e vizinhos. “*Quando a gente tem verdura, fruta de sobra a gente passa para os vizinhos que não tem*”⁴⁴. À exemplo, das verduras e dos legumes, as frutas também fazem parte do sistema de troca de alimentos entre os parentes e vizinhos. Quando em abundância, são largamente distribuídas aos visitantes, parentes e vizinhos.

A troca entre os moradores de produtos da roça, do quintal ou do criadouro, acontece como episódio momentâneo e esporádico, visando uma relação contínua e duradoura. Trocar carne, legumes e verduras, expressa o desejo de continuidade da relação social e da tradição

⁴³ A maior parte do conhecimento e das habilidades agrícolas e domésticas foi transmitida de pai para os filhos e de mãe para as filhas. Essas práticas de transmissão de conhecimentos e experiências ainda são encontradas repetidamente, como se vê pelo fato dos faxinalenses entrevistados afirmarem ter aprendido a maior parte do que sabiam sobre agricultura com seus pais. Nesse ponto é significativo o papel da família em transmitir os conhecimentos e habilidades a seus descendentes. Mesmo sendo a família a fonte principal de conhecimento, esta não é limitadora das oportunidades de se assimilar novas idéias e novas técnicas, contribuindo em parte para desfazer o papel autoritário da família, da vizinhança e dos parentes, como únicas fontes de conhecimento.

⁴⁴ Palavras da Faxinalense M. R.(47 anos – Faxinal Taquari dos Ribeiros)

que as famílias foram repassando. Além de que, as verduras, legumes e frutas são culturas altamente perecíveis e devem ser rapidamente consumidas.

Outro ponto a ser destacado, sobre o sistema de troca, é que a cessão de parte da produção para os vizinhos via solicitação dos mesmos, só ocorre sob alegação de *precisão*, extrema necessidade⁴⁵ ou empréstimo. O atendimento do pedido depende da avaliação do consumo da família. Ele somente será efetuado se não lhe “fizer falta” e para as pessoas que agem reciprocamente.

Com base em Brandão (1981) classificamos a comida dos faxinalenses em:

a) *Comida vinda da natureza* – a comida que vem sem a mediação do homem como um produtor – ex. alimentos provenientes da caça, pesca e da coleta. b) *Comida não obtida da natureza*, mas sobre os recursos da natureza. Trata-se do conjunto de alimentos derivados do trabalho dos faxinalenses, na lavoura, na roça⁴⁶, no quintal.

Acrescentamos também, a chamada pelos faxinalenses de “comida comprada”. Trata-se da comida ou dos ingredientes que estes compram na cidade (Figura 53).



Figura 53 - Espaços de obtenção dos alimentos pelos faxinalenses, 2008

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007.

Org: Hauresko, C.

⁴⁵ “Os pedidos são atendidos quando alguém da família tá doente, quando chega visita e precisa preparar um franguinho, quando o vizinho precisa para fazer uma festa de aniversário ou de casamento” (Entrevista concedida por uma faxinalense da comunidade de Anta Gorda. (56 anos).

⁴⁶ O termo Lavoura utilizado pelos faxinalenses diz respeito ao cultivo em áreas mecanizadas, ou melhor, onde foi realizada a destoca. Enquanto, o termo Roça também chamada pelos camponeses da região de lavoura no toco, queimada, se refere à área de cultivo que é resultado do corte e queima da vegetação, para o posterior plantio.

Nas duas comunidades pudemos constatar uma diversidade de produtos alimentícios na dieta alimentar dos faxinalenses, uma das razões, certamente, é a existência de hortas e canteiros de verduras e legumes com uma variedade de cultivos.

Em geral, a dieta alimentar está relacionada às principais atividades econômicas desenvolvidas nas comunidades, onde é possível encontrar também entre os produtos consumidos o leite de vaca, em razão da criação de bovinos, na maioria das unidades familiares. Além da criação de bovinos, as famílias garantem sua subsistência através da criação de outros animais de médio e pequeno porte, como porco, frango, cabritos. Esses animais são importantes para a segurança alimentar, pois permitem o consumo de ovos e carnes, bem como podem ser vendidos em outros momentos. Desta forma, estas comunidades apresentam dietas alimentares que tem como principais alimentos, o feijão, arroz, carne e verduras que se somam ao café, açúcar, macarrão, margarina e outros produtos, chamados de produtos “comprados”.

Na verdade, a variação da dieta alimentar do faxinalense depende do equilíbrio que ele consegue manter entre o volume da produção e os gastos em dinheiro, além da vulnerabilidade dos cultivos às flutuações do tempo. Já o consumo da “comida comprada” está ligado, seguramente, aos ganhos financeiros da família e em especial à aposentadoria. Na segunda metade de cada mês, a dieta alimentar fica praticamente reduzida aos produtos que cultivam.

CAPITULO 10 - Terras de Criação do sistema faxinal

A alimentação de animais é composta de frutos, raízes, folhas e a grama nativa encontrados na floresta. A alimentação complementar (milho e/ou mandioca, ração industrial, restos de comida) é servida de manhã e ao anoitecer (Figura 56).

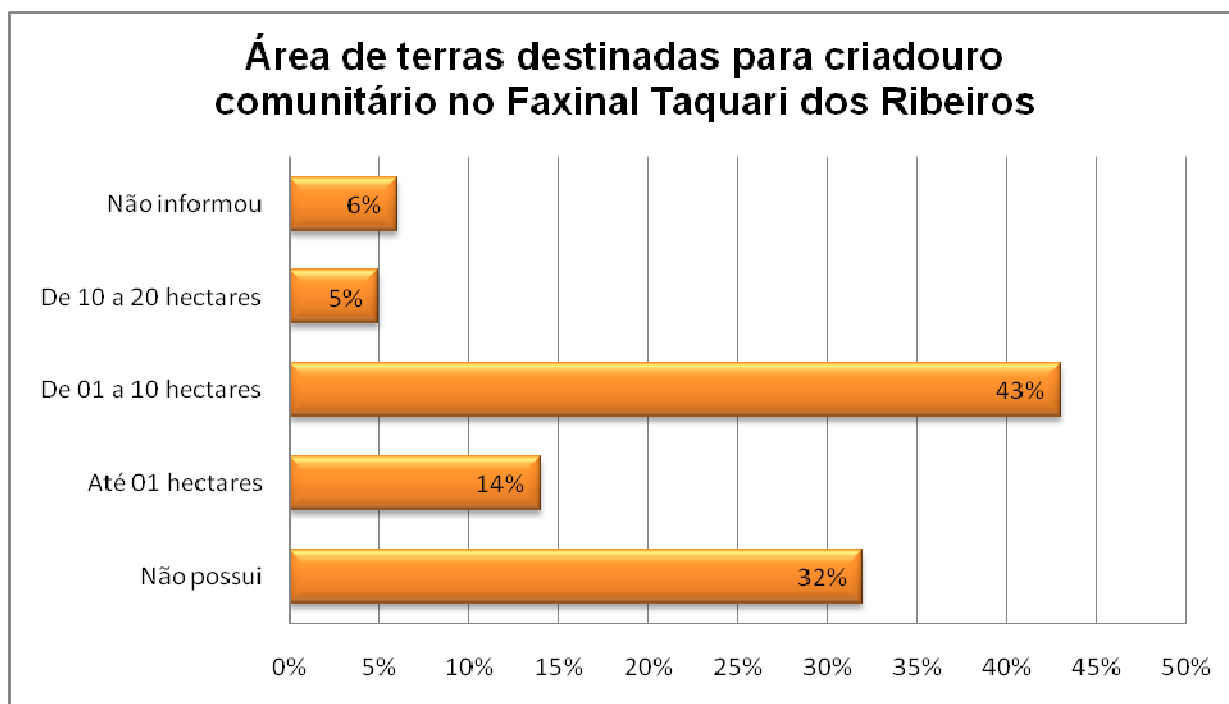


Figura 54 - Tamanho das terras destinadas para criadouro comunitário, pelas famílias da comunidade Taquari dos Ribeiros, 2008.

Fonte: Rede Faxinal Pesquisa

Org. A autora, 2009.

Embora rico em alimento para a criação, os animais criados no faxinal recebem complemento alimentar proveniente das roças ou lavouras. 95% das famílias faxinalenses produzem milho exclusivamente para complementar a alimentação dos seus animais, especialmente em épocas de estiagem ou no inverno. Observa-se que o espaço do faxinal se combina com o espaço da lavoura ou da roça, mostrando a interdependência que há entre ambos, ou seja, a criação à solta se alimenta da vegetação do faxinal e complementa sua alimentação com os produtos da lavoura, que por sua vez ajudou a produzir, especialmente os cavalos que puxaram o arado no preparo do solo, que carregaram no lombo os cestos carregados de milho, o “cargueiro” ou que puxaram a carroça trazendo o milho para os “paióis”.

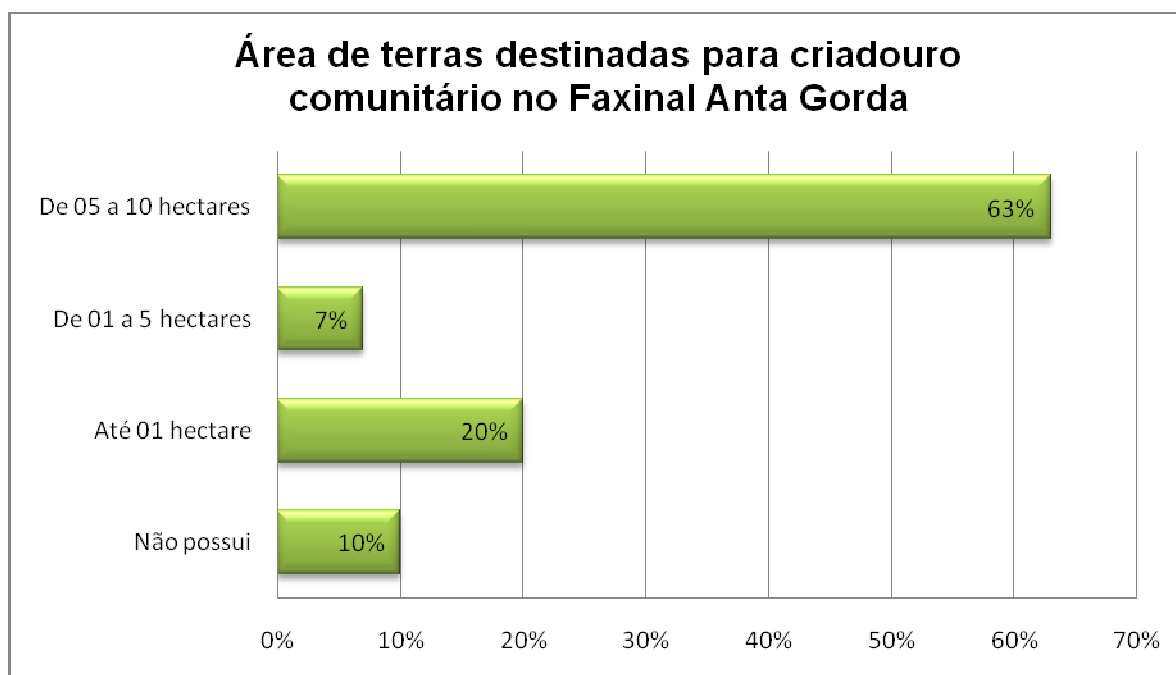


Figura 55 – Tamanho das terras destinadas para criação pelas famílias da comunidade Anta Gorda, 2008.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007
Org. A autora, 2008.

Nesse sistema, cada qual, homem, mulher, crianças, animais e aves desempenham suas respectivas funções. Assim, podemos dizer que outras fontes de alimento para a família, são fornecidas pelo gado, pelas aves e principalmente pelos suínos. A criação⁴⁷ de porcos é considerável, visto que os porcos são os animais criados em maior número no faxinal. Segundo depoimento dos faxinalenses, a criação do porco é viável neste sistema porque ele encontra frutas e vegetais para se alimentar, recebe ao anoitecer e ao amanhecer o milho que eles produzem, e ainda comem o “cozido” que é feito das sobras de alimentos como cascas de batata doce, batatinha, abóbora etc.

Nas comunidades faxinalenses, a criação de animais se vale do uso de extensas áreas de matas para uso comunal, socialmente definidas como legítimas ao uso como pasto. Dentre as aves, embora a galinha seja a mais comum, criam-se patos, gansos, marrecos e, muito raramente, perus.

A criação de animais é pequena, variando conforme: a composição da família, o cálculo de alimentação, e a disponibilidade de terras para o plantio do milho e da mandioca, principais alimentos no trato aos animais. Milho e animais formam o binômio da complementaridade, no processo de criação de animais. A criação e a quantidade de animais

⁴⁷ O termo criação é utilizado porque designa a atividade pastoril em pastagens naturais.

estão subordinadas à lógica da produção de milho, esses produtos são sempre percebidos e avaliados um em relação ao outro.

A criação de animais pode ou não ser vista como uma alternativa de renda e garantia de alimento para o faxinalense. Pode ser justificada apenas por uma questão de gosto do trato com os animais. Muitos faxinalenses atribuem a prática da criação de animais ao gosto e entretenimento, dizendo: “*A propriedade fica sem graça, o bicho dá trabalho, mas dá vida, o pátio fica mais bonito..cheio de galinha, pintinhos..que dá gosto*⁴⁸”.



Figura 56 – A criação reunida (no entorno da área de moradia) para a alimentação complementar

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007.

Foto: A autora, 2007

Os faxinalenses que não possuem terra para criação, da mesma forma, podem se beneficiar dos recursos naturais (pasto nativo, frutos silvestres e água) do criadouro comunitário, porém, como contrapartida devem assumir obrigações como, participar das ações comunitárias e ajudar na manutenção das cercas do criadouro. O trabalho de

⁴⁸ Fala da faxinalense da comunidade de Faxinal Anta Gorda, T. D. (67 anos)

manutenção e substituição das cercas é realizado pelos faxinalenses beneficiários do criadouro. Cabe ao inspetor⁴⁹ da comunidade o papel de convocar os faxinalenses para o trabalho e “fiscalizar” o cumprimento desses deveres.

Os faxinalenses referem-se à atividade de criação de animais como uma criação formada por animais sem raça, “raça simples” “misturada”. É um gado que não aumenta de peso rapidamente, tem baixa produção de leite, não exige muitos cuidados/tratamentos medicamentosos, sendo por isso mais operativo em função do investimento.

Alguns faxinalenses, no entanto, assumem que após a década de 1990, houve uma redefinição, em parte, das práticas tradicionais dos faxinalenses quanto aos cuidados com os animais. Constatamos que em tempos passados os faxinalenses aguardavam ansiosamente o inverno chegar e se encarregavam de livrar as peles dos animais, exterminando quaisquer tipos de parasitas que agrediam a pele e a saúde deles. Hoje, fazem uso de produtos veterinários para a cura de doenças e parasitoses.

Se por um lado a vida do dia-a-dia dos faxinalenses torna-se mais onerosa, pois as exigências do mercado e principalmente da vigilância sanitária, fazem com que estes adotem as inovações e os cuidados praticados pela sociedade, por outro lado, estes procedimentos resultam na redução das perdas com as doenças e/ou morte de animais.

Sobre o processo de racionalização crescente no meio agrícola e agropecuário, Santos (2008, p. 304) afirma:

Cria-se, praticamente, um mundo rural sem mistério, onde cada gesto e cada resultado deve ser previsto de modo a assegurar a maior produtividade e a maior rentabilidade possível. Plantas e animais já não são herdados das gerações anteriores, mas são criaturas da biotecnologia; as técnicas a serviço da produção, da armazenagem, do transporte, da transformação dos produtos e da sua distribuição, respondem ao modelo mundial e são calcadas em objetivos pragmáticos, tanto mais provavelmente alcançados, quanto mais claro for o cálculo na sua escolha e na sua implantação. É desse modo que se produzem nexos estranhos à sociedade local.

Nos dias atuais, a experiência interna da família baseada na tradição se soma aos novos objetos técnicos que são as cooperativas, os bancos, os técnicos (veterinários e agrônomos), os comerciantes da cidade, visando o controle maior de doenças que afetam a criação e as plantações. As terras de criação passam a ser um espaço para reproduzir parcialmente a racionalidade moderna (Figura 57), já existente no espaço agrícola.

⁴⁹ O Inspetor do Faxinal ou Inspetor Municipal é um dos membros da comunidade que é eleito pela própria comunidade para desempenhar a função de fiscalizar o cumprimento dos deveres de cada faxinalense; convocar reuniões e intervir no caso de conflitos na comunidade.



Figura 57 – Inseminação artificial nas comunidades de faxinais.

Fonte: Informativo da Secretaria Municipal de Meio Ambiente – Prudentópolis, 2006

Como podemos observar, a estruturação das comunidades faxinalenses se transforma continuamente. Do faxinal, extraía-se a madeira para construção das casas, assim como de seus paiois; hoje extrai-se apenas a lenha, sem a qual em tempos passados não era possível preparar a comida do dia a dia, pela ausência de fogões a gás. Nos dias de hoje, mesmo tendo acesso aos fogões a gás, donas de casa disseram que *“o fogão a gás é só para esquentar água para o chimarrão quando chega da roça e para fazer comida mais rápido, de vez em quando”*. *“A comida feita no fogão à lenha tem sabor e demora para esfriar...no outro fogão (à gás), fez a comida tem que comer logo, senão esfria, mas dá para fazer a comida quando a gente está atrasada”*. A preocupação com o melhor aproveitamento do tempo adentra também a cozinha, através de objetos técnicos.

Atualmente, com a fiscalização ambiental, os faxinalenses, antes de efetuarem qualquer corte de madeira, devem buscar a liberação do mesmo em órgão competente, com exceção da lenha seca que é retirada das árvores que caíram, que foram quebradas pelos ventos ou secaram naturalmente. Todavia, estas “proibições” não são aceitas unanimemente, alguns contestam-nas. Em conversa com uma faxinalense que teve a sua propriedade visitada

pelos técnicos do Instituto Ambiental do Paraná - IAP, ela disse o seguinte: “... *esses fiscais, eles vieram aqui, marcaram no papel, que eu tenho dois pés de bracinga no quintal e me disseram que eu não podia cortar. Mas eu estou feliz, porque Deus derrubou um pé, e tomara que derrube outro, para que eu não tenha mais problemas. O que eles estão pensando...que mandam com as minhas bracingas!*”.

Os faxinais ainda se estruturam socialmente com hábitos, convenções, regras e práticas instituídas pela comunidade, segundo as quais, os faxinalenses tinham total autonomia para explorar a mata que ficava nos limites da propriedade. Por isso, parte deles são ainda resistentes as exigências e fiscalizações de órgãos ambientais.

O extrativismo da erva-mate, da madeira, da lenha, dos frutos como o pinhão, fazem parte da tradição histórica do sistema faxinal, como já mostramos na segunda parte do trabalho. Desde os primeiros anos de colonização os europeus se juntaram aos caboclos e indígenas, voltando os olhos para os recursos naturais existentes na região, como a erva-mate e a madeira, além da pastagem nativa. Não é à toa que durante muitos anos se empenharam na atividade de extrativismo da erva-mate. O extrativismo esteve centrado na coleta das folhas das ervateiras, na lenha e madeira para construção de casas, paióis, mata-burros, cercas, igrejas, escolas etc.

A principal atividade extrativa era a da erva-mate. Sem dúvida, esta prática, durante determinado período do ano, consumia grande quantidade de tempo dos faxinalenses. Hoje não mais, conforme afirmam Barreto e Löwen Sahr (2006) a erva mate é vendida às indústrias ervateiras⁵⁰, como folha verde ainda na árvore, que passam a dominar todo o processo de produção – desde a poda até a comercialização do produto final.

As famílias que ainda fazem a coleta da erva-mate e a processam, o fazem exclusivamente para o consumo da família, em forma de chá e chimarrão.

Por mais que a modernidade, manifestada nas atividades de criar animais pelo uso de medicamentos e de técnicas modernas como a inseminação artificial, na extração da erva-mate hoje realizada pelas indústrias ervateiras, tenda a alterar funções, hábitos, costumes e tradições, a criação de animais e o extrativismo da erva-mate, embora redefinidos, ainda caracterizam o modo de vida dos faxinalenses.

⁵⁰ Para um estudo mais detalhado sobre a questão consultar Barreto, M. **A produção camponesa e o monopólio do território pelo capital**: espacialidades distintas na extração da erva-mate na região da floresta com araucária do Paraná. Dissertação (Mestrado em Geografia – Gestão do Território), Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008

CAPITULO 11 - Terras de Plantação: a preservação de práticas tradicionais e incorporação de elementos modernos

Em meados do Século XX, a atividade ervateira entra em crise provocada pela perda do mercado externo para o produto vindo da Argentina e do Paraguai. Os colonos europeus e seus descendentes, os caboclos e outros que trabalhavam na extração da erva-mate perderam nesse período uma das principais fontes de renda, porém, continuaram com a agricultura de produtos alimentares, base da sua economia e razão da fixação e permanência dos mesmos no campo.

A partir da década de 1950, o Brasil e, por extensão o Estado do Paraná adotam a política de modernização agrícola buscando o desenvolvimento. Acreditava-se até então, que o arcaísmo da agricultura brasileira significava obstáculo ao desenvolvimento econômico.

Segundo Hespanhol (2000, p.12),

o período que compreende as décadas de 1950 e 1960 foi marcado pelas discussões mais gerais sobre os rumos que a economia brasileira deveria tomar frente à necessidade de avanços no processo de industrialização do país e em virtude do esgotamento do modelo de substituição de importações.

Assim, segundo a autora, as análises sobre a agricultura brasileira sempre a interpretavam com base nessas novas necessidades impostas pelo processo de industrialização do país.

Defendeu-se a modernização da agricultura, via articulação com a indústria, baseando-se nos princípios de que esta seria o meio mais eficaz de desenvolvimento. Para isso foram feitos investimentos em tecnologias e recursos humanos para responder à necessidade de transformar esta atividade de baixos investimentos para a industrial de altos rendimentos.

O marco fundamental da modernização da agricultura brasileira foi implantado no final da década de sessenta e ao longo dos anos setenta, este que recebeu o nome de Revolução Verde.

A Revolução Verde, a industrialização do processo de produção agrícola, reordenaram e redefiniram as atividades no campo. O surgimento dos Complexos Agroindustriais (CAIs) e as Cadeias Agroalimentares, passaram a orientar os processos de produção no espaço agrícola. A agricultura passa de setor responsável pelo fornecimento de alimentos e matérias-primas, para mercado consumidor de produtos industriais, envolvendo máquinas, equipamentos e agroquímicos.

Em regiões brasileiras, onde predominavam as grandes lavouras⁵¹ de monoculturas e o trabalho assalariado, observou-se uma transferência crescente de mão-de-obra do campo para as cidades, fundamentalmente em virtude do surgimento e expansão da mecanização.

Talvez a estrutura baseada em pequenas propriedades (Figuras 58 e 59), justifique o baixo esvaziamento do campo paranaense em especial nos municípios da região centro-sul. Observa-se que devido às condições locais, as implicações são diferentes e transformações são operadas, contrariando a tendência geral da economia.

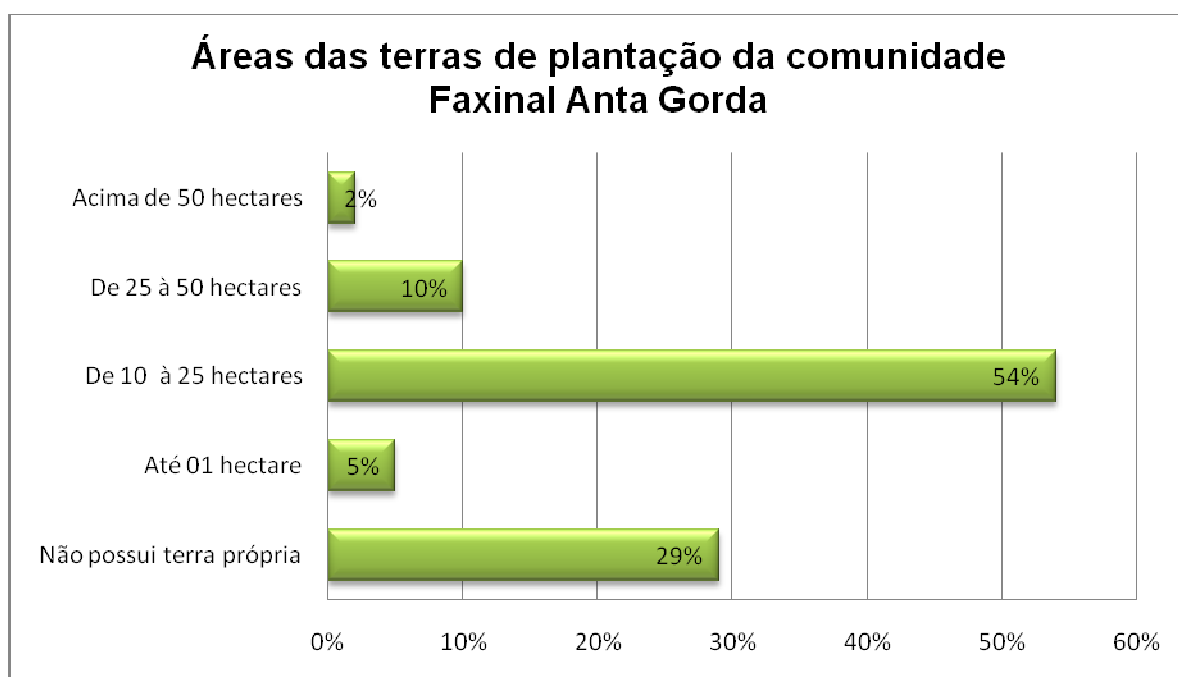


Figura 58 – Quantidade de terras destinadas para a plantação pelos moradores da Comunidade de Faxinal Anta Gorda, 2008.

Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

Org.: A autora, 2008

⁵¹ Topalov(1978) assinala que todos os dados e estatísticas estabelecem que o latifúndio dominou e domina a agricultura brasileira. Em 1960, 3% das propriedades agrícolas monopolizavam 53% das terras, enquanto que 70% das propriedades dispunham de somente 9% das terras; essa grande diferença é mais acentuada no Norte e Nordeste do país. É mais atenuado, entretanto, na região sul, onde a colonização foi realizada no decorrer do Século XIX por camponeses europeus, sendo a única do Brasil não dominada pelo sistema latifundiário.

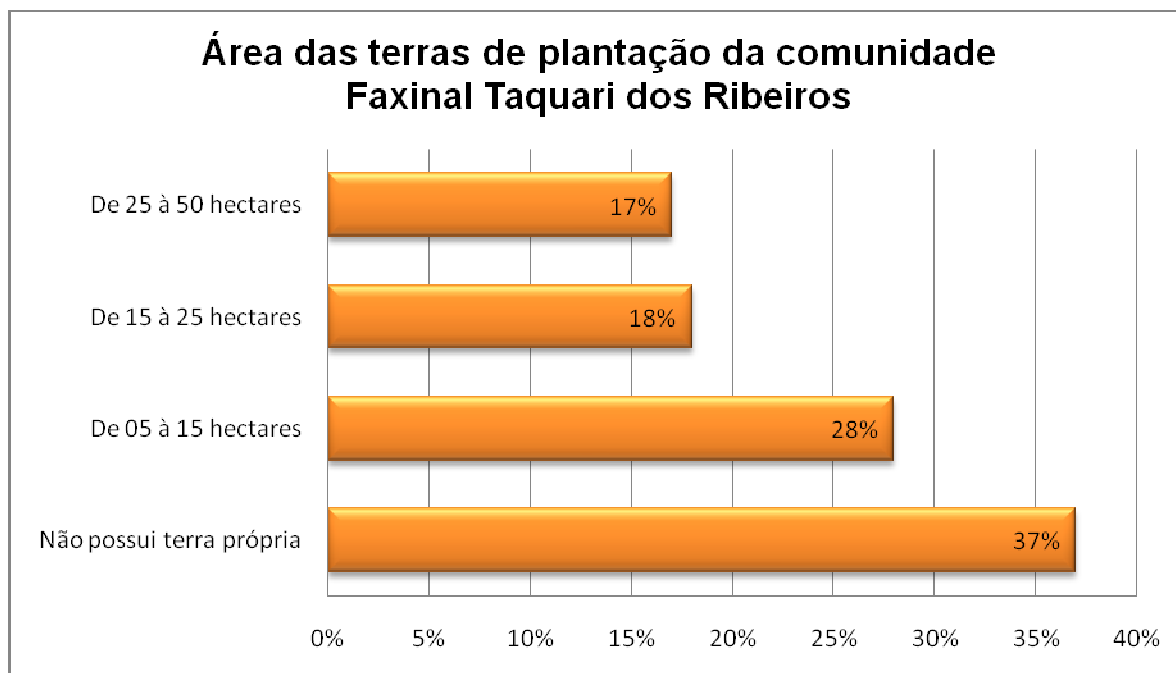


Figura 59 - Quantidade de terras destinadas para a agricultura pelas famílias da comunidade de Taquari dos Ribeiros, 2008.

Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008.

Org.: A autora, 2009.

Nos municípios pesquisados, desde as décadas enfatizadas, inevitavelmente, mudanças aconteceram, contudo, a produção agrícola continuou conservando muitos traços do período precedente, com concentração de mão-de-obra familiar na produção agrícola. As eventuais deficiências de mão-de-obra são supridas por mecanismos específicos, como a contratação de camaradas, que nada mais são que filhos de outros produtores que buscam aumentar seus rendimentos, ou apenas para ajudar o outro nas tarefas mais urgentes.

Observa-se também que existem as estratégias de conciliar mão-de-obra familiar com a mão-de-obra contratada temporariamente (os diaristas, camaradas), nas atividades produtivas dentro das unidades produtivas familiares. A mão-de-obra contratada é utilizada, principalmente em propriedades que desenvolvem a cultura do fumo, atividade que faz uso intensivo de mão-de-obra, em épocas de colheita.

Constatou-se, também, que a prática da ajuda mútua, ou troca de dias, são mecanismos tradicionais, ainda utilizados nas fases de maior urgência, como colheita do fumo, do feijão, do milho etc., sem a qual o desempenho da lavoura poderia estar ameaçado, comprometendo a sobrevivência da família. Trata-se de uma relação realizada entre “vizinhos de roça ou de casa”, ou com algum vínculo de parentesco e que não envolve dinheiro como recompensa.

No faxinal Taquari dos Ribeiros, encontramos a figura do “agregado”. Trata-se de um trabalhador que mora na casa do proprietário da terra e assume uma parte da terra para plantar o fumo. Todos os gastos com o processo de produção são contabilizados e ao final, depois de concluído o trabalho juntamente com o proprietário vende-se a matéria-prima – fumo - subtraem todos os custos e dividem o valor líquido entre os agricultores envolvidos. Neste faxinal aproximadamente 95% das famílias introduziram a cultura do fumo nas áreas de plantar. Para algumas delas, a intensificação do uso do solo representou a única possibilidade de sobreviver como família em pequenas áreas de terra, já que para o cultivo do fumo, não há necessidade de grande quantidade de terras. No caso desta cultura, a tradição de rotação de culturas desapareceu.

Sponholz (1971) expõe depoimentos de agricultores que disseram: “onde entra a cultura do fumo é porque as demais culturas vão mal”. Trata-se de produção sob contrato, apresentando aspectos positivos em relação ao aumento da eficiência e a redução dos riscos de comercialização. Os aspectos negativos são observados devido ao grande volume de trabalho e os problemas de saúde provocados pelo uso intensivo dos pesticidas. Hoje resta menos tempo para o plantio de produtos alimentícios, pois se ocupa toda a mão-de-obra familiar na produção do fumo, que segundo depoimento dos faxinalenses que o produzem, trata-se de “*uma cultura que dá mais lucro.*”

Na verdade, o que de fato ocorre é que as companhias transnacionais de fumo exploram vulnerabilidades sociais e econômicas expansão da produção do cultivo do fumo em países como o Brasil. As famílias produtoras de fumo, geralmente são famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade, pois a maioria depende quase que exclusivamente dessa produção, num contexto onde a demanda pelo fumo nacional depende de uma conjuntura de mercado internacional, uma vez que 85% da produção nacional é exportada (MINISTÈRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, 2009).

Como em sociedades tradicionais as esferas econômica, social e cultural são intimamente ligadas umas às outras, o novo modo de produção alterou a vida, a rotina das famílias, contudo, não provocou mudanças significativas no sistema faxinal. O pasto comunitário permanece. Fato este que confirma que a tradição de manter a pastagem para uso comum de todos os moradores, passada de geração em geração, permanece e não está vinculada estritamente à função econômica do criadouro comunitário.

A agricultura dos faxinalenses é baseada consideravelmente na unidade de produção assentada na mão-de-obra familiar, com a participação de pais e filhos e, em algumas famílias podemos encontrar os agregados⁵².

A unidade familiar e o trabalho são organizados via distribuição de tarefas entre pais e filhos. Um número expressivo de famílias conta com o auxílio de parentes, vizinhos ou de pessoas de outras comunidades, quando necessitam de mão-de-obra. Essas práticas têm dado certo e têm possibilitado, de geração em geração, o atendimento das necessidades básicas e de subsistência das populações mesmo sob condições ambientais e econômicas adversas.

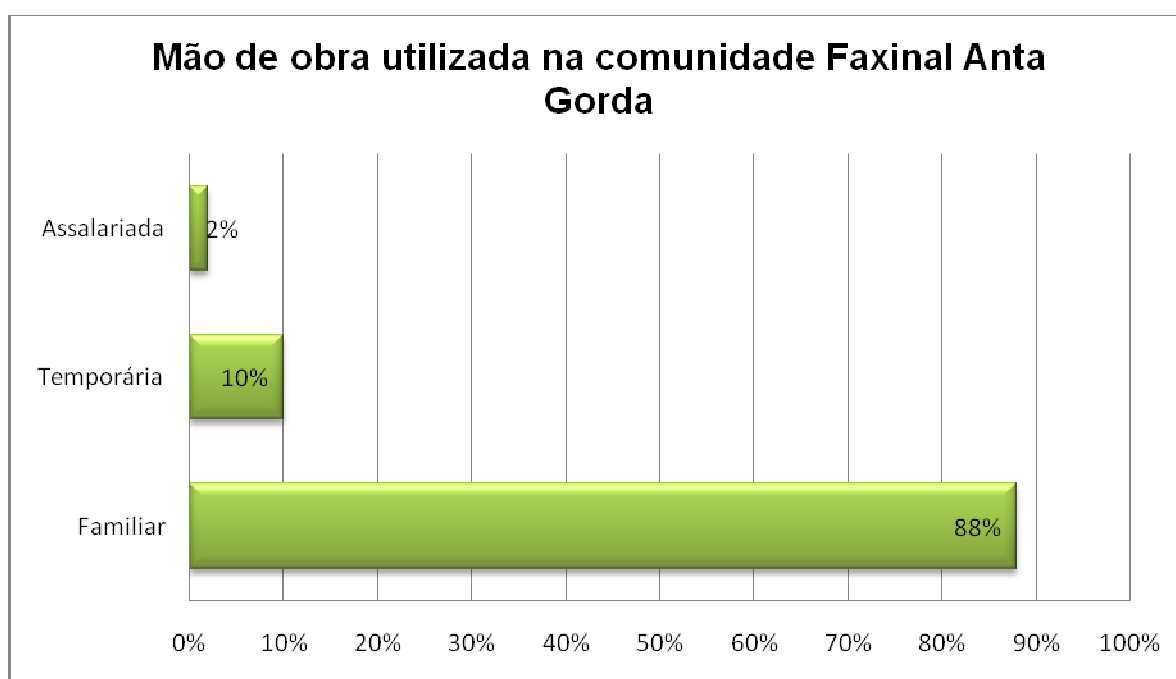


Figura 60 – Relações de trabalho na comunidade de Anta Gorda

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007

Org.: A autora, 2008

Diante do que expusemos com relação às estratégias de conciliar a mão-de-obra familiar com a contratação de mão-de-obra temporária, verificamos que a agricultura familiar tem várias formas de se apresentar e que a formulação de suas estratégias depende do meio em que as famílias estão inseridas.

O contato dos faxinalenses com a terra faz parte da história e da cultura do seu lugar. O conhecimento adquirido pelos faxinalenses durante longos tempos justifica suas

⁵² A denominação agregado é o nome que é atribuído pelos faxinalenses aos trabalhadores que não possuem terra e, que residem nas propriedades dos patrões ou familiares. A função de agregado, é encontrada na Comunidade de Taquari dos Ribeiros.

resistências e ao mesmo tempo a incorporação de inovações técnicas, quando estas se fazem necessárias.

De acordo com Valverde (2006), só a compreensão da evolução histórica pode levar a entender a resistência (no sentido de precaução) que os agricultores oferecem à introdução de novos sistemas agrícolas. A sobrevivência de velhas estruturas agrárias vai reforçar a resistência a certos progressos técnicos, como, por exemplo, a mecanização. Faucher (1953) tem uma expressão muito feliz, quando declara que a rotina do camponês é sinônimo de prudência. Para este, a repetição é uma garantia de êxito. O que foi bom para o meu pai e meu avô – diz o lavrador – é também bom para mim.

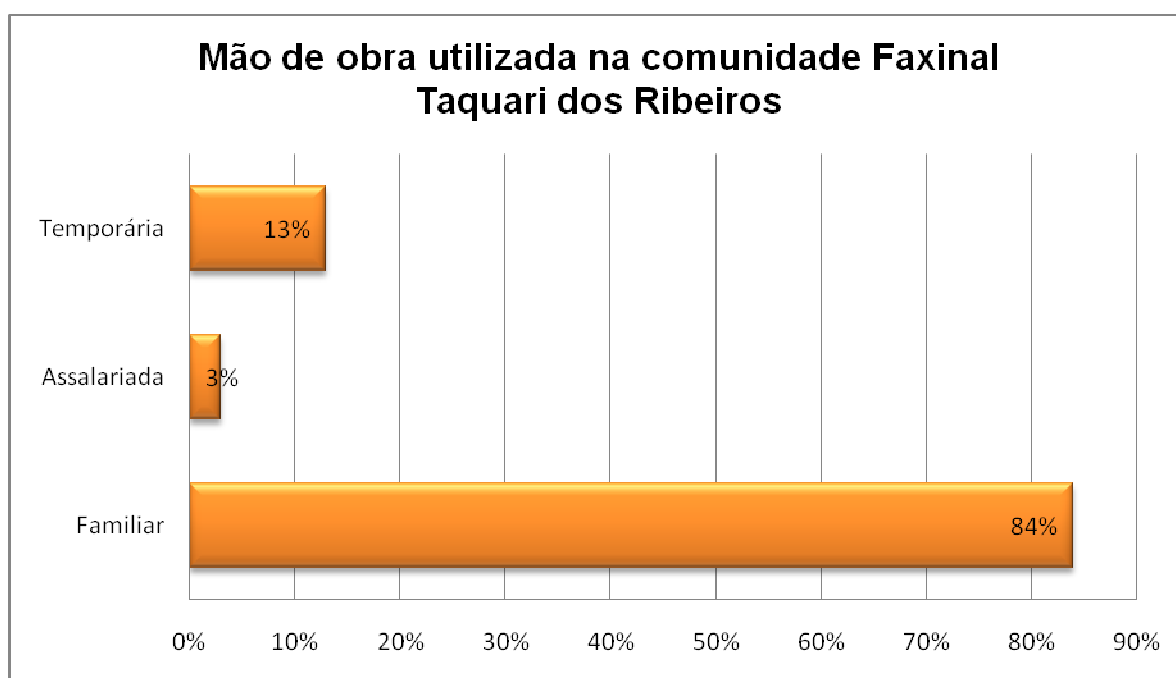


Figura 61 – Contratação de mão-de-obra pelas famílias da comunidade de Taquari dos Ribeiros.

Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008

Org.. A autora, 2009.

A incorporação de inovações, de elementos modernos é consequência da deterioração de objetos, dos instrumentos de trabalho tradicionais, também do esgotamento do solo que geralmente se processa com lentidão, mas acontece. Muitas vezes ele sente que algo está errado, que o trabalho da terra já não é compensador, que a “terra está cansada”, mesmo assim prefere o pouco que é certo, ao muito que poderá falhar no seu modo de perceber as coisas.

Os faxinalenses utilizam estratégias garantidas pela experiência de vida e pelo contato diário com o meio natural, para tomar as devidas precauções, antes de arriscar a perder o que

plantaram. Continuamente se previnem dos riscos aos quais estão expostos, como agricultores para assegurar da melhor forma a reprodução da família e beneficiar com as suas decisões as gerações futuras (seus filhos, netos etc.).

Estes sempre organizaram sua produção agrícola baseados no sistema técnico que dava conta do trabalho e da variedade de cultivos que constituíam o seu modo de organização econômica e cultural. O uso do arado tração animal, a maneira de plantar, colher e armazenar seus produtos, a troca de sementes entre eles formaram este modo próprio de organização.

O período posterior à década de 1980 atesta pequenas alterações. O domínio dos saberes e experiências do lugar perde força e, parcialmente, é substituído por técnicas modernas, produtos químicos e saberes disseminados por técnicos, pesquisadores, pessoas de fora do seu espaço de convivência.

As famílias, porém, ainda fazem uso de técnicas que são transmitidas de pais para filhos, o que não as impede que assimilem novos procedimentos para a exploração das suas atividades agrícolas, como adição de produtos químicos no processo produtivo, plantio de sementes híbridas ou a adoção de práticas agroecológicas já disseminadas nas comunidades.

Mesmo encontrando dificuldade em obter os insumos externos, o faxinalense admite que faz uso de produtos químicos, porque são deveras necessários. *“Se não usar veneno, não dá nada, a roça se acaba”⁵³*.

Outro dado relevante no que diz respeito à produção agrícola na região, é a utilização de produtos químicos para o controle de pragas. O faxinalense enfrenta uma série de dificuldades para manter suas plantações livres de pragas e doenças. Além das dificuldades para controlar essas pragas, os faxinalenses adquirem problemas de saúde com a manipulação de produtos químicos, especialmente aqueles com alto poder de intoxicação.

Juntamente com a adubação química aplicada a plantação, outros procedimentos são realizados pelos faxinalenses, como a utilização de substratos⁵⁴ para a produção de mudas de fumo.

O adubo natural (esterco bovino e de aves) é utilizado somente pelas faxinalenses na adubação da horta. Nas roças o único adubo “natural” é *“mata” queimada*, o restante do adubo é químico. Durante o processo de produção das mudas, após a semeadura, os principais tratamentos culturais realizados pelos faxinalenses correspondem à limpeza do local, a capina.

⁵³ Depoimento de A. R. (Faxinal Taquari dos Ribeiros).

⁵⁴ O Substrato para o cultivo do fumo é produzido à base de turfa recomendado para a germinação de sementes e produção de mudas de fumo em bandejas no sistema *“float”* e no sistema *“leito”*. Sua utilização substitui o solo.

Alguns o fazem com a enxada (Figura 62), porém, o *hábito moderno* é passar o produto químico que disseca as plantas “daninhas”.

O local de venda dos produtos, são as respectivas cidades ou melhor, a cidade de Prudentópolis para os faxinalenses de Anta Gorda e a cidade de Rio Azul para os faxinalenses de Taquari dos Ribeiros. Apesar de todas as dificuldades encontradas no transporte da produção, a forma mais fácil e rentável para venda dos seus produtos continua sendo o comércio cerealista que vem buscar os produtos na propriedade.



Figura 62 – Ferramenta agrícola utilizada pelas comunidades para limpar as roças.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Foto: A autora

11.1 A Roça e a lavoura como lugares de trabalho

A roça e a lavoura⁵⁵ são por excelência lugares de trabalho. São também resultado de um processo histórico secular, onde gradativamente, de geração em geração, as condições dos

⁵⁵ Roça e lavoura são espaços distintos no faxinal Anta Gorda. Roça é o espaço onde aconteceu o corte da mata, a posterior queima e em seguida realizou-se o plantio da semente, geralmente pela utilização da chamada “matraca” ou com a “cavadeira”. O sistema de roça é desenvolvido geralmente em terras de relevo acidentado. Lavoura é o espaço em geral de terreno plano e onde é possível desenvolver todo o processo de produção desde o preparo do solo até o plantio com arado tração animal ou até com trator, o que é pouco comum. O espaço da lavoura se diferencia da roça, pelo desaparecimento total do mato e da capoeira fina. No faxinal Anta Gorda são muitos os faxinalenses que produzem no modelo roça.

solos foram sendo alteradas. Fica claro, que a geração atual por contar com solos mais cansados pelo uso durante mais de cem anos, enfrenta maiores dificuldades e maiores custos na recuperação e no preparo do solo, no plantio das sementes, na colheita, principalmente em terras mais planas onde geralmente o cultivo dos produtos é realizado pelos faxinalenses em lavouras, cujo processo de produção exige maior uso de insumos químicos, pelo fato de não passar pelo período de pousio, adotado exclusivamente para a agricultura na roça.

A agricultura praticada na comunidade do Faxinal Anta Gorda mantém-se, em grande parte das famílias, no sistema agrícola baseado na queimada, o qual transforma o mato em terra de cultura. Nesta terra é possível produzir não mais que três anos consecutivos, após este tempo a terra deve permanecer sem uso, em recomposição por algum tempo. Esse tempo varia conforme as possibilidades de rotação de terra que o faxinalense possui. No caso da lavoura, a área só reverte à condição de mato se a terra for “esquecida” pelo agricultor, o que dificilmente acontece. Os faxinalenses agricultores do Faxinal Taquari dos Ribeiros, não mais adotam o sistema roça, pois aproximadamente 95% das famílias produzem o fumo, cujo processo produtivo é realizado em terras mecanizadas (lavouras) com a adoção de técnicas modernas.

As terras de plantação são formadas pela *mata densa*, que é chamada de “capoeira” e a mata jovem chamada de “tigüera”. A capoeira designa uma área, cuja cobertura vegetal permaneceu intocada durante alguns anos. Segundo depoimentos dos faxinalenses, estas terras são as mais adequadas para a agricultura, pois são naturalmente muito férteis, porém, por serem cobertas com floresta adulta, com árvores de troncos muito grossos, dificultam a roçada com foice, tornando impraticável a agricultura. Nessas áreas, o desmatamento acontece na medida das necessidades de reprodução social da família. Neste sentido afirma Woortmann; Woortmann (1997, p. 27) “se a lavoura camponesa é de queimada e coivara, tão condenadas, ela o é no interior de uma percepção do trabalho e da natureza que busca o equilíbrio.”

O fato de poder deixar terra para “descanso” passa a ser privilégio para os faxinalenses, pois esta prática resulta em um solo recuperado. “*Terra descansada é outra coisa, produz mais e melhor*” disse um faxinalense. Esta terra é basicamente a terra do feijão e do milho, no entanto, há uma diversidade grande de culturas para o abastecimento das famílias (Quadros 01 e 02).

Da roça ou da lavoura, leva-se para a casa, em maior quantidade, o legume feijão e o cereal milho. Parte do milho colhido se transformará em comida para a família e para os

animais e as sementes de aspecto saudável e tamanho apreciável, serão selecionadas para o próximo plantio.

O feijão e o milho são os principais produtos destinados para o consumo da família e para a venda. (Quadro 02). Nestas, como em outras sociedades tradicionais rurais, a autonomia é sempre relativa (WANDERLEY 2001, p. 28). De acordo com a autora, “a necessidade de reservar parte de seus recursos para as trocas com o conjunto da sociedade e para atender a suas imposições termina por introduzir no interior do próprio modo de funcionamento certos elementos que lhe são originalmente, externos.”

A produção de excedentes salienta Cunha (1991), não é mais acidental, são mercadorias produzidas intencionalmente para o mercado.

O milho serve quase exclusivamente para a alimentação dos cavalos, bois, vacas (espigas de milho inteiras); para as galinhas, gansos, marrecos (milho debulhado); para os cachorros, gatos e pintinhos (o milho é transformado em quirera) e após cozida a quirera serve de alimento para cães e gatos, que têm funções importantes na casa do faxinalense, garantir a segurança da casa e de toda a área de moradia e aos gatos cabe caçar os roedores.

Quadro 01 – Produtos alimentares cultivados mais citados pelos faxinalenses da comunidade do Faxinal Anta Gorda e os produtos básicos comprados na cidade.

Produzem na roça	Produzem no quintal	Produzem no Bosque	Compram na cidade
Feijão	Repolho	Laranja	Farinha de trigo
Milho	Beterraba	Lima	Açúcar
Mandioca	Tomate	Limão	Farinha de milho
Batata inglesa	Temperos verdes	Ponkan	Sal
Batata-doce	Pimentão	Mamão	Margarina
Batatinha	Pimenta	Pêssego	Sabão em pó*
Melancia	Cebola	Uva	Carne para Churrasco
Melão	Alho	Banana	Fermento para pão
Banana		Morango	
Mamão			

* As faxinalenses fabricam em casa o sabão em pedra à base da gordura animal.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007 – 2008

Org.: A autora, 2008

A dedicação, quase que exclusiva ao plantio do fumo (pelos faxinalenses do Taquari dos Ribeiros), diminui a quantidade de produtos alimentares produzidos, porém a redução não implica em dependência do mercado para acesso aos produtos de subsistência. Veja no quadro 02, a listagem de produtos alimentares, mais citados, cultivados pelos faxinalenses desta comunidade e os produtos básicos comprados na cidade.

Quadro 02 – Produtos alimentares mais citados, cultivados pelos faxinalenses da comunidade do Faxinal Taquari dos Ribeiros e os produtos básicos comprados na cidade.

Produzem na roça	Produzem no quintal	Produzem no Bosque	Compram na cidade
Fumo	Repolho	Laranja	Margarina
Milho	Beterraba	Lima	Açúcar
Mandioca	Tomate	Limão	Farinha de milho
Feijão	Temperos verdes	Ponkan	Sal
	Pepino	Banana	Farinha de trigo
	Beterraba	Pêssego	Sabão em pó*
	Cebolinha	Uva	Detergente para Louças
	Couve	Cereja	Carne para Churrasco
	Alface	Morango	Doce(Goiabada, marmelada)
	Batata-doce	Maça	
	Morango	Pitanga	
	Chuchu	Jabuticaba	
	Brocolis	Abacate	
	Cenoura	Amora	
	Chás	Pêra	
	Salsa	Caqui	
	Abóbora e Abrobrinha		
	Vagem		
	Milho verde		
	Couve-flor		
	Espinafre		
	Mostarda		

Fonte: Rede Faxinal de Pesquisa – 2008

Org.: Autora 2009

Acerca disso, fica muito difícil ver o moderno só por um vetor: modernidade e tradição não se excluem; alimentam-se.

Quanto ao trabalho na terra, seja na roça ou na lavoura, com exceção dos fumicultores, os faxinalenses seguem a dimensão da produção tradicional - praticando a *coivara* (queimada), o sistema de pousio, o trabalho manual como o de colher o feijão, o milho etc., - combinada com a dimensão do sistemas técnicos modernos, pelo uso de defensivos agrícola de origem industrial. Os fumicultores, por sua vez, redefiniram o processo de produção agrícola, agora ligado mais ao estilo moderno de contato com a terra, (novos implementos, quantidade elevada de produtos químicos, novas técnicas de plantio), porém, consorciado à dimensão da produção tradicional, onde continua a produção de alimentos para o consumo da família, embora em quantidade e variedade reduzidas.

Podemos ver como essa nova dinâmica mistura-se aos elementos de um sistema tradicional. Em outras palavras, queremos dizer que os ditames externos de âmbito econômico junto à exploração familiar faxinalense não estão isentos de redefinições, quando em contato

com as diferentes lógicas, com a racionalidade interna, junto à unidade familiar. Por isso, acreditamos que o moderno não se constrói, necessariamente, destruindo o tradicional.

Os faxinalenses imersos num contexto social são levados a se ajustar da melhor forma possível a um ambiente em processo de mudança. Ao mesmo tempo em que refazem e modificam suas ações influenciados pelas lógicas externas (indústrias do fumo, cerealistas, bancos, programas de governo de apoio ao agricultor familiar, etc.), mantêm ou criam estratégias próprias para assegurar a sobrevivência da família, como se dá, por exemplo, com a prática da policultura de alimentos.

Dentre outras estratégias de ajustamento, podemos tomar como exemplo, o caso do fumicultor que consegue produzir fumo via contrato com as indústrias fumageiras, amparado pelo sistema tradicional de produção familiar. Neste caso, toda a família do fumicultor se envolve no processo de produção do fumo, além de desenvolver, embora em quantidade menor, os cultivos do feijão, do milho, verduras e legumes, necessários para a reprodução da unidade familiar. Caso fosse necessário contratar mão-de-obra e ou/comprar todos os alimentos consumidos pela família, a produção do fumo deixaria de ser uma atividade viável economicamente. Obviamente, que a manutenção de algumas práticas tradicionais, como a agricultura de alimentos é também expressão das condições econômicas diferenciadas entre os faxinalenses, do tipo de solo e quantidade de terra que possuem, da disponibilidade técnica e de mão-de-obra, dos recursos financeiros, dentre outros.

11.2. Os faxinalenses integrados via contrato de produção, com as indústrias fumageiras

Tomamos as condições dos faxinalenses do Faxinal Taquari dos Ribeiros, para fundamentar as transformações nas comunidades produtoras de fumo via sistema integrado. A referida comunidade foi escolhida, dado que nesta, 95% dos faxinalenses cultivam fumo.

Na comunidade Taquari dos Ribeiros há um novo sistema de ações, e aqui nos referimos ao sistema de integração à indústria do fumo e suas implicações em nível do espaço da comunidade, que corresponde um novo sistema de objetos que vão ressignificar o lugar, a comunidade.



Figura 63 – Plantação de fumo – Faxinal Anta Gorda, 2007

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007.

Foto: A autora, 2008.

Observa-se que, nos dias de hoje, com base em Gazolla; Schneider (2006), que a mercantilização das relações sociais e do sistema produtivo mudaram muito se compararmos com o Sistema Agrícola Colonial. Essa mercantilização de acordo com os referidos autores é um processo social muito mais forte e intenso entre os agricultores familiares.

A mercantilização se expressa através da subjugação do agricultor familiar ao mercado, através da externalização e da cientifização da produção agrícola e, das diferentes relações que emergem dos diferentes circuitos mercantis em que os agricultores estão inseridos⁴. A mercantilização é o processo pelo qual o agricultor familiar passa a ter a sua reprodução social e econômica dependente do mercado através da externalização dos elementos ou das etapas que integram o processo de produção.(GAZZOLA; SCHNEIDER, 2006, p.05).

A tradição do faxinalense em cultivar o fumo para o consumo interno, na forma artesanal (fumo em corda), de certa forma habilitou-o e motivou a dar seqüência ao cultivo, embora assistido por um sistema técnico muito diferente daquele que era utilizado para a produção do fumo artesanal.



Figura 64 – Preparo do fumo para a secagem - Faxinal Anta Gorda, 2008
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2007.
 Foto: A autora, 2008.

Apesar da permanência dos objetos “tradicionais”, que já mencionamos referente ao lugar das comunidades tradicionais, estes sustentam outra lógica, determinada em grande parte, pela indústria fumageira, ou melhor, pelo sistema de integração. Surgiram nesta comunidade novos objetos e novas formas de usos do espaço, dentre os quais, as estufas de fumo (Figuras 63, 64, 65). Trata-se de um objeto recente na paisagem das comunidades faxinalenses.

Percebemos claramente a diferença entre faxinalenses integrados e não-integrados, principalmente em termos de infra-estrutura de moradia, do conhecimento técnico que possuem pela sua função enquanto produtor de fumo. Os integrados reconhecem que a assistência técnica recebida é fundamental e é estendida para toda unidade produtiva. *“Os instrutores de fumo, orientam a gente a fazer do jeito que eles⁵⁶ querem. A gente aprende muita coisa, e depois usa quando planta feijão, milho.”*

⁵⁶ Palavras de um faxinalense integrado à indústria fumageira, da comunidade de Taquari dos Ribeiros.



Figura 65 – Estufa de fumo e no entorno terreno preparado para o plantio do fumo no Faxinal Taquari dos Ribeiros.

Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008.

A produção integrada via contrato entre o agricultor e a indústria do fumo, representa uma forma moderna de se inserir no âmbito econômico. O envolvimento do faxinalense com a indústria e com o mercado, ganha contornos de modernidade, o que não nos autoriza a dizer que, isso venha a colocar em cheque todos os valores tradicionais, estabelecidos pelos faxinalenses da região. Algumas práticas novas (modernas) acabam por conservar outras, as tradicionais. No caso dos faxinalenses do Taquari dos Ribeiros, se os faxinalenses não fossem integrados, certamente teriam dificuldade em manter o criadouro comunitário, pelo aumento de famílias na comunidade e seqüente necessidade de ampliar a área de produção agrícola, dado que a produção tradicional do feijão, para ser rentável depende de uma quantidade maior de terra, enquanto o fumo comparativamente, para ser economicamente mais rentável, necessita de menos terra. A manutenção do criadouro comunitário se deve também à tradição: *“Nossos pais, meus avôs, queriam que o faxinal continuasse e por isso a gente hoje não quer que acabe⁵⁷”*.

A plantação do fumo, malgrado os problemas de saúde que acarreta, permitiu segundo depoimentos dos faxinalenses *“melhorar de vida”, o que para o faxinalense quer dizer,*

⁵⁷ Palavras do faxinalense da comunidade do Faxinal Taquari dos Ribeiros.

“construir uma casa maior e mais bonita” “garantia de venda do produto”. “ter sempre um dinheiro a mais”. Com relação aos problemas à saúde provocados pelo cultivo do fumo, 57,53% disseram que já tiveram: vômitos, tontura, febre alta, alergia, dores de cabeça, náuseas, calafrios, intoxicação, insônia, variância, calorão, diarreia e tosse. Ao passo que, 42,46% não relataram nenhum tipo de problema.

Na realidade, em âmbito regional, os problemas mais conhecidos em relação a este sistema de produção incluem riscos à saúde resultantes do uso inadequado de agrotóxicos, pesticidas, herbicidas, o emprego de mão-de-obra infantil associado ao uso extensivo de trabalho familiar no cultivo do tabaco e o endividamento de pequenos agricultores junto às empresas fumageiras.

Apesar de existirem essas preocupações relacionadas com a expansão do cultivo do fumo na região e no Brasil, a adoção de estratégias de diversificação e as medidas de controle voltadas à diminuição da produção do tabaco ainda enfrentam obstáculos consideráveis. Tais obstáculos resultam, principalmente, “do receio dos governos quanto aos potenciais efeitos prejudiciais que tais medidas possam provocar em termos de perdas de postos de trabalho na agricultura e diminuição das receitas de impostos e de exportações” (VARGAS; BONATO, 2007, p. 17).

As experiências e saberes tradicionais tendem à redução, com o processo de produção do fumo, em que se aplica basicamente o conhecimento técnico. Entretanto, a unidade familiar dos faxinalenses, não se explica apenas pela produção do fumo. As experiências tradicionais tendem a se reduzir, em certos produtos (como é o caso do fumo) em que se aplica mais o conhecimento técnico sob a orientação da indústria, mas continuam importantes em outras culturas e na criação dos animais.

Seria ingenuidade nossa considerar apenas as condições objetivas, de funcionamento dessa unidade, invalidando as condições nas quais se constituem a consciência e o conhecimento que os faxinalenses têm do trabalho que desenvolvem. De acordo com Tedesco (1999, p. 287), “As normas técnicas não podem prescindir da mediação dos grupos locais. Há um ponto de vista, um conhecimento que os sujeitos envolvidos têm dos objetos de suas atividades e de seu meio social; ele constitui o nível de articulação entre as técnicas e as estruturas sociais”.

Por isso não podemos negar que antes da relação contratual com a indústria via mecanismos modernos, havia toda uma organização familiar favorável à indústria e a produção integrada, como: a propriedade da terra, diversidade de tarefas executadas pela

família; controle da mão-de-obra pelos chefes (pai e mãe), o histórico na produção do fumo em corda. Desse modo, sem medo de cometer um equívoco, podemos dizer que as indústrias do fumo só se inseriram neste meio porque anteviam esses recursos.

A partir da integração do faxinalense à fumicultura, ocorreu uma redefinição e complexificação da estruturação do faxinalense, tornando-o mais exposto aos mecanismos empresariais e mercantis e os envolveu num modelo que se ampara no produtivismo, na maximização do lucro, sem, portanto, relegar a organização interna tradicional do faxinalense à insignificância.

Significa dizer que há um referencial cultural e econômico junto ao colono que vem ao encontro das normas contratuais; capacidade de trabalho, saber e família são contribuições práticas e simbólicas imprescindíveis para a relação contratual com as empresas (TEDESCO, 1999, p. 289).

Foi no final da década de 1980 e início da década de 1990, segundo dados fornecidos pelos próprios faxinalenses, que houve maior aquisição e utilização de aparatos técnicos no universo familiar dos faxinalenses, em especial aos plantadores de fumo. Esse pequeno aparato técnico somou-se às práticas tradicionais: Produzir milho, feijão, criar porcos (culturas que são desenvolvidas desde a época da colonização do Paraná, pelos caboclos e mais tarde pelos colonos europeus). A atividade de criação de porcos junto com a erva-mate fez parte das primeiras relações mercantis do faxinalense).

A cultura do fumo nestas comunidades é a primeira atividade estritamente comercial e a primeira a se inserir no sistema familiar de produção via contrato com indústria. As empresas fumageiras inseriram-se marcadamente na região em estudo⁵⁸ e suas exigências técnicas, por mais que tenham alterado grande parte das práticas tradicionais dos faxinalenses, “conservam e se servem de uma imagem, de um gosto histórico e, por, que não de um saber, que sempre se pautou pela rotina-tradição-evolução”. (TEDESCO, 1999, p.267).

Isso quer dizer que os padrões culturais tradicionais se mantêm quando há necessidade e, quando a conservação dos mesmos ajuda a resolver os desafios cotidianos e os percalços que surgem, ou melhor, quando a terra esta cansada e não “dá mais nada”, quando é necessário reduzir o sacrifício do trabalho e sobretudo, manter um sucessor para o trabalho na

⁵⁸ Centro Sul é o maior produtor de tabaco do Paraná – Notícia do Jornal Hoje Centro-Sul. Centro Sul – A região Centro Sul é a que concentra a maior parte dos fumicultores do estado do Paraná. Destacam-se pela produção os municípios de Rio Azul, no qual 90% dos agricultores plantam fumo, seguido por Guamiranga e Irati onde a produção cresceu bastante nos últimos anos. A fumicultura se fortaleceu apesar de todos os revezes que muitas vezes são apresentados como problemas de saúde gerados no processo de trabalho, além da mão de obra infantil. Ela teve esse fortalecimento por ser uma economia estável, pois está vinculada a um mercado internacional próspero, e quando há baixa produtividade há ajuste de preço. Disponível em: <http://www.hojecentrosul.com.br/>. Acesso em: 26 de maio de 2008.

terra conforme manda a tradição, os faxinalenses certamente encontram respaldo no sistema de objetos técnicos, dentre os quais estão o maquinário (próprio, emprestado, alugado), os adubos químicos e os defensivos agrícolas, em geral, que reduzem o tempo, a penosidade do trabalho e dispensam mão-de-obra.

È significativo o número de faxinalenses que nos disseram que se não fossem os produtos químicos na lavoura, não conseguiriam lutar contra as adversidades naturais, os insetos e a terra desgastada, cansada. *“A gente gasta em veneno, em adubo, porque se não for assim não dá nada” “Os venenos, dissecantes, adubo custam caro, às vezes, o feijão que dá não paga o veneno, mas a gente não tem outro jeito”*.

Por outro lado, aplicar veneno para secar o “mato”, dispensa parte da mão-de-obra que era necessária para a “capina” ou “carpida” do mato existente na roça, significa também redefinir concepções sobre a prática da agricultura, o uso do solo e o tempo de trabalho, e, sobretudo, provoca, em parte, a individualização da unidade familiar.

Importante ressaltar que o estilo de vida, o sistema de valores, as particularidades técnicas e as inovações que os acompanham se conjugam para fortalecer a estabilidade do sistema sócio-econômico e cultural dos faxinalenses. Em ambas as comunidades, por mais que a incorporação de elementos modernos reduza o tempo de trabalho manual, por mais que os jovens faxinalenses tenham migrado para as cidades, principalmente, nesta última década, a organização familiar permanece como referência no convívio e no processo de trabalho agrícola e doméstico dos faxinalenses.

11.3. O conhecimento para o trabalho agrícola

No tocante à produção agrícola, o feijão e o milho são prioridades nas unidades familiares. Possuir uma quantidade grande desses produtos ultrapassa o significado econômico e simbólico, significa segurança alimentar, que resultará em energia para o trabalho e oferta de carne (no caso do milho, alimento importante para complementar a alimentação dos animais), suína, bovina, ovina, para o consumo e oportunidade de venda.

A produção em roça ou lavoura se dá em razão de inúmeros fatores internos e externos. O tamanho da roça ou lavoura plantada, ou a quantidade de sementes plantadas, assinala a posição da cultura em nível de importância para o mercado e para a família, ou denota a condição familiar, social e econômica do produtor.

Tanto na produção agrícola quanto no trato com a criação, em parte esses processos sofreram redefinição com o uso de químicos, fármacos para curar doenças em animais e

utilização de algumas máquinas e implementos para uso na agricultura (Gráfico 66). Importante salientar que a aquisição de implementos agrícolas, não implica uma alteração no plano de valores, ou na rede de solidariedade estabelecida. A pesquisa indicou que as famílias faxinalenses, em especial, do Faxinal Taquari dos Ribeiros, desenvolvem o sistema de utilização de implementos como grade, trator, carpideira, via empréstimo entre os vizinhos. Os implementos agrícolas circulam de uma unidade familiar para a outra. Estratégias assim, como o uso compartilhado de máquinas e equipamentos entre os agricultores familiares, colaboram também para otimizar um determinado capital disponível, e por consequência, reduzir o montante que seria imobilizado em depreciação.

Tudo isso está consorciado à dimensão da produção tradicional do faxinalense. Nesta dinâmica social, o dinheiro, a terra, o solo, o trabalho e os produtos são racionalizados em termos de necessidades, utilidades, prioridades e solidariedade comunitária.

Em conversa com os faxinalenses (da comunidade de Anta Gorda), constatou-se que praticam a “queimada” e o sistema de “pousio” porque o relevo das terras de planta é íngreme, e não permite a mecanização. Que evitam, quando é possível, o uso de produtos químicos pelo custo agrícola que estes representam. E assim seguem, mantendo com pequenas inovações, as práticas de cultivo e preparo do solo que herdaram de seus pais ou avôs. Outro aspecto importante diz respeito à qualidade dos produtos agrícolas faxinalenses. Na opinião dos mesmos seus produtos, embora, não apresentem uma “aparência” bonita, são de qualidade, porém, não negam o uso de agrotóxicos para combater as pragas que atacam seus cultivos e adiantam, “ *não há mais como produzir sem usar, pelo menos, um pouco de veneno*”.

Os faxinalenses enxergam o lado positivo e o benefício da modernidade via evolução técnica, no entanto isso não permite dizer, que se colocam totalmente a favor dos ritmos e valores que esta impõe. Observa-se que eles, em alguns momentos, recusam-se a aderir às técnicas científicas de produção, dado que estas não passaram pelo aprovação de pessoas do seu convívio diário, da vizinhança. “*A gente se quisesse comprava alguns produtos... sementes que eles (os técnicos) mostram pra gente, mas a gente não sabe...; aqui ainda ninguém experimentou, se são bons*”. O novo é experienciado num universo que normalmente tende a ser conservador e tradicional (TEDESCO, 1999).

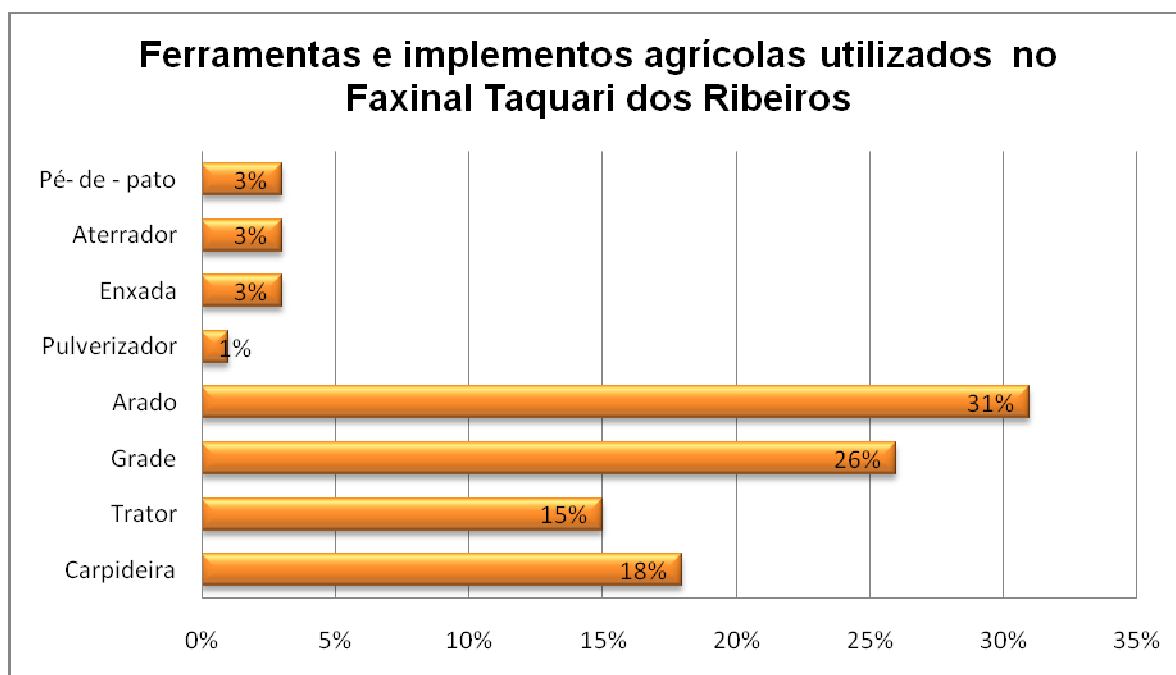


Figura 66 – Relação dos implementos agrícolas utilizados pelos faxinalenses da Comunidade Taquari dos Ribeiros - 2008

Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008.

Org.: A Autora, 2009

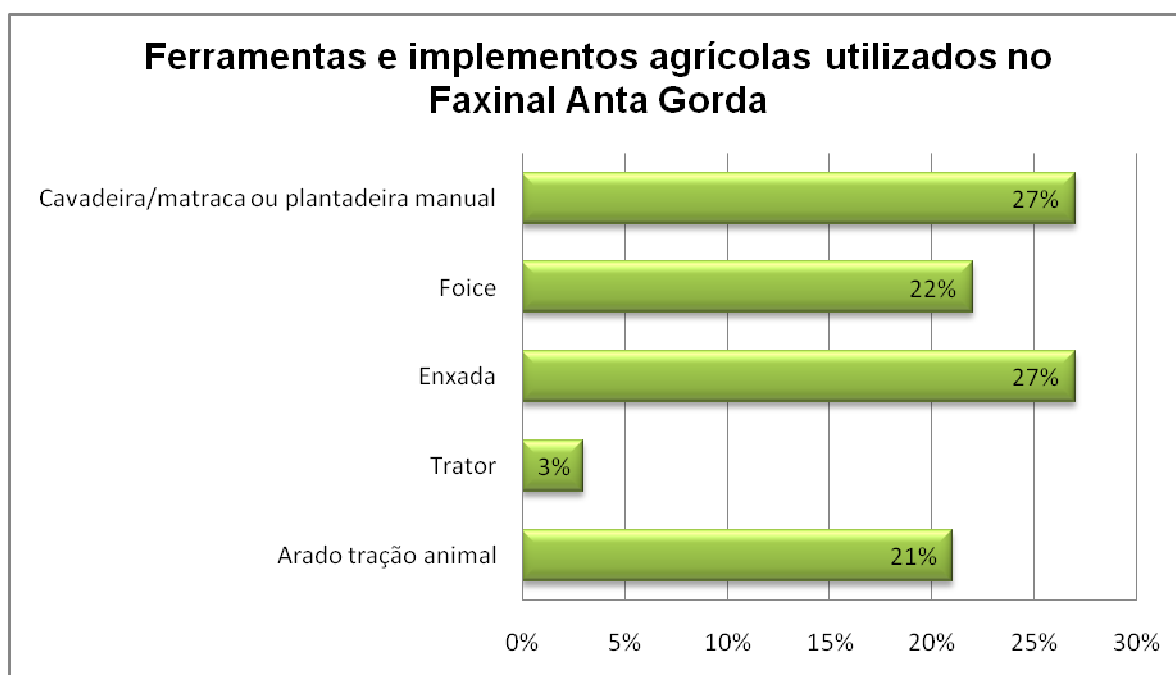


Figura 67 – Relação dos implementos agrícolas utilizados pelos faxinalenses da Comunidade do Faxinal Anta Gorda - 2008

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Org.: A autora.



Figura 68 – Arado tração animal, que pode ser utilizado como carpideira e aterrador.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008,

Foto: A autora, 2008.

O arado tração animal, puxado por cavalos, tem várias finalidades, desde que à ele forem acoplados os acessórios que separadamente desempenham cada qual uma função específica. A enxadinha como observamos na (Figura 68) serve para limpar a lavoura. Os discos (Figura 69) servem para formar os terraços no solo revolvido, pequenos morros onde serão enterradas as mudas. As asas (Figura 71), quando acopladas são utilizadas para revolver o solo.

Também bastante utilizado pelos faxinalenses, o pulverizador costal (de carregar nas costas, (Figura 73), serve para aplicação de diferentes tipos de inseticidas e pesticidas nas plantações.

Desse modo, observamos que os faxinalenses, mesmo que inseridos no modelo e no sistema produtivista, fazem a leitura da inovação conforme suas expectativas e de acordo com as suas intencionalidades e necessidades.



Figura 69 – Discos utilizados para formação de terraços no solo.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008

Foto: A Autora, 2008

A agricultura dos faxinalenses, ainda se desenvolve, em razão da organização familiar, com base em uma divisão dos afazeres e tarefas, considerando ainda a divisão sexual do trabalho, mantendo como práticas relevantes as relações de parentesco, compadrio e vizinhança.

A atividade agrícola está voltada, para a subsistência e para a comercialização. Contudo, é preciso destacar que as atividades tradicionais de agricultura e extrativismo da erva-mate, como mostra Barreto e Löwen Sahr (2006) estão recebendo influências da sociedade moderna, transformando determinadas técnicas e adaptando outras.

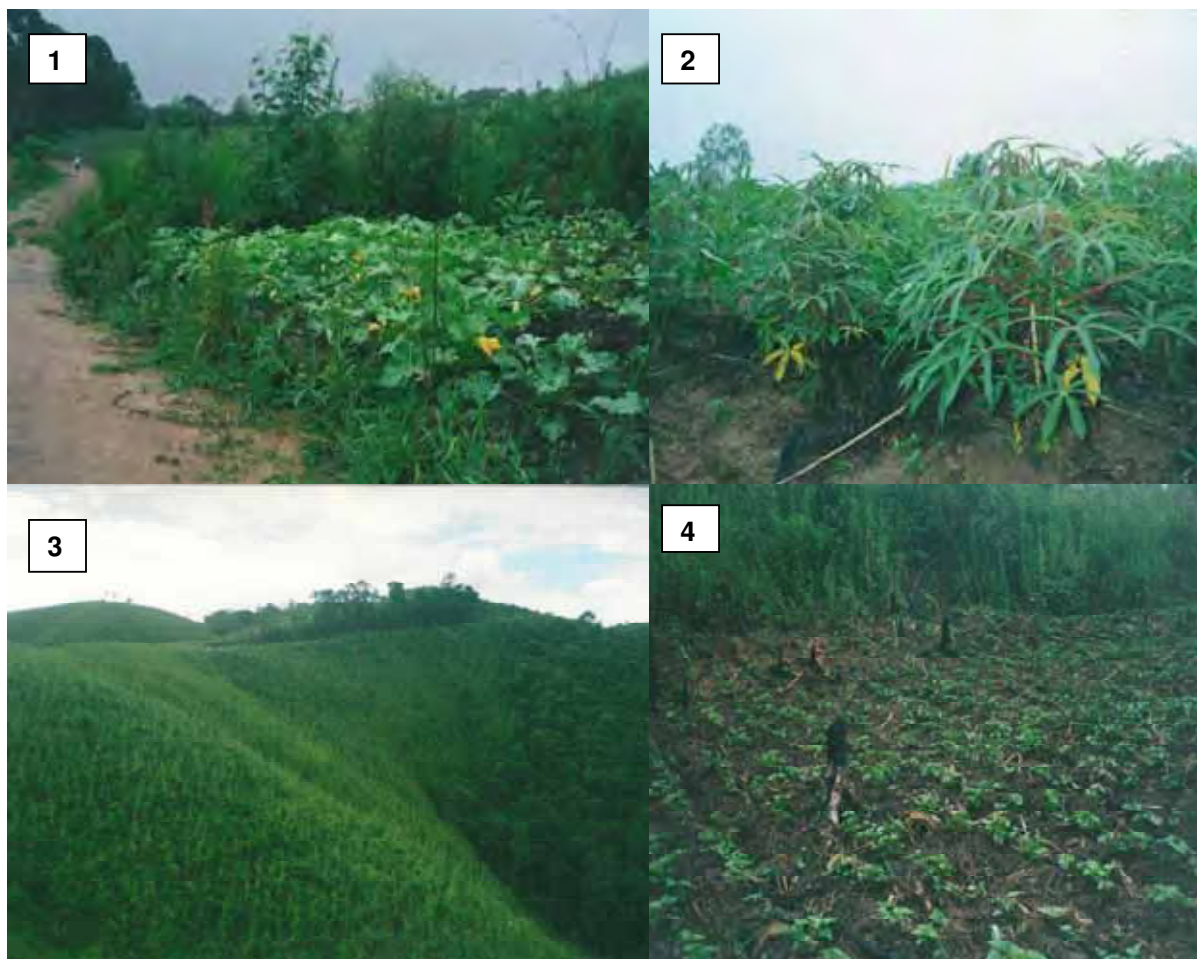


Figura 70 – A prática da policultura no sistema de roça (lavoura no toco) por famílias do faxinal Anta Gorda. 1 - Plantio de abóbora para o consumo pela família e animais, 2 - Plantio de mandioca para o consumo pela família e animais. 3 - Plantação de milho para alimentação complementar da criação. 4 - Plantação de feijão. Todos os cultivos foram desenvolvidos no sistema de “queimada”.

Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

Fotos: A autora, 2008.



Figura 71 – Asas (quando acopladas ao equipamento Figura 67), utilizadas para revolver ou arar a terra.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Foto: A autora, 2008.



Figura 72 - Plantadeira manual. Conhecida também como matraca.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Foto: A autora, 2009



Figura 73 – Pulverizador Costal
Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.
Foto: A autora, 2008

È por isso que concordamos com Martins (2008, p. 29), quando ele diz que a questão da modernidade no Brasil fica melhor compreendida quando investigamos o modo como o moderno e os signos da modernidade são incorporados. Nessa mediação é que se pode observar as dificuldades da modernidade.

CAPÍTULO 12 – Morar, Rezar, Passear: Como vivem os faxinalenses?

Para iniciar, começamos mencionando a Romaria a São Gonçalo que se constitui numa das mais importantes manifestações culturais da comunidade faxinalense de Taquari dos Ribeiros, agregando várias famílias que fazem do pagamento de promessas ao Santo, uma expressão cultural rica em danças e cantos, porém, demonstrando sinais de enfraquecimento, haja vista, que alguns faxinalenses, não lembram com exatidão o ano em que foi realizada a última romaria. O que se nota é que os moradores do faxinal substituem parte dos elementos sócio-culturais que estruturavam os laços comunitários das pessoas com o lugar, fazendo com que a reprodução dos festejos religiosos se tornasse a forma mais importante de interação social, cultural e afetiva entre os moradores.

No Faxinal Taquari dos Ribeiros as duas festas mais importantes são de homenagem aos dois padroeiros São Sebastião e São João Batista. No faxinal Anta Gorda comunidade pertencente à Comunidade de Linha Esperança (Figura 74), a principal festa acontece na igreja (Figura 75) cuja padroeira é Nossa Senhora do Patrocínio

Em conversa, uma das faxinalenses confirma essa relação de pertencimento e de coresponsabilidade pelo lugar onde eles moram, ao dizer. *“A gente participa de todas as comemorações, festas religiosas, reuniões, porque isso ajuda a gente a se sentir da comunidade e mantêm as amizades. Se a gente não sair do ninho, começa a se afastar de todo mundo”*.

As festas religiosas são até hoje eventos importantes na comunidade, capazes de reunir grande parte das pessoas do lugar e “de fora”, embora, tenham hoje conteúdos e formatos bastante diferentes dos anos passados. Segundo comenta um entrevistado faxinalense: *“Antigamente⁵⁹, existia a figura dos festeiros, estes eram encarregados de organizar a festa. A cerveja era caseira⁶⁰, tinha gente encarregada de preparar a cerveja caseira. Pão, bolo, bolachas, galinha assada, tudo era caseiro Hoje ainda se assa galinha caipira, se assa bolo e bolacha de mel, mas muita coisa se compra na cidade, como o pão, por exemplo, a barraquinha de doces”, porque tem gente que não quer comprar coisa feita em casa, porque come isso em casa. Na festa ele quer comer coisa da cidade”*.

⁵⁹ O termo “antigamente” bastante utilizado pelos faxinalenses corresponde à época em que eles eram adolescentes e jovens. Corresponde à aproximadamente 30 ou 40 anos atrás.

⁶⁰ Fermentado de Lúpulo e açúcar queimado. Esta bebida era preparada semanas antes da festa acontecer. Segundo o entrevistado faxinalense, “quanto mais dias fermentava mais espuma formava e a bebida ficava mais gostosa.. Cerveja industrializada, não era consumida nas festas de igreja ou casamentos. Hoje tudo mudou, ninguém mais faz cerveja em casa para as festas.”



Figura 74 - Núcleo central da Comunidade de Linha Esperança à qual pertence a comunidade do Faxinal Anta Gorda.
Org. A autora, 2008.



Figura 75 – Igreja Nossa Senhora do Patrocínio, do rito ucraniano-católico da comunidade de Linha Esperança. Esta comunidade congrega as famílias do Faxinal Anta Gorda – Prudentópolis
Fonte: BATISTA, 2009.

Apesar das mudanças, permaneceram práticas culturais e religiosas que marcam momentos históricos pretéritos, mas que são detentores de conteúdos e formatos compatíveis com o momento vivido pela comunidade. De uma forma ou de outra, em moldes antigos ou novos, esses eventos potencializam o encontro dos faxinalenses e o envolvimento dos mesmos com as pessoas do lugar e, com pessoas de “fora”, do lugar.

Enfatizou-se, anteriormente, que os pilares de sustentação da vida social e cultural dos faxinalenses (as terras de morar) estão localizadas, em áreas isoladas, no interior do criadouro e encontram-se fisicamente dispersos no espaço da comunidade. As habitações podem estar próximas uma das outras e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que encontra a certos intervalos, a unidade que as congrega.

Já os suportes que dão sustentação à reprodução sociocultural e organizam a vida social se encontram concentrados na área “*core*” (Figura 76), das comunidades.

Nestas comunidades cada família faxinalense mora em sua terra e geralmente as suas casas estão organizadas em torno de um pequeno núcleo central, constituído por uma ou mais igrejas, pavilhão de festas da comunidade, algumas habitações mais concentradas, uma ou mais vendas (casas de comércio), escola, posto de saúde, campo de futebol. Somam-se à este núcleo, as estradas e vendas, que são espaços de encontro dos faxinalenses. São locais onde encontramos uma infraestrutura social necessária à reprodução social e para promoção do processo de socialização dos faxinalenses.

A sede da comunidade sempre serviu de espaço de convergência, de manifestação do sagrado, do lúdico, de fuga da solidão, da transmissão e intercâmbio da saudade, das notícias, da vida social, etc. (TEDESCO, 1999, p.81).

Além de desfrutarem da infraestrutura comunitária, alguns faxinalenses dispõem de telefone fixo e/ou celular (Figura 77), em especial, os que moram nas proximidades da área central. Os demais têm acesso apenas às instituições tradicionais.

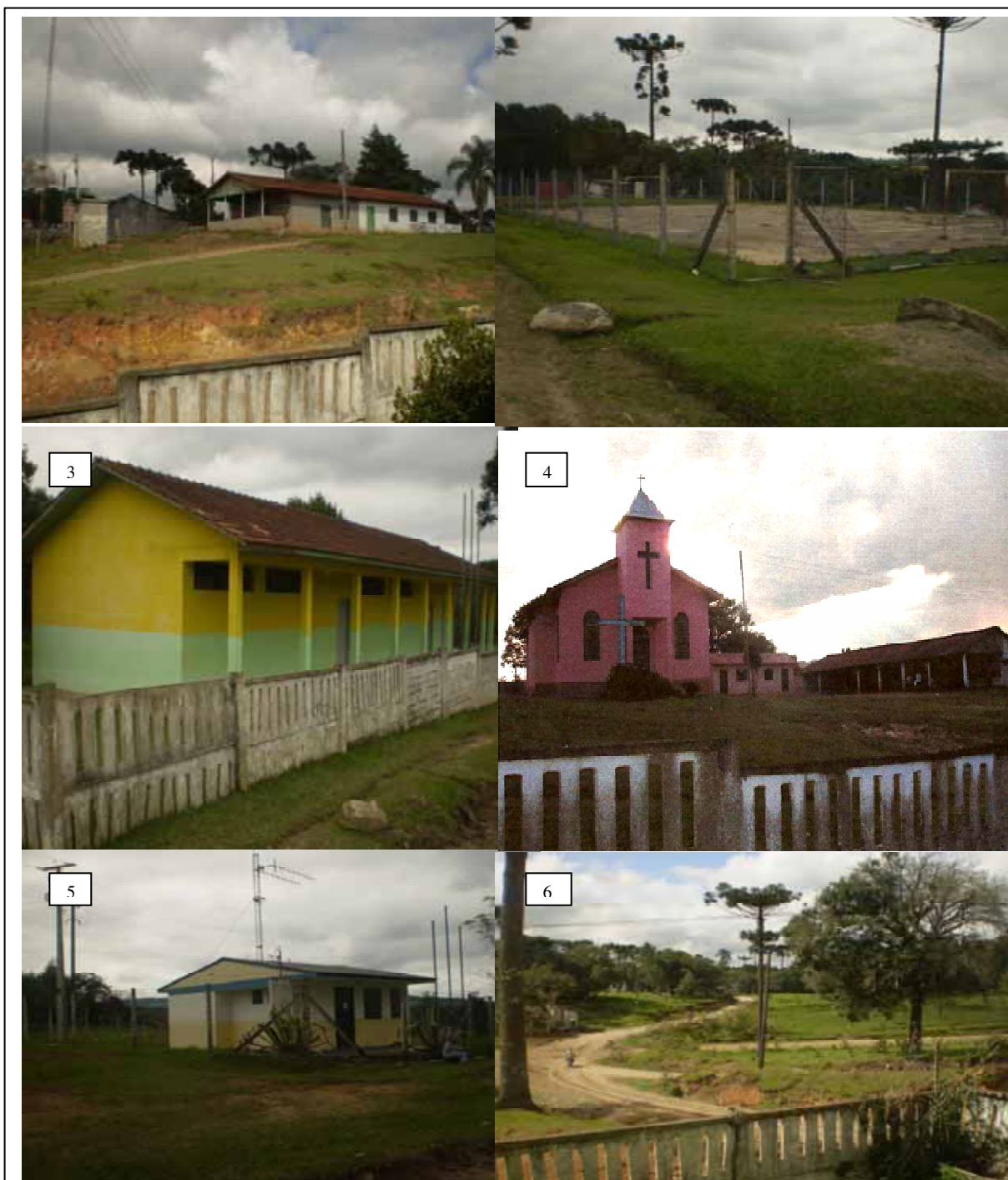


Figura 74 – Imagens da infraestrutura social da “área-core”. 1 – A venda, ou a casa de comércio da comunidade. 2 – Quadra de esporte para alunos e encontros esportivos dos faxinalenses. 3 – Escola de Ensino Fundamental para os faxinalenses e espaço de reuniões da comunidade. 4 – Igreja Católica de São Sebastião (80% das famílias são católicas) 5 – Posto de Saúde da Comunidade. 6 – Entrecruzamento de estradas que dão acesso ao núcleo central.

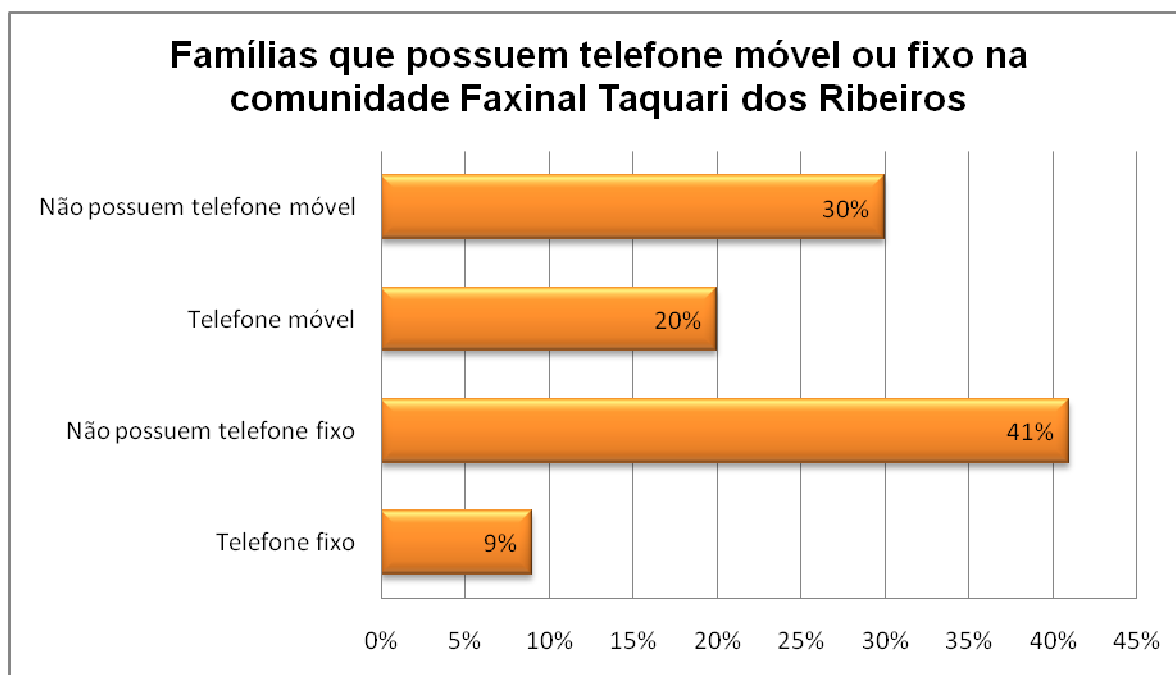


Figura 77 – Faxinalenses da comunidade Taquari dos Ribeiros que possuem telefone comunitário com ramais e/ou celular.

Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008.

Org.: A autora, 2009

No faxinal, os eventos religiosos fazem parte da tradição que perdura há cem anos, encabeçada sempre pelos padres que são responsáveis pelo atendimento espiritual às famílias, juntamente como a Comissão da Igreja, comissão esta eleita por todos os fiéis. Não resta dúvida, de que o catolicismo sempre predominou nas áreas rurais. De acordo com Tedesco (2001), a igreja católica sempre foi uma instituição representativa da religião rural no Brasil. A igreja contribui na intensificação das relações sociais, pois é neste espaço que os indivíduos, praticamente isolados limitados aos contatos familiares, por estarem trabalhando na roça ou em casa, encontram-se, conversam, trocam notícias, novidades na comunidade e rezam.

As atividades religiosas desenvolvidas pelos faxinalenses como: reuniões do apostolado da oração das mulheres (realizadas nas salas ou cozinhas dos faxinalenses – Figura 78 e 79), as capelinhas podem ser consideradas fatores de integração sócio-cultural das famílias, pois são momentos de encontro de todas as famílias do faxinal e de comunidades circunvizinhas. A predominância do catolicismo no faxinal também é um fator que torna a comunidade faxinalense um grupo mais homogêneo. A igreja católica para eles sempre foi uma instituição bastante representativa.

Embora os faxinalenses sejam vizinhos de longos tempos, devido a baixa rotatividade de famílias, a vida nas comunidades (em particular no Faxinal Anta Gorda) não se realiza tão



Figura 78 – Altar construído para os santos de devoção – Comunidade Faxinal Taquari dos RIBEIROS, 2008.

Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008

somente entre as antigas relações de vizinhança. Com a existência de terras à venda que historicamente eram de faxinalenses, estas passam a ser ocupadas por novos moradores, em geral moradores urbanos. Os contatos embora esporádicos entre eles fazem com que os faxinalenses tomem conhecimento de novas subjetividades e territorialidades, novos valores, hábitos e estruturas como as moradias para descanso e férias, a mata como ambiente para o descanso e refúgio, a valorização do meio rural como sinônimo de silêncio e a fuga da cidade (sinônimo de barulho) dentre outras.

No caso das comunidades faxinalenses, não devemos tomar unicamente o espaço da casa como palco privilegiado da construção de uma sociabilidade específica, valemo-nos tam-

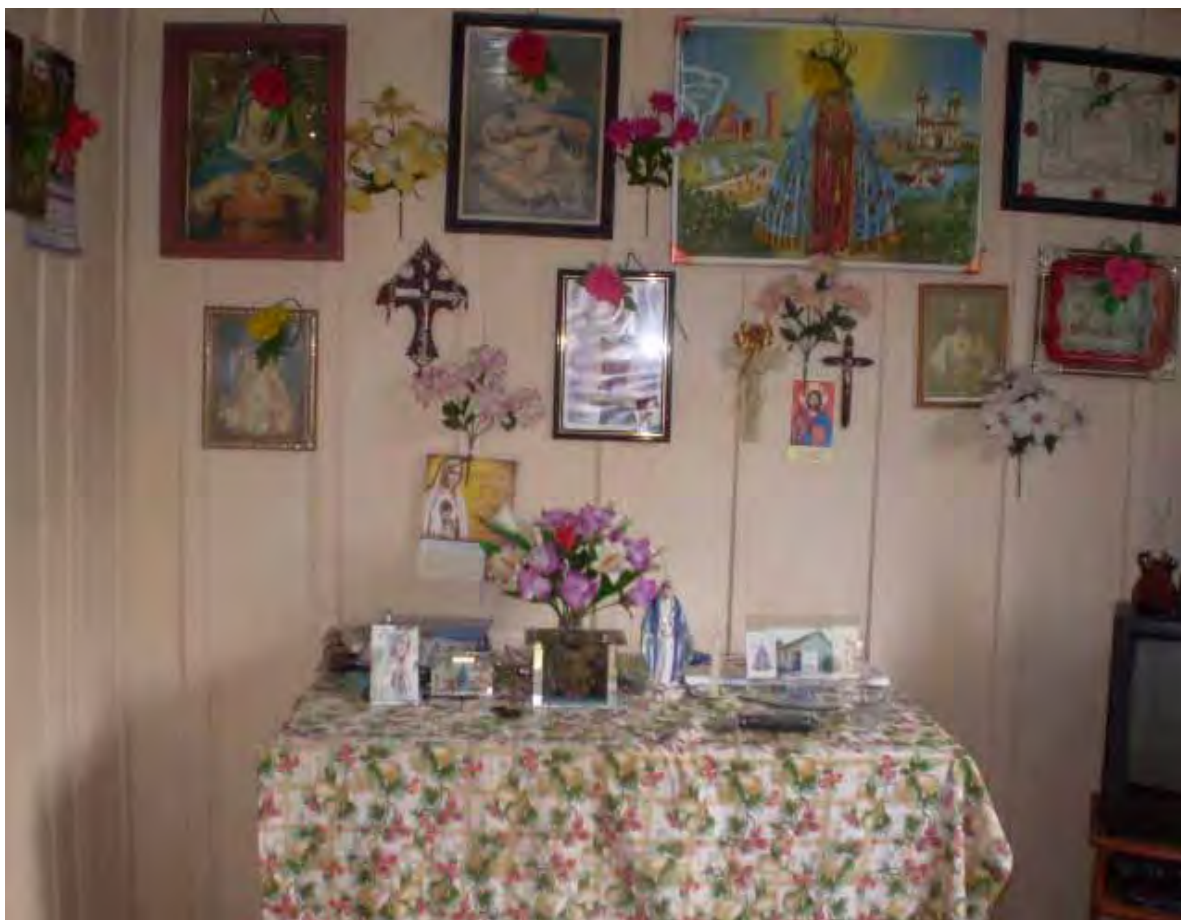


Figura 79 - Altar construído para os santos de devoção – Comunidade Faxinal Anta Gorda
 Fonte: Pesquisa de campo, 2008.
 Foto: A autora, 2008.

bém do entorno. Fato marcante é a ocorrência nas comunidades, durante as tardes de domingo, de partidas de futebol entre as comunidades, do encontro nas estradas ou dentro das vendas (bodegas) para um bate-papo entre os vizinhos. Estes são mais que pontos de passagem, de competição esportiva, de venda, são pontos de encontro de pessoas, ou melhor, espaços de sociabilidade.

No Faxinal Anta Gorda, a cada 3º domingo de cada mês as senhoras faxinalenses participam das reuniões do Apostolado da Oração que se realizam na casa da pessoa eleita para conduzir as reuniões. Além desses encontros, realiza-se a “Capelinha” (em ambas as comunidades) que, do mesmo modo, são momentos de oração e de encontro das mulheres para conversas “de mulher”, como elas admitem.

Com o entendimento dos aspectos de cada lugar, e do reconhecimento de que a modernidade tem lhes imposto vários desafios, nota-se que estes não foram suficientes para afastar totalmente os faxinalenses de suas tradições.

No que tange às atividades de lazer na comunidade, as mesmas estão em correspondência com o caráter religioso católico, considerando que as festas que acontecem, são festas que homenageiam os santos. Os eventos chamados pelos faxinalenses de “festas de igreja”, as procissões, as romarias, somam-se aos aspectos promotores de inter-relações sociais faxinalenses.

A devoção aos santos e a religiosidade exercem ainda hoje papel importante no dia a dia dos faxinalenses. Nota-se, porém, que a preocupação dos fiéis hoje deixa de ser unicamente a busca da salvação do espírito, tendo a religiosidade se voltado à necessidade de achar soluções para as dificuldades do vivido. Nas intenções da missa dominical, os pedidos feitos buscam solucionar problemas econômicos, sociais, de saúde. Pedidos para passar no vestibular, passar no Concurso Público, fazer uma boa prova na escola, etc.

Observamos também nas festas de igreja, a assimilação dos chamados valores urbanos. As músicas, as danças, e a apreciação por parte dos moradores de produtos alimentícios industrializados, vindos da cidade.

Ouvimos durante as visitas às famílias, principalmente naquelas que trabalham com a produção do fumo, que o domingo na época da colheita, não se diferencia dos demais dias da semana, pois os cuidados exigidos pela cultura do fumo impedem as visitas dominicais na casa dos vizinhos ou parentes (Figura 80), o deslocamento para os espaços de lazer comunitário, como o campo de futebol, as beiras de estradas, as festas de igreja etc. A estratégia utilizada por grande parte das famílias é o “rodízio” de tempo ou turnos de trabalho, para que cada um dos membros neste período possa participar de momentos comunitários. Mais uma vez nota-se como sendo a família a principal articuladora das relações internas e externas para com a comunidade.

As festas religiosas e populares, além de momentos de lazer, proporcionam comunicação entre os vizinhos e conhecidos, e contribuem segundo os faxinalenses, principalmente para a comunicação dos fiéis com os Santos, ou melhor, como nos disse uma senhora faxinalense “*uma conversa com Deus*”. Notamos que as festas realizadas nas comunidades colaboram na construção de novos enlaces, que acabam por promover aproximações e envolvimento com outras pessoas, de outros lugares e, neste processo, os faxinalenses vão ampliando sua rede de interação social.

As festas aos Santos Padroeiros (Nossa Senhora do Patrocínio Padroeira da Comunidade de Linha Esperança (Figura 81) à qual pertencem os faxinalenses da Comunidade de Anta Gorda e São Sebastião (Figura 82) na comunidade de Taquari dos Ri-



Figura 80 – Visita dominical – Comunidade Faxinal Anta Gorda, 2008.

Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

Foto: A autora.

beiros, caracterizam o lugar dos faxinalenses, nas duas comunidades, e os fazem membros ativos, principalmente quando são convocados para os trabalhos de preparação das festas religiosas e populares que acontecem duas vezes por ano e, quando participam regularmente dos eventos promovidos pela igreja.

As experiências cotidianas, os valores culturais, suas tradições, costumes possibilitam aos faxinalenses se afirmarem como grupo social organizado. São pessoas com estilos de vida e tipos de trabalho, se não idênticos, muito semelhantes, aspectos que contribuem para o fortalecimento da comunidade.

È manutenção do criadouro comum que melhor percebemos os faxinalenses como membros da comunidade⁶¹, cuja estruturação se constituiu a partir de direitos e deveres que

⁶¹ Embora, a palavra comunidade segundo Bauman (2003), sugerir “coisa boa”, a comunidade não está livre de conflitos, perigos, inseguranças. A palavra evoca tudo aquilo que sentimos falta de que precisamos para viver



Figura 81 – Festa Religiosa “Domingo de Ramos” – Igreja de Linha Esperança, 2008

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008

Foto: A autora, 2008.

devem ser respeitados por todos os moradores. Trata-se de um compromisso assumido pelo coletivo, por um tempo indeterminado e que foi sendo repassado de pais para os filhos.

Entretanto, para que os indivíduos ou famílias faxinalenses vivam bem na comunidade, precisam promover encontros e estabelecer vínculos sociais que facilitem a continuidade das práticas comunitárias, que foram geradas e nutridas neste ambiente, como é o caso do mutirão, das festas religiosas, das reuniões de orações, dos encontros nas vendas, nas estradas e nas casas das famílias. Daí depreende-se que, o sistema faxinal é o sustentáculo da reprodução econômica, social e cultural de todos os integrantes. È nele que o sujeito é aceito, mantém vínculo de sociabilidade e de identidade com o grupo e nesse processo, a vivência lhe ensina ir compartilhando as condições básicas de uma vida comunitária.

Poderíamos dizer que as comunidades faxinalenses se constituem em um tipo de *habitat*, que guarda uma relativa homogeneidade em termos de ocupação e uso do solo. Nelas

seguros e confiantes. Porém, a comunidade não é e nunca foi um “paraíso”, no entanto, com ela ganhamos e perdemos, e nunca seus membros vivem inteiramente ajustados e sem atritos.

são mantidos vínculos de parentesco e vizinhança, com os quais os moradores se integram no seio do grupo de localidade.



Figura 82 – Igreja Católica de São Sebastião – Faxinal Taquari dos Ribeiros – 2008
Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008.

Com base nas informações obtidas com os faxinalenses mais idosos, em tempos passados, a quantidade de terras disponível era bastante grande. Com o passar do tempo todo o homem que se casava, fixava a família no seu pedaço de terra. Dessa forma, a comunidade foi aumentando, constantemente, com os filhos deixando sua residência e fundando outra, nas proximidades da casa dos pais.

O resultado na época, não foi um esvaziamento populacional, mas uma contínua expansão da população faxinalense, abrindo caminhos e clarões dentro da floresta. Contudo, na prática, a localidade era mais importante que o parentesco nas atividades principais, tal como ajuda mútua. Dessa forma os laços de parentesco com pessoas de comunidades rurais mais distanciadas ou do meio urbano (devido à distancia) não eram continuamente fortalecidos, pois as “trocas” entre eles não existiam. Assim, estes eram ignorados senão, esquecidos.

As comunidades foram construídas por laços de parentesco, a partir de uma rede de famílias que moravam na mesma comunidade ou nas proximidades, por isso é comum as casas serem alinhadas ao longo de uma estreita estrada de terra. Os faxinalenses fazem parte de grupos humanos que são demograficamente estáveis, nasceram e moram na mesma localidade há muitas décadas.

Algumas delas possuem uma centralidade ou um núcleo central (área core), como na comunidade faxinal Taquari dos Ribeiros. É ali que os moradores se encontram para momentos de lazer e descontração, participam de missas, de outras atividades religiosas ou lúdicas.

Os moradores da comunidade Anta Gorda participam de festas religiosas, freqüentam a escola e buscam atendimento à saúde na comunidade de Linha Esperança que fica a quatro quilômetros⁶² de distância. Alguns deles, disseram que se sentem moradores do Faxinal e pertencentes à Linha Esperança, pois se deslocam com bastante freqüência para esta comunidade em busca de educação escolar para os filhos, serviços de saúde, celebrações religiosas e atividades de lazer. As famílias encontram-se, em geral, ligadas a um “centro”, que além de outras, tem funções comunitárias importantes na construção do lugar faxinalense.

Importante dizer que os faxinalenses são povos com tradições vitais (costumes, tradições, padrões sociais etc., específicas ao grupo) e que estas os mantêm vinculados ao sistema. Isso, porém, não nos autoriza a dizer que estes não têm ligação com o modo de vida urbano. Não pretendemos cair numa posição conservadora, embalsamando as tradições mesmo porque frente ao mundo moderno contemporâneo, não há mais lugar para comunidades isoladas. Todavia, o estudo nega a afirmação da inevitabilidade de sua extinção. As famílias dos faxinais são moradoras de longas datas e até o presente momento, extraem das condições de localidade fortes elos de coletividade, mantidos como tradição.

Indubitavelmente, essas comunidades mantêm entre seus membros o espírito de solidariedade, mas do mesmo modo apresentam dissensos e criam inevitavelmente outros sentimentos, os negativos. Os sentimentos negativos surgem principalmente no momento em que o lugar não favorece mais a reprodução econômica da família e esta não encontra os recursos fundamentais para a sua permanência, ou melhor, este deixa de ser o meio onde é possível “*ganhar a vida*”, como nos falou uma senhora faxinalense: “*A gente já até pensou de ir embora daqui, de onde a gente nasceu, conhece todo mundo porque a terra está fraca e*

⁶² Essa distância foi, segundo informações levantadas na pesquisa de campo, durante muitos anos percorrida a pé pelos faxinalenses.

pouca e, a gente tem que ganhar dinheiro trabalhando na terra dos outros”⁶³ Essa fala nos revela um sentimento de insatisfação da faxinalense, por não ter terra boa para produzir e por não conseguir progredir no lugar, onde nasceu e conhece todo mundo.

As comunidades formam o seu lugar, com base na convivência, por vezes, conflituosa, todavia se mantêm como espaço da integração (Figura 83), do conhecimento mútuo, da vizinhança, dos puxirões, da partilha da terra.



Figura 83 – Encontro dos faxinalenses do Paraná Anta Gorda para a inauguração da sede da Associação dos Faxinalenses – 2008.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008.

Foto: A autora, 2008.

O comportamento das pessoas também é controlado fora do ambiente privativo da família (a casa e seu entorno), na estrada, nas vendas, nas festas de igreja etc. Existem regras e normas padronizadas pelas famílias e que devem ser respeitadas por todos. A calúnia, as fofocas, podem ser consideradas um meio de controle social.

Nestas, devido o caráter cíclico dos acontecimentos, repetidamente ouvimos, dos faxinalenses que *“Não tem muito coisa para fazer,... a vida é muito simples”*. *“A gente se visita com os vizinhos”*. *“Se tem missa a gente vai e depois, de tarde vai passear na casa do vizinho”*⁶⁴

⁶³ Palavras da faxinalense do Faxinal Anta Gorda (64 anos)

⁶⁴ Palavras de uma faxinalense do Faxinal Anta Gorda (57 anos)

As relações sociais no lugar são marcadas pela pessoalidade. Em qualquer lugar que “*a gente vai a gente conhece todo mundo, "e sabe com quem esta falando"*”. As práticas e conversas que se desenrolam são entre pessoas conhecidas, presentes.

12.1 A família faxinalense e as funções que cabem a cada membro

Inúmeras foram as vezes que indagamos aos faxinalenses quando estavam em sua casa, sobre o que estavam fazendo naquele momento? “Rapidamente respondiam-nos: “*Hoje não estou trabalhando, estou ajeitando a propriedade, arrumando a cerca*”, “*escolhendo as sementes para o plantio*”. Notou-se que para estes, trabalho “de verdade”, é o trabalho na roça, na lavoura, aquele que cansa, que desgasta, que consome toda a energia diária do agricultor faxinalense.

Sobre as funções desempenhadas pelas mulheres, foi possível observar em suas falas que as tarefas femininas, são mais leves. As mulheres admitem que as atividades mais pesadas são de fato desenvolvidas pelos homens adultos da família, contudo, revelam o cansaço proveniente da quantidade excessiva de funções e o peso exercido pelas atividades rotineiras.

Não podemos esquecer os espaços de trabalho das mulheres nas “Terras de moradia”, os jardins. As flores e folhagens do entorno da casa, têm uma função importante. Os jardins bem cuidados e coloridos revelam segundo a tradição do lugar (em particular no Faxinal Anta Gorda), o perfil da dona de casa. “*Mulher trabalhadeira e caprichosa tem que ter jardim e quintal*”. Estes têm a função de embelezamento da propriedade. Observamos isso na fala de uma faxinalense que nos disse: “*A casa fica enfeitada e mostra que tem morador... não dá para deixar tudo abandonado*”.

Ribeiro (1998) afirma que o trabalho dos homens é mais cansativo, porém, episódico embora exigente, enseja oportunidades de refazer-se dos esforços dispendidos, porque as atividades são concentradas no tempo. Enquanto à mulher cabem as tarefas que exigem esforço continuado e sem interrupções para repouso. Neste sentido, disse-me uma faxinalense, na ocasião da visita em sua casa: “*A mulher não tem sossego nem no domingo*”. “*A gente não descansa nunca*”.

Os cuidados com o desenvolvimento das plantas são de competência dos homens da família, auxiliados pelas mulheres. A aplicação de herbicidas, por exemplo, faz parte do conhecimento do homem, enquanto que a limpeza, a capina com a enxada ou outros arremates são realizados pelas mulheres. Com base nos depoimentos dos homens, as

mulheres faxinalenses têm melhor habilidade para assumirem trabalhos com os animais, e em vários espaços produtivos, como o quintal, o bosque etc.

Além das atividades mais pesadas, cabe aos homens o papel de negociar a venda de seus produtos no comércio local ou na cidade e de estabelecer contatos com cooperativas, empresas, bancos, etc. São poucas mulheres ocupantes destas funções, seus papéis são ligados ao trabalho restrito a propriedade, à casa. São elas que respondem pelas funções de alimentar os animais, cuidar da horta, educar e cuidar dos filhos e filhas. Acrescenta-se à estas funções associadas à casa, o trabalho na lavoura que é um trabalho considerado “ajuda”. De acordo com Paulilo (1987), no Brasil o que define se um trabalho é leve ou pesado não é propriamente a sua dificuldade, mas sim a posição de quem o realiza na hierarquia familiar.

Diante das condições de trabalho encarado pelas mulheres no meio rural e principalmente pela inexistência de compensação monetária pelo trabalho por elas desenvolvido, algumas mulheres deixaram o campo para ganhar dinheiro na cidade como empregadas domésticas, enfrentando do mesmo modo, as duras e desgastantes rotinas de trabalho, porém, compensadas pelo dinheiro recebido mensalmente⁶⁵. Outras viram o ensino escolar, como etapa de passagem do campo para a cidade. A cidade vista como espaço de oportunidade de inserção em trabalhos menos desgastantes e, remunerados mensalmente.

Verificamos que este quadro aparece após a década de 1990, quando o governo incentiva mais a escolarização de jovens no meio rural. Após este período, a escola passa a ser vista pelos pais e filhos como um processo de transição para o trabalho na cidade e como possibilidade e esperança de uma melhor remuneração da força de trabalho de seus filhos, inclusive esperando deles a colaboração financeira com parte dos membros que permanece no campo. Essa estratégia adotada pelas famílias embora, faça parte de movimentos tidos como recentes, faz parte de estratégias de filhos de colonos europeus desde o início da formação de colônias no Paraná. Vejamos o que nos fala Dénis (1951, p. 350) sobre a migração dos filhos de poloneses. “Se é necessário aumentar os recursos fornecidos pela lavoura em um só lote, de dimensões muitas vezes reduzidas, os filhos procuram trabalho fora e enviam à família as economias feitas”.

Tedesco (2001) reforça que o estudo para alguns moradores do rural, principalmente agricultores de maior dificuldade econômica, é pensado como uma *estratégia de ressocialização*, preparando uma parte de seus membros para a inserção na força de trabalho assalariado.

⁶⁵ Essas informações foram obtidas em conversas estabelecidas com as filhas dos faxinalenses que exercem a função empregadas domésticas, em casas de famílias cidadinas, na capital do Estado.

Diante de tais fatos, o rural como um todo, perde mão de obra com a ida de grande parte dos membros mais jovens das famílias para as cidades (Quadro 03). Há o esgotamento da disponibilidade de força de trabalho no meio rural, principalmente para aqueles que, em períodos de trabalho intenso na lavoura, necessitam do trabalho de camaradas⁶⁶. A saída encontrada foi o aumento do uso de produtos químicos, em especial, dos herbicidas, que vieram a substituir parcialmente a capina realizada com o uso da enxada, substituição que não implicou no abandono definitivo deste instrumento, o qual continua dividindo espaço com a “capina” realizada com a pulverização de herbicidas dessecantes⁶⁷. Este é mais um fato que reforça o que dissemos anteriormente, que esta organização familiar se utiliza de estratégias diversas para preservar procedimentos tradicionais úteis e quando necessário, assimilar inovações, na tentativa de manter pelo menos, parte da família morando no campo.

A busca pela renda não agrícola não é um fator de exclusão do agricultor da atividade agrícola e sim uma alternativa que contribui para a garantia da sua reprodução social e econômica.

De acordo com Wanderley (1999), o trabalho extra-agrícola na maioria dos casos torna-se uma necessidade estrutural, ou seja, a renda obtida com essa ocupação vem a ser indispensável para a reprodução tanto da família como do próprio estabelecimento familiar, ou seja, é um forte indicador de resistência e permanência da família ou parte dela, no campo.

Nos relatos que ouvimos de faxinalenses mais idosos, notamos que estes quando crianças e/ou adolescentes aprendiam desde cedo a diferenciar funções, a estabelecer hierarquias e as funções que cabiam à cada membro da família. Tempos atrás, por volta de 1940, cobrava-se da criança, do adolescente e do jovem de ambos os sexos, a disposição, a participação no e para o trabalho na roça e na casa. Os homens e as mulheres muito precocemente eram iniciados no trabalho pesado, “*para que o filho e a filha sentissem que a vida não é fácil*” e para “*saber se virar quando crescer*”, disse uma faxinalense

⁶⁶ O camarada é a pessoa que trabalha pelo pagamento em dinheiro, por dia trabalhado. O Trabalho tem início por volta das 7 horas da manhã e termina as 19 horas.

⁶⁷ Os herbicidas dessecantes tem ação tópica e são utilizados no controle das chamadas plantas “daninhas” que se desenvolvem em meio as plantas desejadas e prejudicam o desenvolvimento das mesmas.

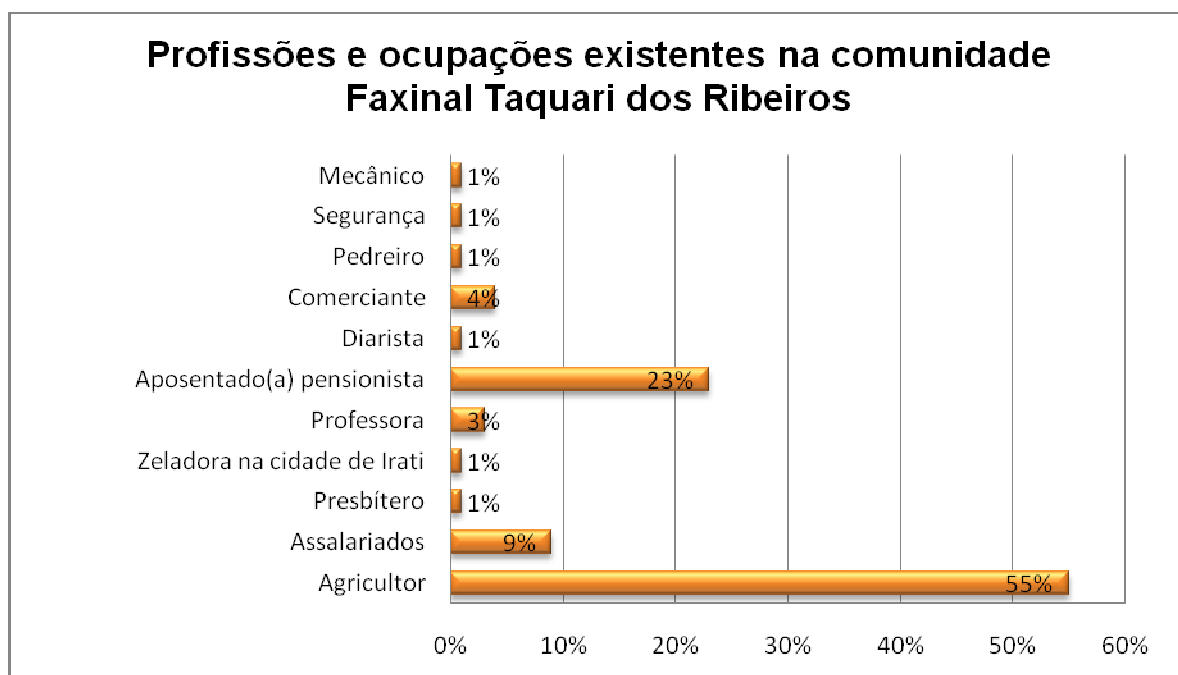


Figura 84 – Profissões e Ocupações dos Faxinalenses da Comunidade Taquari dos Ribeiros
 Fonte: Rede Faxinal Pesquisa, 2008
 Org.: A autora, 2009

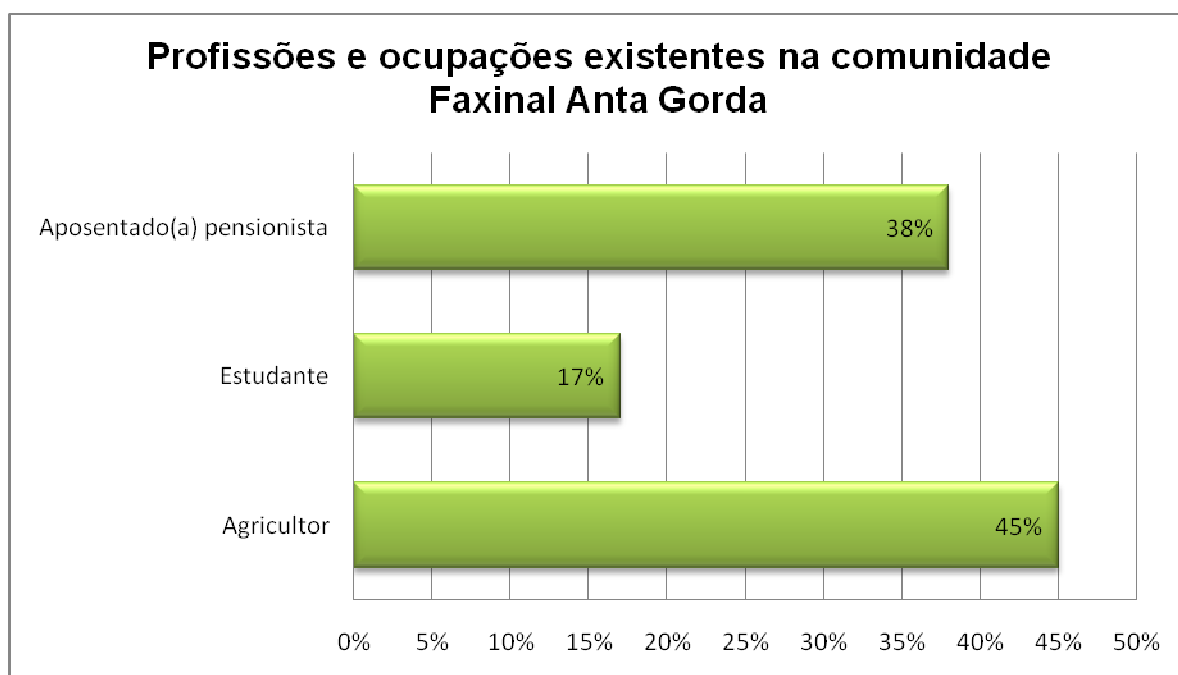


Figura 85 – Profissões e ocupações dos faxinalenses da Comunidade de Anta Gorda
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2007.
 Org. A autora.

QUADRO 3 – Relação das cidades para onde migraram os filhos das sete famílias do Faxinal Anta Gorda.

Famílias	Número de filhos	Número de migrantes	Cidade de destino	Profissões/ocupações
Família 01	06	04	Ponta Grossa - PR	Emprego doméstico, - Repositores de mercadorias no supermercado.
Família 02	05	02	Ponta Grossa, Prudentópolis	Atendente de Creche Olaria (fabricante de telhas e tijolos)
	09	05	Curitiba, São Paulo	Contadora, atendente de padaria, Construção civil, Emprego doméstico, Jardineiro.
Família 03	06	03	Curitiba	Secretária, Segurança e Motorista
Família 04	09	06	Curitiba, Prudentópolis	Diarista, Dona-de-casa, vendedora, catador de lixo reciclável.
Família 05	07	07	Ponta Grossa, Prudentópolis	Pedreiro autônomo, Emprego Doméstico, Construção Civil, Dona de casa.
Família 06	07	06	Curitiba, São José dos Pinhais, Rio de Janeiro	Emprego Doméstico, Garçom de Churrascaria, Funcionário de Rodoferroviária,
Família 07	09	02	Prudentópolis, Curitiba	Emprego Doméstico, Garçom de Churrascaria

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007 - 2008

Org: A autora, 2009

Após a década de 1980-90, houve a extensão da escolarização para os jovens do meio rural, a partir daí o estudo passou a ser visto pelos pais como possibilidade e esperança de “*ganhar dinheiro por mês*” de “*diminuir o sofrimento, porque o trabalho na roça é muito pesado e a gente nunca tem dinheiro*”. A escola na visão dos faxinalenses é um caminho para a inserção de seus filhos ou filhas como mão-de-obra assalariada na cidade.

Quanto à saída dos jovens do trabalho agrícola e do meio rural, para morar e trabalhar nas cidades, fica difícil argumentar que foram as mudanças técnico-mecânicas que os expulsaram do campo, ou foi a falta delas que motivou a saída dos mesmos. Não ouvimos de nenhum faxinalense, que a incorporação de máquinas ou a falta delas para o trabalho na agricultura tenham motivado a saída dos jovens faxinalenses. Não queremos com isso dizer que os meios técnico-mecânicos não tenham sido em alguns casos, os responsáveis pela ociosidade da mão-de-obra ou pela saída dos membros das unidades agrícolas familiares. Todavia, esses argumentos não podem justificar a saída de pessoas das comunidades faxinalenses que abordamos.

Quadro 4 – Número de membros familiares que trabalham em atividades não-agrícolas.

Famílias*	Número total de membros * (filhos e filhas) na família	Sexo feminino	Sexo Masculino	Total de membros assalariados	Total de membros morando na cidade
Família 1	07	05	02	03	07 ⁶⁸
Família 2	09	06	03	07	07 ⁶⁹
Família 3	01		01	0	0
Família 4	03	01	02	0	0
Família 5	06	02	04	03	03 ⁷⁰
Família 6	10	05	05	07	07 ⁷¹
Família 7	11	05	06	0	0
Família 8	05	03	02	01	01 ⁷²
Família 9	06	01	05	04	04 ⁷³

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007-2008

Org.: A autora, 2009

*Obs.: Constam no quadro apenas as famílias que tem filhos trabalhando em profissões não-agrícolas.

As justificativas para o abandono da atividade agrícola pelos jovens são muitas, mas o peso maior recai sobre o trabalho agrícola que “é cansativo e que não dá dinheiro”. Para os mais jovens a vontade de deixar a comunidade é porque “*não tem nada aqui*”, se referindo à falta de lugares para lazer e encontro com jovens de fora da comunidade.

Além da falta de terra para ampliar a produção agrícola, os faxinalenses quando perguntados sobre a migração dos filhos para a cidade, disseram: “*O trabalho na roça e muito pesado*” “*Não dá dinheiro por mês*”, “*As moças não querem trabalhar mais na roça*”, “*Na cidade o trabalho é leve e limpo, no mato o trabalho é sujo*”.

Diante de tal situação, muitas meninas ou mulheres mais jovens do faxinal, disseram que após estabelecerem contatos com outras meninas que foram trabalhar na cidade notaram “*a pele mais branquinha, sem manchas*” “*roupas da moda*” “*elas ficaram bem mais bonitas*”,

⁶⁸ Nesta família, todos os filhos e filhas mudaram-se para as cidades de Prudentópolis e Ponta Grossa, ambas no Paraná.

⁶⁹ Neste caso, apenas dois filhos trabalham (um solteiro que mora e trabalha com o pai e a mãe e outro é casado e mora próximo ao faxinal), na agricultura

⁷⁰ Dois filhos e uma filha moram em Curitiba e exercem as seguintes profissões: Motorista, Segurança e Secretária.

⁷¹ Três filhos do casal moram no campo, dois possuem deficiência física, um é casado e mora fora do faxinal porém auxilia os pais em todas as atividades na lavoura. Os filhos assalariados moram em Curitiba e um em Tatuí – São Paulo.

⁷² Apenas uma das filhas mora em Ponta Grossa e trabalha como atendente de creche.

⁷³ Os filhos que são assalariados moram e trabalham na cidade de Ponta Grossa e exercem as seguintes profissões: Empregada doméstica, e em supermercados.

não hesitaram em migrar para a cidade, porém, por intermédio das amigas. Eis, que encontramos mais um fato que explica a migração das jovens para a cidade, a busca da beleza física, da estética, a exemplo das amigas ou vizinhas.

Constatamos a formação de redes entre os que saem e os que ficam na comunidade. Estas possibilitam, em grande medida, a migração de outros, parentes, vizinhos, amigos num momento posterior. Os primeiros migrantes, já instalados, facilitam a inserção destes no mercado de trabalho, e principalmente, lhes oferecem segurança, apoio e conforto afetivo. Os bens trocados entre os migrantes já instalados e os que chegam, são muitos como alimentos, gentilezas e favores, objetos de uso pessoal, convites para conhecer a cidade e fazer novos amigos, notícias etc. Através dessas redes as pessoas que migram permanecem ligadas aos seus parentes e à comunidade de origem.

12.2 As famílias faxinalenses suas ações e objetos

A análise efetuada identifica o faxinalense como agricultor e proprietário de pequenas parcelas de terra, que (re) produz o sistema faxinal originário da interação social entre vários grupos culturais, ou melhor, de uma integração de culturas que definiram práticas de agricultura, de criação e de vida em comunidade, e foram transmitindo de geração em geração. Hoje, porém, se nota um lento processo de ajustamento entre o modo de vida que é tipicamente rural e próprio do lugar e o modo de vida urbano. Esse ajustamento se expressa nas condições de vida material que incorporam, lentamente, os progressos da “civilização” urbano-industrial, seja através do consumo de objetos modernos, equipamentos eletrônicos e bens industriais de natureza diversa.

Para manter seu modo de vida faxinalense e permanecer morando no campo, essas comunidades tradicionais precisam fazer uso de uma variedade de objetos, sendo que cada um tem importância fundamental para a melhoria da vida deles, em família e em comunidade. Todavia, vale destacar que os elementos que mantêm a vida comunitária não são apenas os interesses comuns, ao contrário, a vida em uma comunidade é também marcada por conflitos. Mas o que efetivamente assegura a estrutura de uma comunidade, independente da sua localização, é a participação de cada um numa mesma cultura, onde todos compartilham os mesmos mitos, os mesmos cultos e partilham as mesmas técnicas. Contudo, não tratamos de entender as comunidades estudadas como um todo harmônico, mas como uma realidade onde coexistem conflitos, equilíbrio, harmonia e mudanças.

É este o ambiente equilibrado por momentos harmônicos e conflituosos que garante as pessoas o sentido de reconhecer-se como pertencente à localidade, além disso, alimenta e fortalece as relações de vizinhança e sociabilidade que dão sentidos à estes lugares.

As festas, os trabalhos comunitários como a troca de dias entre as famílias no trabalho agrícola, os puxirões, a religiosidade, os hábitos e costumes locais, os mitos permitem a coesão social e tornam-se importantes na vida cotidiana na medida em que asseguram a produção e reprodução das práticas culturais e sociais. Todavia, o trabalho comunitário, a solidariedade não é natural. Os princípios da solidariedade que se fundam na auto-ajuda, na troca e empréstimo de bens, na troca de dias de serviço, partem do princípio da reciprocidade. Os atos de solidariedade são regulados pelas famílias participantes. Todo aquele que recebe uma ajuda, uma benfeitoria, tem o compromisso da reciprocidade, caso isso não aconteça, este perde crédito na comunidade.

Por um lado, a presença de novas técnicas de elaboração de alimentos, de bebidas e os novos objetos técnicos utilizados na agricultura, na criação de animais e no espaço doméstico propiciaram redução de tempo, menor desgaste físico do faxinalense, ampliação de conhecimentos. Por outro, o acervo técnico-mecânico provoca a individualização de tarefas, enfraquecendo sutilmente a rede de solidariedade entre os vizinhos. A presença de meios eletrônicos e mecânicos, em meio ao espaço de produção e de vida dos faxinalenses já manifestam a redefinição do local, que passa a ser mediado pelo lugar como manifestação da realidade do mundo moderno.

De forma sucinta, mencionamos os principais os elementos tradicionais e modernos que configuram as atuais comunidades faxinalenses.

A *erva-mate* é um objeto de ordem natural que marcou a vida das comunidades faxinalenses nos primeiros tempos. Entretanto, com o passar dos anos alguns deles passaram a ter importância relativa para a comunidade, como vemos hoje, a erva-mate que foi responsável pela fixação e permanência das colônias de europeus instalados na região, continua sendo vista como elemento de referência para localizar e identificar um faxinal, mas deixou de ser uma das fontes de maior renda dos faxinalenses. A área de floresta do criadouro, ao contrário é um objeto que guarda o seu componente simbólico e funcional. Os rios, o mato, o pasto natural, situados no criadouro continuam sendo elementos de referência espacial e de interação funcional.

As *terras de plantação* que em tempos antigos dependiam unicamente da fertilidade natural do solo, hoje recebem a adição de produtos químicos industriais. Algumas famílias,

como no caso particular da comunidade de Anta Gorda, por desenvolverem a agricultura em pequenas extensões, em “roças” continuam utilizando a cinza da vegetação queimada como adubo, combinada com a adição de adubos químicos.

A igreja – Percebemos que a religião tem papel fundamental na organização da vida social até hoje, aglutinando de forma bastante eficiente os moradores das comunidades. As igrejas nas comunidades simbolizam a concretização de uma das principais características das comunidades rurais faxinalenses, a religiosidade. Entretanto, ela também tem sido o agente modernizante, na medida em que realiza casamentos, batizados, e outros serviços na igreja matriz localizada na cidade. Assim, de acordo com Löwen Sahr (2008), os sacramentos (batismo, do casamento) que em tempos passados eram realizados nas capelas das comunidades, se transformam em rituais coletivos realizados na igreja matriz localizada na cidade. Isso mostra, que na mesma estrutura religiosa encontramos processos de modernização e de tradicionalismo, embora as manifestações tradicionais nem sempre são reconhecidas e aprovadas pela igreja oficial, a católica.

A escola: – De acordo com Löwen Sahr (2008), as primeiras escolas foram organizadas pelas famílias das comunidades. Os pais contratavam pessoas que tinham instrução escolar por menor que fosse o tempo no histórico escolar, para lecionar aos seus filhos. Havia casos, em que o professor não possuía formação escolar. Estes professores eram remunerados pelos pais dos alunos. Mais tarde, a educação escolar passou a ser competência do poder público municipal. Na década de 90, conforme mencionam Simões e Löwen Sahr (2008) ocorreu o processo de nuclearização das escolas. Nesse processo, foram fechadas as escolas que funcionavam em comunidades menores e seus alunos foram transferidos para escolas de comunidades-polo. Assim, os alunos passaram a se deslocar diariamente de suas comunidades para a escola na comunidade-polo, via transporte escolar. De acordo com os autores, esse processo de modernização descontextualizou os professores e alunos de suas comunidades. No entanto, estes mesmos autores mencionam que, hoje tais mudanças estão sendo revistas. Prova disso é a criação do Decreto 6.040 de 2007 que diz respeito à necessidade de, nas escolas localizadas no meio rural, considerar as especificidades das comunidades rurais.

As casas de alvenaria e seus adereços – As moradias dos faxinalenses de hoje, cumpre muito mais que seu antigo papel, que era o de abrigo, de descanso, convívio da família, e encontro de amigos, vizinhos e parentes. Neste espaço, encontramos hoje objetos técnicos (televisão, telefone, fixo e móvel) que permitem relação com outros locais, dentro e

fora da região onde se insere. Além de se constituir em espaço de lazer e entretenimento. Hoje, durante as noites e nos fins de semana, os eventos religiosos, as vendas, as igrejas, recebem um número bastante reduzido de pessoas. O mundo adentra as casas via televisão. E as pessoas, nos dias atuais, se “deslocam” para este mundo rapidamente. As mídias (rádio, televisão), a igreja, a escola tem uma contribuição incisiva no processo de difusão de novos hábitos de consumo, fabricando desejos e necessidades.

As estufas de fumo – As estufas de fumo são objetos novos na paisagem das comunidades tradicionais faxinalenses. Reúnem, em seu interior, um conjunto de equipamentos tecnificados. Os faxinalenses revelam que a operação destes equipamentos e seu bom funcionamento é condição indispensável para que a produção ocorra da melhor forma. O ritmo e a intensidade deste trabalho são norteados pelas demandas tanto de quantidade como de qualidade da matéria-prima (fumo), incluindo características como saúde, cor e tamanho das folhas.

A *cultura de fumo*, se comparada com a agricultura de alimentos que os faxinalenses praticavam nos tempos passados, não depende diretamente do meio físico em que está inserida, tendo em vista que os fatores de produção são fornecidos pela indústria fumageira.

Também há dependência em relação à infra-estrutura básica, principalmente de melhores estradas para o transporte do fumo em caminhões grandes e, de energia elétrica. Entretanto, este novo sistema de objetos e ações, encaixa-se no estilo de vida do faxinalense e por isso da sua aceitação e expansão. A cultura do fumo não desloca, não desencaixa fisicamente as famílias, ao contrário, permite a permanência dos faxinalenses no meio rural e dentro da sua propriedade, estando próximo de sua residência. Ela não necessita de terras férteis, pela quantidade de produtos químicos que a terra recebe antes e durante o cultivo do fumo e, utiliza pequenas parcelas de terra. Por outro lado, exige conhecimento especializado, que é repassado ao faxinalense fumicultor, pelos técnicos da indústria, que impõe à eles um outro ritmo de trabalho e de vida. O cultivo do fumo, de certa forma, rompe com o papel tradicional de construção e organização de um espaço voltado às necessidades das comunidades faxinalenses.

Os canteiros de fumo, a estufa são objetos técnicos artificiais, frutos da evolução técnico-científico-informacional, que insere nas comunidades faxinalenses o tempo, o ritmo e o consumo do mundo. O simbolismo destes objetos não tem ligação com o lugar e não remetem o faxinalense ao seu próprio lugar, e sim, ao mundo global. Todavia, o simbolismo do lugar não se perde porque o dia a dia do faxinalense não se restringe à operação desses

objetos. Sobre a intencionalidade no uso desses objetos (estufas de fumo), podemos dizer que são utilizadas pelos faxinalenses com a intenção de melhorar seus rendimentos, “melhorar de vida”.

Posto de saúde: O atendimento médico também chegou às comunidades. Isso porque, muito mais do que em tempos passados, estes buscam amparo na capacidade dos profissionais, na precisão dos equipamentos e na possibilidade de saber das doenças através de diagnósticos de um médico. É importante, observar que neste caso, o tratamento médico, não se opõe à medicina popular. As benzedeiras, as curandeiras, fazem parte de uma formulação específica da cultura faxinalense, e são tão importantes como o tratamento médico. Ao contrário do médico, as benzedeiras são detentoras da capacidade de manipular as forças do sagrado. Em geral, as doenças tratadas por elas são, benzer as lombrigas, cortar o cobreiro (manifestação dermatológica visível), destroncamento, dor na coluna, dor nos olhos, medo, falta de sono, dor de dente, dor de cabeça, apetite, paralisia, entre outras. Nas duas comunidades que pesquisamos, observamos a presença das curandeiras ou benzedeiras.

Enfim, o papel das comunidades e o seu significado enquanto espaço de vida para seus habitantes vai se transformando a partir da contínua introdução de novos sistemas técnicos, representados, principalmente, pela integração à indústria do fumo e a aquisição de objetos modernos no espaço doméstico e no sistema agropecuário.

Assim, estes lugares vão se constituindo pelas ações de forças externas, obedecendo às forças de fora e concomitantemente, ao tempo local e forças internas, aquelas do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar, faz-se necessário frisar, que não pretendemos transpor as conclusões deste trabalho para as comunidades faxinalenses de modo geral, uma vez que as variáveis dentro do conjunto de comunidades devem ser consideradas.

Desse modo, as conclusões possíveis de serem extraídas do trabalho realizado se baseiam em processos e dinâmicas sócio-econômicas e culturais que envolvem apenas duas comunidades faxinalenses.

A análise permitiu a observação de que cada qual apresenta dinâmicas específicas. Fica a expectativa de que, com o crescente número de estudos acerca das comunidades faxinalenses, futuramente seja possível realizar estudos comparativos e abstrair os mecanismos de diferenciação em cada comunidade faxinalense.

Uma primeira idéia que nos é clara é que o trabalho revela o peso da natureza, a influência dos elementos naturais, que orientaram os processos e as formas de apropriação do lugar definindo o perfil regional diferenciado e especialmente a consolidação das comunidades rurais faxinalenses.

Ao longo de anos esse modo de viver nos faxinais, com cultura própria, costumes e hábitos específicos se tornou responsável pela formação de uma configuração única na região da Floresta Ombrófila Mista com Araucárias, do Estado do Paraná, o que permitiu não somente a satisfação de necessidades básicas dos habitantes do lugar como, ainda, se fez, relativamente, em harmonia com o restante do ecossistema.

As atividades desenvolvidas, pelos faxinalenses compreendem as heranças deixadas pelas populações indígenas, caboclas e dos colonos europeus, configurando um sistema agropecuário que integra a agricultura, a criação aos diversos ambientes e recursos da mata. A complexidade de sua origem histórico cultural torna os um grupo diferente e por isso reconhecido recentemente em âmbito nacional como comunidades tradicionais.

Os faxinalenses ainda fundamentam suas atividades num vasto conhecimento empírico que possuem do ecossistema em que vivem, adquirido e acumulado através de várias gerações. A expressão da cultura das comunidades faxinalenses está alicerçada em tradições, em conhecimentos obtidos pela convivência em grupo. Seus legados e sua tradição são transportados para as gerações seguintes, porém, expostos à mudanças próprias de cada época e circunstância.

Sabe-se que o séc. XX foi o século das transformações, das inovações que passaram a fazer parte da vida das pessoas alterando hábitos e conceitos. Com a presença da televisão e outros meios de comunicação em, praticamente, todas as residências, informações foram sendo transmitidas para a maior parte do mundo. O mundo passou a ser visto com outros olhos e nem mesmo os costumes e tradições ficaram imunes a este fenômeno.

A partir daí, a percepção e a vivência são parte desse “saber tradicional” que consolida suas práticas agrícolas, extrativistas e de criação, porém, combinado com o uso de elementos modernos que passam a ser conhecidos e incorporados pelos faxinalenses.

Os elementos herdados da tradição indígena, cabocla e dos imigrantes europeus, receberam fortes influências do modo de vida urbano, nos últimos anos do século XX. As formas tradicionais de produção agropecuária e de extrativismo, o estilo de vida faxinalense, sofreram interferências de elementos diversos, de culturas procedentes de diferentes lugares do mundo, da sociedade moderna, modificando o lugar faxinalense.

Entretanto, os faxinalenses, ao se inserirem no consumo de objetos modernos, seja para a casa, roça, criação de animais, incluem-se na esfera da satisfação, da possibilidade que tiveram de conquistar espaços que se encontravam distantes e, por isso não interpretamos a incorporação destes sob a luz da dependência e ou da subordinação, mas como uma estratégia de melhorar as condições de vida na comunidade.

O que podemos afirmar é que a tradição se mantém nas comunidades, porém, recebe ajustes continuamente e sofre mutabilidade com o passar do tempo, para atender à uma diversidade de interesses dos faxinalenses. Portanto, a valorização do tradicional é seletiva, mantêm-se o que é conveniente e importante, o que é necessário manter. Nem tudo que é antigo é válido e nem tudo que está a desaparecer poderá ser preservado, nestas comunidades tradicionais.

Do mesmo modo, as novas relações e interações sociais, estabelecidas pelas famílias faxinalenses, devem ser entendidas, levando-se em conta muitos fatores, as necessidades, as carências, as tradições, os costumes, racionalidade interna, como formadores de um modo de vida que ora está em correspondência ora está em conflito com as condições atuais do mundo moderno.

No que diz respeito, à incorporação de elementos externos, é certo também, que as mudanças que os elementos externos (técnico-mecânicos) promoveram a partir de 1970 e intensificaram nas décadas de 80 e 90, especialmente na agricultura destas comunidades não se deram no âmbito do dinamismo da economia, na melhoria da qualidade de vida dos

faxinalenses, mas provocaram o abandono de práticas tradicionais, estas que eram os pilares de sustentação das unidades familiares dos faxinalenses e do sistema agrícola como um todo.

Na sede de inovar, objetos modernos foram adquiridos visando o aumento da produtividade agrícola e o aprimoramento das técnicas no processo produtivo, deixando de lado técnicas já testadas durante longos períodos e por várias gerações. Fatos que levaram muitos faxinalenses ao abandono do seu lugar, ao êxodo rural. Objetos ou elementos inovadores (como uso intensivo de produtos químicos agrícolas, máquinas, métodos científicos de cultivos de cereais, etc.), em espaços tradicionais implicaram, em alguns casos, no êxodo rural de algumas famílias faxinalenses, no desencanto, no atraso, criando contrastes gritantes no espaço faxinalense.

Por outro lado, a incorporação de alguns objetos ou elementos externos (adubos químicos, fertilizantes, corretivos, utilizados para recuperar os solos, até mesmo a compra de tratores e implementos agrícolas por alguns faxinalenses da comunidade dentre outras melhorias), resultou em mudanças positivas, na medida em que reduziu o esforço e o sacrifício no trabalho e de certa forma, atraiu ou motivou a permanência de alguns jovens nas propriedades para darem seguimento ao trabalho na terra, na agricultura. São eles que hoje reproduzem, preservam e revitalizam com o seu trabalho e de suas famílias, o sistema faxinal.

No lugar desses faxinalenses é possível visualizar ainda hoje dimensões de seu sistema tradicional, moldado desde os tempos da colonização, mas também as mudanças provocadas via inserção de inovações. Com esse cenário, podemos afirmar que estes lugares se relacionam com as inovações e transformações que acompanham o tempo contemporâneo sem deixar de lado os seus referenciais identitários.

Por isso, insistimos que, há uma história inscrita, local e do lugar faxinalense, uma representação coletiva que continua sendo transmitida de pais para os filhos e que permanece, em meio às inovações que não conseguiram promover a substituição completa do sistema de objetos e ações tradicionais.

Acredito que com o trabalho, revelou-se um pouco das inscrições no universo da sociedade moderna, marcada entre outros aspectos pela adoção de novos sistemas de objetos e ações, um de modo de vida que se caracteriza pela reprodução de práticas tradicionais e adoção das inovações quando estas se fazem necessárias e úteis.

Apesar de incorporar alguns elementos do processo de modernização, como implementos agrícolas e defensivos agrícolas e animais, os faxinalenses reproduzem hábitos

tradicionais como carpir com a enxada, arar com arado tração animal, desenvolver parte do processo de produção agrícola manualmente, como a colheita.

No espaço doméstico, embora os faxinalenses tenham incorporado os elementos da modernidade, como a geladeira, o fogão à gás, ainda reproduzem hábitos tradicionais como cozinhar em fogão à lenha, assar pão em fornos de barro ou no forno do fogão à lenha, conservar carne suína na própria banha do porco etc. Observa-se que os faxinalenses modificaram alguns hábitos de consumo, mas ideologicamente, se mantêm fiéis ao seu modo de vida.

A seqüência de gerações mantida até o momento inscreve as atuais famílias faxinalenses na história do próprio grupo, refletindo uma forte aliança entre eles na conservação e revitalização das comunidades faxinalenses.

Portanto, esse modo de vida com sua linguagem, costumes, atividades, objetos produzidos continua sendo símbolo das comunidades faxinalenses, ainda que inevitavelmente, este lugar esteja em constante mudança.

Com relação à contribuição trazida pela presente pesquisa, destacamos a importância do conceito de lugar como instrumento de análise de comunidades rurais face sua capacidade de agregar elementos materiais e imateriais ou ações e objetos e suas expressões espaciais.

A compreensão de sistemas de objetos e ações e suas particularidades frente ao processo de reprodução social das famílias faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos Ribeiros

A análise da tradição e da modernidade e suas articulações nas diferentes espacialidades dos faxinalenses (Terra de criação, Terra de moradia e Terra de plantação), e seus processos de destruição, modificação e complementaridade.

No âmbito das comunidades faxinalenses, as formas modernas defrontam-se com as formas locais e se cria um quadro em que surge uma forma híbrida, qual seja, o de elementos modernos combinando-se com elementos tradicionais.

Diante disso, estamos entendendo as comunidades faxinalenses como lugares onde há coexistência de estruturas locais e tradicionais, com aquelas consideradas modernas ou reflexivas. Perante isso, não podemos afirmar que as práticas tradicionais ocupam a centralidade nas comunidades faxinalenses.

As comunidades faxinalenses que estudamos até meados do século XX ainda transitavam entre a vida relativamente restrita e limitada pela tradição, pelo parentesco e a localidade. Sua identidade social ainda estava colada no contexto comunitário, porém, hoje, suas expectativas se descolam destes contextos, ao migrarem (em especial os jovens

faxinalenses) para as cidades em busca de trabalho, estudo, do modo de vida urbano etc. Todavia, a tradição, persistiu em muitas esferas da vida dos faxinalenses. Um bom exemplo é o predomínio da família patriarcal, que reflete a preservação do sistema familiar de vida e de trabalho, porém, com maior flexibilidade do que em tempos passados. Outros exemplos eloqüentes são a manutenção do respeito às instituições coletivas importantes nas comunidades faxinalenses como: a instituição família, considerando os poucos casos de divórcios; as instituições religiosas, os trabalhos comunitários e de solidariedade que se mantêm nestas comunidades.

Pensar na continuidade das comunidades faxinalenses é pensar que novas famílias, que venham a ser constituídas pelos jovens faxinalenses, estejam dispostas a suceder as atuais unidades de produção rural e manter esta particular forma de organização social. Para tanto, a melhoria da infraestrutura, o avanço das políticas públicas para o aumento da qualidade de vida no campo é um caminho, quiçá, acertado para atingir essa meta. Portanto, parece ser preponderante pensar em políticas de incentivo à diversificação dos meios de vida no meio faxinalense, visando justamente, elevar a renda rural e ao mesmo tempo manter essas comunidades se reproduzindo.

Da mesma forma, seu potencial conservacionista não pode ser ignorado. O momento exige o nosso esforço para de uma forma ou de outra compensá-los. E isto depende, antes de mais nada, da redistribuição mais racional dos recursos do ICMS ecológico e de políticas compensatórias àqueles que durante tantas anos contribuíram para a preservação de remanescentes de Floresta Ombrófila Mista com Araucárias, no Paraná. E para que haja uma eficiente e eficaz revitalização deste sistema se faz necessário inserir o manejo das áreas do criadouro, como atividade alternativa que traga renda monetária ao faxinalense, sem com isso descaracterizar o seu estilo de vida.

A via é essa, investir no reconhecimento da importância das comunidades faxinalenses, na valorização de seus saberes e na melhoria de suas condições de vida. Como se sabe, os faxinalenses são responsáveis pela preservação de um modelo de ocupação pouco predatória se considerada a extensão das áreas destinadas para a agricultura e principalmente porque se desmata para produzir, basicamente, produtos de subsistência.

Em termos acadêmicos, tomando por base as iniciativas por parte dos governos, ONGs, universidades, é possível contribuir na preservação e revitalização deste modo de vida tradicional. Com as pesquisas acadêmicas, projetos de extensão comunitária encabeçados pelas universidades estaduais da região e com as iniciativas do governo federal e estadual, as

comunidades faxinalenses consideradas décadas atrás sinais de “atraso”, são vistas hoje como “riquezas”. Trata-se, de cada vez mais unir esforços para fortalecer as iniciativas comunitárias, valorizando as forças e os recursos locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUESSY, H. **Introdução à cultura africana**. Lisboa : Edições 70, 1980.
- ALBUQUERQUE, J. M de. **Análise fitossociológica da Vegetação do Faxinal do Marmeleiro de Cima no Município de Rebouças – PR.** 2005. Monografia de Especialização (Curso de Pós-graduação em Bioengenharia) Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória – PR – FAFIUVA, União da Vitória, 2005.
- ANDRADE, M. C. de. **Agricultura & Capitalismo**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- ANDREAZZA, M. L. **Paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- _____. **Sobre regimes demográficos restritos: comportamento reprodutivo e cultura familiar entre os ucranianos no meio rural paranaense (1895-1980)**. Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em maio de 2008.
- ARDENGLI, L.G, **Caboclos, ervateiros e coronéis: luta e resistência no norte do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2003.
- AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- BALHANA, A. P. Política Imigratória do Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Maio/Junho nº 12. Curitiba: Banco de Desenvolvimento do Paraná S.A, 1969.
- BARBOSA, T. A. **Território e Territorialidades do sistema faxinal: análise a partir da reconstrução histórica familiar na comunidade Taquari dos Ribeiros em Rio Azul/PR**. Ponta Grossa, 2007. Monografia (Graduação em Geografia - Bacharelado) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2007.
- BARRETO, M. **A produção camponesa e o monopólio do território pelo capital: espacialidades distintas na extração da erva-mate na região da floresta com araucária do Paraná**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia – Gestão do Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008
- _____; LÖWEN SAHR, C. L. Agricultura Familiar e indústria ervateira na região da Mata com Araucária do Paraná: um sistema produtivo dual. I Simpósio Paranaense de Pós-Graduação em Geografia, 2006, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2006. V. 1.p.133-141
- BARTHELMESS, A. Ocupação e organização do Paraná Velho. **Boletim Paranaense de Geografia**. n.ºs. 6 e 7, Maio de 1962.
- BATISTA, F. D. **Igrejas ucranianas: arquitetura da imigração no Paraná**. Curitiba: Instituto Arquibrasil, Petrobrás Cultural, 2009.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

BECKER, B. K. A geografia e o resgate da geopolítica. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 99-125, 1988.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNARDI, B. **Introdução aos estudos etno-antropológicos**: perspectivas do homem. São Paulo: Edições 70, 1974.

BORUSZENKO, O. Colonização e imigração no Paraná. **Revista Espaço Plural**. Ano II, nº 05, Agosto. Unioeste, 2000.

BRANDÃO, C. R. **Planta; colher; comer**: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

BRAOIOS, F. S. **Nota sobre a Tradição e a Individualidade**. Disponível em: <http://www.hottopos.com>. Acesso em: 18 de Abril de 2009.

BRASIL. T. A Indústria do matte em Prudentópolis. In: **Informativo O município de Prudentópolis**. 1929.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2001, 85p.

CARVALHO, H. M. de. **Da aventura à esperança**: a experiência auto-gestionária no uso comum da terra. Curitiba: Inverno de 1984.

CATALDO, D. M. Casas de Madeira do Paraná. **Revista Brasileira de Geografia**. Janeiro – Março de 1959.

CHANG, M. Y. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa no Centro-Sul do Paraná. (Tese de Mestrado), Rio de Janeiro: UFRRJ, 1985.

_____. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná. Londrina: IAPAR, 1988.

COSTA, S. G. da. **A erva-mate**. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.

CUNHA, J. L. da. **Os colonos alemães e a fumicultura**. Santa Cruz do Sul: Livraria e Editora da FISC, 1991.

DEL GROSSI, M. E.; GRAZIANO DA SILVA, J. A pluriatividade na agropecuária brasileira em 1995. Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. 36. **Anais**, Poços de Caldas, Sober, v.2, p. 635-645, 1998.

DÉNIS, Pierre. A colonização no Paraná. **Boletim Geográfico**. Ano IX, nº 100, Julho de 1951. (Tradução de Lísia Maria Cavalcanti Bernardes).

DIEGUES JUNIOR, M. **Etnias e Culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

DIEGUES, A C. **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: USP, 2001. 95 p.

DISPERATI, A. A; FAGNANIZ, K. ; OLIVEIRA, P. C. F. Disponibilidade de fotografias aéreas para a região centro-sul do Estado do Paraná. **Revista Ambiência** Guarapuava, PR v.1, p. 83-91jan./jun. 2005.

DOMENACH. J-M. **Abordagem à Modernidade**. Lisboa: Ellipses, 1995.

DOMINGUES, A. A. G. Estrutura sócio-econômica e mobilidade geográfica: Melgaço na segunda metade do séc. XIX. **Revista da Faculdade de Letras-Geografia**. Porto, I Série, Vol. I, p. 113-177, 1986.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da Cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2004

DYKSTRA, C. **Levantamento Fitossociológico no Faxinal Paraná-Anta Gorda, Município de Prudentópolis, PR**. Monografia de Especialização, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2007.

EGGER. A. **Investigação geo-ecológica no Sistema Faxinal**: análises de solos como base de descrição do desenvolvimento numa paisagem (cultural). Ponta Grossa: UEPG, 2006. (Palestra proferida).

ELIOT, T.S. Tradição e talento individual. **Ensaio**. São Paulo: Art Editora, 1985.

FAUCHER, Daniel (Org.). **Geografia agrária**: tipos de cultivos. Barcelona: Omega, 1953.

FERREIRA, P. **Estudo sobre os faxinais de Lageado de Baixo e Lageado dos Mello - PR**: A construção de conhecimento a partir da ecologia social como subsídio para um projeto de turismo comunitário. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa: 2008.

FLEISCHFRESSER, V. **Modernização Tecnológica da Agricultura**: contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 70. Curitiba: Livraria do Chain, 1988.

FUPEF - FUNDAÇÃO DE PESQUISAS FLORESTAIS DO PARANÁ. 2001. **Conservação do Bioma Floresta com Araucária**: relatório final – Diagnóstico dos remanescentes florestais. 2 v. FUPEF, Curitiba, 2001.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. **O processo de mercantilização do consumo de alimentos na agricultura familiar**. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/5/487> 2006. pdf. Acesso em 15 de novembro de 2009.

GEVAERD FILHO, J. .L. Perfil histórico-jurídico dos faxinais ou compáscuos: análise de uma forma comunal de exploração da terra. **Revista de Direito Agrário e Meio-Ambiente**. Curitiba, n. 1, p. 45-69. 1986.

GIDDENS, A. **Capitalismo e moderna teoria social**. 4 ed. Lisboa: Presença, 1994.

_____. **As conseqüências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991. 177p.

_____. **Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____.BECK, U. LASH, S. Tradução de Magda Lopes. **Modernização Reflexiva: política, Tradição e Estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

_____.PIERSON, C. **Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GODOI, E. P. de. O sistema do lugar: história e memória do sertão. In: NIEMEYER, A. M.; **GODOI, E. P. de. (orgs.). Além dos Territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena os estudos rurais e os estudos urbanos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

GOMES, H. A caminhada do homem e a questão ambiental. In: **FRAGMENTOS DE CULTURA**, Goiânia, v. 18, n. 3/4, p. 265-281, mar./abr. 2008

GOMES. P. C. da C. **Geografia da Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GUBERT FILHO, F. A. O Faxinal – estudo preliminar. **Revista do Direito Agrário e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 2, p. 32-40, ago. 1987.

GUÉRIOS, P. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HERSKOVITS, M. J. **Antropologia cultural: o homem e seu trabalho**. São Paulo: Mestre Jou, 1963.

HESPANHOL, R. A. de M. **Produção familiar: perspectivas de análise e inserção na Microrregião Geográfica de Presidente Prudente**. Rio Claro: UNESP/IGCE. 2000. Tese (Doutorado).

IBGE. **Histórico do Município de Rio Azul**. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/rioazul.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2009.

_____. **Censo Demográfico 2000:** Características da População e dos Domicílios. 2000. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: Julho de 2008.

_____. **Contagem da População 2007.** Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: Julho de 2008.

IPARDES. **Faxinais:** um modelo de Desenvolvimento Auto-sustentado. Curitiba: Maio de 1994.

LATOURE, B. **Jamais fomos modernos:** ensaio de antropologia simétrica. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LAROCCA JÚNIOR, J. LAROCCA, P. L.; LIMA, C. de A. **Casa Esclavo-Paranaense:** Arquitetura de Madeira dos Colonos Poloneses e Ucranianos do Sul do Paraná. Ponta Grossa: Editora Larocca Associados, 2008.

LAURENTI, A. C. Estrutura agrária do município de Rio Azul: diagnóstico preliminar voltado ao direcionamento das ações da pesquisa agrícola no PRORURAL. **Boletim Técnico.** Nº 19, Londrina: IAPAR, 1985.

LEACH, E. **A diversidade da antropologia:** perspectivas do homem. Lisboa: Edições 70, 1982.

LIMA, D. de. A. O lugar geográfico e a pequena produção mercantil. In: **Espaço e Território:** interpretações e perspectivas do desenvolvimento. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005.

LINS, A. L. **Paraná.** (Relatório do Presidente da Província. Curitiba, 1877.

LÖWEN SAHR, C. L.; SAHR, W. D. Territórios – faxinais – espaços: A problemática espaço/território“ na formação social brasileira. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 143-174.

_____. Os “mundos faxinalenses” da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. **TERR@ Plural,** Ponta Grossa, 2008. V. 2, nº 2, pp. 213 -226.

_____. O pré-moderno na pós-modernidade: refletindo sobre as comunidades dos faxinais da Floresta com Araucária do Paraná. In: MARAFON, G. J.; RUA, J.; RIBEIRO, M. A.; **Abordagens teórico-metodológicas em Geografia Agrária.** Rio de Janeiro: EduERJ, 2007.

_____; CUNHA, L. A. G. O significado social e ecológico dos faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata de com araucária no Paraná. **Revista Emancipação,** Ponta Grossa, 2005. v.5, n.1, pp.89-104

_____ ; IEGELSKI, F. **O sistema Faxinal no Município de Ponta Grossa:** Diretrizes para a preservação do ecossistema, do modo de vida, da cultura e das identidades das comunidades e dos espaços faxinalenses. Ponta Grossa, 2003. (Relatório Técnico) – Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

MAACK, R. 1981. **Geografia física do Estado do Paraná.** 2º ed. Rio de Janeiro: José Olympio / Sec. da cultura e do esporte do Governo do Estado do Paraná. 450 p.

MARCON, T. **Memória e Cultura:** Modos de vida dos Caboclos no Goio-Em(SC). Chapecó: Argos, 2003.

MARQUES, C. L. G. **Levantamento Preliminar sobre o sistema faxinal no Estado do Paraná.** (Relatório Final de Consultoria Técnica – IAP – Curitiba – PR). Guarapuava, 2004.

MARTINS, J. de S. **A sociabilidade do homem simples:** cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, W. **Um Brasil diferente:** ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo: Martins fontes, 1989.

MINISTERIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Conquistas do Crédito Rural do PRONAF.** Disponível em: www.mda.gov.br. Acesso em 06 de maio de 2008.

_____. **Cultivo do Tabaco, Agricultura Familiar e Estratégias de Diversificação no Brasil.** (Estudo contratado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário do Governo Federal e encaminhado como Nota Técnica à Segunda Seção da Conferência das Partes (COP2) da Convenção Quadro da OMS sobre o Controle do Tabaco Bangkok, 30 de Junho – 6 de Julho, 2007). Maio de 2007. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/saf/arquivos/1619316242.pdf>. Acesso em 16 de novembro de 2009.

MINISTERIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Programa Bolsa Família.** Disponível em: http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/o_programa_bolsa_familia. Acesso em Junho de 2009.

MOREIRA, R. J. **Agricultura Familiar:** processos sociais e competitividade. Rio de Janeiro: MAUD, 1999.

MOREIRA, R. **Pensar e Ser em Geografia.** São Paulo: contexto, 2007.

MUNICIPIO DE PRUDENTÓPOLIS. Prudentópolis – 1929. **Boletim Informativo**, 1929.

NADALIN, S. O. **Paraná:** ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001.

NERONE, M. M. **Terras de plantar, terras de criar – Sistema Faxinal**: Rebouças – 1950-1997. Assis, 2000. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista.

O'BRIEN, M. Uma introdução à sociologia de Anthony Giddens. In: **Conversas com Anthony Giddens**: o sentido da modernidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PADIS, P. C. **Formação de uma economia periférica**: o caso do Paraná. São Paulo: Hucitec. Curitiba, Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná, 1981.

PAULILO, M.I.S. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, 1987, v.5, n.28, p.64-70.

PAYÈS, M. A. M. **O empresário familiar rural**: integração à agroindústria de fumo e diferenciação. Campinas: Unicamp, 1993. (Tese de Doutorado).

PAZ, Octávio. **Os filhos do barro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEREIRA, I. K. CHAVES, C. C. MACHADO, N. F. MORO. R. S. **Fitossociologia do Criadouro Comunitário do Faxinal Taquari dos Ribeiros, Rio Azul – PR**. Disponível em: cac-php.unioeste.br/eventos/ctsa/tr_completo/193.pdf. Acesso em agosto de 2009.

PEREIRA, T. K. *et al.* **Fitossociologia do Criadouro Comunitário do Faxinal Taquari dos Ribeiros, Rio Azul – PR**. Disponível em: http://cac-hp.unioeste.br/eventos/ctsa/tr_completo/193.pdf. Acesso em agosto de 2009.

PERONDI, M. A. **Diversificação agrícola e não-agrícola da agricultura familiar**. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/pgdr/coloquio/textos/oficina_02/Miguel_Angelo_Perondi.pdf. Acesso em 12 de novembro de 2009.

PERONI, N. Agricultura de Pescadores. In: BEGOSSI, A. (org.). **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: Hucitec: Nepam/UNICAMP: NUpaub/USP: FAPESP, 2004.

PETRONE, M. T. S. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PINHEIRO MACHADO, B.P. Formação da estrutura agrária tradicional dos campos gerais. In: **Boletim da UFPR**, 3. Curitiba, UFPR, 1963.

_____. Formação Histórica. In: Balhana, A. P. (Org) et al. **Campos Gerais: Estruturas agrárias**. Curitiba, UFPR, 1968, p. 29-54.

PIRAN, N. **Agricultura familiar: lutas e perspectivas no Alto Uruguai**. Erechim: EdiFAPES, 11, 2001. (Série Pensamento Acadêmico).

POMBO, J. F. da R. **O Paraná no centenário**: 1500-1900. Rio de Janeiro: J. Olympio, Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.

PRADO JÚNIOR, C. Problemas de povoamento e a pequena propriedade. **Resenha da Palestra** feita pelo Prof. Caio Prado Júnior, na União Cultural Brasil- Estados Unidos, na 7ª

Jornada promovida pelo Instituto de Organização Racional do Trabalho, dedicada ao tema *O Brasil no após guerra*, publicada em “I. D. O. R. T. “, nº 144., ano XII, dezembro de 1943. **In: Resenhas e Opiniões. Boletim Geográfico**, Ano I, nº 12, Março, 1994.

RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA, João José Pedrosa para à Assembleia Provincial. 65-66. Curitiba: Typographia Perseverança, 1881.

RELPH, E. C. **Place and Placelessness**. London, Pion, 1976.

RIBEIRO, A. G. A vegetação natural e a estruturação das paisagens na região Centro-Sul do Estado do Paraná. **Revista de Geografia** (Fundação para o Desenvolvimento da UNESP) nº 12, São Paulo, SP: Brasil, 1993.

RIBEIRO, D. **O processo civilizatório**: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, R. M. **Transformações Econômicas e Sociais e Trajetória na Agricultura Familiar**: Estudo de caso sobre a desconstrução da autonomia Familiar no Faxinal Saudade Santa Anita, Turvo – PR. Santa Maria, 2001. 135 f. Dissertação de Mestrado.

SANTOS, M. **O Lugar**: encontrando o futuro. Disponível em: www.portalseer.ufba.br . Acesso em Janeiro de 2009.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985

_____; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008

_____. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, C. O fator geográfico. In: **Anuário do Instituto de Geociências – UERJ**. 1986. Disponível em: http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1986/vol_10_94_102.pdf. Acesso em: Julho de 2008.

SCHMIDT, M. A. M. S. **Histórias do Cotidiano Paranaense**. Curitiba: Letraativa, 1996.

SCHNEIDER, S. **Agricultura Familiar e industrialização**: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

SENE, E. de. **Globalização e Espaço Geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

SEYFERTH, G. Colonização e política imigratória no Brasil imperial. In: SALES, T. e SALLES, M. R.(org.), **Políticas Migratórias. América Latina, Brasil e brasileiros no exterior**. São Carlos: EdUFSCAR, 2002.

SHIRLEY. R. W. **O Fim de uma Tradição**. São Paulo: Perspectiva. S.A., 1977.

SILVA. V. de P. da. Grandes projetos e transformação no sentido de Lugar. **Caminhos da Geografia- revista online**. Disponível em: www.ig.ufu.br/caminhos.html. Acesso em: maio de 2007.

SOUZA, M. A. Ap^a de. A geografia da solidariedade. **GeoTextos**, vol. 2, n . 2, 2006. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos>. Acesso em: 12 de agosto de 2008.

SPONHOLZ, N. **A terra e o homem no Sul do Paraná**: problemas e perspectivas. Curitiba: O Debate, 1971.

TAVARES, L. A. **Campesinato e os faxinais do Paraná**: terras de uso comum. 2008. 755 f. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo - São Paulo.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **Colonos do Vinho**: Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec,1984.

TEDESCO, J. C. **Terra, trabalho e família**: racionalidade produtiva e *ethos* camponês. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

TEDESCO, J. C. **Um pequeno grande mundo**: a família italiana no meio rural. Passo Fundo: EDIUPE, 2001.

TOPALOV, C. **Estruturas agrárias brasileiras**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.

TOURAINÉ. A. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VALVERDE. O. Metodologia da Geografia Agrária. In: **Campo-Território**. Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, V. 1, n-1, p.1-16. Fevereiro de 2006. Acesso em Julho de 2008. Disponível em: www.campoterritorio.ig.ufu.br.

_____. **Estudos de Geografia Agrária Brasileira**. Rio de Janeiro - Petrópolis: Vozes, 1985

VARGAS. M. A.; BONATO, A. **Cultivo do Tabaco, Agricultura Familiar e Estratégias de Diversificação no Brasil**. In: **Cultivo do Tabaco, Agricultura familiar e Estratégias de Diversificação no Brasil**. (Estudo contratado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário do Governo Federal e encaminhado como Nota Técnica à Segunda Seção da Conferência das Partes (COP2) da Convenção Quadro da OMS sobre o Controle do Tabaco Bangkok, 30 de Junho – 6 de Julho, 2007). Maio de 2007. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/saf/arquivos/1619316242.pdf>. Acesso em 16 de novembro de 2009.

VENEZIANI, M. **De pai para filho**: elogio da Tradição. São Paulo: Loyola, 2005.

VERONEZE, M. **O Jeito Talian de ser caboclo**. Disponível em: <http://www.upf.br/ppgh/download/Marilei%20Veroneze.prn.pdf>. Acesso em 19 de junho de 2009.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba, Grafipar, 1977.

_____. **Tomás Coelho**: uma comunidade camponesa. Curitiba: Real Artes Gráficas Ltda., 1977.

WACHOWICZ, R. C. **Paraná, Sudoeste**: ocupação e colonização. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

WAIBEL, L. Princípios da colonização europeia no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Vol. 11 nº 2. 1979.

WANDERLEY, M. N. B. A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. **Reforma Agrária**, Campinas, v. 25, n. 2/3, p. 37-57, 1995.

_____. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In TEDESCO, João Carlos (org.). **Agricultura Familiar Realidades e Perspectivas**. Ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. Cap.1, p. 21-55.

WESTPHALEN, C. Nota prévia ao estudo de ocupação da terra no Paraná moderno. **Boletim da Universidade Federal do Paraná**. Departamento de História, Curitiba (7), 1968.

WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

WOORTMANN, E. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UNB, 1997.

WOORTMANN, K. Com parente não se neguceia. **Anuário Antropológico**, n.87, Brasília, UNB, p. p.11-73, 1990.

ЮВІЛЕЙНИЙ КАЛЕНДАР "ПРАЦІ" 1997 - 100 - ліття Іміграції Українців у Бразилії - Видавництво ОО. Василян -Прудентороліс - Парана – Бразилія, 1997. (**Calendário em comemoração ao Jubileu de ouro da Imigração ucraniana para o Brasil**, 1997). Gráfica dos Padres Basilianos – Prudentópolis – Paraná – Brasil, 1997.

ANEXO
(QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FAXINALENSES)

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CHEFES DE FAMÍLIAS FAXINALENSESⁱ

ANO - 2008

1.1. IDENTIFICAÇÃO:

1.2. Nome responsável: _____

1.3. Idade: _____

1.3. Escolaridade: () Analfabeto () 1º grau incompleto () 2º grau incompleto () 2º grau completo () superior completo () superior incompleto () Outro: _____

1.4. A família é () proprietário () arrendatário () parceiro () outro _____

1.5. A família reside: () em terra própria () alugada () Outro _____

2. DADOS DA PROPRIEDADE:

2.1. Localização da propriedade: _____ quilômetros da cidade.

2.2. Área total da propriedade, em hectares ou alqueires _____

2.3. Área de terra própria: _____ área de terra alugada _____

2.2. Total da área própria para a agricultura em hectares: _____

2.3. A área de terra destinada para a agricultura fica a quantos quilômetros do Faxinal? _____

2.4. Área de Terra destinada à quintal, jardim, casa, paióis etc.: _____

2.5. Total de terra destinada ao criadouro comunitário: _____

2.6. Arrendam parte da terra para outros? () Sim () Não. Quantos alqueires? _____

2.7. O senhor adquiriu esta propriedade por () compra () herança () compra e herança () outra. Qual? _____

2.8. Há quantos anos o senhor trabalha na agricultura? _____

2.9. Sempre morou no campo? () Sim () Não. Se Sim, por que não mudou para a cidade. E se não, porque resolveu voltar a morar no campo? _____

3. PERFIL DA FAMÍLIA

3.1. Município de origem: _____

3.2. Seus pais eram ou ainda são agricultores? () Sim () Não. _____

3.3. O senhor (a) já morou com sua família em outro lugar antes de morar aqui? () Sim () Não. Se sim, onde? cidade No faxinal? () Sim () Não.

3.4. Quantos anos moram no Faxinal!? _____

3.5. A sua família toda trabalha na agricultura? () Sim () Não. Qual é a atividade que exerce fora da agricultura? Quem exerce? -. Onde moram estes membros? _____

3.6. O senhor e sua esposa foram agricultores antes de se casarem? () Sim () Não.

3.7. Vocês moravam aqui antes? () Sim () Não

3.8. De quem era a propriedade que vocês moram hoje? _____

3.9. Vocês gostariam que seus filhos continuassem aqui, trabalhando na agricultura? () Sim () Não. Por quê? _____

3.10. Que profissão vocês desejam para os seus filhos? _____

4.0 ESTABELECIMENTO AGRÍCOLA E A FAMÍLIA

- 4.1. Número de filhos: _____
- 4.2. Quantos filhos e filhas estão trabalhando na agricultura? _____
- 4.3. Quantos trabalham na cidade. Qual é a profissão deles? _____
- 4.4. Eles já se casaram ou ainda são solteiros? _____
- 4.5. Eles pensam em voltar? _____
- 4.6. Quantas pessoas da família recebem algum tipo de benefício social? _____
(Aposentadoria, Bolsa Família, Bolsa Jovem, PETI, outros).
- 4.7. Relação de atividades fora da agricultura.

4.8. Qual é a atividade que representa a maior fonte de renda da família?

5. TÉCNICAS DE PRODUÇÃO

5.1. Quais as técnicas que utilizam no processo de produção agrícola?

5.2. Usam produtos químicos para os cultivos agrícolas?

5.3. Quais ferramentas que são utilizados para o trabalho em casa e na roça?

5.4. Relacionar todos os implementos agrícolas e outras ferramentas.

5.5. Outros comentários: _____

6. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PROPRIEDADE DA FAMÍLIA

6.1. Possui energia elétrica? Sim () Não ()

6.2. Relação de eletroeletrônicos e eletrodomésticos.

6.3. Possui água canalizada? Sim () Não ()

6.3. Quais são os tipos de serviços que são realizados pela comunidade?

6.4. Sobre a mão-de-obra que o senhor (a) utiliza na propriedade e como a remunera.

6.5. A sua casa é: () alugada () própria () cedida () outro

6.6. De madeira, alvenaria, mista? _____

7. USO ATUAL DA HORTA, DO CRIADOURO E DA ROÇA

Alimentos

Animais	Para alimento	Para Venda	Para Trabalho na lavoura
Cereais:			
Legumes verduras.			
Árvores frutíferas			

8. OBTENÇÃO DOS ALIMENTOS E OUTROS PRODUTOS

Produzem na roça	Produzem no quintal	Compram na cidade	Compram em outra cidade	Da natureza

Destino da Produção Rural

Destino da produção	Frequencia	Nome dos produtos
Só para o consumo da família		
Só para a venda		
Venda e consumo familiar		

9. QUANTIDADE DE PRODUTOS OBTIDOS NA LAVOURA E NO QUINTAL POR ANO

LAVOURA OU ROÇA	
Nome do produto	Quantidade
NO QUINTAL OU HORTA	
Nome do produto	Quantidade
NO CRIADOURO	
Nome do produto	Quantidade
NA NATUREZA – MATA, RIO	
Nome do produto	Quantidade

10. PRINCIPAIS PONTOS DE ENCONTRO DAS FAMÍLIAS

Nome do Local	Tipo de atividade

10.1. Quais os maiores problemas que o senhor enfrenta para comercializar os seus produtos?

10.2. Meio de transporte dos produtos para a venda: _____

Custo de transporte: _____

COMENTÁRIO LIVRE:.....

.....
.....
.....
.....
.....

ANOTAÇÕES:

.....
.....
.....
.....

ⁱ Estas questões também integraram o questionário aplicado na comunidade faxinalense de Taquari dos Ribeiros (Rio Azul – PR), elaborado e aplicado pela Rede Faxinal Pesquisa, no ano de 2008.